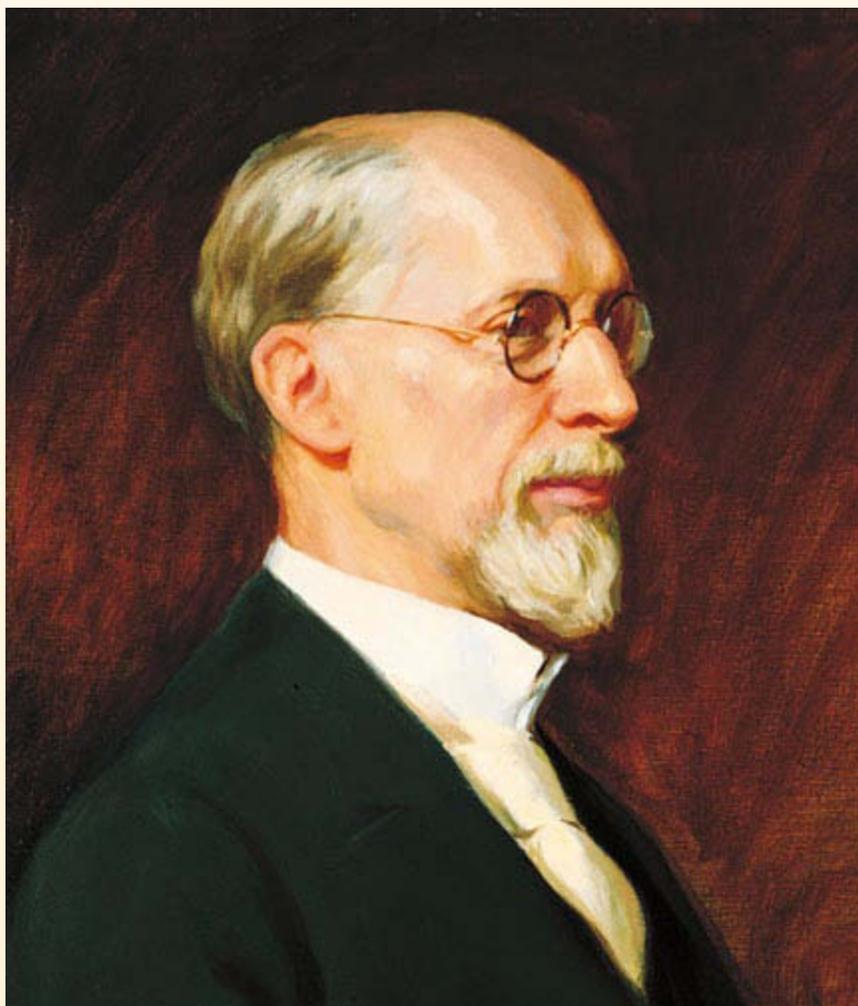




ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA

GEORGE ALBERT SMITH





ENSINAMENTOS DOS PRESIDENTES DA IGREJA
GEORGE ALBERT SMITH

Publicado por
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Salt Lake City, Utah

Livros da Série *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja*

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith (código 36481 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Brigham Young (35554 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: John Taylor (35969 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Wilford Woodruff (36315 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph F. Smith (35744 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Heber J. Grant (35970 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: George Albert Smith (36786 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: David O. McKay (36492 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee (35892 059)

Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball (36500 059)

Para encomendar esses livros, procure seu centro de distribuição local ou visite o site store.lds.org.

Comentários e sugestões sobre este livro serão bem-vindos. Queira enviá-los para Curriculum Planning, 50 East North Temple Street, Room 2420, Salt Lake City, UT 84150-3220 USA.

Ou envie seus comentários e sugestões por e-mail para:
cur-development@ldschurch.org

Indique nome, endereço, ala e estaca e não deixe de mencionar o título do manual. Em seguida, faça seus comentários sobre os pontos fortes do livro bem como sugestões sobre os aspectos a serem aperfeiçoados.

© 2011 Intellectual Reserve, Inc.

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil

Aprovação do inglês: 8/02

Aprovação da tradução: 8/02

Tradução de *Teachings of Presidents of the Church: George Albert Smith*

Portuguese

36786 059



Sumário

Título	Página
Introdução	V
Resumo Histórico	VIII
Vida e Ministério de George Albert Smith.	XI
1 Viver o Que Acreditamos	1
2 “Amarás o Teu Próximo Como a Ti Mesmo”.	11
3 Nosso Testemunho de Jesus Cristo.	21
4 O Profeta Joseph Smith, o Instrumento de Deus na Restauração da Verdade.	33
5 O Santo Sacerdócio — para a Bênção dos Filhos de Deus.	45
6 Apoiar Aqueles Que o Senhor Apoia	57
7 A Imortalidade da Alma	67
8 As Bênçãos do Templo para Nós e para Nossos Antepassados.	81
9 Abrir a Alma para o Senhor em Oração	93
10 As Escrituras, a Biblioteca Mais Valiosa do Mundo.	103
11 Revelação de Deus para Seus Filhos	111
12 Um Desejo Ardente de Compartilhar o Evangelho.	123
13 Fazer Nossa Parte para Compartilhar o Evangelho.	135
14 Como Compartilhar o Evangelho de Modo Eficaz	149
15 Levar Adiante a Obra do Senhor	159
16 “Oferecerás Teus Sacramentos no Meu Dia Santificado”.	171
17 O Poder Fortalecedor da Fé.	181
18 Manter-nos no Lado do Senhor	193
19 Bênçãos Físicas e Espirituais da Palavra de Sabedoria	203
20 A Salvação Física para Nós Mesmos e para Outros.	213
21 O Poder da Bondade	225
22 Criar os Filhos em Luz e Verdade.	235
23 “De Vós É Exigido que Perdoeis”.	249
24 Viver em Retidão em Tempos Perigosos.	257
Lista de Auxílios Visuais	268
Índice.	269



Ernest Smith



Introdução

A Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos criaram a série *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja* a fim de ajudá-lo a aprofundar seu conhecimento das doutrinas do evangelho restaurado e a aproximar-se do Senhor por meio dos ensinamentos dos profetas modernos. À medida que a Igreja acrescentar volumes a esta série, você poderá montar uma coleção de livros de referência do evangelho para seu lar. Os livros desta série foram feitos para serem usados no estudo pessoal e nas aulas de domingo. Eles também podem ajudá-lo a preparar outras aulas ou discursos e a responder perguntas sobre a doutrina da Igreja.

Este livro apresenta os ensinamentos do Presidente George Albert Smith, que serviu como Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias de 21 de maio de 1945 a 4 de abril de 1951.

Estudo Pessoal

Ao estudar os ensinamentos do Presidente George Albert Smith, busque fervorosamente a inspiração do Espírito. As perguntas no final de cada capítulo vão ajudá-lo a compreender os ensinamentos do Presidente Smith e aplicá-los em sua vida. Ao estudar esses ensinamentos, você pode pensar em como ensiná-los a seus familiares e amigos. Isso vai fortalecer sua compreensão do que leu.

Como Ensinar Usando Este Livro

Você pode usar este livro para o ensino no lar ou na Igreja. As seguintes diretrizes podem ajudá-lo.

Prepare-se para Ensinar

Busque a orientação do Espírito Santo ao preparar-se para ensinar. Estude fervorosamente o capítulo para ter confiança em sua compreensão dos ensinamentos do Presidente Smith. Você ensinará

com mais sinceridade e força se as palavras dele tiverem influenciado sua vida pessoal (ver D&C 11:21).

Se for ensinar o Sacerdócio de Melquisedeque ou a Sociedade de Socorro, você não deve deixar o livro de lado nem preparar as lições usando outros materiais. Selecione em espírito de oração os ensinamentos do capítulo que você sentir que serão mais úteis para seus alunos. Alguns capítulos contêm mais material do que você será capaz de abordar durante o período de aula. Permita que um bom debate prossiga, em vez de tentar abordar todos os ensinamentos.

Incentive os participantes a estudar o capítulo antes da aula e a ter o livro consigo durante a aula. Se eles fizerem isso, estarão mais bem preparados para participar de um debate e para edificar uns aos outros.

Apresentação do Capítulo

Ao apresentar o capítulo, e durante toda a lição, tente criar um ambiente em que o Espírito Santo possa tocar o coração e a mente de seus alunos. Para iniciar a lição, ajude os alunos a concentrarem-se nos ensinamentos do capítulo. Para isso, você pode fazer o seguinte:

- Leia e discuta a seção intitulada “Da Vida de George Albert Smith” no início do capítulo;
- Discuta uma imagem ou escritura do capítulo;
- Cante um hino que tenha a ver com o tema;
- Relate uma breve experiência pessoal sobre o tema.

Conduzir um Debate sobre os Ensinamentos do Presidente Smith

Ao ensinar usando este livro, convide as pessoas a compartilhar seus pensamentos, fazer perguntas e ensinar uns aos outros. Elas aprendem melhor quando participam ativamente. Essa é também uma boa maneira de ajudá-los a receber revelações pessoais. Para incentivar o debate, use as perguntas que estão no final do capítulo. Essas perguntas são citadas em vários lugares do capítulo para mostrar a que seção de ensinamentos se referem. Você também pode elaborar suas próprias perguntas de modo específico para seus alunos. Você pode, por exemplo, perguntar aos participantes de que modo eles podem aplicar os ensinamentos do Presidente Smith em suas responsabilidades como pais ou como mestres familiares ou professoras visitantes.

As seguintes opções podem dar-lhe ideias adicionais:

- Peça aos participantes que compartilhem o que aprenderam em seu estudo pessoal do capítulo. Pode ser útil entrar em contato com alguns participantes durante a semana e pedir-lhes que venham preparados para partilhar o que aprenderam.
- Encarregue alguns participantes de ler algumas perguntas selecionadas do final do capítulo (individualmente ou em pequenos grupos). Peça-lhes que procurem ensinamentos do capítulo que se relacionam com as perguntas. Depois, convide-os a partilhar seus pensamentos e suas ideias com o restante do grupo.
- Leiam juntos algumas declarações do Presidente Smith tiradas do capítulo. Peça aos participantes que compartilhem exemplos das escrituras e de experiências próprias que ilustrem o que o Presidente Smith ensinou.
- Peça aos participantes que escolham uma seção de interesse deles e que a leiam silenciosamente. Convide-os a se reunir em grupos de duas ou três pessoas que escolheram a mesma seção para discutirem o que aprenderam.

Conclusão do Debate

Faça um breve resumo da lição ou peça a um ou dois participantes que o façam. Incentive os alunos a partilhar com outros o que aprenderam com os ensinamentos do Presidente Smith. Preste testemunho dos ensinamentos que foram discutidos. Você também pode convidar outras pessoas a prestar testemunho.

Informações sobre as Fontes Citadas Neste Livro

Os ensinamentos do Presidente Smith que se encontram neste livro são citações diretas tiradas de diversas fontes. Nesses trechos foram mantidas a pontuação, a ortografia e o uso de maiúsculas e parágrafos da fonte original, excetuando-se alterações editoriais ou tipográficas que tenham sido necessárias para melhorar a legibilidade. Por esse motivo, você pode notar algumas incoerências no texto. Por exemplo, a palavra *evangelho* aparece com letra minúscula em algumas citações e letra maiúscula em outras.

Além disso, o Presidente Smith frequentemente usa termos como *homens*, *homem*, ou *humanidade* para referir-se a pessoas de ambos os sexos. Ele usava frequentemente os pronomes *ele* e *dele* para referir-se a ambos os sexos. Isso era comum na linguagem de sua época. Apesar da diferença entre essas convenções de linguagem e o uso mais atual, os ensinamentos do Presidente Smith se aplicam tanto a mulheres quanto homens.



Resumo Histórico

A cronologia a seguir apresenta um breve quadro histórico dos ensinamentos do Presidente George Albert Smith apresentados neste livro.

4 de abril de 1870	Nasceu em Salt Lake City, Utah, filho de John Henry e Sarah Farr Smith.
1874–1875	O pai, John Henry Smith, serve missão na Inglaterra. George Albert está com quatro anos de idade na partida do pai.
27 de outubro de 1880	John Henry Smith é ordenado Apóstolo.
1882–1885	John Henry Smith serve como presidente da Missão Europeia.
1883	George Albert Smith começa a trabalhar em uma fábrica de roupas aos treze anos de idade.
1888	Começa a trabalhar em uma empresa ferroviária. Sofre lesão permanente na vista devido ao trabalho.
Setembro–Novembro de 1891	Serve missão no sul de Utah para a Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes.
25 de maio de 1892	Casa-se com Lucy Emily Woodruff no Templo de Manti Utah.
1892–1894	Serve missão no sul dos Estados Unidos, começando a servir poucas semanas depois de seu casamento. Lucy vai servir a seu lado quatro meses depois do início da missão.

8 de outubro de 1903	Ordenado Apóstolo pelo Presidente Joseph F. Smith.
1904	Escreve seu “credo pessoal”, uma lista de onze ideais pelos quais se compromete a viver (ver páginas 1–2 deste livro).
1909–1912	Sofre de graves problemas de saúde.
1919–1921	Preside a Missão Europeia.
1921–1935	Serve como superintendente da Associação de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes.
1922	Eleito vice-presidente da Sociedade Nacional dos Filhos da Revolução Americana. Serve nesse cargo até 1925, e depois novamente em 1944 e em 1946.
Setembro de 1930	Ajuda a organizar a Associação de Trilhas e Marcos dos Pioneiros de Utah, que tem por objetivo localizar e assinalar locais históricos da Igreja. É eleito o primeiro presidente da organização.
27 de julho de 1933	Torna-se presidente da Sociedade de Auxílio aos Cegos de Utah.
31 de maio de 1934	Recebe o Silver Buffalo, a mais alta honraria concedida pelos Boy Scouts of America.
1935–1936	Supervisiona a publicação do Livro de Mórmon em Braille.
5 de novembro de 1937	Lucy morre aos 68 anos de idade, após prolongada enfermidade.
Janeiro–Julho de 1938	Visita as missões da Igreja no sul do Pacífico, incluindo Havaí, Samoa, Tonga, Taiti, Nova Zelândia e Austrália.
Julho de 1943	Designado Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos.

- 21 de maio de 1945 Designado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
- 23 de setembro de 1945 Dedicar o Templo de Idaho Falls Idaho.
- 2 de novembro de 1945 Reúne-se com o presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman para discutir o trabalho de enviar ajuda para a Europa, depois da Segunda Guerra Mundial.
- Maio de 1946 Visita os membros da Igreja no México, o primeiro Presidente da Igreja a fazê-lo. Presentear com um exemplar do Livro de Mórmon o presidente mexicano Manuel Camacho.
- 24 de julho de 1947 Dedicar o Monumento Este É o Lugar e comemorar o centenário da chegada dos pioneiros ao Vale do Lago Salgado.
- 1947 Chegar a um milhão o número de membros da Igreja.
- 30 de setembro–2 de outubro de 1949 Participar da primeira transmissão televisiva da conferência geral.
- 4 de abril de 1951 Falece em Salt Lake City, Utah, no seu aniversário de 81 anos.



Vida e Ministério de George Albert Smith

Certo dia, enquanto servia como Presidente da Igreja, George Albert Smith recebeu uma fotografia com um bilhete, dizendo: “Estou lhe enviando esta fotografia porque é uma ilustração gráfica do homem que acreditamos que o senhor é”. Era uma fotografia do Presidente Smith conversando com uma mãe e seus quatro filhinhos. Naquele dia específico, o Presidente Smith estava correndo para pegar um trem, quando a mãe o parou, desejando que os filhos tivessem a oportunidade de apertar a mão do profeta de Deus. Alguém que observava a cena registrou o momento na fotografia.

O bilhete prosseguia, dizendo: “O motivo pelo qual gostamos tanto [desta fotografia] é porque, sendo tão atarefado, apesar de estar com pressa para entrar no carro e pegar o trem que o esperava, ainda assim o senhor parou para apertar a mão de cada filho daquela família”.¹

Atos de bondade como esse eram uma característica da vida e do ministério de George Albert Smith. Seja oferecendo amor e incentivo a um vizinho que vacila na fé ou organizando um imenso trabalho de bem-estar para alimentar milhares de pessoas, George Albert Smith seguia em sua vida o mandamento dado pelo Salvador: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:31).



Aos quatro anos

Juventude, 1870–1890

George Albert Smith nasceu no dia 4 de abril de 1870, filho de John Henry e Sarah Farr Smith, em um lar humilde, em Salt Lake City. A família Smith tinha um grande legado de serviço no reino de Deus. O pai de George Albert serviria mais tarde no Quórum dos Doze Apóstolos e na Primeira Presidência. Seu avô, que tinha o mesmo nome,

George A. Smith, era primo do Profeta Joseph Smith e foi um dos primeiros santos dos últimos dias pioneiros a entrar no Vale do Lago Salgado, em 1847. George A. Smith também foi Apóstolo e conselheiro do Presidente Brigham Young. O bisavô de George Albert, John Smith, serviu como patriarca da Igreja e foi o primeiro presidente de estaca em Salt Lake City. E seu avô materno, Lorin Farr, foi o primeiro prefeito de Ogden, Utah, e o primeiro presidente de estaca daquela cidade.



John Henry Smith

George Albert Smith amava e admirava os pais. Ele dava ao pai o crédito de ter-lhe ensinado a estender a mão para os necessitados,² e elogiava a mãe pelos sacrifícios que ela fazia para criar a família no evangelho. “Embora fôssemos muito pobres”, relembra ele, “e meu pai estivesse na missão quando eu tinha cinco anos, nunca me lembro de ter ouvido minha mãe reclamar, e

nunca a vi derramar uma lágrima por causa da situação em que se encontrava. Ela conseguia fazer um dólar render mais do que qualquer pessoa que conheci. (...)”

(...) Quando meu pai não estava em casa, estava em missão, minha mãe tomou o lugar dele, e ela realmente era o chefe da casa em sua ausência. Fazíamos nossas orações, abençoávamos o alimento e, em caso de doença, ela chamava os élderes, porque tinha muita fé nas ordenanças do evangelho. Ela sempre pagou rigorosamente o dízimo e, que eu saiba, nunca lhe entrou na mente o pensamento de que houvesse um erro e que o ‘mormonismo’ não fosse verdadeiro. Ela acreditava nele do fundo da alma.”³



Sarah Farr Smith

George Albert Smith lembra-se particularmente de sua mãe ensinando-lhe a orar e a confiar que Deus responderia: “Quando penso na influência que minha mãe teve sobre mim quando eu era [menino], sinto reverência e me comovo até às lágrimas. (...) Lembro-me como se fosse ontem de que ela me pegava pela mão e subia um lance de escadas até o andar de cima.

Ali eu me ajoelhava diante dela e segurava-lhe as mãos, enquanto ela me ensinava a orar. Louvado seja Deus pelas



Filhos de John Henry e Sarah Farr Smith. George Albert Smith está à esquerda.

mães que têm no coração o espírito do evangelho e o desejo de abençoar. Eu poderia repetir aquela oração hoje, e muitos anos se passaram, desde que a aprendi. Ela me deu a certeza de que eu tinha um Pai Celestial e me fez saber que Ele ouvia as orações e respondia a elas. Quando fiquei mais velho, ainda morávamos em um sobrado, e, quando o vento soprava forte, ele sacudia como se fosse tombar. Às vezes eu ficava assustado demais para dormir. Minha cama ficava num pequeno quarto isolado, e muitas noites tive de descer da cama e ajoelhar-me para pedir a meu Pai Celestial que zelasse pela casa, que a preservasse para que não se partisse em pedaços, e voltava para meu pequeno leito, seguro de que estaria protegido do mal, se segurasse na mão de meu Pai”.⁴

Recordando a infância, George Albert Smith disse:

“Meus pais moravam em situação muito humilde, mas louvo meu Criador e agradeço a Ele do fundo do coração por ter-me enviado para aquela casa.

(...) Aprendi quando menino que esta é a obra do Senhor. Aprendi que há profetas vivos na Terra. Aprendi que a inspiração

do Altíssimo influenciaria aqueles que vivessem de modo a ser dignos de desfrutá-la.

(...) Sinto-me grato por meu legado, pelos pais que tive, que me ensinaram o evangelho de Jesus Cristo e deram o exemplo no lar.”⁵

O jovem George Albert tinha a fama de ser um menino feliz e brincalhão. Os amigos apreciavam sua natureza alegre, e ele se divertia com eles com a gaita, o banjo e a guitarra e um repertório de canções engraçadas; embora também tenha tido experiências que o ajudaram a desenvolver um forte senso de responsabilidade, que era extraordinário em sua pouca idade. Quando tinha doze anos, George Albert estudou na Academia Brigham Young, onde recebeu alguns conselhos que tiveram profunda repercussão em sua vida. Mais tarde, ele lembrou:

“Tive o privilégio de ter estudado com o Dr. Karl G. Maeser, aquele preeminente educador, que foi o primeiro fundador de nossas grandes escolas da Igreja. (...) Não me lembro muito do que foi dito durante o ano que estudei ali, mas há uma coisa que provavelmente jamais esquecerei. Eu a repeti muitas vezes. (...) O Dr. Maeser, certo dia, levantou-se e disse:

‘Vocês não apenas terão de prestar contas das coisas que fazem, mas também serão considerados responsáveis até pelos pensamentos que têm.’

Sendo rapaz, e não tendo o hábito de controlar muito meus pensamentos, fiquei intrigado com o que deveria fazer, e isso me preocupou. Na verdade, não conseguia parar de pensar nisso. Cerca de uma semana ou dez dias depois, subitamente compreendi o que ele quis dizer. Consegui perceber a razão daquilo. De repente, veio-me à mente a interpretação do que ele dissera: Ora, é claro que seremos considerados responsáveis por nossos pensamentos, porque, quando a vida terminar na mortalidade, ela será a soma de nossos pensamentos. Esse conselho me foi uma grande bênção por toda a vida e permitiu em muitas ocasiões que eu me abstinêsse de pensar de modo impróprio, porque me dei conta de que serei o produto de meus pensamentos, quando o trabalho de minha vida estiver concluído.”⁶

O jovem George Albert assumiu grandes responsabilidades no lar, em 1882, quando seu pai, que estava servindo no Quórum dos

Doze por dois anos, foi chamado presidente da Missão Europeia. A ausência de John Henry exigiu que George Albert ajudasse a prover o sustento da família. Quando tinha treze anos, candidatou-se a um emprego na fábrica e na loja de departamentos de propriedade da Igreja, em Salt Lake City, mas o gerente disse que não tinha condições de contratar mais ninguém. George Albert replicou que não pedira que lhe pagassem, apenas que lhe deixassem trabalhar. Acrescentou: “Sei que, se eu for de alguma forma útil, serei pago”.⁷ Sua atitude positiva conquistou-lhe um emprego como operário de fábrica, ganhando 2,50 dólares por semana, e sua forte ética de trabalho logo o ajudou a subir de cargo na empresa.

Quando tinha dezoito anos, conseguiu emprego num grupo de pesquisa ferroviária. Enquanto trabalhava nesse emprego, o brilho da luz do sol na areia do deserto causou-lhe uma lesão nos olhos. Isso deixou George Albert com a vista permanentemente prejudicada, dificultando-lhe a leitura e causando-lhe desconforto por toda a vida.

Serviço Missionário e Casamento, 1891–1894

Em setembro de 1891, o Presidente Wilford Woodruff chamou George Albert Smith para servir missão de curto prazo no sul de Utah. Sua designação específica era a de trabalhar com os jovens da Igreja na área. Nos quatro meses seguintes, ele e seu companheiro ajudaram a estabelecer as organizações de jovens nas estacas e alas, falaram em várias reuniões e incentivaram os jovens a viver os padrões da Igreja.

Ao voltar da missão, George Albert continuou a cortejar a namorada, que conhecia desde a infância, Lucy Woodruff, a neta do Presidente Wilford Woodruff. Eles eram vizinhos na infância, e Lucy percebeu os traços de caráter que George Albert estava desenvolvendo. Ela registrou sua admiração por ele em seu diário: “Recolho-me esta noite com gratidão a Deus no coração (...) e oro para que Ele me dê forças para merecer mais o amor de alguém que acredito firmemente ser um dos melhores rapazes que já foi colocado na Terra. A bondade e a virtude dele fazem-me vir lágrimas aos olhos”.⁸



Lucy Emily Woodruff Smith

Mas Lucy tinha muitos admiradores também, e alguns deles eram muito ricos e lhe ofereciam presentes extravagantes. George Albert, por outro lado, atraía Lucy por sua dedicação ao Senhor. Ele escreveu a ela: “Se estiver interessada em casar com alguém pelo dinheiro, não será comigo, porque há muito decidi que não vou dedicar minha vida ou meu tempo para acumular dinheiro, mas para servir ao Senhor e para ajudar Seus filhos neste mundo”.⁹ Lucy fez sua escolha e, em 25 de

maio de 1892, ela e George Albert se casaram no Templo de Manti Utah. O pai de George Albert realizou a cerimônia. Naquele dia, Lucy deu ao marido um pequeno medalhão com uma fotografia sua. Ele prendeu o medalhão à corrente de seu relógio de bolso, que guardava junto ao peito, e usou-o quase todos os dias pelo resto da vida.¹⁰

Os recém-casados tiveram menos de um mês juntos, antes que George Albert partisse para outra missão, desta vez de proselitismo, no sul dos Estados Unidos. Mesmo sabendo que sua partida seria iminente — o chamado chegara três semanas antes de se casarem — a separação ainda assim foi muito difícil. Ambos se encheram de alegria quando, quatro meses depois, Lucy foi chamada para servir ao lado do marido no escritório da missão, onde o Élder Smith recebera recentemente a atribuição de servir como secretário da missão.

O presidente da Missão dos Estados Sulinos era J. Golden Kimball, que ao mesmo tempo servia como membro dos Setenta. Duas vezes durante o período de serviço do Élder Smith, o Presidente Kimball teve que sair da missão para cuidar de assuntos importantes em Salt Lake City — um pouco antes de o Élder Smith tornar-se secretário da missão e novamente cerca de um ano depois. Em ambas as ocasiões, o Presidente Kimball deixou a enorme responsabilidade de liderar e administrar a missão a cargo do Élder Smith,



Missionários na Missão dos Estados do Sul. Recém-casados, Lucy (terceira a partir da esquerda) e George Albert Smith (sentado ao lado dela) serviram juntos na casa da missão.

oferecendo apoio e conselho por intermédio de numerosas cartas. Ao todo, o Élder Smith serviu como presidente interino da missão por aproximadamente dezesseis meses. O Presidente Kimball ficou preocupado por ausentar-se por tanto tempo, mas confiava em seu jovem assistente. Ele escreveu em uma carta ao Élder Smith: “Acho que meu discernimento e minha inteligência, por mais limitados que sejam, permitem-me valorizar sua integridade e seu valor, e asseguro-lhe que o faço”.¹¹ Em outra carta ele escreveu: “Sempre tenha este conceito em destaque: o de que aprecio muito o seu trabalho, zelo e bom espírito”.¹²

O Presidente Kimball teve muitas oportunidades de testemunhar o zelo e o bom espírito do Élder Smith. Em uma ocasião, os dois viajavam juntos e foram convidados para passar a noite em uma pequena cabana de toras. George Albert Smith contou mais tarde:

“Por volta da meia-noite, fomos acordados por um barulho terrível de gritos e berros que vinha de fora da casa. Muitos palavrões nos chegaram aos ouvidos quando nos erguemos na cama para ver o que acontecia. Era noite de lua e pudemos ver muitas pessoas reunidas fora da casa. O Presidente Kimball pulou da cama e começou a se vestir. Os homens esmurraram a porta e usaram palavreado de baixo calão ordenando que os mórmons saíssem da casa, que eles iam atirar neles. O Presidente Kimball perguntou se eu não ia levantar-me e vestir-me, e eu lhe disse que não, ia permanecer na cama, porque tinha certeza de que o Senhor cuidaria de nós. Poucos segundos depois, o quarto se encheu de tiros. Aparentemente a multidão tinha-se dividido em quatro grupos e atirava nos cantos da casa. Lascas voavam sobre nossa cabeça em todas as direções. Houve uns poucos momentos de silêncio, então outra saraivada de tiros foi disparada e mais lascas voaram. Não me senti de modo algum aterrorizado. Estava muito calmo, ali deitado, ao passar pelos acontecimentos mais horríveis de minha vida, mas tinha certeza (...) de que o Senhor me protegeria, e Ele o fez.

Aparentemente, a multidão perdeu o interesse e foi embora. Na manhã seguinte, quando abrimos a porta, havia ali uma enorme quantidade de pesadas varas de nogueira, que o populacho usava para bater nos missionários no Sul.”¹³

Anos mais tarde, George Albert Smith contou essa experiência aos netos para ensinar-lhes a confiar no Senhor. “Quero fixar em sua mente”, disse ele, “que o Senhor vai cuidar de vocês nos momentos de perigo, se Lhe derem a oportunidade”.¹⁴

Vida Familiar

George Albert e Lucy foram desobrigados da missão, em junho de 1894. Poucos meses depois de seu retorno a Salt Lake City, Lucy recebeu uma bênção de seu avô, o Presidente Wilford Woodruff, prometendo que ela teria filhos. Em dezenove de novembro de 1895, ela deu à luz uma filha que chamaram de Emily e, quatro anos depois, nasceu outra filha, Edith. Seu último filho, George Albert Jr., nasceu em 1905.

George Albert Smith era um pai afetuoso, adorado pelos filhos. Edith escreveu a respeito dele: “Para mim, meu pai tinha todos os atributos que tornam um pai querido para a filha. Como pai, ele cumpriu todas as minhas expectativas”. Foi especialmente marcante para os filhos o modo como George Albert tratava sua amada esposa. “O afeto e a consideração de meu pai por minha mãe era uma coisa muito bela”, escreveu Edith. “Ele nunca perdeu uma oportunidade de expressar-lhe gratidão e apreço. Tudo o que faziam, faziam-no juntos, após planos bem elaborados e muito trabalho de equipe. Ela lhe era preciosa. (...) Embora todos adorássemos minha mãe, tenho certeza de que a atenção e ternura que ele lhe dedicava tornaram-na ainda mais amada por nós, seus filhos.”¹⁵

Como pai, George Albert Smith procurou sinceramente ajudar os filhos a sentir a alegria que ele sentia por viver o evangelho. Num dia de Natal, depois que os presentes foram abertos, ele perguntou a suas jovens filhas o que elas achariam de doar alguns de seus brinquedos para crianças que não tinham recebido nenhum presente de Natal. Como todos tinham acabado de ganhar brinquedos novos, as meninas concordaram que poderiam doar alguns de seus brinquedos velhos às crianças necessitadas.

“Não gostariam de doar-lhes alguns dos brinquedos novos também?” sugeriu George Albert, de modo gentil.

As filhas hesitaram, mas por fim concordaram em doar um ou dois de seus brinquedos novos. George Albert levou as meninas até a casa das crianças que tinha em mente, e elas entregaram os presentes. A experiência foi tão edificante que, ao saírem dali, uma das meninas exclamou com entusiasmo: “Vamos agora pegar o restante dos brinquedos para doar a elas”.¹⁶

Quórum dos Doze Apóstolos, 1903–1945

No dia 6 de outubro de 1903, terça-feira, George Albert Smith teve um dia atarefado no trabalho e não conseguiu assistir às sessões da conferência geral naquele dia. Quando saiu do escritório, a sessão da tarde da conferência estava quase no fim, por isso ele se dirigiu para casa, planejando levar os filhos para a feira.



O Quórum dos Doze Apóstolos em 1921. De pé, da esquerda para a direita: Joseph Fielding Smith, James E. Talmage, Stephen L. Richards, Richard R. Lyman, Melvin J. Ballard e John A. Widtsoe. Sentados, da esquerda para a direita: Rudger Clawson, Reed Smoot, George Albert Smith, George F. Richards, Orson F. Whitney e David O. McKay.

Quando chegou a sua casa, ficou surpreso ao encontrar uma multidão de visitantes, uma das quais se adiantou e o cumprimentou calorosamente.

“Do que se trata tudo isso?” perguntou ele.

“Não sabe?” perguntou ela.

“Não sei o quê?”

“Ora, você foi apoiado membro do Quórum dos Doze Apóstolos”, exclamou a visitante.

“Não pode ser”, disse George Albert. “Deve ter havido algum erro.”

“Eu ouvi pessoalmente”, retrucou ela.

“Deve ter sido outro Smith”, disse ele. “Nenhuma palavra me foi dita a esse respeito, e não consigo acreditar que seja verdade.”

Confusa, a visitante voltou ao Tabernáculo para saber se tinha cometido um erro. Ali, foi informada de que estava certa — George Albert Smith era o mais novo membro do Quórum dos Doze Apóstolos.¹⁷

A filha Emily mais tarde relembra o que aconteceu na casa da família Smith: “Parecia que todo o Tabernáculo fizera uma fila em frente de nossa casa, chorando e abraçando minha mãe. Todos diziam que meu pai era um Apóstolo, e achávamos que ser Apóstolo devia ser pior coisa que podia acontecer a alguém”.

Mesmo depois que a informação foi confirmada, George Albert decidiu que ainda assim levaria as filhas à feira, como havia prometido, “embora ele não tenha visto muito da feira”, lembrou Emily. “Ele passou o tempo todo encostado no muro conversando com as pessoas.”¹⁸

Dois dias depois, em 8 de outubro de 1903, George Albert Smith foi ordenado Apóstolo na sala superior do Templo de Salt Lake, pelo Presidente Joseph F. Smith. Depois da ordenação, ele foi convidado a compartilhar seus sentimentos com os membros do Quórum dos Doze ali presentes. “Sinto-me fraco e carente de sabedoria em comparação com os homens mais amadurecidos em idade”, disse ele, “mas meu coração está decidido, e desejo sinceramente o progresso contínuo da obra do Senhor. (...) Tenho um testemunho vivo da divindade desta obra. Sei que o evangelho veio à Terra sob a direção e orientação do próprio Senhor e que aqueles que são escolhidos para presidir foram e são realmente Seus servos. Desejo que eu possa viver de modo puro e humilde para merecer os sussurros e as admoestações do Espírito para guiar-me por toda a vida e oro por isso.”¹⁹

George Albert Smith serviu no Quórum dos Doze por quase 42 anos, inclusive dois anos como Presidente do Quórum. Durante seu tempo de serviço, ele cumpriu muitas designações e abençoou pessoas no mundo inteiro de inúmeras maneiras.

Compartilhar o evangelho e Fazer Amigos para a Igreja

O Élder Smith tinha um talento natural para deixar as pessoas à vontade e transformar inimigos em amigos. Um empresário local, que não era membro da Igreja, disse a respeito dele em seu funeral: “Ele era um homem fácil de se conhecer. Era um homem que

gostamos de conhecer. Seu sorriso cordial, seu aperto de mão vigoroso e seu cumprimento caloroso faziam-nos sentir, dentro do coração, a sinceridade de sua amizade por nós e por seus semelhantes”.²⁰

Esse talento foi valioso numa época em que a Igreja ainda era, em grande parte, desconhecida no mundo inteiro e encarada com desconfiança por muitos. Certa vez, ao cumprir uma designação em West Virginia, ele ficou sabendo que os líderes governamentais da cidade tinham ameaçado prender qualquer pessoa que fosse apanhada pregando o mormonismo. O Élder Smith foi falar com o secretário municipal, o Sr. Engle, para tentar mudar essa determinação. Mais tarde, ele escreveu em seu diário: “Quando fui falar pela primeira vez com o Sr. Engle, ele foi muito ríspido e me informou sucintamente que não seríamos tolerados naquela cidade. (...) Eu lhe disse que acreditava que ele estava mal-informado e que gostaria de conversar com ele. (...) Passamos algum tempo conversando sobre o mormonismo. Ele abrandou consideravelmente sua atitude e, antes de eu sair, apertamos as mãos e ele me deu seu cartão. Saí dali com a certeza de que tinha removido alguns preconceitos”.²¹ Três dias depois, o Élder Smith fez-lhe outra visita, dessa vez, deixou um exemplar do Livro de Mórmon com ele.²²

O Élder Smith estava sempre procurando oportunidades para conversar com as pessoas sobre a Igreja. Para onde quer que suas designações exigissem que ele viajasse, ele levava consigo exemplares do Livro de Mórmon, revistas da Igreja e outras publicações da Igreja que esperava dar para alguém. Como o Livro de Mórmon presta um vigoroso testemunho de Jesus Cristo, o Élder Smith o considerava um presente de Natal ideal e frequentemente enviava exemplares pelo correio a amigos de outras religiões e até a pessoas preeminentes que ele nunca tinha visto.²³ Em uma carta que acompanhava um desses presentes de Natal, ele escreveu: “Dentro de poucos dias, o mundo cristão vai comemorar o nascimento do Salvador e é costumeiro nessa época lembrar-nos de nossos amigos. Espero, portanto, que aceite como presente este exemplar do Livro de Mórmon. (...) Com a esperança de que se alegre em tê-lo em sua biblioteca, eu o estou lhe enviando como presente de Natal”.

Ele recebeu a seguinte resposta: “O livro terá seu lugar em nossa prateleira e será lido [de capa a capa] com mente aberta e atenção.

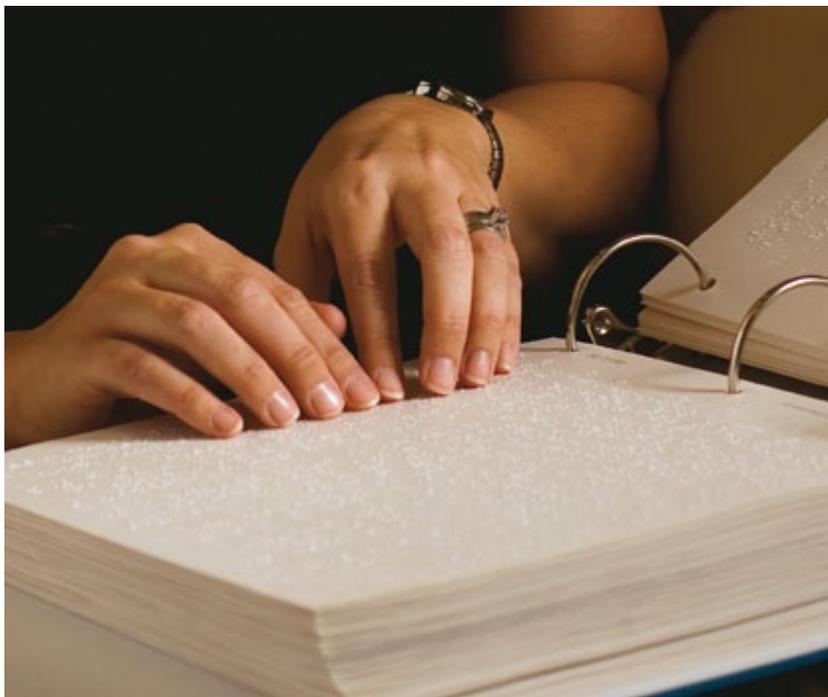
Ele não vai deixar de ampliar a visão e aumentar o espírito de tolerância de todos os que o lerem com atenção”.²⁴

Envolvimento Cívico

O Élder Smith incentivou os membros da Igreja a se envolverem em suas comunidades e usarem sua influência para melhorar as condições do mundo. Ele próprio se envolveu em várias organizações cívicas, a despeito de seu atarefado chamado como Autoridade Geral. Foi eleito presidente do Congresso Internacional de Irrigação e do Congresso de Agricultura de Sequeiro e foi eleito por seis vezes vice-presidente da Sociedade Nacional dos Filhos da Revolução Americana. Um forte defensor da aviação como meio para as Autoridades Gerais cumprirem suas designações de viagem de modo mais eficiente, o Élder Smith serviu na junta de diretores da Western Air Lines. Ele também se envolveu ativamente no Boy Scouts of America e, em 1934, recebeu o prêmio Silver Buffalo, a mais alta honraria do escotismo nos Estados Unidos. Nos anos subsequentes à Primeira Guerra Mundial, ele serviu como presidente da campanha de Auxílio aos Armênios e Sírios do Estado de Utah e como representante estadual na Convenção Internacional de Habitação, cujo objetivo era prover moradia para os que perderam a casa por causa da guerra.²⁵

Antes de seu chamado como Apóstolo, George Albert foi ativo na política, participando com entusiasmo de campanhas em prol de candidatos e causas que ele achava que melhorariam a sociedade. Depois de se tornar Autoridade Geral, seu envolvimento na política diminuiu, mas ele continuou a defender as causas em que acreditava. Em 1923, por exemplo, ele ajudou na promulgação de uma lei pela Assembleia Legislativa do Estado de Utah que levou à construção de um sanatório para pacientes de tuberculose.²⁶

A compaixão do Élder Smith pelas pessoas ficou particularmente evidente ao servir como presidente da Sociedade para Auxílio dos Cegos, cargo que ele ocupou de 1933 a 1949. Como ele próprio sofria de deficiência visual, o Élder Smith tinha especial compaixão pelos cegos. Supervisionou a publicação do Livro de Mórmon em Braille e instituiu um programa para ajudar os cegos a aprender a ler Braille e, de outras maneiras, a adaptar-se a suas deficiências.



O Élder George Albert Smith supervisionou a publicação do Livro de Mórmon em Braille.

Seu empenho trouxe-lhe o carinho daqueles a quem ele serviu. Uma integrante da Sociedade para Auxílio dos Cegos expressou sua gratidão por meio de um poema apresentado ao Élder Smith em seu aniversário de 70 anos:

Quando a vida se torna muito difícil,
Fazendo rolar lágrimas de amargura;
Quando o inverno inclemente gela-me a alma,
E ecos vazios me chamam—
Volto-me então, com ávida esperança,
Com passos cansados e trôpegos,
Para encontrar um coração compreensivo,
No qual arde uma chama de amizade—
Um coração que abriga a gentil sabedoria,
Compassivo e bondoso,
Cuja fé em Deus e no homem ensinaram
Essa mesma fé para os que são cegos. (...)

Embora seu terno rosto amoroso
Esteja separado de nós,
Vemos a benevolente sabedoria
De seu coração compreensivo;
Sentimos a paz que há em sua alma
E conhecemos nós mesmos a paz;
Ouvimos sua silenciosa oração que diz
Que não caminhamos sozinhos;
Sua fé em nós dá-nos forças,
Ao trilhar caminhos que não enxergamos;
Um homem nos eleva a alma
Em parceria com Deus.²⁷

Enfermidade Pessoal e Outras Provações

Durante a maior parte da vida, George Albert não teve uma saúde muito boa. Embora gostasse de nadar, de andar a cavalo e de outras atividades físicas, seu corpo era frágil e com frequência debilitado. Além de seu problema crônico de vista, o Élder Smith sofreu do estômago e de dores nas costas, de fadiga constante, de problemas cardíacos e de muitas outras enfermidades durante a vida. O estresse e a pressão de suas muitas responsabilidades também o afetaram, e a princípio ele não se dispunha a diminuir o ritmo para preservar a saúde. Conseqüentemente, de 1909 a 1912, lutou contra uma doença tão grave que o deixou de cama e o impediu de cumprir seus deveres no Quórum dos Doze. Foi um período muito penoso para o Élder Smith, que queria desesperadamente voltar ao serviço. O falecimento de seu pai, em 1911, e um grave surto de gripe que afligiu sua esposa tornaram a recuperação do Élder Smith ainda mais difícil.

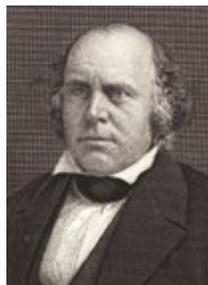
Anos mais tarde, ele contou a seguinte experiência pessoal que teve naquele período:

“Há vários anos, fiquei gravemente enfermo. Na verdade, acho que todos desistiram de mim, a não ser minha mulher. (...) Fiquei tão fraco que mal conseguia me mover. Tinha de fazer um esforço lento e exaustivo até para virar-me na cama.

Certo dia, naquelas condições, perdi a consciência e imaginei ter passado para o outro lado do véu. Vi-me de pé, de costas para um

grande e belo lago, de frente para uma grande floresta. Não havia ninguém à vista, e não havia nenhum bote no lago ou nenhum outro meio de transporte visível que indicasse como eu teria chegado àquele lugar. Dei-me conta, ou assim me pareceu, de que eu havia encerrado meu trabalho na mortalidade e voltado para casa. (...)

Comecei a explorar os arredores e logo encontrei uma trilha que atravessava o bosque, que me pareceu pouco usada, estando quase escondida pelo mato. Segui a trilha e, depois de caminhar por algum tempo, tendo percorrido uma distância considerável pela floresta, vi um homem vindo em minha direção. Percebi que era um homem bem alto e corri para chegar perto dele, porque o reconheci como sendo meu avô [George A. Smith]. Na vida mortal, ele pesava mais de 130 quilos, por isso vocês podem ver que ele era um homem bem grande. Lembro-me de quão feliz eu ficava ao vê-lo chegar. Recebi seu nome e sempre me orgulhei disso.



George A. Smith

Quando meu avô estava a poucos passos de mim, parou onde estava. Com isso, fez com que eu me detivesse também. Então — e isso é algo que eu gostaria de que os meninos, as meninas e os jovens jamais esquecessem — encarou-me com muita sinceridade e disse:

‘Gostaria de saber o que você tem feito com o meu nome.’

Todos os meus atos passaram diante de mim, como um filme numa tela — tudo o que eu tinha feito na vida. Rapidamente aquela vívida retrospectiva chegou ao exato momento em que eu estava, ali diante dele. Toda a minha vida passou diante de meus olhos. Sorri, olhei para meu avô e disse:

‘Não fiz nada com seu nome de que tenha que se envergonhar.’

Ele se aproximou e me abraçou e, enquanto fazia isso, recobrei a consciência em meu ambiente terrestre. Meu travesseiro estava tão molhado como se alguém tivesse derramado água nele — molhado de lágrimas de gratidão por eu ter podido responder sem me envergonhar.

Tenho pensado nisso muitas vezes, e quero dizer-lhes que tenho tentado, mais do que nunca desde aquela época, cuidar muito bem

desse nome. Então, quero dizer aos meninos e às meninas, aos jovens, aos homens e às mulheres, à juventude da Igreja e de todo o mundo: Honrem seu pai e sua mãe. Honrem o nome que vocês têm.”²⁸

Por fim, o Élder Smith começou a recuperar as forças e saiu daquela provação com renovado sentimento de gratidão por seu testemunho da verdade. Ele disse aos santos, mais tarde, numa conferência geral: “Passei pelo vale da sombra da morte nos últimos anos. Estive tão próximo do outro lado que tenho certeza de que [se não fosse] pela bênção especial de nosso Pai Celestial, eu não teria permanecido neste mundo. Mas em momento algum se enfraqueceu o testemunho de que meu Pai Celestial me abençoava. Quanto mais próximo estive do outro lado, maior foi minha certeza de que o evangelho é verdadeiro. Agora que minha vida foi poupada, regozijo-me em testificar que sei que o evangelho é verdadeiro e, do fundo da alma, agradeço a meu Pai Celestial por Ele ter revelado isso a mim”.²⁹

Várias enfermidades físicas e outras adversidades continuaram a afligir o Élder Smith nos anos subsequentes. Talvez sua maior provação tenha ocorrido entre 1932 e 1937, quando sua esposa, Lucy, foi acometida de artrite e nevralgia. Ela sentia muitas dores e, em 1937, passou a exigir cuidados quase constantes. Então, um ataque cardíaco, em 1937, quase lhe tirou a vida e a deixou ainda mais fraca.

Embora se preocupasse constantemente com Lucy, o Élder Smith continuou a desempenhar seus deveres da melhor forma que podia. Em 5 de novembro de 1937, ele falou no funeral de um amigo e, ao sentar-se depois do discurso, alguém lhe entregou um bilhete dizendo que voltasse imediatamente para casa. Mais tarde, ele escreveu em seu diário: “Saí imediatamente da capela, mas minha querida esposa dera seu último suspiro antes que eu chegasse em casa. Ela faleceu enquanto eu falava no funeral. Indubitavelmente perdi uma companheira dedicada e me sentirei solitário sem ela”.

Lucy e George Albert estavam casados havia pouco mais de 45 anos quando ela morreu. Ela estava com 68 anos de idade. Embora sentisse profunda saudade da esposa, o Élder Smith sabia que a separação seria apenas temporária, e esse conhecimento lhe deu forças. “Embora minha família esteja muito angustiada”, escreveu ele, “somos consolados pela certeza de uma reunião com a mãe, se

permanecermos fiéis. Ela foi uma esposa e mãe dedicada, prestativa e atenciosa. Sofreu por seis anos, de uma forma ou outra, e tenho certeza de que ela está feliz na companhia da mãe e de outros entes queridos que ali estão. (...) O Senhor é extremamente bondoso e fez sumir todo sentimento de morte, pelo que sou extremamente grato.”³⁰

Presidente da Missão Europeia

Em 1919, o Presidente Heber J. Grant, que pouco antes tinha sido apoiado Presidente da Igreja, chamou o Élder Smith para presidir a Missão Europeia. Em um discurso de conferência geral, poucos dias antes de sua partida, o Élder Smith disse:

“Gostaria de dizer a vocês, meus irmãos e minhas irmãs, que considero uma honra — não, mais do que uma honra, considero uma bênção muito grande — o fato de o Senhor ter-me tirado da débil condição em que eu me encontrava havia pouco, restituindo-me a saúde a ponto de as autoridades gerais terem sentido que me seria possível cumprir missão em terras estrangeiras. (...)

(...) Na quarta-feira espero pegar o trem para a costa e depois cruzar o oceano até o campo para o qual fui chamado. Agradeço a Deus pela oportunidade de ir para lá. Sinto-me grato pelo conhecimento dessa verdade ter-me vindo à alma.”³¹

Naquela época, a Europa ainda se recuperava da Primeira Guerra Mundial, que havia terminado poucos meses antes. Por causa da guerra, o número de missionários na Europa era bem pequeno, e uma das tarefas do Élder Smith era a de aumentar esse número. As difíceis condições econômicas do pós-guerra na Europa, porém, tornaram os governos relutantes em conceder os vistos necessários. Para piorar as coisas, ainda havia muitos mal-entendidos e preconceitos contra os santos dos últimos dias. Para melhorar a imagem da Igreja, o Élder Smith reuniu-se com inúmeros líderes governamentais e outras pessoas importantes. Ao explicar o propósito dos missionários na Europa e em todo o mundo, ele geralmente dizia: “Mantenham todas as coisas boas que vocês têm, mantenham tudo o que Deus lhes deu que enriquece sua vida e depois deixem que compartilhem algo com vocês que vai aumentar sua felicidade e satisfação”.³² De acordo com um dos missionários que serviu com ele, “com seu modo magistral e bondoso de agir, ele conquistou a

estima e a amizade das pessoas e conseguiu concessões referentes aos missionários que haviam sido negadas anteriormente”.³³

No final de seu trabalho, em 1921, o Élder Smith havia conseguido elevar o número de missionários que servia na Europa e mudar algumas impressões erradas que as pessoas tinham em relação aos santos dos últimos dias. Também fez amigos para a Igreja e manteve contato com eles por meio de cartas ainda por muitos anos.

Preservar os Locais Históricos da Igreja

O Élder Smith adorava falar da Igreja para as pessoas e contar os grandes acontecimentos da história dela. Durante todo o seu ministério, ele fez muito para ajudar a preservar a história, criando monumentos e erigindo outros marcos nos locais de interesse da história da Igreja. Conforme escreveu uma das pessoas que com ele trabalhavam: “Ele acreditava que, ao chamar a atenção da geração mais nova para as realizações de seus antepassados, ele estaria prestando um serviço muito importante”.³⁴

Como jovem Apóstolo, ele foi a Palmyra, Nova York, e negociou a compra da fazenda de Joseph Smith Sr. em nome da Igreja. Enquanto estava em Nova York, visitou também um homem chamado Pliny Sexton, que era proprietário do monte Cumora, o lugar em que Joseph Smith obteve as placas de ouro. O Sr. Sexton não queria vender aquelas terras para a Igreja, mas ele e o Élder Smith ficaram amigos mesmo assim. Em parte devido ao bom relacionamento que o Élder Smith manteve com o Sr. Sexton, a Igreja, por fim, conseguiu comprar a propriedade e dedicar um monumento ali.

Em 1930, no centenário da organização da Igreja, o Élder Smith ajudou a fundar a Associação de Marcos e Trilhas dos Pioneiros de Utah e foi eleito o primeiro presidente do grupo. Ao longo dos vinte anos que se seguiram, essa organização erigiu mais de 100 monumentos e marcos históricos, muitos dos quais em memória da trilha dos pioneiros para o Vale do Lago Salgado. O Élder Smith oficiou na dedicação da maioria desses monumentos.³⁵

Explicando o interesse da Igreja por locais históricos, ele escreveu: “É costume erigir monumentos a pessoas para que a memória delas seja preservada. Também há grandes acontecimentos que ficaram permanentemente gravados na mente das pessoas, devido a



Monumento no monte Cumora, onde o anjo Morôni entregou as placas de ouro a Joseph Smith

edificação de monumentos. (...) Há muitos pontos de interesse que estão sendo esquecidos em relação a esses acontecimentos importantes, e as pessoas sentiram que era desejável assinalá-los de modo significativo para chamar a atenção daqueles que virão depois de nós”.³⁶

Como seu avô tinha sido um dos que entraram em Utah como pioneiros, o Élder Smith sentia profundo respeito por aqueles antigos membros da Igreja que sacrificaram tanto por sua fé. Em um discurso para a Sociedade de Socorro, ele contou a seguinte experiência pessoal que teve ao refazer a trilha dos pioneiros de carrinhos de mão:

“Chegamos ao trecho da trilha em que a Companhia Martin de Carrinhos de Mão perdeu tantas vidas. Encontramos, na medida do que nos foi possível, o local em que eles acamparam. Aqueles que eram descendentes daquele grupo de pessoas estavam ali para assistir à colocação de um marco histórico. Depois, fomos a Rock Creek, onde havíamos colocado um marco temporário, um ano antes. Naquela época específica do ano, belas flores silvestres cresciam em toda parte, e havia muitas íris silvestres, e os membros

do grupo colheram algumas dessas flores e as depositaram carinhosamente em um monte de pedras que haviam sido empilhadas no ano anterior. (...) Naquele lugar, quinze membros desta Igreja tinham sido enterrados numa vala comum, tendo morrido de fome e frio.

Vocês sabem que há momentos e lugares em que parecemos achar-nos mais a nosso Pai Celestial. Ao sentar-nos em redor da fogueira do acampamento, naquele pequeno vale de Rock Creek, onde uma tragédia se abateu sobre a Companhia Willie de Carinhos de Mão — nós que éramos descendentes dos pioneiros, daqueles que haviam cruzado as planícies no calor do verão e no frio do inverno — foram contadas histórias sobre as experiências vividas por nossos antepassados. (...) Foi um momento de grande deleite. A história estava sendo repetida para nosso benefício.

(...) Pareceu-me que estávamos na presença daqueles mesmos que sacrificaram tudo o que tinham para ter as bênçãos do Evangelho. Pareceu-nos sentir a presença do Senhor.

Ao sairmos dali, depois de verter nossas lágrimas — porque duvido que houvesse um olho seco no grupo de 30 ou 40 pessoas — a influência resultante daquela pequena reunião tocou-nos o coração, e uma das queridas irmãs pegou-me pelo braço e disse: ‘Irmão Smith, de agora em diante serei uma pessoa melhor’. Aquela mulher (...) é uma das melhores pessoas que conheço mas creio que ela foi tocada, como a maioria de nós, pelo fato de que em certos aspectos não estávamos à altura dos ideais que deveriam estar em nossa alma. As pessoas ali enterradas não apenas haviam doado dias de sua vida, mas deram a própria vida como prova de sua crença na divindade desta obra. (...)

Se os membros desta organização [a Sociedade de Socorro] forem tão fiéis quanto as pessoas que estão enterradas nas planícies, que enfrentaram seus problemas com fé no Senhor, vocês multiplicarão suas muitas realizações, e a benevolência de um Pai amoroso fluirá para vocês e para seus entes queridos.”³⁷

Presidente da Igreja, 1945–1951

Bem cedo na manhã de 15 de maio de 1945, enquanto viajava de trem no leste dos Estados Unidos, o Élder Smith foi acordado por um



O Presidente Smith e seus conselheiros, J. Reuben Clark Jr. (à esquerda) e David O. McKay (à direita)

funcionário da empresa ferroviária que lhe trazia uma mensagem: o Presidente Heber J. Grant, que era o Presidente da Igreja na época, havia falecido. O Élder Smith trocou de trem assim que pôde e voltou para Salt Lake City. Poucos dias depois, George Albert Smith, como membro sênior do Quórum dos Doze Apóstolos, foi designado o oitavo Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Em seu primeiro discurso de conferência geral como Presidente da Igreja, ele disse aos santos que haviam acabado de apoiá-lo: “Duvido que alguém aqui se sinta tão fraco e humilde quanto o homem que está diante de vocês”.³⁸ Ele expressou sentimentos semelhantes aos membros de sua família: “Não almejei este cargo. Não me senti à altura dele. Mas ele veio a mim, e vou cumpri-lo com o máximo de minha capacidade. Quero que todos vocês saibam, seja o que for que estejam fazendo na Igreja, desde servir como mestre [familiar] até presidir uma estaca, se o fizerem com o máximo de sua capacidade, seu cargo será tão importante quanto o meu”.³⁹

Houve muitos que sentiram que os talentos do Presidente Smith eram especialmente adequados a seu chamado. Uma das Autoridades Gerais expressou essa confiança pouco depois de o Presidente Smith ser apoiado: “Frequentemente se diz que o Senhor ergueu determinado homem para desempenhar uma missão específica. (...) Não cabe a mim dizer qual missão específica o Presidente George Albert Smith tem diante de si. Sei, porém, que nesta época específica da história do mundo, nunca a necessidade de amor entre os irmãos foi tão desesperadamente necessária quanto hoje. Além disso, sei que não há ninguém que conheço que ame a humanidade, de modo coletivo e individual, mais profundamente do que o Presidente George Albert Smith”.⁴⁰

Ajudar os Necessitados Após a Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial terminou poucos meses após George Albert Smith tornar-se Presidente da Igreja. A guerra deixou milhares de pessoas desabrigadas e desamparadas na Europa, e o Presidente Smith rapidamente mobilizou os recursos de bem-estar da Igreja para oferecer ajuda. O Presidente Gordon B. Hinckley, mais tarde, disse o seguinte sobre esse trabalho: “Fui um dos que trabalharam muitas noites na Praça do Bem-Estar, aqui em Salt Lake City, carregando suprimentos em vagões que transportavam os alimentos até o porto de onde eram enviados de navio pelo oceano. Por ocasião da dedicação do Templo da Suíça [em 1955], quando muitos santos alemães foram ao templo, ouvi alguns deles, com lágrimas correndo pelo rosto, falar com gratidão daquele alimento que lhes salvara a vida”.⁴¹

O Presidente Smith também sabia que havia grandes necessidades espirituais entre as pessoas do mundo após uma guerra tão devastadora. Em resposta a isso, ele tomou providências para reorganizar as missões nos países em que a guerra havia interrompido o trabalho missionário e incentivou os santos a colocar em prática o evangelho de paz em sua vida pessoal. “A maior prova de gratidão nesta época”, disse ele, pouco depois do fim da guerra, “é fazer tudo o que pudermos para proporcionar felicidade a este triste mundo, porque somos todos filhos de nosso Pai, e temos todos a obrigação de tornar este mundo um lugar mais feliz por termos vivido nele.

Vamos ser bondosos e atenciosos com todos os que necessitam disso, sem esquecer os desamparados; e em nossos momentos de regozijo pela paz, não nos esqueçamos daqueles que deram seus entes queridos como parte do preço pela paz. (...)

Oro para que os homens se voltem a Deus e obedeçam a Seus mandamentos, e assim salvem o mundo de mais conflitos e destruição. Oro para que a paz que somente pode vir de nosso Pai Celestial habite no coração e no lar de todos os que choram”.⁴²

Maiores Oportunidades de Compartilhar o Evangelho

O Presidente Smith continuou a compartilhar o evangelho com as pessoas em toda oportunidade que tinha, e essas oportunidades aumentaram com seu novo cargo. Em maio de 1946, o Presidente Smith tornou-se o primeiro Presidente da Igreja a visitar os santos no México. Além da reunião com os membros da Igreja e de falar em uma grande conferência, o Presidente Smith também visitou vários líderes governamentais importantes do México e conversou com eles sobre o evangelho restaurado. Durante uma entrevista com o presidente mexicano, Manuel Camacho, o Presidente Smith e seu grupo explicaram: “Temos uma mensagem especial para você e seu povo. Estamos aqui para contar-lhes a respeito de seus antepassados e do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Temos um livro que (...) fala de um grande profeta que, com sua família e outros, saiu de Jerusalém 600 anos antes de Cristo e veio a esta (...) grande terra da América, conhecida por eles como uma ‘terra de promessa, escolhida acima de todas as outras terras’. Esse Livro de Mórmon fala também da visita de Jesus Cristo a este continente, e conta que Ele organizou Sua Igreja e escolheu Seus doze discípulos”.

O Presidente Camacho, que expressou respeito e admiração pelos santos dos últimos dias que moravam em seu país, ficou muito interessado no Livro de Mórmon e perguntou: “Seria possível eu obter um exemplar do Livro de Mórmon? Nunca tinha ouvido falar dele”. O Presidente Smith, então, deu-lhe um exemplar encadernado em couro, em espanhol, com passagens de especial interesse alistadas nas primeiras páginas do livro. O Presidente Camacho disse: “Vou ler o livro inteiro, porque é de grande interesse para mim e para meu povo”.⁴³



O Monumento Este É o Lugar, que comemora a chegada dos pioneiros ao Vale do Lago Salgado, foi dedicado pelo Presidente Smith em 1947.

Comemoração do Centenário da Chegada dos Pioneiros

Um dos destaques dos seis anos em que George Albert Smith foi Presidente da Igreja ocorreu em 1947, quando a Igreja celebrou o centenário da chegada dos pioneiros ao Vale do Lago Salgado. O Presidente Smith supervisionou a comemoração, que atraiu atenção nacional e culminou com a dedicação do Monumento Este É o Lugar, em Salt Lake City, perto do local onde os pioneiros entraram no vale. Desde 1930, o Presidente Smith se envolvera no planejamento de um memorial para homenagear a fé e as conquistas dos pioneiros. Teve o cuidado, no entanto, de fazer com que o monumento também homenageasse os primeiros exploradores, missionários de outras religiões, e importantes líderes indígenas americanos daquela época.

Na dedicação do Monumento Este É o Lugar, George Q. Morris, que na época era presidente da Missão dos Estados do Leste, destacou o espírito de boa vontade, que ele atribuiu aos esforços do

Presidente Smith: “As contribuições do Presidente Smith para a fraternidade e tolerância se refletiram no serviço dedicatório. (...) O próprio monumento honrava em escultura — tanto quanto era possível numa escultura individual — os homens que fizeram história naquela região montanhosa do Oeste antes dos pioneiros mórmons, independentemente de raça ou religião. Quando o programa do serviço dedicatório estava sendo preparado, era desejo do Presidente Smith que todos os grupos religiosos fossem representados, além dos líderes governamentais da cidade, do condado e do estado. Um padre católico, um bispo protestante, um rabino judeu e representantes da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foram oradores de destaque. Um visitante do Leste, após o programa, fez esta observação: ‘Hoje tive um novo batismo espiritual. O que testemunhei não poderia ter acontecido em nenhum outro lugar do mundo. O espírito de tolerância que se manifestou hoje foi magnífico’”.⁴⁴

Embora o monumento de 60 metros fosse impressionante, o Presidente Smith ensinou que a melhor maneira de homenagear os pioneiros era seguir o seu exemplo de fé e devoção. Na oração dedicatória do monumento, ele disse: “Nosso Pai Que estás no céu, (...) estamos na Tua presença, nesta manhã, sobre esta tranquila colina, e olhamos para um grande monumento que foi erguido em honra de Teus filhos e Tuas filhas e da devoção deles. (...) Oramos para que possamos ser abençoados com o mesmo espírito que caracterizou aquelas pessoas fiéis que acreditavam em Ti e em Teu Filho Amado, que vieram a este vale porque desejavam viver aqui e Te adorar. Oramos para que o espírito de adoração e de gratidão possam continuar em nosso coração”.⁴⁵

Reflexões sobre a Vida aos 80 Anos

Apesar de sua idade avançada, durante a maior parte de sua presidência, o Presidente Smith foi capaz de cumprir suas responsabilidades, sem sofrer dos males físicos que o limitaram no passado. Em um artigo publicado em abril de 1950, perto de seu 80º aniversário, o Presidente Smith relembrou sua vida e observou como Deus o havia apoiado e abençoado:

“Nesses 80 anos, viajei mais de um milhão de milhas pelo mundo em nome do evangelho de Jesus Cristo. Estive em muitos climas e

em muitos países e em muitas nações e, desde minha infância, as pessoas foram amáveis e prestativas comigo, tanto os membros da Igreja quanto os não membros. Em todos os lugares onde estive, encontrei homens e mulheres nobres. (...)

(...) Quando penso que um indivíduo fraco e frágil como eu foi chamado para ser o líder dessa grande Igreja, percebo o quanto preciso de ajuda. Reconheço com gratidão a ajuda do meu Pai Celestial, e contínuo incentivo e companheirismo, por toda a vida, de muitos dos melhores homens e mulheres que podem ser encontrados em qualquer lugar do mundo, tanto em casa como no exterior.”

Ele passou a expressar o amor pelas pessoas a quem ele tinha servido durante tantos anos:

“Certamente é uma coisa abençoada estar associado a pessoas assim e, do fundo de minha alma, aproveito esta ocasião para agradecer a todos por sua bondade para comigo, e também aproveito esta ocasião para dizer a todos vocês: Nunca saberão o quanto os amo. Não tenho palavras para expressar. E quero me sentir assim em relação a cada filho e cada filha de meu Pai Celestial.

Vivi muito tempo, em comparação com a média dos seres humanos, e tive uma vida feliz. Não serão necessários muitos anos, no curso natural dos acontecimentos, até a convocação para o outro lado chegar para mim. Estou ansioso para que chegue esse momento, com agradável antecipação. E depois de 80 anos na mortalidade, viajando por muitas partes do mundo, associando-me com muitos grandes e bons homens e mulheres, testifico a vocês que eu sei hoje, mais do que eu sabia antes, que Deus vive, que Jesus é o Cristo; que Joseph Smith foi um profeta do Deus vivo, e que a Igreja que Ele organizou, sob a direção de nosso Pai Celestial, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (...) atua sob o poder e a autoridade do mesmo sacerdócio que foi conferido por Pedro, Tiago e João a Joseph Smith e Oliver Cowdery. Sei disso, como eu sei que eu vivo, e dou-me conta de que prestar esse testemunho para vocês é um assunto muito sério e que devo ser responsabilizado pelo meu Pai Celestial por esta e por todas as outras coisas que ensinei em Seu nome. (...) Com amor e bondade no meu coração para todos, presto este testemunho em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor.”⁴⁶



O Presidente Smith em seu escritório

Um ano depois, em seu 81º aniversário, no dia 4 de abril de 1951, George Albert Smith faleceu tranquilamente em sua casa, tendo ao lado seu filho e suas filhas.

Simple Atos de Serviço Amoroso

George Albert Smith realizou muito durante seus 81 anos — na Igreja, em sua comunidade e no mundo inteiro. Mas aqueles que o conheceram pessoalmente lembram-se mais de seus muitos gestos simples e humildes de bondade e amor. O Presidente David O. McKay, que oficiou no funeral do Presidente Smith, disse a respeito dele: “Verdadeiramente era uma alma nobre, que ficava mais feliz quando estava fazendo os outros felizes”.⁴⁷

O Élder John A. Widtsoe, membro do Quórum dos Doze Apóstolos, relatou uma experiência que teve ao tentar resolver um problema muito difícil e sério:

“Sentei-me na minha sala, um pouco cansado depois do trabalho do dia. (...) Estava exausto. Então alguém bateu à porta, e George

Albert Smith entrou. Ele disse: 'Estou a caminho de casa depois de um dia de trabalho. Pensei em você e nos problemas que você tem que resolver. Vim para consolá-lo e abençoá-lo'.

Assim era George Albert Smith. (...) Nunca me esquecerei disso. Conversamos por algum tempo, despedimo-nos, e ele voltou para casa. Meu coração foi inspirado. Já não estava mais cansado.

O amor (...) não é uma simples palavra ou uma sensação interior. Para ser um amor digno, deve ser posto em ação. O Presidente Smith fez isso naquela ocasião. Doou de seu tempo, de sua própria força, para mim."⁴⁸

O Élder Matthew Cowley, que também era membro do Quórum dos Doze e amigo próximo do Presidente Smith, prestou-lhe homenagem no funeral da seguinte maneira:

"Todos os angustiados, todos os afligidos por doenças ou por outras adversidades que estiveram na presença deste filho de Deus foram abençoados pela virtude e força que dele emanavam. O fato de estar em sua presença era uma cura, se não física, então realmente espiritual. (...)

(...) Deus atrai os piedosos, e estou certo de que a jornada mais curta que este homem de Deus já fez em todas as suas viagens foi a que ele acaba de fazer. Deus é amor. George Albert Smith é amor. Ele é divino. Deus o levou para junto de Si.

(...) Não podemos honrar uma vida como esta com palavras. Elas não são adequadas. Há apenas uma maneira de honrar sua força, sua doçura de caráter, suas grandes qualidades de amor, que é com os nossos atos. (...)

Sejamos todos um pouco mais dispostos a perdoar, um pouco mais ternos em nossos relacionamentos uns com os outros, um pouco mais atenciosos uns com os outros, um pouco mais generosos com os sentimentos uns dos outros."⁴⁹

No túmulo de George Albert Smith há a seguinte inscrição. Ela fornece um resumo adequado de sua vida de serviço amoroso:

"Ele compreendeu e divulgou os ensinamentos de Cristo e foi extraordinariamente bem-sucedido ao colocá-los em prática. Foi gentil, paciente, sábio, tolerante e compreensivo. Seguiu fazendo o

bem. Amava Utah e a América, mas seus interesses não se limitavam a seu próprio país ou povo. Tinha fé, sem reservas, na necessidade e no poder do amor. Tinha afeição ilimitada por sua Igreja e sua família, e lhes serviu apaixonadamente. No entanto, seu amor não era limitado, mas incluía todos os homens, independentemente de raça, credo ou situação. Para eles e a respeito deles, ele frequentemente dizia: ‘Somos todos filhos de nosso Pai.’”

Notas

1. D. Arthur Haycock, “A Day with the President”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 288.
2. Ver “Pres. Smith’s Leadership Address”, *Deseret News*, 16 de fevereiro de 1946, seção da Igreja, p. 6.
3. “Mothers of Our Leaders”, *Relief Society Magazine*, junho de 1919, pp. 313–314.
4. “To the Relief Society”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, pp. 707–708.
5. “After Eighty Years”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 263.
6. “Pres. Smith’s Leadership Address”, p. 1.
7. Merlo J. Pusey, *Builders of the Kingdom* (1981), p. 209.
8. Diário de Lucy Woodruff, 5 de fevereiro de 1888, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 138, volume 1.
9. Emily Stewart Smith, “Some Notes about President George Albert Smith”, maio de 1948, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 5, p. 3.
10. Emily Stewart Smith, “Some Notes about President George Albert Smith”, p. 5.
11. J. Golden Kimball, carta datada de 18 de março de 1893, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 72, pasta 12.
12. J. Golden Kimball, carta datada de 30 de junho de 1893, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 72, pasta 15.
13. “How My Life Was Preserved”, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 121, livro de recortes 1, pp. 43–44.
14. “How My Life Was Preserved”, p. 43.
15. Edith Smith Elliott, “No Wonder We Love Him”, *Relief Society Magazine*, junho de 1953, pp. 366, 368.
16. Ver *Builders of the Kingdom*, p. 240.
17. Ver *Builders of the Kingdom*, pp. 224–225.
18. Emily Smith Stewart, “Pres. Smith Mementos At Y.” *Deseret News*, 14 de outubro de 1967, seção da Igreja, pp. 6–7.
19. George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 100, pasta 23, p. 11.
20. John F. Fitzpatrick, Conference Report, abril de 1951, p. 172.
21. Diário de George Albert Smith, 27 de outubro de 1906, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 73, volume 3, p. 70.
22. Ver Diário de George Albert Smith, 30 de outubro de 1906, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 73, volume 3, p. 72.
23. Ver Francis M. Gibbons, *George Albert Smith: Kind and Caring Christian, Prophet of God* (1990), pp. 208–209.
24. Glenn R. Stubbs, “A Biography of George Albert Smith, 1870 to 1951” (dissertação de doutorado, Universidade Brigham Young, 1974), p. 295.
25. Ver Bryant S. Hinckley, “Greatness in Men: Superintendent George Albert Smith”, *Improvement Era*, março de 1932, pp. 270, 271.
26. Ver “A Biography of George Albert Smith”, p. 283.
27. Irene Jones, “The Understanding Heart”, *Improvement Era*, julho de 1940, p. 423.
28. “Your Good Name”, *Improvement Era*, março de 1947, p. 139.
29. Conference Report, outubro de 1921, p. 42.
30. Diário de George Albert Smith, 5 de novembro de 1937, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 74, volume 11, pp. 83–84.

31. Conference Report, junho de 1919, pp. 42, 44.
32. Conference Report, outubro de 1950, p. 8.
33. James Gunn McKay, "A Biography of George Albert Smith", p. 141.
34. George Q. Morris, "Perpetuating Our Ideals through Markers and Monuments", *Improvement Era*, abril de 1950, p. 284.
35. Ver "Markers and Monuments", p. 284.
36. Carta para Leslie O. Loveridge, 15 de março de 1937, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 67, pasta 25.
37. "To the Relief Society", *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, pp. 705-706.
38. Conference Report, outubro de 1945, p. 18.
39. Ver *Builders of the Kingdom*, pp. 315-316.
40. Joseph F. Smith, Conference Report, outubro de 1945, pp. 31-32; Joseph F. Smith era Patriarca da Igreja e neto do Presidente Joseph F. Smith, sexto Presidente da Igreja.
41. Gordon B. Hinckley, Conference Report, abril de 1992, p. 75; ou *Ensign*, maio de 1992, p. 52.
42. "Some Thoughts on War, and Sorrow, and Peace", *Improvement Era*, setembro de 1945, p. 501.
43. Ver Arwell L. Pierce, Conference Report, abril de 1951, pp. 112-113.
44. "Markers and Monuments", pp. 284-285.
45. "Dedicatory Prayer", *Improvement Era*, setembro de 1947, p. 571.
46. "After Eighty Years", pp. 263-264.
47. David O. McKay, Conference Report, abril de 1951, p. 3.
48. John A. Widtsoe, Conference Report, abril de 1951, p. 99.
49. Matthew Cowley, Conference Report, abril de 1951, pp. 168-169.



Viver o Que Acreditamos

*Nossa religião precisa encontrar
expressão em nossa vida diária.*

Da Vida de George Albert Smith

Quando tinha 34 anos, George Albert Smith fez uma lista de resoluções que chamou de seu “credo pessoal” — onze ideais pelos quais se comprometeu a viver:

“Serei amigo dos que não têm amigos e terei alegria em ministrar às necessidades dos pobres.

Visitarei os doentes e aflitos e inspirarei neles o desejo de ter fé para serem curados.

Ensinarei a verdade de modo que toda humanidade compreenda e seja abençoada.

Buscarei a ovelha perdida e tentarei trazê-la de volta a uma vida justa e feliz.

Não procurarei forçar as pessoas a viver segundo meus ideais, mas as incentivarei com amor a fazer o que é certo.

Viverei no meio das pessoas e as ajudarei a resolver seus problemas para que sua vida na Terra seja feliz.

Evitarei a publicidade dos altos cargos e desencorajarei os elogios de amigos inconsequentes.

Não ferirei deliberadamente os sentimentos de qualquer pessoa, nem daquele que me fez mal, mas procurarei fazer-lhe o bem e torná-lo meu amigo.

Vencerei a tendência ao egoísmo e à inveja e me regozijarei com o sucesso de todos os filhos de meu Pai Celestial.

Não serei inimigo de nenhuma alma vivente.

Sabendo que o Redentor da humanidade ofereceu ao mundo o único plano que vai desenvolver-nos plenamente e tornar-nos realmente felizes nesta vida e na eternidade, sinto que tenho não apenas o dever mas o privilégio abençoado de divulgar essa verdade.”¹ [Ver sugestão 1 da página 9.]

Aqueles que conheceram o Presidente Smith disseram que ele realmente viveu de acordo com esse credo. Ezra Taft Benson, que na época era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, relatou uma ocasião em que o Presidente Smith foi fiel a sua resolução de “visitar os doentes e aflitos e inspirar neles o desejo de ter fé para serem curados”:

“Nunca deixarei de ser grato pelas visitas que fez à minha família enquanto eu estava [fora] servindo como humilde missionário. (...) Sinto-me particularmente grato por uma visita na calada da noite, quando nossa filhinha estava às portas da morte. Sem avisar, o Presidente Smith encontrou tempo para ir a nossa casa e impor as mãos sobre a cabeça daquela criança, nos braços da mãe, como estivera por muitas horas, e prometer-lhe completa recuperação. Esse era o Presidente Smith. Ele sempre tinha tempo para ajudar, em especial os enfermos, os que mais necessitavam dele.”²

Spencer W. Kimball relatou outra ocasião em que os atos do Presidente Smith demonstraram sua convicção de fazer o bem “[àquele] que [lhe] fez mal”:

“Contaram [ao Presidente Smith] que alguém roubara de sua charrete a vestimenta que usava quando a dirigia. Em vez de ficar zangado, respondeu: ‘Gostaria de saber quem foi, para dar-lhe o cobertor também, pois, seja quem for, deve estar passando frio; e poderia dar-lhe algum alimento, pois deve estar passando fome também.’”³

Outra pessoa escreveu o seguinte sobre George Albert Smith: “Sua religião não é feita de doutrinas indiferentes e impessoais. Não é teoria. Significa mais para ele do que um belo plano a ser admirado. É mais do que uma filosofia de vida. Para alguém com uma mente prática como a dele, a religião é o espírito no qual vive o homem, no qual ele faz coisas, mesmo que seja apenas para dizer uma palavra bondosa ou oferecer um copo de água fresca. Sua religião precisa encontrar expressão em ações. Precisa ser incorporada aos detalhes da vida cotidiana”.⁴

O Presidente J. Reuben Clark Jr., um de seus conselheiros na Primeira Presidência, descreveu a integridade pessoal do Presidente Smith com estas palavras: “Ele foi uma daquelas poucas pessoas que podemos dizer que vivia o que ensinava”.⁵

Ensinamentos de George Albert Smith

Nossa obediência ao evangelho — e não o simples fato de sermos membros da Igreja — nos qualifica a sermos chamados de santos.

A adoração na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é uma vida devotada, o desejo de sermos dignos Daquele à imagem de Quem fomos criados e Que nos deu tudo (...) que vale a pena — o evangelho de Jesus Cristo.⁶

Que coisa boa é sentir que pertencemos a uma Igreja que é ou deveria ser composta de santos. Não é suficiente termos nosso nome nos registros. É importante que levemos uma vida que nos dê o direito de sermos chamados de santos e, se fizermos isso, seremos felizes. (...)

Quando Jesus de Nazaré veio ao mundo e começou a pregar o evangelho do Reino, houve muitos, em especial os fariseus hipócritas, que rejeitaram Sua mensagem, alegando que eram descendentes de Abraão e dando a entender que sua linhagem os salvaria no Reino de Deus.

O Salvador informou-lhes que, se fossem filhos de Abraão, deveriam fazer as obras de Abraão. [Ver João 8:33–39.] Gostaria de dizer aos santos dos últimos dias que, se formos dignos de ser chamados santos dos últimos dias, será porque levamos uma vida de santos, e o propósito do evangelho é qualificar-nos dessa forma. O mundo chegou a uma condição tal, tendo por tanto tempo sido enganado pelo adversário, a ponto de declarar que a mera crença em Deus é tudo de que necessitamos para a salvação, que temo pelo que lhe virá a acontecer. Isso é apenas um estratagema do adversário.⁷ [Ver sugestão 2 da página 9.]

O assim chamado “mormonismo” é o evangelho de Jesus Cristo; conseqüentemente é o poder de Deus para a salvação de todos os que acreditam em Seus ensinamentos e obedecem a eles. Não são



“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.”

os que dizem “Senhor, Senhor” que gozam da companhia de Seu espírito, mas aqueles que fazem Sua vontade [ver Lucas 6:46].⁸

Consultando o versículo 24 do capítulo 7 de Mateus, encontrei o seguinte:

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;

E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda.” [Mateus 7:24–27]

Quantos de nós, ao conhecer a vontade do Pai, a cumprimos? Quantos de nós edificam dia a dia um alicerce e erguem um prédio que será condizente com a dignidade da estatura de nosso Mestre? ‘Sim, o homem é o tabernáculo de Deus, ou melhor, templos; e qualquer templo que for profanado, Deus destruirá esse templo.’ [D&C 93:35] Ele nos deu mais inteligência e sabedoria do que a nossos semelhantes. Os santos dos últimos dias receberam o conhecimento da vida pré-mortal; o conhecimento de que estamos aqui porque guardamos nosso primeiro estado, e que nos foi concedida a oportunidade de alcançar a vida eterna na presença de nosso Pai Celestial, se guardarmos nosso segundo estado. Não seremos julgados como nossos irmãos e nossas irmãs do mundo, mas de acordo com as oportunidades maiores que nos foram confiadas. Estaremos entre aqueles que receberam a palavra do Senhor, que ouviram Seus ensinamentos e, se os cumprimos, isso será para nós vida eterna, mas se deixarmos de fazê-lo, o resultado será a condenação.⁹

Vamos agir de modo melhor do que jamais fizemos. Vamos renovar nossa determinação de ser verdadeiros santos dos últimos dias, não apenas na aparência. (...) Não conheço ninguém que não possa agir um pouco melhor do que tem feito, se assim decidir em sua mente.¹⁰

**Nosso Pai Celestial espera que nos
preparemos para Suas bênçãos prometidas e
que vivamos de modo a ser dignos delas.**

Abri o capítulo vinte e dois do relato de Mateus, acerca dos ensinamentos do Salvador, e vou ler essa mesma parábola:

“Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo:

O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho;

E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, (...)

E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias.

E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu.

Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” [Ver Mateus 22:1-3, 11-14.] (...)

(...) Havia um homem que foi ao banquete nupcial e, quando chegou a hora, o rei ou o mestre viu que ele não trajava a veste nupcial. Aparentemente, ele havia ignorado a importância dela. Tinha ido ao banquete sem estar preparado, esperando participar. Tinha ido ao banquete — todos tinham sido convidados, mas presumo que eles deviam saber que somente seriam admitidos os que estivessem devidamente trajados, e aquele homem ficou surpreso quando lhe perguntaram por que estava ali naquelas condições.

O mundo parece achar que pode chegar quando bem quiser. Os filhos de nosso Pai não compreendem que há uma preparação a ser feita. O adversário os enganou de tal maneira que os fez acreditar que não é necessária nenhuma preparação, que qualquer coisa serve, mas, na mensagem que o Senhor transmitiu naquela parábola a Seus companheiros, somos informados de que são necessários alguns preparativos e que, sem isso, ninguém terá a permissão de partilhar das dádivas mais preciosas de nosso Pai Celestial. Isso se aplica aos membros desta Igreja que pensam que, por terem sido convidados e como o nome deles consta no registro daqueles que foram chamados, não precisam fazer mais nada. (...) Eles se esqueceram do Senhor e não estão se preparando para o banquete para o qual foram convidados.

Nosso Pai Celestial deseja que nos preparemos para o banquete nupcial, caso contrário seremos excluídos. Ele espera que continuemos a entesourar a verdade em nossa mente e a divulgar essa verdade a todos os Seus filhos, à medida que tenhamos a oportunidade de fazê-lo. O fato de nosso nome constar nos registros da Igreja não é garantia de que teremos um lugar no reino celestial. Somente aqueles que vivem de modo digno de ser membros daquele reino encontrarão seu lugar ali.

Em meio às condições conturbadas e às incertezas que existem no mundo, se há uma época em que nos devemos examinar, para descobrir se estamos fazendo o que o Senhor deseja que façamos, essa época é hoje; se há um momento em que devemos estar seguros de que estamos no caminho da vida eterna, esse momento é agora. Não podemos menosprezar essas oportunidades. Deus não será escarnecido. Se Ele nos oferece uma dádiva, se coloca uma bênção a nosso alcance, se nos convida a participar de um banquete e ignoramos essas coisas, podemos ter a certeza de que sofreremos a angústia que há de vir aos que recusam as bênçãos do Senhor, quando lhes são oferecidas.¹¹

Não podemos viver à maneira do mundo e esperar obter nosso lugar de direito no Reino. O Senhor nos diz na primeira seção de Doutrina e Convênios, com referência ao mal, que Ele não pode encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância [ver D&C 1:31]. Isso é algo difícil de aceitar, porque alguns de nós na Igreja temos a noção de que podemos deixar de levar a sério o evangelho de nosso Senhor e os fundamentos da Vida Eterna e, ainda assim, alcançar o lugar que queremos. Isso não é verdade. O Senhor será misericordioso, mas será justo e, se quisermos qualquer bênção, só há um meio de obtê-la, que é pelo cumprimento dos mandamentos que vão tornar-nos dignos dessa bênção.¹² [Ver a sugestão 3 da página 10.]

Se estivermos cumprindo todo o nosso dever, nossa vida comprova nossa crença no evangelho.

No ano passado, tive o privilégio de reunir-me e conversar sobre o evangelho com alguns homens que moram nesta comunidade [Salt Lake City], mas não são membros de nossa Igreja. Um homem morou aqui por vinte anos, um homem cuja vida está acima de qualquer repreensão, um bom cidadão, um esplêndido empresário, um homem que tem bons sentimentos em relação a nosso povo. Ele me disse que havia morado aqui por vinte anos e que chegou à conclusão de que éramos tão bons vizinhos quanto os membros das outras igrejas; que ele não via nenhuma diferença em nós.

Quero dizer a vocês, meus irmãos e minhas irmãs, que para mim isso não foi um cumprimento. Se o evangelho de Jesus Cristo não me torna um homem melhor, então eu não me desenvolvi tanto



“Se estamos estendendo a mão para todas as direções de modo a fazer o bem aos filhos de nosso Pai, então (...) nos regozijaremos com o bem que realizarmos aqui.”

quanto deveria e, se nossos vizinhos que não são da Igreja podem morar em nosso meio ano após ano sem ver nenhuma comprovação dos benefícios do cumprimento dos mandamentos de Deus em nossa vida, então há a necessidade de haver reformas em Israel. (...)

(...) Vocês estão cumprindo seu dever? Estamos realizando o trabalho que o Senhor nos confiou? Sentimos a responsabilidade que temos? Ou será que estamos flutuando ociosamente corrente abaixo, seguindo a maré, achando que no último dia seremos redimidos? ¹³

Fomos chamados de povo adquirido [ver I Pedro 2:9] talvez porque acreditemos plenamente no evangelho de Jesus Cristo. (...)

Se somos tão peculiares a ponto de viver de acordo com cada palavra que procede da boca de nosso Pai Celestial [ver D&C 84:44], então devemos ser realmente um povo abençoado. Em grande

parte, vivemos de acordo com o testemunho que recebemos de nosso Redentor e, portanto, temos sido até aqui um povo abençoado; mas seríamos ainda mais abençoados e prósperos se conseguíssemos cumprir plenamente nosso dever.

Oro para que o espírito que nos permitirá servir fielmente esteja conosco, que o desejo de fazer o bem possa vencer as tentações que são colocadas em nosso caminho e que, onde quer que estejamos, as pessoas que observam nossas boas obras sejam motivadas a glorificar nosso Pai que está no céu [ver Mateus 5:16].¹⁴

Examinemos nossa vida. Estamos fazendo tanto quanto deveríamos? E, se não estivermos, vamos dar a volta e agir de modo melhor. Se estamos fazendo o que deveríamos, se estamos estendendo a mão para todas as direções, de modo a fazer o bem aos filhos de nosso Pai, então faremos cair sobre nós as bênçãos de um Pai que é sábio em todas as coisas e nos regozijaremos com o bem que realizarmos aqui. (...)

Vamos ser humildes e fervorosos, achegando-nos a nosso Pai Celestial, e comprovemos nossa crença no evangelho de Jesus Cristo vivendo à altura de seus princípios. Vamos dar provas de nossa fé em Deus e na obra que Ele nos deu nesta Terra, por meio de uma vida correta e constante, porque, afinal de contas, esse é o testemunho mais forte que poderemos prestar da veracidade desta obra.¹⁵ [Ver a sugestão 4 da página 10.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Ao estudar o credo do Presidente Smith (páginas 1–2), pense em alguns ideais ou princípios que você gostaria de seguir em sua própria vida. Você pode registrá-los em um diário pessoal.
2. Leia os quatro primeiros parágrafos da página 3. O que significa ser um santo dos últimos dias? O que um pai ou uma mãe pode fazer para ajudar os filhos a aprenderem a levar uma vida de santo?

3. Ao ler a seção que começa na página 5, pense em como a parábola do banquete de núpcias se aplica a sua vida (ver também Mateus 22:1–14). Por exemplo: o que você acha que o banquete de núpcias representa? Quem representam os convidados? Pondere o que pode fazer para “preparar-se para o banquete nupcial” (página 6).
4. Leia o último parágrafo dos ensinamentos (na página 9) e pense em alguém que você conhece que tenha um forte testemunho do evangelho. Como a vida dessa pessoa comprova o testemunho que ela tem? Pense no que pode fazer para dar provas de seu testemunho.

Escrituras correlatas: Mateus 7:16–23; Tiago 1:22–25; 2:15–18; I João 2:3–6; Morôni 7:3–5; Doutrina e Convênios 41:5

Auxílio didático: “Para ajudar-nos a ensinar a partir das escrituras e das palavras dos profetas modernos, a Igreja produziu manuais de lições e outros materiais. Não há muita necessidade de utilizarmos outras obras com comentários ou outros materiais de referência” (*Ensino, Não Há Maior Chamado: Um Guia de Recursos para o Ensino do Evangelho* [1999], p. 52).

Notas

1. “President George Albert Smith’s Creed”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 262.
2. Ezra Taft Benson, Conference Report, abril de 1951, p. 46.
3. Spencer W. Kimball, *O Milagre do Perdão* (1969), p. 284.
4. Bryant S. Hinckley, “Greatness in Men: Superintendent George Albert Smith”, *Improvement Era*, março de 1932, p. 270.
5. J. Reuben Clark Jr., em Doyle L. Green, “Tributes Paid President George Albert Smith”, *Improvement Era*, junho de 1951, p. 405.
6. Conference Report, abril de 1949, p. 8.
7. “The Church with Divine Authority”, *Deseret News*, 28 de setembro de 1946, seção da Igreja, pp. 1, 6.
8. Conference Report, abril de 1913, pp. 28–29.
9. Conference Report, outubro de 1906, p. 47.
10. Conference Report, abril de 1941, p. 27.
11. Conference Report, outubro de 1930, pp. 66–68.
12. Conferência de setentas e missionários de estaca, 4 de outubro de 1941, p. 6.
13. Conference Report, outubro de 1916, p. 49.
14. “Some Points of ‘Peculiarity’”, *Improvement Era*, março de 1949, p. 137.
15. Conference Report, abril de 1914, p. 13.



“Amarás o Teu Próximo Como a Ti Mesmo”

*O ato de estender a mão para as pessoas com amor e
compaixão é essencial ao evangelho de Jesus Cristo.*

Da Vida de George Albert Smith

George Albert Smith era conhecido por sua capacidade de amar as pessoas. O Presidente J. Reuben Clark Jr., um de seus conselheiros na Primeira Presidência, disse o seguinte a respeito dele: “Seu verdadeiro nome era Amor. (...) Ele expressava seu amor a todos os que encontrava. E ofertava seu amor a todos os que não conhecia”.¹

O amor que o Presidente Smith tinha pelas pessoas emanava de sua sincera convicção de que todos somos irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai Celestial. Quase no fim de sua vida, ele disse aos santos:

“Não tenho um inimigo que seja de meu conhecimento, e não há ninguém no mundo por quem eu tenha inimizade. Todos os homens e todas as mulheres são filhos do meu Pai, e procurei durante toda a vida observar a sábia orientação do Redentor da humanidade — amar meu próximo como a mim mesmo. (...) Vocês nunca saberão o quanto os amo. Não tenho palavras para expressar. E quero sentir-me assim em relação a todo filho e a toda filha de meu Pai Celestial.”²

O Presidente Smith demonstrou seu amor pelas pessoas por meio de incontáveis atos de compaixão. Um observador comentou: “É característico do Presidente Smith deixar o que está fazendo para consolar pessoas e abençoar muitos que estão enfermos, que estão desanimados e que têm motivo para ser gratos por seu vivaz incentivo. Não é incomum vê-lo, antes e depois do horário de trabalho, andando pelos corredores do hospital, entrando em quarto após quarto, abençoando, encorajando e animando com sua visita



“O evangelho nos ensina a ter caridade por todos e a amar nossos semelhantes.”

inesperada em lugares nos quais sua grata presença consoladora e tranquilizadora é tão bem-vinda. (...) É característico dele ir aonde quer que sinta que possa dar uma ajuda e um incentivo”.³

O Presidente Thomas S. Monson relatou um exemplo específico de uma ocasião em que o Presidente Smith parou o que fazia para demonstrar amor a alguém necessitado:

“Numa manhã fria de inverno, a equipe de limpeza de ruas [de Salt Lake City] removia grandes pedaços de gelo dos bueiros. O grupo habitual era auxiliado por trabalhadores temporários que necessitavam desesperadamente de trabalho. Um deles usava apenas um leve suéter, e era visível que sofria com o frio. Um homem esguio, com uma bem cuidada barba, parou ao lado deles e comentou: ‘Você precisa de mais agasalho do que esse suéter, numa manhã como esta. Onde está seu capote?’ O trabalhador respondeu que não tinha capote. Então o passante tirou seu próprio sobretudo e o entregou ao homem, dizendo: ‘Este capote é seu. É de lã grossa e vai mantê-lo agasalhado. Eu trabalho logo ali do outro lado’. Era a rua South Temple. O bom samaritano que entrou no Edifício de Administração da Igreja para o trabalho diário, sem o seu sobretudo, era o Presidente George Albert Smith, da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Aquela demonstração de abnegada generosidade revelou um coração terno. Sem dúvida, ele era o guardador de seu irmão.”⁴ [Ver sugestão 1 da página 18.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Todas as pessoas são nossos irmãos e nossas irmãs, filhos de nosso Pai Celestial.

Consideramos todos os homens nossos irmãos, todas as mulheres nossas irmãs. Contemplamos o rosto de todo ser humano que há no mundo como um filho de nosso Pai, e creio que, por ter sido criado à imagem do Pai, cada um deles possui uma centelha de divindade que, se for desenvolvida, vai preparar-nos para retornar a Sua presença. (...)

Esse é nosso entendimento do propósito de nossa existência no mundo, e isso explica nosso interesse pelo próximo. Muitos supõem que somos exclusivistas, e alguns acham que cuidamos

apenas dos de nosso grupo. A verdade é que consideramos toda criança nascida neste mundo um filho ou uma filha de Deus, nosso irmão ou nossa irmã, e sentimos que nossa felicidade não será completa no reino dos céus a menos que desfrutemos da companhia de nossa família e de nossos amigos e conhecidos, a favor dos quais dedicamos tanto de nosso tempo aqui na Terra.⁵

Quando penso nos meus sentimentos e no meu afeto em relação à família de meu Pai, a família humana, lembro-me de algo que meu pai terreno me disse, e acho que provavelmente herdei isso dele. Ele disse: “Nunca vi um filho de Deus em situação de extrema degradação sem que eu tivesse o impulso de inclinar-me para erguê-lo, colocá-lo de pé e ajudá-lo a reiniciar a vida”. Gostaria de dizer que nunca na vida olhei para um dos filhos de meu Pai sem sentir que ele era meu irmão e que Deus ama cada um de Seus filhos”.⁶

Como o mundo seria feliz se todos os homens reconhecessem seus semelhantes como irmãos e irmãs, e depois agissem de acordo, amando o próximo como a si mesmos.⁷ [Ver sugestão 2 da página 18.]

O evangelho de Jesus Cristo nos ensina a amar todos os filhos de Deus.

O evangelho nos ensina a ter caridade por todos e a amar nossos semelhantes. O Salvador disse:

“E Jesus disse-lhes: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.” [Mateus 22:37–40]

Irmãos e irmãs, se o evangelho de Jesus Cristo, conforme lhes foi divulgado, não plantou em seu coração esse sentimento de amor pelos semelhantes, então quero dizer-lhes que vocês não desfrutaram a plenitude da maravilhosa dádiva que veio à Terra quando esta Igreja foi organizada.⁸ [Ver sugestão 3 da página 18.]

Nosso ministério é um ministério de amor. Nosso serviço enriquece nossa vida. (...) Se vivermos como Deus deseja que vivamos,



“Vamos mostrar com nossa conduta (...) que realmente cumprimos aquele grande mandamento (...): ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo.’”

se ministrarmos como Ele deseja que ministremos, todos os dias de nossa vida serão enriquecidos pela influência de Seu Espírito, nosso amor ao semelhante aumentará e nossa alma se engrandecerá até que sintamos que podemos tomar nos braços todos os filhos de Deus, com o desejo de abençoá-los e de levá-los à compreensão da verdade.⁹

Como membros da Igreja de Cristo, devemos guardar Seus mandamentos e amar uns aos outros. Depois, nosso amor deve ultrapassar as fronteiras da Igreja com a qual nos identificamos e estender-se aos filhos dos homens.¹⁰

Vamos mostrar com nossa conduta, nossa gentileza, nosso amor, nossa fé que realmente cumprimos aquele grande mandamento que o Salvador disse ser semelhante ao primeiro grande mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.¹¹

Exercemos caridade quando estendemos a mão para os que necessitam de ajuda e incentivo.

É impossível avaliar o resultado de o que o amor e a caridade podem proporcionar ao mundo. Todo ramo, toda ala e toda missão e missão têm a oportunidade de irradiar a luz do sol, promover a felicidade, erguer os desanimados e levar alegria e consolo aos angustiados.¹²

O Senhor disse o seguinte:

“Vede que vos ameis uns aos outros; cessai de ser cobiçosos; aprendei a repartir uns com os outros, como requer o evangelho. (...)”

E sobretudo, como que com um manto, revesti-vos do vínculo da caridade, que é o vínculo da perfeição e paz.” [D&C 88:123, 125] (...)

(...) Vocês estão seguindo esse conselho referente à caridade? Quero dizer-lhes que, neste período específico de nossa vida, precisamos exercer caridade, não apenas doar do que temos para os necessitados, mas precisamos ter caridade para com as fraquezas, as falhas e os erros dos filhos de nosso Pai.¹³

Se encontrarmos um homem ou uma mulher que não teve sucesso na vida, que está enfraquecido na fé, não devemos lhe voltar as costas. Precisamos visitá-lo, com bondade e amor, incentivando-o a desviar-se do caminho errado que tomou. A oportunidade de realizar um trabalho individual entre nosso povo está presente em toda parte. Há poucos homens e poucas mulheres nesta Igreja que não teriam condições, se assim o desejassem, de sair um pouco do círculo de pessoas com quem nos identificamos e dizer uma palavra bondosa ou ensinar a verdade para alguns dos filhos de nosso Pai. (...) Esta é a obra de nosso Pai. É a coisa mais importante com que nos identificaremos nesta vida.¹⁴

Em meu coração há somente boa vontade para com a humanidade. Não tenho nenhum rancor no coração para com nenhum ser humano vivo. Conheço alguns que gostaria de que se comportassem um pouco melhor do que fazem, mas isso é problema deles, não meu. Se eu puder abraçá-los e ajudá-los a voltar à estrada da felicidade, ensinando-lhes o evangelho de Jesus Cristo, minha



“[Vamos] irradiar a luz do sol, promover a felicidade, erguer os desanimados e levar alegria e consolo aos angustiados.”

felicidade aumentará com isso. (...) Não podemos forçar as pessoas a fazer o certo, mas podemos influenciá-las a fazê-lo com nosso amor, se nosso exemplo for tal que elas possam ver que somos sinceros no que dizemos.¹⁵ [Ver sugestão 4 da página 19.]

A verdadeira felicidade advém de amar e servir ao próximo.

Não se esqueçam de que, por mais que doem em dinheiro, por mais que desejem as coisas deste mundo para torná-los felizes, sua felicidade será proporcional à caridade, à bondade e ao amor que dedicarem às pessoas com quem se associam aqui na Terra. Nosso Pai Celestial disse de modo bem claro que aquele que diz que ama a Deus e não ama seu irmão não diz a verdade [ver I João 4:20].¹⁶

Não é apenas o que recebemos que nos torna felizes, é o que damos e, quanto mais dermos daquilo que é inspirador e enriquecedor para os filhos de nosso Pai, mais vamos querer fazê-lo. Isso

crece como uma grande fonte de vida que borbulha até a felicidade eterna.¹⁷

Quando nossa vida aqui neste mundo terminar, teremos a nosso favor todas as boas ações que fizemos, todo ato de bondade que realizamos, todo empenho que exercemos em benefício de nossos semelhantes. (...)

(...) Demonstremos nossa gratidão pelo que o Senhor nos deu servindo-O, e nós O servimos quando fazemos o bem para Seus filhos. De graça recebemos, de graça damos [ver Mateus 10:8]. Com o coração aquecido pelo amor e pela benignidade ao próximo, prossigamos com firmeza até o julgamento final, quando seremos avaliados. Então, se tivermos melhorado nossos talentos, se tivermos sido honestos, fiéis, castos, benevolentes e caridosos, e tivermos procurado elevar toda alma com quem nos associamos, se tivermos vivido à altura da luz que recebemos e disseminado essa luz sempre que houve oportunidade, quão felizes seremos e como nosso coração se encherá de gratidão ao recebermos do Criador do céu e da Terra este agradável elogio: “Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”. [Mateus 25:21]¹⁸ [Ver sugestão 5 da página 19.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pense em maneiras de demonstrar amor, como fez o Presidente Smith (ver páginas 11–13). Por exemplo: como podemos demonstrar amor no cumprimento de nossas atribuições como mestres familiares e professoras visitantes?
2. Ao estudar a primeira seção dos ensinamentos (páginas 13–14), pense em como a aplicação desses ensinamentos pode melhorar seu relacionamento com seus vizinhos, colegas de trabalho, familiares e outras pessoas.
3. Leia os últimos parágrafos da página 14. Quais são alguns ensinamentos ou algumas histórias das escrituras que o inspiram a amar e servir ao próximo?

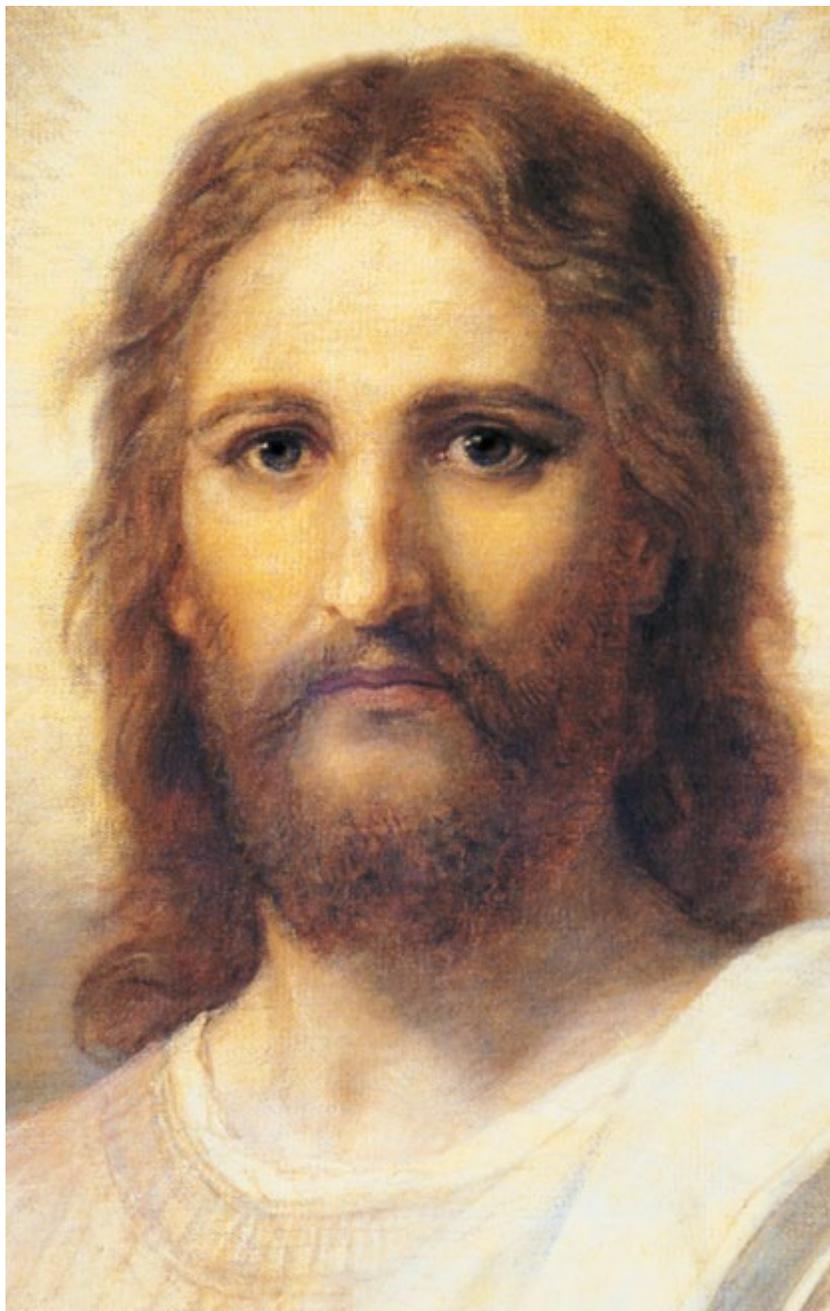
4. Estude a seção que começa na página 16, especialmente os dois últimos parágrafos. Pense em alguém que esteja fora do “círculo de pessoas com quem você se identifica”. O que especificamente você pode fazer para estender a mão para essa pessoa?
5. Pondere os ensinamentos do Presidente Smith das páginas 17–18. Que experiências você teve que lhe ensinaram que encontramos a verdadeira felicidade quando fazemos outros felizes?

Escrituras correlatas: Mateus 5:43–44; 25:34–40; Lucas 10:25–37; João 13:34–35; I João 4:7–8; 1 Néfi 11:16–25; Morôni 7:44–48

Auxílio didático: “Grande parte do ensino na Igreja é feito com rigidez, como se fosse um sermão. Não reagimos muito bem a sermões em salas de aula. Nós o fazemos na reunião sacramental e nas conferências, mas o ensino pode ter duas mãos de direção, para que possa haver perguntas. Você pode facilmente incentivar perguntas em uma classe” (Boyd K. Packer, “Princípios do Ensino e do Aprendizado”, *A Liahona*, junho de 2007, p. 55).

Notas

1. J. Reuben Clark Jr., “No Man Had Greater Love for Humanity Than He”, *Deseret News*, 11 de abril de 1951, seção da Igreja, pp. 10, 12.
2. “After Eighty Years”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 263.
3. Richard L. Evans, “Anniversary”, *Improvement Era*, abril de 1946, p. 224.
4. Conference Report, abril de 1990, p. 62; ou *Ensign*, maio de 1990, p. 47.
5. “Mormon View of Life’s Mission”, *Deseret Evening News*, 27 de junho de 1908, seção da Igreja, p. 2.
6. “Pres. Smith’s Leadership Address”, *Deseret News*, 16 de fevereiro de 1946, p. 6.
7. Conference Report, outubro de 1949, p. 149.
8. Conference Report, abril de 1922, p. 52.
9. Conference Report, outubro de 1929, p. 24.
10. Conference Report, abril de 1905, p. 62.
11. Conference Report, abril de 1949, p. 10.
12. “To the Relief Society”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, p. 704.
13. “Saints Blessed”, *Deseret News*, 12 de novembro de 1932, seção da Igreja, pp. 5, 8.
14. Conference Report, abril de 1914, pp. 12–13.
15. Conference Report, abril de 1946, pp. 184–185.
16. “To the Relief Society”, p. 709.
17. *Sharing the Gospel with Others*, sel. Preston Nibley, 1948, p. 214; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.
18. “Mormon View of Life’s Mission”, p. 2.



“Sei que meu Redentor vive e com alegria dedico meus esforços humildes para confirmar Seus ensinamentos.”



Nosso Testemunho de Jesus Cristo

O evangelho restaurado oferece aos santos dos últimos dias um testemunho adicional de que Jesus Cristo é o Filho de Deus.

Da Vida de George Albert Smith

Em suas viagens como Autoridade Geral, George Albert Smith encontrava ocasionalmente pessoas que achavam que os santos dos últimos dias não obedeciam a Jesus Cristo. Esse equívoco surpreendia e preocupava o Presidente Smith, e ele procurava corrigi-lo prestando seu testemunho pessoal do Salvador.

Em certa ocasião, ele falou em uma reunião da Igreja em Cardston, Canadá, sobre a vida e missão de Cristo. Na manhã seguinte, foi à estação ferroviária para comprar uma passagem de trem. Enquanto esperava na fila, ouviu a conversa entre uma mulher e o bilheteiro. A mulher mencionou que na noite anterior tinha decidido assistir a um serviço religioso dos santos dos últimos dias.

O bilheteiro ficou surpreso. “Oh, não”, disse ele. “Não me diga que foi àquela igreja.”

“Fui, sim”, respondeu a mulher. “Por que não deveria?”

O bilheteiro respondeu: “Eles nem sequer acreditam em Jesus Cristo”.

Então a mulher replicou: “Ontem mesmo, ouvi um dos ministros daquela Igreja falar da vida de Jesus de Nazaré, e nunca ouvi alguém que parecesse mais profundamente dotado do conhecimento de que Jesus era realmente o Cristo do que o orador daquela reunião”.¹ [Ver sugestão 1 da página 30.]

George Albert Smith se fortalecia com seu testemunho de Jesus Cristo e tinha grande prazer em prestá-lo às pessoas. Aos 44 anos de idade, depois de servir em seu chamado apostólico por onze anos, ele disse:

“Fui elevado e como que arrebatado, adquirindo uma capacidade que não era minha de ensinar as gloriosas verdades proclamadas pelo Redentor do mundo. Não O vi face a face, mas desfrutei a companhia de Seu Espírito e senti Sua presença de modo inconfundível. Sei que meu Redentor vive e com alegria dedico meus humildes esforços à tarefa de confirmar Seus ensinamentos. (...) Todas as fibras de meu ser vibram por saber que Ele vive e que um dia todos os homens saberão disso.

O Salvador morreu para que vivamos. Ele venceu a morte e o sepulcro e oferece a todos que obedecerem a Seus ensinamentos a esperança de uma gloriosa ressurreição. (...) Sei que esta é a obra do Senhor e que Jesus foi, de fato, nosso Salvador.”²

O Presidente Smith faleceu no seu aniversário de 81 anos, em 4 de abril de 1951. Nos momentos finais de sua vida, com a família ao lado, seu filho perguntou: “Pai, há algo que gostaria de dizer à família — algo especial?”

Com um sorriso, ele confirmou o testemunho que prestara inúmeras vezes na vida: “Sim, apenas isto: Sei que meu Redentor vive. Sei que meu Redentor vive”.³

Ensinamentos de George Albert Smith

Jesus Cristo é o Filho de Deus e Ele vive hoje como nosso Salvador ressuscitado.

Encontrei muitas pessoas no mundo que não sabiam que acreditávamos na divina missão de nosso Senhor e fui levado a dizer, em mais de uma ocasião, que não há povo neste mundo que compreenda tão bem a missão divina de Jesus Cristo, que acredite tão plenamente que Ele era o Filho de Deus, que tenha tanta certeza de que neste momento Ele está entronizado em glória, à direita do Pai, quanto os santos dos últimos dias.⁴

Sei, como sei que vivo, que Ele foi o Filho de Deus, que por meio Dele e somente Dele alcançaremos a exaltação no reino celestial e

que todos os que seguem Seus passos e vivem de acordo com os ensinamentos que Ele deixou serão felizes nesta vida e se prepararão para ter uma mansão em Seu reino celestial, onde habitarão com Ele para sempre.⁵

O Redentor da humanidade foi mais do que apenas um bom homem que veio ao mundo para nos ensinar princípios éticos. O Redentor da humanidade tinha mais do que uma inteligência comum. Ele era realmente o Filho de Deus, o Unigênito de Deus na carne. (...) Ele veio para chamar os homens ao arrependimento, para desviá-los dos erros de seus caminhos. Viveu entre nós representando Deus, o Pai Eterno, proclamando que era à imagem do Pai e que aqueles que O viram tinham visto o Pai, declarando que fora enviado para fazer a vontade do Pai, conclamando todos os homens a abandonarem o mal que entre eles se infiltrara e a arrependerem-se de seus pecados e a descerem às águas do batismo.⁶

Na época do Salvador, o adversário sussurrou ao povo que Jesus não era o Filho de Deus, que certamente não deveriam aceitá-Lo, que não passava de um homem comum, que era apenas o filho de Maria e José, que não era mais Filho de Deus do que eles, e as pessoas deram ouvidos ao maligno traiçoeiro e crucificaram o Redentor da humanidade.⁷

Ele era realmente o Filho de Deus. Exerceu Seus labores em meio [às pessoas] com amor e bondade, mas elas rejeitaram Seu nome como [se fosse] maligno. (...) Ele era o Filho de Deus e tinha direito de falar em nome do Pai. As verdades que trouxe à Terra provinham do Pai e, embora O tenham pregado na cruz, embora tenham colocado em Sua cabeça uma coroa de espinhos e em Suas mãos um arremedo de cetro, embora tenham derramado Seu sangue com a lança cruel, a palavra que Ele lhes transmitiu era a palavra de Deus, e Ele era realmente o Filho de Deus.⁸

Não apenas acreditamos que Jesus de Nazaré viveu na Terra, mas acreditamos que Ele ainda vive, não como essência, não como algo incorpóreo ou intangível, mas cremos Nele como um homem exaltado; porque Ele ressuscitou com o mesmo corpo que foi colocado no sepulcro de José de Arimateia, o mesmo corpo que ali foi

ministrado pelos que O amavam. O mesmo Jesus Cristo Que saiu do sepulcro levou Consigo aquele corpo que tinha sido purificado e lavado, (...) e o levou Consigo quando desapareceu da vista da humanidade, em Jerusalém, quando dois homens vestidos de branco disseram: “[Ele] há de vir assim como para o céu o vistes ir”. [Ver Atos 1:10–11.]

Esse é o Jesus de Nazaré em Quem os santos dos últimos dias acreditam. Também acreditamos que as promessas que foram feitas referentes à humanidade serão cumpridas e que, no devido tempo, quando o evangelho tiver sido pregado em todo o mundo, a toda nação, toda tribo, toda língua e todo povo, quando os homens não tiverem desculpas a esse respeito, cremos que, por meio do poder de nosso Pai Celestial, a humanidade receberá a maravilhosa bênção da ressurreição dos mortos, e que o Redentor da humanidade virá nas nuvens do céu com poder e com glória para habitar nesta Terra. Cremos que Jesus de Nazaré virá para habitar com os que forem dignos da glória celestial.⁹ [Ver sugestão 2 da página 30.]

Aceitamos o testemunho da Bíblia a respeito da missão divina de Jesus Cristo.

Jesus de Nazaré desceu às águas e foi batizado por João e, quando saiu das águas, o Espírito Santo veio e desceu sobre Ele na forma de uma pomba. E uma voz do céu disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. [Ver Mateus 3:13–17.]

Poderia haver algo mais claro que isso? Nossa maravilhosa Bíblia contém toda essa informação e muito mais, é claro. Quando as pessoas disserem ou pensarem que não acreditamos na divina missão de Jesus Cristo, façam com que saibam que acreditamos em tudo o que a Bíblia ensina em relação a Ele. Cremos na história de como Ele organizou Seu povo e os ensinou, e como, no final, (...) foi crucificado.¹⁰

Aceitamos sem reservas o testemunho de todos os evangelistas contido no Novo Testamento referente à Ressurreição do Redentor da humanidade. É tão claro que me parece que nenhuma pessoa sensata deixaria de compreendê-lo. O fato é que, após o Salvador ter sido crucificado e colocado no sepulcro, Ele ressuscitou e esteve por quarenta dias com Seus discípulos, comeu peixe e um favo de mel com eles, e eles tocaram as marcas dos cravos em Suas



“Aceitamos sem reservas o testemunho (...) do Novo Testamento referente à Ressurreição do Redentor da humanidade.”

mãos e a marca da lança em Seu lado. Ele lhes declarou quando estava entre eles: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”. [Ver Lucas 24:39–43.] Sem dúvida essa é uma prova irrefutável, mas há muitos dos filhos de nosso Pai que não compreendem isso.¹¹ [Ver sugestão 3 da página 30.]

O Livro de Mórmon e o testemunho de Joseph Smith nos dão outra prova da divindade de Cristo.

No Velho Mundo, levantou-se a dúvida de que Jesus não seria de origem divina, porque nasceu como bebê, Seu berço foi uma manjedoura, Sua mãe era Maria e Seu pai, supostamente, era José, o carpinteiro. Muitos tiveram de admitir que Ele foi um homem nobre e bom, mas quiseram roubar-Lhe a divindade de Seu nascimento.

Felizmente, porém, para os santos dos últimos dias, recebemos o testemunho de que essas coisas são verdadeiras. Além disso, temos

o testemunho de que Ele visitou o hemisfério ocidental, conforme está registrado no Livro de Mórmon, e ministrou aos nefitas neste continente. Não veio como criancinha, mas nas nuvens do céu; e Sua vinda foi proclamada por uma voz que penetrou até o âmbito de todas as pessoas que viviam naquele lugar. Dessa vez, Ele chegou como um homem vindo do céu, e eles O viram chegar. Sabiam que Ele era o Cristo, pois Sua vinda fora predita por Seus profetas. Deu-lhes a mesma organização que existia na Igreja em Jerusalém. Ensinou a eles que precisavam ser batizados, como Ele fora, por alguém que tivesse autoridade para officiar naquela ordenança. [Ver 3 Néfi 11:1–27.] Não foi a palavra de um homem comum, mas a palavra do Filho de Deus, Que havia ascendido ao Pai, e Que voltara, para que os filhos dos homens tivessem outro testemunho além do que já lhes fora concedido.¹²

Que prova mais direta da ressurreição dos mortos poderia haver do que Sua visita, em Seu corpo ressuscitado, aos [nefitas] para ensinar-lhes o mesmo Evangelho que ensinara em Jerusalém? Cumpriu, então, a promessa feita em Jerusalém, quando disse: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor”. [João 10:16] Ele chegou em Seu corpo ressuscitado para transmitir-lhes a informação que predissera que seria dada aos que Ele ministrava naquela ocasião.

Foi uma coisa maravilhosa para aquelas pessoas. Depois de ensinar-lhes o dia inteiro (...) Ele curou seus doentes e abençoou seus filhos e continuou a instruí-los nas belezas de Seu Evangelho. Não havia dúvidas na mente deles de que Ele era o Salvador do mundo. Eles O viram descer do céu e testemunharam Seu maravilhoso poder. (...) Ele chegou em glória. Anjos desceram do céu como se estivessem no meio de fogo e cercaram os pequeninos, de modo que foram rodeados por fogo. E os anjos ministraram a eles. [Ver 3 Néfi 17:6–24.]

Não foram alucinações, mas experiências pessoais tão maravilhosas que seriam lembradas para sempre por aqueles que as vivenciaram. Como santos dos últimos dias, aceitamos esse registro como prova da Ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor.¹³



Quando o Salvador ressuscitado visitou os nefitas, “anjos [desceram] dos céus, como se estivessem no meio de fogo (...) e cercaram [os] pequeninos”.

Então, nos dias e na época em que vivemos, surgiu outra pessoa. (...) [Joseph Smith] não apenas tinha o testemunho da Bíblia de que Jesus era o Cristo, mas ele viu Deus, o Pai, de pé nas nuvens do céu, revestido de glória, e Jesus Cristo, o Redentor do mundo, exaltado a Sua mão direita, e ouviu a voz do Senhor, dizendo: “Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!” [Ver Joseph Smith—História 1:16–17.] Ele prestou testemunho dessa gloriosa visão aos que com ele se associaram. Outros também receberam testemunho do alto. Seu testemunho da divindade da missão do Salvador cresceu e se fortaleceu, de modo que não era mais uma questão de história antiga o fato de Deus viver e de Jesus ser o Cristo. Sabiam disso pessoalmente, porque tinham recebido, eles mesmos, um testemunho dessas coisas.¹⁴

Para mim, um dos testemunhos mais fortes da divindade da missão de nosso Salvador é o testemunho de Joseph Smith, que deu a vida em testemunho da veracidade do evangelho de Jesus Cristo.¹⁵ [Ver sugestão 3 da página 30.]

Cada um de nós pode adquirir um testemunho pessoal de que Jesus é o Cristo.

Temos outro testemunho, outra prova, que é ainda mais perfeito e convincente que os outros, porque é o testemunho que recebemos pessoalmente quando cumprimos com as exigências de nosso Pai Celestial. É o testemunho que arde em nossa alma pelo poder do Espírito Santo, quando realizamos o trabalho que o Senhor disse que precisa ser realizado se quisermos saber se uma doutrina é de Deus ou do homem. ¹⁶

Ele próprio disse: “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo”. (João 7:16–17) Isso foi o que Ele próprio prometeu. Nós, cristãos do mundo inteiro, aceitamos essa promessa e devemos procurar colocá-la à prova para saber se é factível ou não. Há muitos que fizeram isso. Sei que há (...) muitos que puseram isso à prova, muitos que sabem que Deus vive e que Jesus é o Cristo, que Ele é o Salvador do mundo.¹⁷

Portanto, temos não apenas as provas dos registros (...), contamos não apenas com o testemunho de bons homens que viveram na Terra em nossos dias, mas, se cumprimos as exigências de nosso Pai Celestial, se tivermos fé em Deus, se nos arrependermos de nossos pecados, se recebermos o batismo por imersão, se recebermos o Espírito Santo pelas mãos de servos autorizados do Senhor, ou seja, se tivermos feito todas essas coisas, então haverá em cada alma o conhecimento seguro que não pode ser contrariado [negado] de que Deus vive e de que Jesus Cristo foi o Redentor da humanidade. (...)

(...) Como um dos humildes membros desta Igreja, presto-lhes meu testemunho de que sei que Ele vive, como sei que eu vivo. (...) Jesus é o Cristo, e sei que os filhos dos homens precisam adquirir esse conhecimento, precisam recebê-lo, e citando as palavras Daquela que vive no céu “todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é o Cristo”. [Ver D&C 88:104.]¹⁸ [Ver sugestão 4 da página 30.]

Nossa missão é a de compartilhar com todas as pessoas o que sabemos a respeito de Jesus Cristo.

Digo a vocês, santos dos últimos dias, que não há nenhum outro povo no mundo inteiro que tenha todas as informações que temos referentes à divindade do Salvador. E, se não acreditarmos Nele, estaremos em maior condenação do que as pessoas que nunca tiveram essas informações. Por isso podemos dizer ao mundo, sem hesitar, que acreditamos nessas coisas. (...)

Felicito vocês que têm em sua vida esse privilégio e essa bênção. Conclamo-os agora, como seu irmão, rogando-lhes como um dos mais humildes entre vocês, para que não escondam sua lâmpada sob o alqueire. Não escondam de seus semelhantes o conhecimento que Deus lhes concedeu.

Não os importunem, mas não cometam a insensatez de esconder deles o evangelho de Jesus Cristo. Esse é o único poder de Deus para a salvação no reino celestial.¹⁹

Os homens e as mulheres mais felizes que conheço no mundo são aos que vivem de acordo com os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. São os que têm a certeza da vida eterna, são os que compreendem o propósito de nossa existência. (...) Ao viajar de lá para cá no mundo levando essa mensagem, minha alma se encheu de alegria, e meus olhos se embaçaram de lágrimas, ao ver quão perfeitamente a vida das pessoas pode ser transformada pelo evangelho de Jesus Cristo. Vi pessoas que estavam desanimadas, que viviam em trevas, que questionavam o propósito de sua existência, mas que, ao aprenderem as gloriosas verdades do evangelho de Jesus Cristo, mudaram, aprenderam a ser felizes, a ter alegria, a estar satisfeitas, a ser entusiasmadas na crença e no ensino do evangelho que foi proclamado por Jesus Cristo quando esteve na Terra e viajou pela Galileia.

Irmãos e irmãs, o mundo não compreende, mas temos a missão de ajudá-los a compreender, e não é com egocentrismo ou arrogância, mas com caridade para com todos, com amoroso carinho, que essa mensagem é proclamada. (...)

Como o mais humilde dentre vocês, agradeço a Ele de todo o coração pela certeza que adquiri na vida. (...) Acima de tudo, agradeço a Ele pelo conhecimento que arde em minha alma. Sei que meu Pai Celestial vive, sei que Jesus Cristo é o Salvador da humanidade, e que não há outro nome debaixo do céu pelo qual os homens e as mulheres possam ser exaltados, a não ser o nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Sei que Ele realmente veio ao mundo nestes últimos dias, que concedeu autoridade divina a um rapaz humilde que buscava a verdade, e que o resultado disso foi a organização da Igreja com a qual nos identificamos, e que nela há o poder de Deus para a salvação a todos os que creem.²⁰

Oro para que vivamos de modo a ser exemplos dignos de Sua causa. Oro para que vivamos de modo a demonstrar que realmente acreditamos no Senhor Jesus Cristo.²¹ [Ver sugestão 5 da página 31.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia a história da página 21. Como você responderia a alguém que dissesse que os santos dos últimos dias não acreditam em Jesus Cristo?
2. O Presidente Smith ensinou: “Não apenas acreditamos que Jesus de Nazaré viveu na Terra, mas acreditamos que Ele ainda vive” (página 23). Que motivos têm os santos dos últimos dias para acreditar que Jesus Cristo vive hoje? Que motivos você pessoalmente tem para acreditar nisso?
3. Estude brevemente as páginas 24–27. Quais foram algumas histórias ou passagens das escrituras que fortaleceram seu testemunho de que Jesus Cristo é o Filho de Deus? Leia 1 Néfi 10:17 e reflita sobre maneiras pelas quais você pode aumentar sua compreensão da missão do Salvador.
4. Ao ler a página 28, pense em como a obediência aos princípios e às ordenanças do evangelho fortaleceram seu testemunho de Jesus Cristo. O que os pais podem fazer para ajudar os filhos a adquirir esse testemunho?

5. Que pensamentos ou sentimentos você teve ao ler o testemunho do Presidente Smith nas páginas 29–30? Pense em ocasiões em que você viu a vida de pessoas mudar por causa do evangelho de Jesus Cristo. Como o evangelho mudou sua vida?

Escrituras correlatas: Mateus 16:15–17; 17:1–5; 2 Néfi 25:26; Alma 5:45–48; Doutrina e Convênios 76:22–24; 110:1–4

Auxílio didático: “[Resista] à tentação de abordar material demais (...) Ensinamos pessoas, e não o assunto em si; [e] todo planejamento de aula que eu tiver preparado conterà inevitavelmente mais coisas do que será possível abordar no tempo da aula” (Jeffrey R. Holland, “Teaching and Learning in the Church”, *Ensign*, junho de 2007, p. 91).

Notas

1. *Deseret News*, 27 de dezembro de 1924, seção da Igreja, p. 6; ver também *Sharing the Gospel with Others*, org. Preston Nibley (1948), pp. 201–202.
2. “Testimony of Elder George Albert Smith”, *Liahona: The Elders’ Journal*, 2 de fevereiro de 1915, p. 502.
3. Robert L. Simpson, *The Powers and Responsibilities of the Priesthood*, Brigham Young University Speeches of the Year (31 de março de 1964), p. 8.
4. *Deseret News*, 27 de dezembro de 1924, seção da Igreja, p. 6.
5. *Deseret News*, 15 de janeiro de 1927, seção da Igreja, p. 8.
6. Conference Report, outubro de 1921, p. 39.
7. Conference Report, abril de 1918, p. 39.
8. Conference Report, abril de 1904, p. 63.
9. *Deseret News*, 27 de dezembro de 1924, seção da Igreja, p. 6.
10. Conference Report, outubro de 1950, p. 156.
11. Conference Report, abril de 1939, pp. 120–121.
12. Conference Report, abril de 1905, p. 61.
13. Conference Report, abril de 1939, pp. 121–122.
14. Conference Report, abril de 1905, pp. 61–62.
15. *Deseret News*, 15 de janeiro de 1927, seção da Igreja, p. 8.
16. *Deseret News*, 27 de dezembro de 1924, seção da Igreja, p. 6.
17. *Sharing the Gospel with Others*, p. 206; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.
18. *Deseret News*, 27 de dezembro de 1924, seção da Igreja, p. 6.
19. *Sharing the Gospel with Others*, pp. 211, 214; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.
20. Conference Report, outubro de 1927, pp. 48–50.
21. *Deseret News*, 12 de janeiro de 1907, p. 31.



Em 23 de dezembro de 1905, George Albert Smith participou com outros líderes da Igreja da dedicação de um monumento erigido no local de nascimento do Profeta Joseph Smith.



O Profeta Joseph Smith, o Instrumento de Deus na Restauração da Verdade

Por intermédio do Profeta Joseph Smith, Deus restaurou o evangelho de Jesus Cristo em sua pureza.

Da Vida de George Albert Smith

Perto do centenário do nascimento do Profeta Joseph Smith, o Élder George Albert Smith viajou com o Presidente Joseph F. Smith e outros para visitar locais importantes da vida do Profeta. Na manhã de 23 de dezembro de 1905, um monumento a Joseph Smith foi dedicado em seu local de nascimento, em Vermont. Para George Albert Smith e os que o acompanhavam foi emocionante estar em um lugar de tamanha importância na Restauração do evangelho. “Vertemos muitas lágrimas”, relembra ele. “Sob a influência do Espírito, todos sentimos a alma encher-se de humildade e o coração enternecer-se, e regozijamo-nos com as bênçãos de nosso Pai Celestial.”¹ Foi pedido a George Albert Smith que proferisse a primeira oração no serviço dedicatório. Depois de resumir o dia em seu diário, ele escreveu: “Assim chegaram ao fim os dias mais momentosos de minha vida. Sinto-me grato por ser uma das poucas pessoas a ter auxiliado na tarefa que acabamos de concluir”.²

Mais tarde, foram ao local da Primeira Visão, em Palmyra, Nova York. O Élder Smith relembra: “Fomos ao bosque onde Joseph se ajoelhou e pediu ao Senhor que lhe dissesse a qual igreja ele deveria filiar-se. Fomos inspirados a cantar, naquele lugar sagrado, o belo (...) hino ‘Que Manhã Maravilhosa’”.³

Depois de visitar o monte Cumora, o Templo de Kirtland e outros lugares relacionados com a missão do Profeta, o grupo foi reunido pelo Presidente Joseph F. Smith na noite final da viagem. “Após

cantar vários hinos de Sião, cada membro do grupo pôde prestar testemunho da benignidade e misericórdia de nosso Pai para conosco. O Espírito do Senhor foi derramado sobre nós e vertemos lágrimas de alegria e felicidade.”⁴ [Ver sugestão 1 da página 42.]

Vários anos mais tarde, quando George Albert Smith servia como Presidente da Igreja, foram publicados alguns livros que procuravam difamar Joseph Smith. Em uma conferência geral da Igreja, o Presidente Smith defendeu corajosamente o Profeta, prestando testemunho de sua missão com estas palavras:

“Muitos dos benefícios e das bênçãos que recebi foram devidos ao homem que deu a vida pelo evangelho de Jesus Cristo. Há algumas pessoas que procuraram depreciá-lo, mas gostaria de dizer que aqueles que o fizeram serão esquecidos e seus restos irão para a Mãe Terra, se já não tiverem ido, e o odor de sua infâmia jamais perecerá, enquanto que a glória, a honra, a nobreza, a coragem e a fidelidade manifestadas pelo Profeta Joseph Smith hão de ser associadas a seu nome para sempre.”⁵

O Élder Harold B. Lee, que na época era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, ficou tão impressionado com essa declaração que a levava em um recorte guardado na carteira e a citava frequentemente, no intuito de que as palavras do Presidente Smith “fossem ouvidas até os confins da Terra”.⁶

Ensinamentos de George Albert Smith

A Primeira Visão de Joseph Smith mostrou que os céus não estão selados.

Creemos que nosso Pai Celestial falou em nossos próprios dias ... , que Ele ouviu a humilde oração de um jovem, em Palmyra, e respondeu a sua oração e o abençoou com o conhecimento de Sua personalidade, para que todas as pessoas conhecessem o Senhor, se assim o desejassem.

Era muito natural que Joseph Smith buscasse o Senhor. Ele descendia (...) de pessoas que acreditavam em nosso Pai Celestial, na divina missão do Salvador, na eficácia da oração e no fato de que Deus ouvia Seu povo e respondia a ele, desde que O buscassem

com o devido espírito. Era fácil para aquele jovem acreditar, porque tinha nascido e sido criado em uma família que acreditava. E, quando foi ao bosque em resposta à injunção contida nas escrituras (Tiago 1:5): “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada”, ele acreditou que sua oração seria respondida e que nosso Pai Celestial prometeu a Seus filhos desde o princípio que “pela fé podeis saber todas as coisas”.⁷

Sua fé em Deus o desviou da crença, comum em sua época, de que a Bíblia continha toda a revelação que os homens podiam receber, e de que os céus estavam selados. Ele orou ao Senhor, e sua oração foi respondida. Ele viu o Pai e o Filho descendo à Terra envoltos em gloriosa luz. Adquiriu um conhecimento irrefutável de que Eles tinham um tabernáculo como os homens, e que eram pessoas reais e palpáveis. Falou com Eles e ouviu-Lhes a voz.⁸

O resultado da [oração de Joseph] foi aquela maravilhosa manifestação, diferente de tudo que já ouvimos na história do mundo. Ouvimos falar de ocasiões em que nosso Pai Celestial Se manifestou pessoalmente, lemos a respeito de momentos em que o Redentor da humanidade Se manifestou, mas nunca lemos a respeito de uma ocasião em que o Pai e o Filho tenham aparecido a um ser vivo e falado com ele.

As pessoas do mundo não acreditam nisso. Os homens e as mulheres foram ensinados que os céus estão selados (...) , e, quando aquele jovem declarou que em nossos dias, no exato momento em que mais do que nunca precisávamos de luz, quando homens e mulheres corriam de um lado para o outro em busca da palavra de Deus e não conseguiam encontrá-la, conforme fora predito pelos profetas antigos [ver Amós 8:11–12], o próprio Senhor Se manifestara, ele [Joseph] foi ridicularizado. (...) Sua declaração foi rejeitada, e aqueles que deveriam ter sido seus amigos o abandonaram e até disseram que ele era do maligno. Qual foi o testemunho daquele rapaz?

“(...) Tinha realmente visto uma luz e, no meio dessa luz, dois Personagens; e eles realmente falaram comigo; e embora eu fosse odiado e perseguido por dizer que tivera uma visão, isso era verdade; e enquanto me perseguiam, injuriando-me e afirmando

falsamente toda espécie de maldades contra mim por dizê-lo, fui levado a pensar em meu coração: Por que perseguir-me por contar a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus, ou por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque eu tivera uma visão; eu sabia-o e sabia que Deus o sabia e não podia negá-la nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu tinha consciência de que, se o fizesse, ofenderia a Deus e estaria sob condenação.” [Ver Joseph Smith—História 1:25.]⁹

No ano de 1830, quando esta Igreja foi organizada, não havia na Terra uma igreja organizada que anunciasse que acreditava que Deus Se revelaria aos filhos dos homens. Os ensinamentos das igrejas eram todos contrários a isso, e nosso Pai viu que seria fútil tentar salvar Seus filhos e Suas filhas sem que eles pudessem ser inspirados a buscá-Lo com a crença de que Ele ouviria suas orações e responderia a elas. Quando o menino profeta, no bosque de Palmyra, viu o Pai e o Filho e percebeu que eram pessoas reais, que podiam ouvi-lo e responder ao que ele dissesse, teve início uma nova era neste mundo, estabelecendo o alicerce para a fé exercida pelos filhos dos homens. Passaram a poder orar a nosso Pai Celestial, sabendo que Ele podia ouvir suas orações e responder a elas, que havia uma ligação entre os céus e a Terra.¹⁰ [Ver sugestão 2 da página 43.]

Embora jovem e inexperiente, Joseph Smith foi chamado para restaurar a verdadeira Igreja de Jesus Cristo.

A fé levou Joseph a buscar Deus em oração e perguntar com qual igreja ele deveria se identificar. Qual foi a resposta? Acaso disse o Senhor: “Meu filho, são todas boas, elas se esforçam para guardar Meus mandamentos, os homens que lideram todas essas igrejas são aprovados por Mim, qualquer igreja serve, todas vão levá-lo de volta à presença de nosso Pai Celestial”? O menino poderia ter esperado uma resposta assim, dadas as condições existentes na época. Mas ele queria saber o que fazer e tinha fé que o Senhor lhe diria. Então, quando orou, perguntou a qual das igrejas deveria filiar-se, e imagino que ficou surpreso quando [lhe foi dito]: “Não [se una] a qualquer delas, (...) [elas] ensinam como doutrina os mandamentos de homens, [elas] se aproximam de mim com os lábios, mas seu coração está longe de mim, tendo aparência de religiosidade, mas



Com a Primeira Visão de Joseph Smith teve “início uma nova era neste mundo, estabelecendo o alicerce para a fé exercida pelos filhos dos homens”.

negam o seu poder”. [Ver Joseph Smith—História 1:19.] Pensem no que deve ter sido para um rapaz de quatorze anos, que se ajoelhou num bosque próximo de sua casa, erguer-se e anunciar ao mundo uma mensagem dessas! Conseguem imaginar que um jovem ousaria fazer uma coisa assim? Mas, com o testemunho que lhe fora concedido por seu Pai Celestial, com o mandamento recebido do próprio Senhor, será que ele ousaria fazer qualquer coisa além de anunciar o que o Senhor lhe dissera?¹¹

Joseph Smith era apenas um rapaz quando Pedro, Tiago e João impuseram as mãos sobre sua cabeça, e ele foi ordenado

ao Sacerdócio de Melquisedeque — ele e Oliver Cowdery. Pouco tempo depois, Joseph Smith recebeu o mandamento de organizar uma Igreja. Ele era apenas um rapaz, mas a organizou sob a direção do Redentor da humanidade. E ela seguia o modelo da Igreja que foi organizada pelo Salvador, quando estava na Terra. Não tenho dúvidas de que muitos consideraram aquele rapaz arrogante, achando ridículo que alguém que não fora educado para se tornar um líder tivesse a pretensão de liderar. Mas ele era como os outros servos de nosso Pai Celestial que viveram na Terra, que foram chamados pelo Senhor para realizar um trabalho especial, e a falta de conhecimento em relação às coisas do mundo não eliminava a possibilidade de o Senhor transmitir-lhe informações que o tornariam igual ou superior em muitos aspectos aos que tiveram grandes oportunidades terrenas que lhe haviam sido negadas.¹²

Por mais atacado e mal-interpretado que ele tenha sido, sendo desprezado pelos que deveriam ter sido seus amigos e combatido pelos homens instruídos e eruditos de sua época, ele conseguiu restaurar o evangelho de vida e salvação e estabelecer a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias com sucesso.

Embora os poderes do mal se empenhassem sempre em destruí-lo, ele foi preservado pelo Senhor até que sua obra estivesse concluída e todas as chaves e ordenanças necessárias para a salvação da família humana tivessem sido novamente entregues aos homens.¹³ [Ver sugestão 3 da página 43.]

As verdades restauradas por intermédio de Joseph Smith trazem paz e alegria aos que as aceitam.

Daquele rapaz que, aos quatorze anos de idade, viu o Pai e o Filho, veio a maravilhosa mensagem de que nosso Pai Celestial e Seu Filho Jesus Cristo são homens glorificados; que o Salvador do mundo ressuscitou dos mortos. Aquele jovem viu o que o mundo conheceu, mas que por algum motivo esqueceu, e ele começou a prestar testemunho disso aos filhos dos homens.¹⁴

[No início do século XIX] havia poucas pessoas no mundo que acreditavam em um Deus pessoal que tinha um corpo. Mas uma manifestação foi dada naquela época ao Profeta Joseph Smith, quando ele era apenas um rapaz, com quinze anos incompletos, e

ele viu o Pai e o Filho e prestou testemunho disso. Também recebeu a visita de outros seres celestes, e o Senhor, por meio deles, transmitiu-lhe outras informações para os filhos dos homens, e ele, a sua própria maneira, deu-nos, ou aos que nos precederam na Igreja, uma compreensão do propósito da vida. (...) Sua descrição do céu nos inspira com o desejo de sermos dignos de ter um lar ali, quando nossa vida terrena chegar ao fim. Uma ressurreição literal e uma descrição do céu e do inferno ficaram tão claras que, usando uma escritura, “os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão”. [Ver Isaías 35:8.]¹⁵

Por meio dele foram reveladas a construção de templos, a natureza eterna do convênio do casamento e a salvação para os mortos, proporcionando uma alegria indescritível a milhares dos filhos de nosso Pai.

As verdades eternas por ele anunciadas estão sendo divulgadas aos povos da Terra, proporcionando paz e satisfação àqueles que as aceitam.¹⁶

Nosso Pai Celestial sabia o que aconteceria quando restaurou nestes últimos dias o evangelho em sua pureza. Ele sabia da apostasia que havia no mundo entre Seus filhos, e que eles haviam-se afastado da verdade simples, e em Sua grande misericórdia, Ele revelou esta obra dos últimos dias. Em uma zona rural, Ele escolheu um menino entre as pessoas e o inspirou a dar início à obra que estava destinada a revolucionar o mundo religioso. Ele sabia que o mundo tateava na escuridão, e com misericórdia restaurou a luz. Não há outro modo pelo qual essa felicidade possa ser desfrutada pelos filhos dos homens, a não ser por uma vida de retidão, e as pessoas não podem viver em retidão se não estiverem em harmonia com a verdade. Havia muita verdade no mundo, mas estava tão misturada com o erro que o próprio Senhor disse ao Profeta Joseph Smith que os homens que eram mestres e instrutores nas igrejas ensinavam como doutrina os mandamentos dos homens, e advertiu o menino de que ele não deveria identificar-se com eles. Ele então restaurou o evangelho, o poder de Deus para a salvação, a todos os que acreditassem Nele e obedecessem a Ele.¹⁷

Digo a todos os homens de toda parte: examinem os ensinamentos do evangelho de nosso Senhor, conforme revelados ao Profeta Joseph Smith, estudem-nos fervorosamente, e encontrarão a



“Digo a todos os homens de toda parte: examinem os ensinamentos do evangelho de nosso Senhor, conforme revelados ao Profeta Joseph Smith, estudem-nos fervorosamente.”

cura para os males deste mundo, que não pode ser descoberta de nenhuma outra maneira.¹⁸ [Ver sugestão 4 da página 43.]

**Joseph Smith estava disposto a dar
a vida por seu testemunho.**

Tal como aconteceu com os profetas que o Senhor ergueu no passado, aparentemente foi necessário, nesse caso, que o

testemunho de Seu servo fosse selado com seu próprio sangue. Não há página mais [pungente] na história do mundo do que aquela na qual foram escritas as últimas palavras de nosso amado Profeta Joseph Smith. Ele sabia que seu tempo estava próximo, percebeu que a missão de sua vida tinha sido cumprida. (...) E, quando chegou o momento de estar face a face com a morte, ele disse: “Vou como um cordeiro para o matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; tenho a consciência limpa em relação a Deus e em relação a todos os homens. Morrerei inocente, e meu sangue clamará desde o solo por vingança, e ainda se dirá de mim: foi assassinado a sangue frio”. [Ver D&C 135:4.]

Ele não tinha medo de ser submetido ao agradável julgamento (...) e prestar contas dos atos realizados em vida. Não tinha receio de enfrentar as acusações que foram feitas contra ele, de que enganava as pessoas e lidava injustamente com elas. Não tinha medo do resultado da missão de sua vida e do triunfo final da obra que ele sabia ter origem divina, e pela qual deu a vida. Mas as pessoas do mundo, como anteriormente, julgam esta obra pelo espírito do homem. Elas não têm o Espírito de Deus, que lhes permitiria compreender que ela veio de nosso Pai Celestial.¹⁹

Aquele jovem estava tão seguro da revelação que recebera, e tão ansioso para que os filhos de seu Pai, todos eles, conhecessem a verdade que, desde quando recebeu as placas do Livro de Mórmon, do anjo Morôni, dedicou toda sua vida à organização da Igreja e à divulgação da verdade. (...) Em sua alma ardia um conhecimento como o que possuía Estêvão [ver Atos 7:54–60], tal como tinha o Redentor, de que nosso Pai Celestial estava no comando, de que era Sua obra que estava na Terra, de que era Seu poder que no final teria o controle, de que esta vida nada mais era do que parte da eternidade. Ele estava preparado a dar parte de sua vida terrena, se necessário, para desfrutar eternamente a companhia daqueles que tanto amava com sinceridade e o convívio de bons homens e mulheres que viveram e vivem na Terra, e de habitar novamente na Terra quando ela se tornar o reino celestial.²⁰

Joseph Smith ensinou que sabia haver uma vida após a morte, e que ele sabia que Deus vivia, e que Deus sabia que ele sabia que Deus vivia. Estava disposto a dar a vida para que sua fé, meus

irmãos e minhas irmãs, fosse fortalecida e que sua confiança Nele não fosse abalada. Ele conhecia o propósito desta vida. Sabia que estamos aqui para preparar-nos para uma existência futura mais gloriosa. Estava disposto, se necessário, a dar a própria vida, não simplesmente para perdê-la em nosso benefício, mas porque sabia que o Pai dissera que aquele que salvasse sua vida a perderia, mas aquele que perdesse a vida por causa Dele a encontraria, sim, a vida eterna [ver Mateus 16:25]. Foi esse conhecimento que possibilitou que o Profeta e [o] Patriarca da Igreja [Hyrum Smith] naqueles dias [deixassem] seus entes queridos, fossem lançados na prisão e dessem tudo o que tinham neste mundo e que os homens podem dar por seus irmãos — sua vida mortal.²¹

No ano de 1830, a Igreja foi organizada com seis membros. O adversário de toda retidão, desde aquele dia até o presente, procurou impedir seu progresso e destruí-la. Pergunto-me se aquele grande homem, Joseph Smith, que deu a vida para que a Igreja fosse organizada e fosse levada adiante como o Senhor desejava, consegue ver a Igreja como ela existe hoje, com seus ramos estabelecidos em todas as partes do mundo, sabendo que a cada dia, desde que ele foi martirizado, desde que ele deu a vida e selou seu testemunho com o próprio sangue, a Igreja se torna mais forte do que no dia anterior.²² [Ver sugestão 5 da página 43.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pense nas ocasiões descritas pelo Presidente Smith nos três primeiros parágrafos da seção “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 33–34). Que experiências pessoais de sua vida fortaleceram seu testemunho a respeito do Profeta Joseph Smith? Ao ler este capítulo, identifique declarações dos ensinamentos do Presidente Smith que fortalecem seu testemunho e pense na possibilidade de compartilhá-las com membros de sua família, seu quórum do sacerdócio ou da Sociedade de Socorro.

2. Estude a primeira seção dos ensinamentos (páginas 34–36) e estude o relato feito pelo próprio Joseph Smith da Primeira Visão (ver Joseph Smith—História 1:10–19). Como a Primeira Visão influenciou sua fé em Deus? Você viu a influência dela na fé exercida por outras pessoas?
3. Estude a seção que começa na página 36 e leia Doutrina e Convênios 1:17–19. O que podemos aprender a respeito do serviço na Igreja com o exemplo de Joseph Smith? Pense numa ocasião em que você recebeu uma designação do Senhor para a qual não se sentia qualificado. De que modo o Senhor o ajudou?
4. Quais são algumas verdades que o Senhor revelou por intermédio de Joseph Smith? (Para exemplos dessas verdades, ver a seção que começa na página 38.) De que modo sua vida foi abençoada por causa de seu conhecimento dessas verdades?
5. Ao ponderar o último parágrafo dos ensinamentos (página 42), pense no que pode fazer para ajudar a Igreja a continuar a tornar-se cada vez mais forte.

Escrituras correlatas: Isaías 29:13–14; I Coríntios 1:26–27; 2 Néfi 3:5–9, 11–15; Doutrina e Convênios 135

Auxílio didático: “Para incentivar o debate, use as perguntas do final do capítulo. (...) Você também pode criar suas próprias perguntas, especificamente para seus alunos. Você pode, por exemplo, perguntar aos participantes como eles poderiam aplicar os ensinamentos do Presidente Smith a suas responsabilidades como pais ou como mestres familiares ou professoras visitantes” (da página VI deste livro).

Notas

1. Conference Report, abril de 1906, p. 54.
2. Anotação no diário datada de 23 de dezembro de 1905, Documentos da Família de George Albert Smith, Universidade de Utah, caixa 73, livro 2, página 160
3. Conference Report, abril de 1906, p. 56.
4. Conference Report, abril de 1906, pp. 57–58.
5. Conference Report, abril de 1946, pp. 181–182.
6. Harold B. Lee, Conference Report, outubro de 1947, p. 67.
7. Conference Report, outubro de 1921, pp. 158–159.
8. “The Latter-day Prophet”, *Millennial Star*, 7 de dezembro de 1905, p. 822.
9. Conference Report, outubro de 1921, pp. 159–160.
10. Conference Report, abril de 1917, p. 37.
11. Conference Report, outubro de 1921, pp. 159–160.
12. Conference Report, abril de 1927, p. 83.
13. “The Latter-day Prophet”, p. 823.
14. Conference Report, outubro de 1921, p. 160.
15. Conference Report, abril de 1934, p. 26.
16. “The Latter-day Prophet”, p. 823.
17. Conference Report, outubro de 1916, pp. 46–47.
18. Conference Report, outubro de 1931, p. 121.
19. Conference Report, abril de 1904, pp. 63–64.
20. Conference Report, outubro de 1927, p. 48.
21. Conference Report, abril de 1905, pp. 62–63.
22. Conference Report, outubro de 1945, p. 18.



O Santo Sacerdócio — para a Bênção dos Filhos de Deus

O sacerdócio é a autoridade de Deus. Aqueles que possuem o sacerdócio precisam ser dignos e devem usá-lo para abençoar as pessoas.

Da Vida de George Albert Smith

Na sessão do sacerdócio da conferência geral de 2 de outubro de 1948, o Presidente George Albert Smith disse:

“Pergunto-me se nós, como pais, damo-nos ao trabalho de explicar a nossos filhos a seriedade das obrigações assumidas quando um rapaz se torna diácono. Pergunto-me se, quando o filho é ordenado diácono, o pai o faz sentir que ele passou a possuir algo que é de importância eterna. (...)”

Lembro-me como se fosse ontem de quando John Tingey impôs as mãos sobre minha cabeça e me ordenou diácono. A questão me foi apresentada e sua importância me foi explicada, de modo que senti que era uma grande honra. O resultado foi que aquilo se tornou uma bênção para mim e, após algum tempo, recebi outras ordenações. Mas, em cada caso, já se estabelecera em minha mente o alicerce de que aquilo era uma oportunidade para que eu recebesse outra bênção.”¹

No mesmo discurso, o Presidente Smith ensinou que uma das bênçãos decorrentes da ordenação ao sacerdócio é a oportunidade de abençoar a vida das pessoas. Como exemplo, ele falou de um influente portador do sacerdócio — um mestre familiar — de sua juventude:

“Rodney Badger foi mestre familiar de meu pai por muitos anos. Era um grande homem. Sempre que nos visitava, a família se reunia, e ele nos fazia perguntas e nos dizia coisas que ele achava que



“Pergunto-me se, quando o filho é ordenado diácono, o pai o faz sentir que ele passou a possuir algo que é de importância eterna.”

devíamos compreender. Quero dizer-lhes que, quando ele visitava nossa casa, trazia consigo o Espírito do Senhor. E, quando saía, sentíamos que tínhamos sido visitados por um servo do Senhor.”²

O Presidente Smith concluiu expressando seu desejo de que os portadores do sacerdócio servissem aos membros de suas respectivas alas e estacas e “não perdessem nenhuma oportunidade de ajudar a elevá-los, a desenvolvê-los e a auxiliá-los a tornar-se o que o Pai deseja que se tornem”.³ [Ver sugestão 1 da página 53.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Jesus Cristo restaurou na Terra a autoridade divina durante Seu ministério mortal.

Quando o Salvador veio no meridiano dos tempos, Ele viu que a grande Cidade de Jerusalém estava repleta de males. Os habitantes viviam de tal modo que haviam perdido a autoridade divina, portanto [Deus] enviou Seu Filho ao mundo e deu novamente início a uma Igreja que possuía o poder divino. (...) Havia alguns em Sua linhagem que eram pessoas boas (...) e havia outros que ainda oficiavam no Sacerdócio, mas era necessário que o Salvador viesse para restaurar a autoridade divina. (...)

(...) Quando Ele começou Seu ministério, não chamou para auxiliá-Lo os reis, os governantes, os sacerdotes e os que tinham grande autoridade, mas chamou humildes pescadores, e o resultado foi que Ele reuniu a Seu redor homens que podiam ser ensinados, e não homens que não acreditavam Nele. Organizou a Igreja sob a direção de nosso Pai Celestial. Conferiu autoridade divina a Seus companheiros e os orientou a respeito do que deveriam fazer. (...) Ele tinha autoridade divina, e os justos O reconheceram como o Filho de Deus. Alguns acham que Ele foi apenas um bom homem. Acreditamos que Ele veio à Terra não apenas para ensinar às pessoas o que deveriam fazer, mas para conferir a Seus discípulos a autoridade divina para administrar as ordenanças de Sua Igreja. (...)

Na época do Salvador, Ele era a autoridade presidente. Abaixo Dele, havia um quórum de doze homens, por Ele escolhidos. Quando Ele morreu, o Quórum dos Doze, que não era apenas um grupo de homens comuns que chamavam a si mesmos de

discípulos, mas um quórum de doze homens que possuíam autoridade divina e a tinham recebido de Jesus Cristo, tornou-se a liderança da Igreja.⁴ [Ver sugestão 2 da página 54.]

O sacerdócio foi restaurado em nossos dias por homens que o possuíam antigamente.

Está registrado e reconhecido no céu e na Terra que os credos e as denominações se multiplicaram depois que [Jesus Cristo] partiu da Terra, e que as igrejas aumentaram em número no mundo, até que, nos dias de Joseph Smith, nosso amado profeta, havia inúmeras denominações. Havia muitos homens que alegavam possuir autoridade divina, e acho que alguns deles pensavam que a tinham recebido. (...)

Quando chegou o momento, depois que o mundo havia perdido a autoridade ou o Sacerdócio, o Senhor chamou um humilde rapaz e lhe enviou uma manifestação celeste e conversou com ele, dizendo o que deveria fazer, e enviou outros mensageiros e seres celestes, de tempos em tempos, e o resultado disso foi a organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e a essa Igreja foi conferida autoridade divina. (...)

Quando Joseph Smith era um rapaz, o Senhor lhe ordenou que traduzisse o Livro de Mórmon. Em certa ocasião, quando Joseph e Oliver Cowdery estavam traduzindo, o Senhor enviou um santo mensageiro para responder a suas dúvidas sobre o batismo. Quem foi que veio? João Batista, que possuía o Sacerdócio Aarônico. De onde ele veio? Do céu. (...) Ele apareceu a Joseph Smith e Oliver Cowdery como um glorioso ser ressuscitado. Veio por ordem de nosso Pai Celestial para conferir o Sacerdócio Aarônico a Joseph e Oliver, porque ele não podia ser encontrado em nenhum lugar do mundo. Era necessário que os céus se abrissem e um homem que possuía o Sacerdócio, e ainda o possui, viesse e o conferisse.

Depois disso, Pedro, Tiago e João, que possuíam o Sacerdócio de Melquisedeque, conferiram esse Sacerdócio a Joseph e Oliver, e o Senhor ordenou a organização da Igreja, com uma Presidência, que consistia de um presidente e dois conselheiros; também um Quórum dos Doze Apóstolos, um Patriarca, Sumos Sacerdotes,



“Homens que possuíam o Sacerdócio no passado vieram e conferiram esse Sacerdócio a homens humildes.”

Setentas, Élderes, Sacerdotes, Mestres e Diáconos; o mesmo tipo de organização existente na igreja primitiva, no tocante à autoridade.⁵

A mesma autoridade que [Joseph Smith] tinha foi conferida a seus filhos, e nosso Pai Celestial exigirá deles que ministrem as ordenanças do Evangelho. A responsabilidade que Joseph Smith recebeu não se perdeu quando ele partiu, mas foi colocada sobre outros ombros. Nosso Pai Celestial ergueu, de tempos em tempos, aqueles que tinham autoridade para falar em Seu nome, para administrar as ordenanças do evangelho e para abençoar os filhos dos homens. Eles compartilharam essa honra com vocês e com seus filhos.⁶

Sinto-me grato pelo Senhor ter revelado o evangelho novamente em nossos dias e em nossa época. O Pai e o Filho apareceram; homens que possuíam o Sacerdócio no passado vieram e conferiram esse Sacerdócio a homens humildes, que por sua vez receberam o mandamento de conferi-lo a outros. Assim, o evangelho

e o Sacerdócio foram colocados à disposição de todos os que se qualificarem para recebê-lo, e essa é a maneira do Senhor.⁷

Vocês, rapazes que possuem o Sacerdócio, têm uma missão realmente extraordinária. Sobre vocês foi conferida autoridade divina. Vocês não obtiveram seu direito de pregar e ensinar o evangelho e de officiar em suas ordenanças como resultado de estudos em uma faculdade ou universidade. Receberam sua autoridade de homens divinamente comissionados para agir como servos do Senhor, e ele foi conferido a vocês por aqueles que o receberam diretamente de Jesus Cristo, nosso Senhor.⁸ [Ver sugestão 3 da página 54.]

O poder e a autoridade de Deus somente podem ser encontrados em Sua Igreja verdadeira.

Ouvi homens perguntarem: “Em que aspectos sua Igreja oferece mais benefícios do que outras igrejas?” Procurei, com muito tato, explicar-lhes a diferença. Qualquer organização pode reunir-se para adorar, mas isso não lhes concede autoridade divina. Qualquer grupo de igrejas pode reunir-se e organizar comunidades eclesiásticas. Isso não lhes confere autoridade divina. Os homens podem unir-se para bons propósitos, mas a autoridade do Pai Celestial somente é obtida à maneira Dele. No passado, Sua maneira era chamar e ordenar homens e designá-los para o trabalho. O mesmo acontece em nossos dias. (...)

As pessoas precisam compreender que o simples fato de se inclinarem perante o Senhor em oração não lhes dá autoridade divina. O cumprimento de exigências feitas em relação a honestidade, virtude, lealdade, etc., não lhes dá autoridade divina. (...) Não é suficiente orar e frequentar a igreja. É preciso ter autoridade divina, e foi a declaração de que possuímos essa autoridade que resultou em grande parte da perseguição que a Igreja tem sofrido desde seu princípio. Mas essa é a verdade, e muitos dos filhos de nosso Pai estão começando a observar os efeitos da autoridade divina que existe nesta Igreja ao verem o desenvolvimento que ocorre na vida de homens e mulheres.⁹ [Ver sugestão 4 da página 54.]

Pessoalmente não desejo dar a entender que esteja procurando falhas e criticando as pessoas que fazem parte das várias

denominações religiosas existentes no mundo. Sinto-me grato por haver em muitas delas bons homens e mulheres que acreditam Nele e que servem a Deus com a luz que possuem. Mas permanece o fato de que nosso Pai estabeleceu Sua Igreja neste mundo. Ele conferiu em nossos dias Sua autoridade aos homens, e não há outra autoridade no mundo que Ele reconheça a não ser a que Ele próprio instituiu.¹⁰ [Ver sugestão 5 da página 54.]

**As ordenanças do Sacerdócio são essenciais
para que entremos no reino celestial.**

Se fôssemos iguais a todas as outras denominações, poderíamos buscar o Senhor e receber Suas bênçãos, porque todo homem que faz o bem neste mundo recebe uma bênção; poderíamos ter todas as virtudes de vital importância e incorporá-las a nossa vida, mas sem o poder de Deus e a autoridade do santo Sacerdócio não seria possível aos homens alcançar o reino celestial.¹¹

O único plano que vai preparar os homens para o reino celestial é o plano que foi dado por Jesus Cristo, nosso Senhor; e a única autoridade que vai qualificar os homens para ensinar e para officiar devidamente nas ordenanças do evangelho é a autoridade de Jesus Cristo, nosso Senhor.¹²

Joseph Smith Jr. foi chamado por Deus para ser Seu profeta, e por meio dele foi restaurado na Terra o Santo Sacerdócio de Melquisedeque, que é o poder de Deus delegado ao homem para agir em Seu nome. Por meio desse Sacerdócio, toda ordenança do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo que é necessária para a salvação dos filhos do homem é administrada com autoridade.¹³

Como seríamos afetados se tivéssemos que nos separar da autoridade que Deus nos conferiu? Isso significaria que as portas do reino celestial estariam fechadas para nós. Significaria que a bênção suprema que fomos ensinados a buscar desde a infância não seria realizada. (...) A companhia de meus entes amados, (...) que me são tão queridos quanto a própria vida, não poderia ser desfrutada no reino celestial.¹⁴

O sacerdócio (...) é uma bênção que, se formos fiéis, abrirá as portas do reino celestial e nos dará um lugar para habitar por todas

as eras da eternidade. Não ajam com leviandade em relação a essa bênção inestimável.¹⁵ [Ver sugestão 6 da página 54.]

Os portadores do sacerdócio têm a responsabilidade de levar uma vida exemplar e de usar o sacerdócio para abençoar as pessoas.

Como é belo compreender que os homens que são dignos podem receber [o] sacerdócio e, com a autoridade que lhes é conferida, fazer tantas coisas que são uma bênção para os outros filhos de nosso Pai.¹⁶

Não podemos sair pelo mundo e encontrar em qualquer outra igreja, ou em todas as outras igrejas, (...) homens que possuam autoridade divina. Não se esqueçam disso. Vocês pertencem a um grupo seletivo de homens (...) que por imposição de mãos receberam autoridade divina, tornando-se sócios do Mestre do Céu e da Terra. Não estou dizendo que vocês não possam rir, sorrir e desfrutar a vida, mas quero dizer que deve haver uma profunda conscientização em cada alma de que “Sou guardador de meu irmão. Posso a autoridade do Senhor Jesus Cristo — sou portador do Santo Sacerdócio”. Se fizermos isso, não agiremos levemente em relação às coisas sagradas, como alguns fizeram no passado.¹⁷

O fato de possuírem o Sacerdócio será uma condenação para muitos homens, devido à maneira como eles o tratam, considerando-o algo muito comum.¹⁸

Alguns homens acham que, por possuírem o Sacerdócio, isso lhes garante um modo especial de se comportarem no lar. Quero dizer-lhes que vocês, homens que possuem o Sacerdócio, jamais chegarão ao Reino Celestial a menos que honrem sua mulher e sua família e que os instruam e lhes concedam as bênçãos que desejam para si mesmos.¹⁹

A autoridade de nosso Pai Celestial está na Terra para abençoar a humanidade, e não para tornar aqueles que recebem essa autoridade arrogantes mas, sim, humildes; não para fazer com que os que receberam privilégios especiais se sintam maiores do que os outros, mas para tornar-nos humildes na alma, fervorosos no coração e atenciosos com todos os homens em tudo o que fizermos, sendo

assim, por meio de nossa vida justa, um exemplo daquilo que o Pai Celestial deseja que ensinemos.²⁰

O fato de sermos membros da Igreja e de possuímos o Sacerdócio não nos levará a lugar algum a menos que sejamos dignos. O Senhor disse que toda bênção que desejamos se baseia na obediência a Seus mandamentos. Podemos enganar nossos semelhantes e podemos enganar a nós mesmos com a noção de que estamos nos saindo bem, mas, a menos que guardemos os mandamentos de nosso Pai Celestial, a menos que portemos dignamente este santo Sacerdócio que é tão precioso, não encontraremos nosso lugar no reino celestial.²¹

A vocês, irmãos (...), foi conferida uma oportunidade sagrada, uma responsabilidade sagrada. Vocês receberam as bênçãos do santo Sacerdócio. Foi-lhes conferida autoridade divina, e essa autoridade é acompanhada da responsabilidade de erguer a voz e conduzir-se na vida de modo que as pessoas do mundo conheçam a diferença entre o evangelho de Jesus Cristo e as outras organizações do mundo.²²

Onde quer que esteja, lembre-se de que você representa aquele que é o criador de nosso ser. O sacerdócio que você possui não é o sacerdócio de Joseph Smith, ou de Brigham Young, ou de qualquer outro homem que foi chamado para a liderança da Igreja neste país ou no exterior. O sacerdócio que você possui é o poder de Deus, que lhe foi conferido do alto. Santos mensageiros foram enviados à Terra (...) para restaurar essa gloriosa bênção que estivera perdida na Terra por centenas de anos. Sem dúvida devemos ser gratos por nossas bênçãos.²³

Oro para que o Senhor abençoe todos nós, que sejamos dignos de possuir o sacerdócio que Ele nos ofereceu e nos conferiu, que, onde quer que estejamos, as pessoas possam dizer: “Aquele homem é um servo do Senhor”.²⁴ [Ver sugestão 7 da página 54.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pense no que o Presidente Smith descreveu nas páginas 45–47. O que podemos fazer para ajudar os rapazes a se preparar para ser ordenados a ofícios no sacerdócio? O que podemos

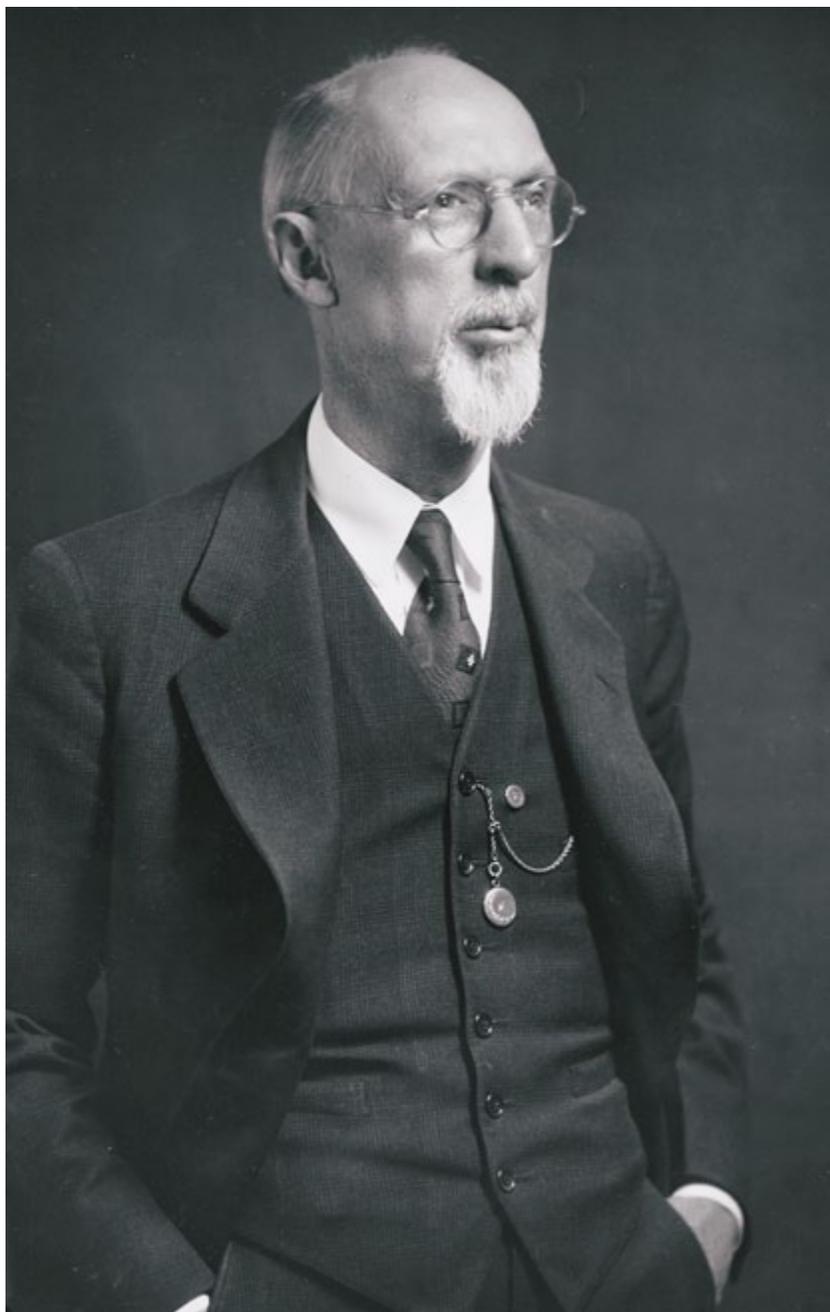
- fazer para ajudar as moças a compreender a importância do poder do sacerdócio na vida delas? Por que é importante que os homens e as mulheres aprendam a respeito do sacerdócio?
2. Por que foi “necessário que o Salvador (...) [restaurasse a autoridade divina]” (página 47) durante Seu ministério terreno, além de ensinar o evangelho?
 3. Leia a página 49 e o primeiro parágrafo da página 50. Por que você acha que o Senhor coloca Sua autoridade ao alcance de todo homem digno, em vez de restringi-lo a uns poucos homens com instrução formal?
 4. O Presidente Smith referiu-se ao “desenvolvimento que ocorre na vida de homens e mulheres” graças ao sacerdócio (página 50). O que essa declaração significa para você? O que você pode fazer para cultivar o poder e a influência do sacerdócio em sua vida?
 5. Ao estudar a seção que começa na página 50, pense em como você responderia à pergunta que foi feita ao Presidente Smith: “Em que aspectos sua Igreja oferece mais benefícios do que outras igrejas?”
 6. Estude a seção que começa na página 51. Quais são algumas das “bênçãos inestimáveis” que você recebeu graças ao sacerdócio?
 7. Ao estudar a última seção dos ensinamentos (páginas 52–53), procure as responsabilidades que o Presidente Smith disse que acompanham o sacerdócio. O que os membros do quórum do sacerdócio podem fazer para apoiar uns aos outros em suas responsabilidades? Como as mulheres podem ajudar os portadores do sacerdócio a serem leais a essas responsabilidades? O que os portadores do sacerdócio podem fazer para apoiar as mulheres no papel divino que elas têm?

Escrituras correlatas: João 15:16; Alma 13:1–3, 6–10; Doutrina e Convênios 84:19–22; Joseph Smith—História 1:68–72; Regras de Fé 1:5

Auxílio didático: “Testifique sempre que o Espírito o inspirar a fazê-lo e não só no fim das aulas. Crie oportunidades para seus alunos prestarem testemunho” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, página 45).

Notas

1. Conference Report, outubro de 1948, pp. 180–181.
2. Conference Report, outubro de 1948, p. 186.
3. Conference Report, outubro de 1948, p. 190.
4. “The Church with Divine Authority”, *Deseret News*, 28 de setembro de 1946, seção da Igreja, p. 1, 6.
5. “The Church with Divine Authority”, p. 6.
6. Conference Report, abril de 1904, p. 64.
7. Conference Report, abril de 1934, pp. 28–29.
8. Conference Report, abril de 1927, p. 83.
9. Conference Report, abril de 1934, pp. 28–29.
10. Conference Report, abril de 1917, pp. 37–38.
11. Conference Report, outubro de 1926, p. 106.
12. Conference Report, abril de 1934, p. 30.
13. “Message to Sunday School Teachers”, *Instructor*, novembro de 1946, p. 501.
14. Conference Report, abril de 1925, p. 65.
15. Conference Report, abril de 1949, pp. 191–192.
16. Conference Report, outubro de 1950, p. 6.
17. Conferência de setentas e missionários de estaca, 4 de outubro de 1941, p. 7.
18. Conference Report, abril de 1948, p. 184.
19. Conference Report, abril de 1948, p. 184.
20. Conference Report, outubro de 1928, p. 94.
21. Conference Report, abril de 1943, pp. 91–92.
22. Conference Report, outubro de 1933, p. 25.
23. Conference Report, outubro de 1945, p. 118.
24. Conference Report, outubro de 1950, p. 182.



“Sou apenas um homem, um dos mais humildes entre vocês, mas fui chamado para este serviço (...) pela autoridade de nosso Pai Celestial.”



Apoiar Aqueles Que o Senhor Apoia

Nossos líderes são escolhidos pelo Senhor e Ele espera que os apoiemos em palavras e ações.

Da Vida de George Albert Smith

George Albert Smith foi apoiado Presidente da Igreja na conferência geral de outubro de 1945. Perto do final da conferência, o Presidente Smith expressou gratidão pelo voto de apoio dos santos: “Obrigado pela confiança que foi manifestada, meus irmãos e minhas irmãs, esperando que eu tenha sucesso, e prometendo, como alguns de vocês fizeram, que vão ajudar-me a ter sucesso, porque sou apenas um homem, um dos mais humildes entre vocês, mas fui chamado para este serviço — e não estaria aqui se não soubesse que fui chamado — pela autoridade de nosso Pai Celestial”.

Depois, ele acrescentou este pedido: “Precisarei da ajuda de todo homem, toda mulher e toda criança, não para minha bênção, mas para sua bênção e para bênçãos dos filhos dos homens, onde quer que estejam. Esta não é *minha* responsabilidade, é *nostra* responsabilidade”.¹

Como mostram os ensinamentos deste capítulo, George Albert Smith compreendia os pesados fardos carregados pela Primeira Presidência, mesmo antes de se tornar Presidente da Igreja. Ele ensinou aos santos que sua lealdade e fidelidade podem ajudar a aliviar esses fardos e foi um exemplo desse princípio durante seu serviço no Quórum dos Doze Apóstolos.

Em 1946, enquanto dirigia uma sessão da conferência geral, o Presidente Smith deu início ao apoio dos líderes da Igreja explicando que aquilo era mais do que um mero ato passivo: “Passaremos agora a um procedimento costumeiro nestas conferências; ou

seja, a apresentação das Autoridades da Igreja para serem apoiadas pelo voto das pessoas. Espero que todos vocês se deem conta de que este é um privilégio sagrado. (...) Não se trata apenas de um símbolo, mas é uma indicação de que, com a ajuda do Senhor, vocês farão sua parte do trabalho”.² [Ver sugestão 1 da página 65.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Aqueles que presidem a Igreja são preparados, escolhidos e inspirados pelo Senhor.

Esta grande Igreja foi presidida por homens que foram especialmente preparados, ensinados e providos para a grande honra que foi conferida a cada um dos que ocuparam este cargo. Nosso Pai Celestial, em Sua sabedoria, cercou esses líderes de Israel de outros que igualmente têm fé e que não reverenciam a pessoa por causa de sua personalidade ou individualidade como presidente da Igreja, mas o reconhecem como o porta-voz de nosso Pai Celestial e o apoiam e sustêm, e oram por ele, e o amam, para que eles também recebam as bênçãos de nosso Pai Celestial.

Não há organização como esta no mundo. Não há outro povo [que seja] liderado como este povo. Verdadeiramente foi dito que aqueles que presidem são homens justos. É por meio deles que nosso Pai Celestial realizará Sua obra. É por meio deles que o evangelho precisa ser ensinado. (...) O homem que nos preside hoje não o faz devido a sua própria capacidade inata. Ele não preside por ser filho de algum grande potentado, mas está no cargo que ocupa porque nosso Pai Celestial conhece a integridade de sua alma. Reconhecendo a determinação com que ele levaria esta mensagem a todas as nações da Terra, Ele o preparou para o elevado chamado que lhe foi conferido. Ele preside como representante de nosso Pai Celestial.³

Estive pensando hoje nos homens humildes, porém grandiosos, que lideraram esta Igreja desde sua organização. (...) Conheci bem [muitos dos] Presidentes [da Igreja] e creio que todos eles eram homens de Deus. É inconcebível que nosso Pai Celestial escolhesse qualquer outro tipo de pessoa para presidir Sua Igreja.⁴

O que aconteceu quando [Joseph Smith] morreu? (...) [Os santos] não realizaram um conclave, escolheram um encarregado

ou indicaram um novo líder. O líder já tinha sido escolhido pelo Senhor. Era o membro sênior do Quórum dos Doze: Brigham Young. (...) A Igreja como um todo em todas as suas sessões o apoiou como Presidente. Quando ele morreu, seus conselheiros não disseram que eles eram o Presidente, mas o Quórum dos Doze presidiu por muito tempo, e depois, seu membro sênior foi apoiado como Presidente da Igreja. Prevaleceu a ordem perfeita. (...)

Ressaltei algumas dessas coisas para que não haja enganoso. Joseph Smith não escolheu a si mesmo para ser Presidente da Igreja. Tampouco o fizeram todos os que o sucederam. (...) A indicação vem de nosso Pai Celestial, por meio de Sua inspiração, e os homens recebem todo o poder que acompanha o chamado.⁵

Quão gratos devemos ser por saber que esta obra não é obra de homem, mas é a obra do Senhor; que esta Igreja, que leva o nome de Jesus Cristo, é dirigida por Ele, e que Ele não permitirá que nenhum homem ou grupo de homens a destrua. Ele não permitirá que os homens que presidem sua Igreja liderem as pessoas para o erro, mas vai sustê-los com Seu onipotente poder. Ele vai magnificá-los aos olhos de bons e grandiosos homens e mulheres. Vai abençoar seu ministério, que será repleto de sucesso. Aqueles que se opõem e apontam defeitos não terão alegria em sua oposição. Aqueles que criticam e procuram destruir a influência dos líderes da Igreja sofrerão as consequências de suas afrontas.⁶

Precisamos ter gratidão no coração por sermos liderados por homens santos que são inspirados por nosso Pai Celestial a ensinar-nos dia após dia.⁷ [Ver sugestão 2 da página 65.]

**Por meio de Seus servos, o Senhor nos ensina
o caminho para a felicidade e a segurança.**

Desde a época do Patriarca Adão até o presente, o Senhor admoestou as pessoas por intermédio de Seus servos. Ele as inspirou a uma vida melhor quando lhe deram ouvidos e, ao longo das eras, à medida que Seus filhos precisavam, Ele enviou homens santos ao mundo, para transmitir instruções que conduziam à felicidade, inspirando-os a ensinar as gloriosas verdades que enobrecem e enriquecem a humanidade.⁸

Não conheço nada de grande importância que tenha acontecido no mundo sem que o Senhor tenha avisado as pessoas a respeito disso, por meio de Seus profetas, para que não fossem deixadas na ignorância do que haveria de suceder, mas pudessem planejar sua vida para seu benefício, se assim o desejassem. (...)

O caso de Noé é um deles. O Senhor ordenou que ele construísse uma arca, na qual os justos pudessem ser preservados do dilúvio que estava para vir. Noé construiu a arca e pregou arrependimento a sua geração por um período de cento e vinte anos, advertindo-os plenamente. As pessoas, porém, eram tão iníquas que deixaram de dar ouvidos à advertência. Tendo seu arbítrio, escolheram o mal em vez da retidão. As chuvas caíram, o dilúvio veio, e somente Noé e sua família de oito almas foram salvos. Todos tinham sido plenamente advertidos, mas devido a sua teimosia e recusa em arrepender-se, afogaram-se. [Ver Moisés 8:13–30.]⁹

O Senhor quer que sejamos felizes. É por isso que Ele nos deu o evangelho de Jesus Cristo. É por isso que nos conferiu o sacerdócio. Ele quer que tenhamos alegria. É por isso que organizou esta Igreja e estabeleceu nela os vários ofícios, e todas essas coisas estão em ordem. (...) Se seguirmos a liderança do Senhor e aqueles que o Senhor apoia, não cairemos nas trevas, não perderemos a luz, não transgrediremos as leis de Deus e não desperdiçaremos os privilégios que Ele deseja tão ansiosamente que todos desfrutemos.¹⁰

Há apenas um caminho seguro para mim nestes dias, que é seguir aqueles que o Senhor nomeou para liderar. Posso ter minhas próprias ideias e opiniões, posso exercer meu próprio juízo em relação às coisas, mas sei que, quando meu juízo conflita com os ensinamentos daqueles que o Senhor nos deu para indicar o caminho, devo mudar de rumo. Se eu desejar a salvação, seguirei os líderes que nosso Pai Celestial nos deu, enquanto Ele os apoiar.¹¹ [Ver sugestão 3 das páginas 65–66.]

**Aqueles que são humildes e fiéis apoiam
e defendem os servos do Senhor.**

Conheci milhares de pessoas que fazem parte desta grande Igreja, homens e mulheres de muitas nações que com humildade e

fidelidade aceitaram o evangelho para filiarem-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...) [Eles] oraram por seus líderes e os apoiaram (...) e, durante todos os meus anos de Igreja, não conheci nenhuma pessoa que guardasse os mandamentos do Senhor que tenha erguido a voz contra os que foram chamados para presidir esta Igreja. Isso é realmente extraordinário. (...)

Um dos maiores testemunhos para mim da divindade desta obra é que uma multidão de pessoas (...) quando na conferência de estaca têm a oportunidade (...) de expressar-se, manifestando seu voto de apoio ou de rejeição aos que os presidem (todos exercendo seu arbítrio), continuam a apoiar seus líderes. Sem dúvida, o Espírito do Senhor inspira as pessoas fiéis e humildes a apoiar seus servos escolhidos.¹²

Quando Moisés liderou Israel para fora do Egito, seguindo pelo deserto até a terra prometida, Amaleque atacou Israel em Refidim. Moisés instruiu Josué a escolher homens guerreiros para proteger Israel. Moisés, Aarão e Hur foram até o topo de um monte, de onde avistavam o campo de batalha. Enquanto Moisés segurava a vara de Deus acima da cabeça, Israel prevalecia, mas, quando ele abaixava as mãos devido ao cansaço, Amaleque prevalecia. Um assento de pedra foi providenciado, e Aarão e Hur sustentaram as mãos dele para que as bênçãos de Deus fluíssem para Israel, de modo que os guerreiros prevalecessem e vencessem a batalha. O poder de Deus estava sobre Moisés e permaneceu com ele até que terminasse sua obra. [Ver Êxodo 17:8–13.] Quando ele tinha o apoio do povo, eles também eram abençoados, e o mesmo ocorreu com todo servo do Senhor que presidiu Israel. (...)

(...) Enquanto [o Presidente] presidir esta Igreja, não importa quantos anos sejam, nosso Pai Celestial vai dar-lhe forças, poder, sabedoria, juízo e inspiração para dizer a Israel o que precisa ser dito. Nós, que seguimos sua liderança, precisamos ser como Aarão e Hur, do passado. Precisamos sustentar suas mãos para que, por meio dele, o Senhor permita que as bênçãos do céu se derramem sobre nós e sobre este povo.¹³

Sei que esses homens [as Autoridades Gerais] são servos do Senhor, e sei que procuram abençoar a humanidade. Espero que nenhum de vocês (...) deixe de apoiá-los, não apenas com sua fé



*“Precisamos ser como Aarão e Hur, do passado.
Precisamos sustentar [as] mãos [do profeta].”*

e orações, mas, se eles forem difamados, ou se a atitude deles for deturpada, que vocês estejam desejosos de defendê-los e ansiosos para fazê-lo, se necessário, porque tempo virá em que eles precisarão de sua defesa. O adversário não os esqueceu e, para mim, uma das provas da divindade do chamado desses homens é que os homens iníquos falam mal deles, e os bons homens e mulheres falam bem deles.¹⁴ [Ver sugestão 4 da página 66.]

**Quando criticamos nossos líderes ou
desprezamos seu conselho, permitimos que
o adversário nos desvie do caminho certo.**

Há entre nós aqueles (...) que foram cegados pelas filosofias e pela insensatez dos homens. Há aqueles que rejeitaram a advertência e o conselho do homem que Deus colocou à testa desta Igreja. (...)

Algumas pessoas pouco informadas surgem de repente com uma ideia brilhante e sugerem que “este é o caminho” ou que “aquele é o caminho” e, embora esteja em conflito com a advertência do Senhor, alguns são persuadidos a experimentar. O Senhor nos deu conselhos seguros e indicou o Presidente de Sua Igreja para interpretar esses conselhos. Se ignorarmos o que ele nos aconselha, como Presidente da Igreja, podemos acabar descobrindo que cometemos um grave erro.¹⁵

A Presidência da Igreja (...) são representantes de nosso Pai Celestial, não apenas para este povo, mas eles O representam para todas as pessoas do mundo. Bem faríamos em magnificar e honrar esses homens que Ele colocou para liderar-nos. Eles são homens com fraquezas humanas, eles cometerão erros, mas, se formos tão caridosos com os erros que eles cometerem quanto somos com nossas próprias falhas e erros, veremos as virtudes deles como vemos as nossas próprias.

Rogo-lhes, meus irmãos e minhas irmãs, que não permitam que palavras de crítica ou palavras rudes sejam proferidas por seus lábios a respeito daqueles que o Senhor chamou para liderar-nos. Não se associem àqueles que desejam menosprezá-los ou enfraquecer sua influência entre os filhos dos homens. Se o fizerem, posso dizer que vocês se encontrarão em poder do adversário. Serão influenciados por ele para se afastarem o máximo possível do caminho da verdade e, se não se arrependem, pode ser que descubram que é muito tarde e que perderam a “pérola de grande valor”. Devido a seu egoísmo e sua cegueira, vocês foram desviados do caminho, e seus entes queridos (...) sentirão tristeza do outro lado do véu devido a sua fraqueza e sua insensatez.¹⁶ [Ver sugestão 5 da página 66.]

O adversário não dorme. Ele engana muitos e os conduz ao pecado. (...) Há alguns que ensinam falsa doutrina; e alguns que procuram persuadir homens e mulheres a quebrar os mandamentos de nosso Pai Celestial. (...) Se os membros desta Igreja que apontam defeitos nos líderes da Igreja e criticam aqueles que dão a própria vida para abençoar-nos e beneficiar-nos simplesmente fizessem uma pausa para perguntar fervorosamente: “A qual desses mestres é seguro seguir?”, não teriam dificuldade em encontrar o rumo certo e apoiariam aqueles que o Senhor apoia.¹⁷

**Quando apoiamos nossos líderes,
comprometemo-nos a seguir seu conselho
e a magnificar nossos próprios chamados.**

Deve ser uma fonte de força para o Presidente desta Igreja olhar para o rosto de milhares de homens e mulheres sinceros e vê-los erguer a mão em convênio com nosso Pai Celestial para apoiá-lo no ofício para o qual foi chamado, como Presidente desta grande Igreja. A obrigação que assumimos quando erguemos a mão nessas circunstâncias é extremamente sagrada. Isso não significa que seguiremos tranquilamente nosso caminho confiantes de que o profeta do Senhor vai dirigir esta obra, mas significa — caso compreendamos a obrigação que assumimos quando erguemos a mão — que vamos defendê-lo e apoiá-lo, que vamos orar por ele, que vamos defender seu bom nome e que vamos esforçar-nos para cumprir suas instruções, conforme o Senhor o orientar a transmiti-las para nós, enquanto estiver nesse cargo.¹⁸

Quando penso nos fardos levados pelo Presidente desta Igreja e por seus conselheiros e me dou conta das responsabilidades colocadas sobre seus ombros, do fundo do coração desejo ajudá-los, para que eu não seja um estorvo, mas que, no cargo para o qual fui chamado, com vocês, meus irmãos e minhas irmãs, possamos cada qual assumir nosso lugar e realizar nossa parte da tarefa e magnificar nosso chamado para honra e glória de Deus.¹⁹ [Ver sugestão 4 da página 66.]

Deus permita que nós, que fomos tão abundantemente abençoados, possamos sustentar as mãos do servo do Senhor que nos preside; que possamos ajudá-lo não apenas com nossa fé e nossas orações, mas com amorosa bondade, conforme houver oportunidade; que possamos marchar sob a bandeira que ele erguerá, enquanto Deus continuar a sustê-lo como Presidente da Igreja, como profeta do Senhor nestes últimos dias.²⁰

Vamos apoiar esses homens que Deus ergueu para presidir-nos. Abençoemo-los, não apenas com nossos lábios, mas auxiliando-os de todas as maneiras possíveis a carregar esse fardo que tanto pesa nos ombros deles. (...) Orem por eles e abençoem-nos e ajudem-nos.²¹



Apoiamos nossos líderes quando “[realizamos] nossa parte da tarefa e [magnificamos] nosso chamado para honra e glória de Deus”.

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia o último parágrafo de “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 57–58). Qual é a “sua parte do trabalho”? Ao estudar este capítulo, pense em maneiras pelas quais você pode mostrar com suas palavras e ações que apoia os líderes da Igreja.
2. Estude a primeira seção dos ensinamentos (páginas 58–59), particularmente o segundo e o quarto parágrafos. Como é que a maneira do Senhor de escolher líderes difere da maneira do mundo? Que experiências pessoais você teve que fortaleceram sua fé no fato de que nossos líderes são escolhidos pelo Senhor?
3. Estude a seção que começa na página 59 e leia Doutrina e Convênios 21:4–7. Que conselho específico o Senhor deu por

intermédio do atual Presidente da Igreja? Por intermédio de seu presidente de estaca ou distrito? Por intermédio de seu bispo ou presidente de ramo? Que bênçãos você recebeu por ter seguido esse conselho?

4. Estude a seção que começa na página 62 e leia os dois primeiros parágrafos da página 64. O que significa para você apoiar os líderes da Igreja? De que modo o apoio aos líderes da Igreja fortalece nossa família e nosso lar?
5. Leia os últimos parágrafos da página 63. Por que é perigoso criticar os líderes da Igreja? Qual seria uma maneira adequada de responder caso alguém aponte um defeito em um de seus líderes locais?

Escrituras correlatas: Amós 3:7; Efésios 4:11–14; Hebreus 5:4; Doutrina e Convênios 84:109–10; 107:22; 112:20

Auxílio didático: Um modo de incentivar o aprendizado diligente é ouvir atentamente quando alguém fizer uma pergunta ou um comentário. “Ouvir é uma demonstração de amor. Em geral, exige sacrifícios. Quando verdadeiramente ouvimos as pessoas, costumamos abdicar do que queremos dizer para dar-lhes a oportunidade de expressarem-se” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, 66).

Notas

1. Conference Report, outubro de 1945, pp. 174–175.
2. Conference Report, outubro de 1946, pp. 153–154.
3. Conference Report, abril de 1927, pp. 86–87.
4. Conference Report, abril de 1931, p. 31.
5. “The Church with Divine Authority”, *Deseret News*, 28 de setembro de 1946, Church section, pp. 6, 9.
6. Conference Report, abril de 1934, p. 29.
7. Conference Report, outubro de 1917, p. 45.
8. Conference Report, outubro de 1917, p. 40.
9. Conference Report, abril de 1945, p. 136.
10. Conference Report, abril de 1949, p. 192.
11. Conference Report, abril de 1937, p. 33.
12. Conference Report, abril de 1931, p. 32.
13. Conference Report, abril de 1942, p. 14.
14. Conference Report, outubro de 1933, p. 29.
15. Conference Report, outubro de 1936, p. 75.
16. Conference Report, abril de 1937, p. 34.
17. Conference Report, abril de 1937, p. 33.
18. Conference Report, junho de 1919, p. 40.
19. Conference Report, outubro de 1929, p. 24.
20. Conference Report, abril de 1930, pp. 68–69.
21. Conference Report, outubro de 1930, p. 69.



A Imortalidade da Alma

Nossa vida é eterna, e esse conhecimento nos ajuda a fazer as escolhas corretas e consola-nos em momentos de tristeza.

Da Vida de George Albert Smith

George Albert Smith foi abençoado com uma firme compreensão do propósito da vida, e isso o ajudou a encorajar as pessoas ao enfrentarem a adversidade. Com frequência lembrava aos santos que “estamos vivendo uma vida eterna” — que a eternidade não começa depois desta vida, mas que a mortalidade é uma parte essencial da eternidade. “Às vezes digo a meus amigos, quando parecem estar numa encruzilhada, sem saber para onde querem ir: ‘Hoje é o início da felicidade eterna ou do desapontamento eterno para você.’”¹

O Presidente Smith prestou testemunho dessas verdades no funeral de Hyrum G. Smith, Patriarca da Igreja, que faleceu relativamente jovem, deixando esposa e oito filhos:

“Quando me pediram que falasse neste funeral, senti que talvez não conseguisse fazê-lo. Sentia as emoções fervilhar e não conseguia controlá-las, mas, quando entrei neste prédio, uma bela e doce influência de paz entrou em minha alma. (...)”

Em vez de chorar, sinto vontade de agradecer ao Pai Celestial pelo evangelho de Seu Filho Amado que foi novamente revelado em nossos dias. (...) O conhecimento de que a vida é eterna é uma bênção maravilhosa — saber que por toda a eternidade as bênçãos pelas quais este bom homem viveu serão suas. Sua vida mortal chegou ao fim, mas essa é apenas uma parte da vida eterna. Ele estabeleceu o alicerce profundo e seguro sobre o qual edificou e vai continuar a edificar durante toda a eternidade. A alegria que senti aqui na Terra será aumentada. (...)



“Sinto-me grato por ter-nos sido revelado claramente nestes últimos dias que esta vida não é o fim, que ela é apenas parte da eternidade.”

Ao pensar no que as pessoas do mundo sentem em ocasiões como esta, maravilho-me por ver o quanto fomos abençoados. Não tenho dúvidas a respeito da vida eterna e da imortalidade da alma, assim como de que o sol brilha ao meio-dia. (...) É triste separar-nos de nossos entes queridos, mesmo temporariamente. Nós os enviamos em missão, ou eles vão morar em outra parte do mundo, e sentimos saudades deles. Quando acontece uma ocasião como esta, parece que eles ficam mais distantes, mas na verdade não estão, se simplesmente compreendermos. (...) Em vez dos pêsames que geralmente damos aos enlutados, sinto-me mais inclinado a regozijar-me neste dia por saber que este não é o fim. (...)

(...) Portanto, hoje, ao colocar-me aqui em sua presença, quando talvez devesse verter lágrimas, minha alma está repleta de consolo e satisfação. Oro para que esse consolo esteja na vida de cada um dos que estão de luto.”² [Ver sugestão 1 da página 77.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Vivemos como espíritos antes de vir à Terra, e nosso espírito continuará a viver depois que morrermos.

Nossa compreensão desta vida é a de que a vida é eterna — que estamos vivendo na eternidade hoje, tanto quanto iremos viver na eternidade. Nossa crença é a de que vivíamos antes de vir para cá, de que a inteligência, o espírito, não teve seu início nesta vida. Cremos que recebemos um tabernáculo espiritual antes de virmos para este mundo. Que o corpo espiritual foi enviado a este mundo, e aqui ele recebeu um tabernáculo físico, o corpo que vemos. A parte física do que vemos é da Terra, terreno [ver I Coríntios 15:47], mas a porção que deixa o corpo, quando nossa vida termina, é espiritual e nunca morre. O corpo físico jaz no sepulcro — é parte da Terra e volta para a Mãe Terra — mas a inteligência que Deus colocou nele, que consegue raciocinar e pensar, que tem a capacidade de cantar e falar, não conhece a morte. Ela simplesmente passa desta esfera de vida eterna e fica esperando ali a purificação do tabernáculo físico, até a hora de ser reunida a este tabernáculo, que será glorificado, sim, como o corpo de nosso Senhor ressuscitado era glorificado, se tivermos vivido de modo a sermos dignos disso.³

Na linguagem do poeta: “A vida é real, a Vida é sincera”, e “a sepultura não é nossa meta”. [Henry Wadsworth Longfellow, “A Psalm of Life”] O espírito que habita no tabernáculo é imortal. Ele vive após a morte. O corpo se decompõe e volta a terra, mas o espírito continua a viver.⁴

Sinto-me grato por ter-nos sido revelado claramente nestes últimos dias que esta vida não é o fim, que ela é apenas parte da eternidade e que, se aproveitarmos nossos privilégios aqui, ela é apenas um degrau para condições maiores e mais desejáveis.⁵ [Ver sugestão 2 da página 78.]

Nosso propósito aqui na Terra é preparar-nos para viver com nosso Pai Celestial.

Alguns acreditam que, quando partimos desta esfera de existência, é o fim. Parece-me inacreditável, quando vemos as obras da natureza, quando investigamos o organismo do homem, a perfeição de seu corpo, a pulsação de seu coração, o desenvolvimento e fortalecimento da infância para a vida adulta, depois o gradual declínio até a vida chegar ao fim — que seja possível que qualquer dos filhos de nosso Pai possa acreditar que os seres humanos nasceram no mundo apenas para viver até a vida adulta, tornar-se idosos e morrer, sem nenhum propósito para terem vivido aqui.⁶

Esta vida não nos foi dada como passatempo. Há um solene propósito em nossa criação, na vida que Deus nos concedeu. Vamos estudar qual é esse propósito, para que progridamos e alcancemos a vida eterna.⁷

Não há dúvidas na mente de um santo dos últimos dias quanto ao propósito de nossa vida terrena. Estamos aqui para preparar-nos e desenvolver-nos e qualificar-nos para sermos dignos de habitar na presença de nosso Pai Celestial.⁸

Creemos que estamos aqui porque guardamos nosso primeiro estado e conquistamos o privilégio de vir à Terra. Creemos que nossa própria existência é uma recompensa pela fidelidade que demonstramos antes de virmos para este mundo, e que usufruímos na Terra os frutos de nossos esforços no mundo espiritual. Também creemos que estamos plantando hoje a semente de uma colheita que

ceifaremos quando partirmos deste mundo. A vida eterna é para nós a soma da vida pré-mortal, da existência atual e da continuação da vida na imortalidade, com a possibilidade de progressão e descendência eternas. Com esse sentimento e essa certeza, cremos que “Como o homem é, Deus já foi, e como Deus é, o homem pode vir a tornar-se”. [Ver Lorenzo Snow, “The Grand Destiny of Man”, *Deseret Evening News*, 20 de julho de 1901, p. 22.] Tendo sido criados à imagem de Deus, cremos que não é impróprio ou injusto esperarmos que nos seja permitido partilhar dos atributos de Deus e que, se formos fiéis, tornar-nos como Deus é; porque, ao recebermos e cumprirmos as leis naturais de nosso Pai que governam esta vida, tornamo-nos semelhantes a Ele; e, se aproveitarmos as oportunidades colocadas a nosso alcance, vamos preparar-nos para receber oportunidades maiores nesta vida e na vida futura. (...)

Que povo feliz deveríamos ser com o conhecimento que temos de que este período probatório não é para preparar-nos para a morte mas, sim, para a vida; que o desejo do Pai a nosso respeito é o de que nos abstenhamos de todo erro e que recebamos toda verdade e que, pela aplicação da verdade em nossa vida, nos tornemos mais semelhantes a Ele e nos tornemos dignos de habitar com Ele.⁹

Irmãos e irmãs, essa é uma questão muito séria. Devemos pensar nisso com seriedade. Devemos analisar nossa própria vida e descobrir se estamos preparados para essa grandiosa vida futura, caso sejamos chamados amanhã, e se estaremos preparados para prestar contas de nossos atos terrenos; se podemos sentir que receberíamos de nosso Pai Celestial o agradável elogio: “Bem está, servo bom e fiel”.¹⁰ [Ver sugestão 3 da página 78.]

Durante esta vida, devemos buscar as coisas que são de valor eterno.

Podemos receber, nesta vida, algumas coisas que nos darão satisfação material; mas as coisas que são eternas, as coisas que “valem a pena”, são as coisas eternas que buscamos e nos preparamos para receber e que são alcançadas pelo esforço que fazemos individualmente.¹¹

Não é extraordinário que as coisas pelas quais o mundo desde o princípio tanto se empenhou para conseguir — riqueza, poder, todas as coisas que dão conforto ao homem — sejam obtidas em abundância hoje — roupas melhores e em maior quantidade do que nunca, mais alimento do que se possa consumir, mais riqueza de todo tipo que o mundo jamais teve. Nossas casas são mais confortáveis. As conveniências da vida se multiplicaram maravilhosamente desde que o evangelho veio para a Terra, e temos hoje todas as coisas pelas quais nos esforçamos em obter. A educação atingiu seu ápice. Os homens possuem hoje mais conhecimento das coisas deste mundo do que nunca. Tudo que a humanidade buscou e se empenhou desde o princípio dos tempos, que era considerado mais desejável, existe hoje na Terra. A despeito disso, há dúvida e pavor pelo que o futuro nos reserva.

O que há de errado conosco? É que temos procurado o conforto, temos buscado as honras dos homens, temos procurado as coisas que o egoísmo coloca em nossa alma. Temos procurado elevar-nos e dar prioridade a nós mesmos, acima de todos os outros filhos de nosso Pai.¹²

Não sejamos embalados para dormir, não sejamos enganados pela abundância de coisas boas deste mundo, pois de que vale um homem ganhar o mundo inteiro e perder sua própria alma? [Ver Marcos 8:36.] Não permitamos que o objetivo de nossa criação seja esquecido, mas trabalhemos pela salvação de nossa alma.¹³

Uma das coisas tristes da vida é ver um homem ou uma mulher retornar para a Mãe Terra sabendo que recusou as maiores bênçãos que o nosso Pai lhe ofereceu, continuando a apegar-se às ilusões que se dissiparam. Quando penso nos milhões de filhos de Deus que há no mundo e me dou conta de quão poucos deles se empenham em obter as coisas que são de real valor, sinto-me triste.¹⁴

Lembrem-se de que é a inteligência que vocês adquirem que é eterna, a verdade que aprendem aqui e aplicam em sua vida, o conhecimento e a experiência que conquistam e com que se beneficiam — são essas coisas que levarão consigo quando voltarem ao lar.¹⁵



“A coisa (...) que tem maior valor do que tudo o mais é a oportunidade de alcançar a vida eterna [com] filhos e filhas, maridos e mulheres.”

Os tesouros que encontraremos, quando passarmos para o outro lado, serão aqueles que acumulamos aqui ao ministrar aos filhos e às filhas de nosso Pai com quem convivemos. Ele tornou isso possível para todos nós e, durante nossa estada neste mundo, seremos mais felizes servindo nossos semelhantes do que de qualquer outra maneira.¹⁶

Não é tão importante a quantidade de coisas valiosas que vocês têm, quantas propriedades possuem e quantas honras de homens alcançaram, embora todas essas coisas sejam tão desejáveis no mundo. A coisa que Deus lhes concedeu que tem maior valor do que tudo o mais é a oportunidade de alcançar a vida eterna no reino celestial e de desfrutar a companhia, por todas as eras da eternidade, de filhos e filhas, maridos e mulheres com quem vocês conviveram aqui na Terra.¹⁷ [Ver sugestão 4 da página 78.]

Graças a Jesus Cristo, seremos ressuscitados.

A vida justa do Salvador é um exemplo perfeito para todos, e Sua Ressurreição foi a primeira certeza dada à humanidade de que nós também ressuscitaremos do sepulcro.¹⁸

Quando Jesus ressuscitou dos mortos, Ele tornou-Se as primícias da ressurreição. O espírito gerado pelo Pai (a parte inteligente de Sua alma) voltou a habitar em Seu tabernáculo terreno que foi purificado, e Ele tornou-Se um Ser celestial glorificado e assumiu Seu lugar à direita do Pai, como membro da Trindade. Ele tinha o poder de vencer a morte porque cumpriu todas as leis de Seu Pai que a governavam; e, tendo subjugado a morte, Ele abriu as portas para que toda a humanidade seja ressuscitada, e que todos também sejam glorificados, por meio da obediência a Seus ensinamentos, que são tão simples, e que todos podem cumpri-los se assim o desejarem.¹⁹

Jesus Cristo era um homem sem pecado. Graças a Sua pureza, Sua retidão e Sua virtude, Ele pôde destrancar as portas da prisão, vencer a morte e o sepulcro e abrir o caminho (...) para o céu, para onde esperamos ir.²⁰

Podemos abrir a seção 88 de Doutrina e Convênios e ver o que o Senhor disse sobre nossa ressurreição, não apenas a Ressurreição do Salvador, mas Ele nos diz o que pode nos acontecer. (...) Somos informados nessa seção de que nosso corpo será levantado do sepulcro, não um outro corpo, e que o espírito que hoje há neste tabernáculo habitará o mesmo tabernáculo, depois que ele tiver sido limpo, purificado e imortalizado. [Ver D&C 88:14–17, 28–33.]²¹

Um número muito grande de pessoas do mundo não sabe o que é a ressurreição. Vocês ensinam a seus filhos e às pessoas com quem convivem o que isso significa? (...) A Ressurreição do Salvador é muito clara para os santos dos últimos dias que compreendem o evangelho, mas há muitos que não entendem o que isso significa. (...) O propósito do evangelho de Jesus Cristo é preparar todo homem, toda mulher e toda criança para a ocasião em que todos os que morreram serão levantados do sepulcro, e quando nosso Pai Celestial vai estabelecer Seu reino aqui na Terra, e os justos habitarão aqui, e Jesus Cristo será nosso Rei e nosso Legislador.²² [Ver sugestão 5 da página 78.]



“A [Ressurreição] do Salvador (...) foi a primeira certeza dada à humanidade de que nós também ressuscitaremos do sepulcro.”

Nosso conhecimento da imortalidade da alma nos inspira, incentiva e consola.

Lemos em Jó: “Na verdade, há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso o faz entendido”. [Jó 32:8] Aqueles que não receberam essa inspiração não compreendem o significado da ressurreição dos mortos e, sem essa compreensão, parece-me haver pouca felicidade para aqueles que estão com idade avançada, esperando a hora em que o espírito sairá do corpo para ir para um lugar que lhes é desconhecido.²³

Oh, como seríamos infelizes se achássemos que a morte encerra nossa vida. Se, quando nosso trabalho na Terra estiver terminado, não tivermos a oportunidade de continuar nosso progresso, haveria pouco para nos inspirar a viver como deveríamos. O conhecimento de que todo o bem que realizamos aqui e todo o desenvolvimento que atingimos aumentará nossa felicidade na eternidade nos incentiva a fazer o melhor que podemos.²⁴

Todos estamos rapidamente nos aproximando da hora em que seremos chamados desta vida. Se não compreendermos que há uma vida futura, se não soubermos que há mais do que a influência que recebemos até aqui, se nada há além da vaidade e do enfado da vida para vivermos, há muitos que, em minha opinião, ficariam cansados da luta que deve ser travada para nossa existência neste mundo. Mas, na misericórdia de nosso Pai Celestial, Ele nos concedeu as mais maravilhosas dádivas concedidas à humanidade.²⁵

O Senhor nos abençoou com o conhecimento de que Ele vive e tem um corpo e de que fomos criados a Sua imagem. Não acreditamos que Ele seja algum tipo de essência ou que seja incompreensível. Se vocês receberam o testemunho que eu tenho e sabem como eu sei que nosso Pai Celestial Se revelou aos filhos dos homens, que Ele é um Deus pessoal, que fomos criados a Sua imagem, que nosso espírito foi gerado por Ele, que Ele nos deu a oportunidade de habitar na Terra para receber um tabernáculo físico, a fim de estarmos preparados para voltar a Sua presença e viver eternamente com Ele, afirmo que, se receberam essa certeza, então vocês têm um alicerce sobre o qual podem edificar sua fé. Se lhes for tirado o conhecimento de que Deus realmente vive, a certeza de que Jesus Cristo foi a manifestação de Deus na carne, se lhes for tirada a certeza de que há uma ressurreição literal dos mortos, vocês estarão nas mesmas condições em que os filhos de nosso Pai se encontram no mundo, então lhes pergunto: que consolo lhes resta? Essas são verdades fundamentais.²⁶

Tenho mais entes queridos do outro lado do véu do que aqui, e não demorará muito, no decurso natural das coisas, para que eu também seja chamado para partir. Não espero essa hora com ansiedade e angústia, mas com esperança e com a certeza de que essa mudança, quando ocorrer, será para maior felicidade e vantagens que não podemos conhecer na mortalidade.²⁷

Quando nos dermos conta de que a morte é apenas um dos passos que os filhos de Deus darão ao longo da eternidade, e que isso está de acordo com Seu plano, a morte perderá seu aguilhão e nos veremos face a face com a realidade da vida eterna. Muitas famílias tiveram que se despedir temporariamente de seus entes

queridos. Quando ocorre algum falecimento, ficamos desnorteados e, se assim o permitirmos, isso nos trará grande sofrimento na vida. Mas, se nossos olhos espirituais forem abertos e pudermos ver, sere-mos consolados, tenho certeza, com a visão que contemplaremos. O Senhor não nos deixou sem esperança. Pelo contrário, Ele nos deu toda a certeza da felicidade eterna, se aceitarmos Seus conse-lhos e Suas admoestações aqui na mortalidade.

Esse não é um sonho em vão. São fatos. Para vocês que são membros da Igreja de Jesus Cristo, essa história é simples, porém verdadeira. Há sagrados livros de escrituras que nosso Pai Celestial colocou a nosso alcance ensinando que vivemos eternamente. (...) O Senhor nos transmitiu essa informação com muita clareza e, do fundo do coração, eu agradeço a Ele pelo conhecimento que nos concedeu, para que os que choram possam ser consolados e para que nós próprios compreendamos o propósito de estarmos aqui. Se aqueles que morreram pudessem nos falar, diriam: “Sigam em frente com firmeza para a meta que nos proporcionará felicidade eterna juntos”. Façam as coisas que o Senhor deseja que façamos, e não perderão nada que vale a pena; ao contrário, vocês estarão continua-mente acumulando tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não podem corromper nem ladrões podem roubar. [Ver Mateus 6:19–20.]

Deixo com vocês meu testemunho de que sei que estamos vivendo uma vida eterna, e que a temporária separação da morte (...) não passa de um dos passos ao longo do caminho de pro-gresso eterno e que, no final, ela resultará em felicidade, se formos fiéis.²⁸ [Ver sugestão 6 da página 78.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Ao ler “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 67–69), pense em uma ocasião em que procurou consolar alguém depois da morte de um ente querido. O que proporcionou consolo ao Presidente Smith?

2. O Presidente Smith ensinou que esta “[vida] é apenas parte da eternidade” (página 70). O que isso significa para você? Como nossa compreensão desse princípio influencia as escolhas que fazemos?
3. Estude a seção que começa na página 70. Como os ensinamentos desta seção diferem do que o mundo ensina sobre o propósito da vida? Que experiências pessoais temos na mortalidade que nos ajudam a “partilhar dos atributos de Deus”?
4. Estude a seção que começa na página 71, especialmente os quatro últimos parágrafos da seção. Por que a busca de coisas mundanas é como “apegar-se às ilusões que se dissiparam”?
5. Na página 74, o Presidente Smith se refere à informação sobre a ressurreição em Doutrina e Convênios 88. O que os versículos 14–17 e 28–33 dessa seção ensinam sobre a ressurreição? Quais são algumas maneiras eficazes de ensinar nossos filhos sobre a ressurreição?
6. Estude a seção que começa na página 75. Quais são algumas das provações da vida que se tornam mais suportáveis por termos um testemunho dos princípios ensinados nesta seção?

Escrituras correlatas: I Coríntios 15:12–26, 35–42, 53–58; 2 Néfi 9:6–13; Alma 12:24; 28:12; Doutrina e Convênios 93:19–20, 29–34; 130:18–19; Abraão 3:24–26

Auxílio didático: “Peça aos participantes que escolham uma seção de interesse deles e que a leiam em silêncio. Peça-lhes que se reúnam em grupos de duas ou três pessoas que escolheram a mesma seção e discutam o que aprenderam” (da página VII deste livro).

Notas

1. Conference Report, outubro de 1944, p. 94.
2. *Deseret News*, 13 de fevereiro de 1932, seção da Igreja, pp. 5, 7.
3. “Mormon View of Life’s Mission”, *Deseret Evening News*, 27 de junho de 1908, seção da Igreja, p. 2.
4. Conference Report, abril de 1905, p. 62.
5. Conference Report, outubro de 1923, pp. 70–71.
6. Conference Report, abril de 1905, p. 59.
7. Conference Report, outubro de 1906, p. 48.
8. Conference Report, outubro de 1926, p. 102.
9. “Mormon View of Life’s Mission”, p. 2.
10. Conference Report, abril de 1905, p. 63.
11. Conference Report, outubro de 1909, p. 78.
12. Conference Report, abril de 1932, p. 44.
13. Conference Report, outubro de 1906, p. 50.
14. Conference Report, outubro de 1923, p. 70.
15. “Mormon View of Life’s Mission”, p. 2.
16. *Deseret News*, 26 de maio de 1945, seção da Igreja, p. 6.
17. Conference Report, abril de 1948, p. 163.
18. “President Smith Sends Greetings”, *Deseret News*, 27 de dezembro de 1950, seção da Igreja, p. 3.
19. “Mormon View of Life’s Mission”, p. 2.
20. Conference Report, abril de 1905, p. 60.
21. Conference Report, abril de 1939, pp. 122–123.
22. Conference Report, abril de 1950, pp. 187–188.
23. Conference Report, abril de 1939, p. 121.
24. Conference Report, outubro de 1921, p. 41.
25. Conference Report, outubro de 1923, p. 71.
26. Conference Report, outubro de 1921, p. 39.
27. *Deseret News*, 26 de maio de 1945, seção da Igreja, p. 4.
28. “Some Thoughts on War, and Sorrow, and Peace”, *Improvement Era*, setembro de 1945, p. 501.



Interior do Templo de Kirtland, onde o antigo profeta Elias apareceu a Joseph Smith e lhe conferiu o poder selador e as chaves do trabalho para os mortos.



As Bênçãos do Templo para Nós e para Nossos Antepassados

*O propósito dos templos é prover um lugar em
que as santas ordenanças sejam realizadas
em favor dos vivos e dos mortos.*

Da Vida de George Albert Smith

Em 1905, como novo Apóstolo, George Albert Smith visitou vários locais históricos importantes da Igreja com o Presidente Joseph F. Smith e outros membros do Quórum dos Doze. Um lugar que visitaram foi Kirtland, Ohio, onde os antigos santos construíram o primeiro templo desta dispensação. “Quando avistamos a cidade”, lembrou o Élder Smith, “a primeira coisa que nos chamou a atenção foi o belo Templo de Kirtland. (...) Foi ali que o Profeta Joseph Smith e [Oliver Cowdery] viram o Salvador sobre o parapeito do púlpito. Foi ali que Moisés lhes comissionou as chaves da coligação de Israel; e que Elias e Elias, o profeta, apareceram no poder e na majestade de seus grandiosos chamados e entregaram as chaves que possuíam, das quais ficaram encarregados de cuidar nos dias de seu ministério na Terra.”

Quando o grupo caminhava pelo templo, o Élder Smith pensou nos santos dedicados que o construíram. “Quando nos damos conta de que o edifício foi construído por pessoas extremamente pobres, de como homens corajosos trabalhavam de dia para firmar os alicerces e erguer as paredes daquele prédio, e depois à noite se postavam para defendê-lo com armas contra aqueles que juraram que o edifício jamais seria concluído, não podemos deixar de sentir que não foi de admirar que o Senhor tenha aceitado a oferta deles e os tenha abençoado como poucos foram abençoados na Terra.”¹

Anos mais tarde, depois de ser designado Presidente da Igreja, o Presidente Smith dedicou o Templo de Idaho Falls Idaho. Na oração dedicatória, ele agradeceu pelo trabalho de salvação realizado no templo para os vivos e para os mortos:

“Agradecemos-te, ó Deus, por enviar-nos Elias, o antigo profeta, a quem foram confiadas ‘(...) as chaves do poder de conversão do coração dos pais aos filhos e do coração dos filhos aos pais, para que toda a Terra não fosse ferida com maldição’. [D&C 27:9] Agradecemos-Te por Ele ter sido enviado a Teu servo, Joseph Smith, para conferir as chaves e a autoridade do trabalho para os mortos, e para revelar que o plano de salvação engloba toda a família humana, que o evangelho é universal em sua abrangência, e que Tu não fazes acepção de pessoas, tendo providenciado para que o evangelho de salvação fosse pregado tanto aos vivos quanto aos mortos. Agradecemos-Te imensamente pelo fato de a salvação ter sido providenciada para todos os que desejam ser salvos em Teu reino.

Que seja agradável a Teu povo a pesquisa da genealogia de seus antepassados para que se tornem salvadores no monte Sião, oficiando em Teus templos para seus parentes falecidos. Oramos também para que o espírito de Elias repouse vigorosamente sobre todas as pessoas do mundo inteiro, para que sejam levadas a coletar e disponibilizar a genealogia de seus antepassados; e que Teus filhos fiéis possam utilizar Teus santos templos para realizar em favor dos mortos todas as ordenanças pertinentes a sua eterna exaltação.”

Em sua oração, o Presidente Smith também reconheceu que o templo é realmente a casa do Senhor e um lugar onde a presença de Deus pode ser sentida:

“Hoje, aqui e agora, dedicamos o Templo a Ti com tudo o que a ele pertence, para que seja santo a Tua vista; que seja uma casa de oração, uma casa de louvor e adoração, que a Tua glória sobre ele repouse, e a Tua santa presença nele esteja continuamente; e que seja uma habitação aceitável para Teu Filho Amado, Jesus Cristo, nosso Salvador; que a Ti seja ele santificado e consagrado em todas as suas partes, e oramos para que todos os que cruzarem o limiar desta Tua Casa sejam tocados pela santidade dela. (...)”

Rogamos-Te, nosso Pai Celestial, que a Tua presença seja aqui sentida sempre, para que todos os que aqui se reunirem compreendam que são Teus convidados, e que esta é a Tua Casa.”² [Ver sugestão 1 das páginas 90–91.]

Ensinamentos de George Albert Smith

No templo recebemos ordenanças sagradas, inclusive aquelas que unem a família para toda a eternidade.

Para que estejamos preparados para o reino [celestial], o Senhor, em Sua misericórdia, nestes últimos dias, restaurou o evangelho de Jesus Cristo, e nele depositou Sua autoridade divina, e depois deu a Seus filhos o entendimento de que certas ordenanças podem ser recebidas e realizadas. Com esse propósito foram os templos construídos, e aqueles que desejam um lugar no Reino Celestial têm a oportunidade de entrar nesses templos e receber Suas bênçãos, para enriquecer sua vida e preparar-se para aquele reino.³

Somos o único povo no mundo que sabe para que servem os templos.⁴

Cada [templo] foi construído para um grande propósito eterno: para que seja a Casa do Senhor, provendo um lugar sagrado e adequado para a realização de santas ordenanças que ligam na Terra como nos céus — ordenanças para os mortos e para os vivos, que garantem aos que as recebem e que são fiéis a seus convênios a posse e a companhia de sua família, por toda a eternidade, e a exaltação com eles no reino celestial de nosso Pai.⁵

Devemos ser gratos pelo conhecimento da natureza eterna do convênio do casamento. Se tivéssemos esperança somente nesta vida, realmente seríamos os mais miseráveis de todos os homens [ver I Coríntios 15:19]. Enche-nos de esperança e alegria a certeza de que nosso relacionamento neste mundo, como pais e filhos, como marido e mulher, terá continuidade no céu, e que esse é apenas o início de um grande e glorioso reino que nosso Pai reservou para herdarmos do outro lado do véu.⁶

Se eu pensasse, como muitos o fazem, que agora que minha amada esposa e meus amados pais se foram, que eles saíram da

minha vida para sempre e que jamais os verei novamente, eu ficaria privado de uma das maiores alegrias que tenho na vida: a esperança de encontrá-los novamente e de receber suas boas-vindas e seu afeto, também de agradecer a eles do fundo de um grato coração por tudo o que fizeram por mim.

Mas há muitos e muitos milhões de filhos de nosso Pai que não sabem que, ao partilhar de certas ordenanças determinadas por nosso Pai Celestial, o marido e a mulher podem ser unidos para esta vida e para a eternidade, desfrutando da companhia dos filhos para sempre. Quão gratos devemos ser por esse conhecimento.⁷

Há apenas alguns lugares no mundo em que podemos casar para a eternidade, e isso acontece nos templos de Deus. (...) Há também muitos de nossos irmãos e nossas irmãs, todos filhos de nosso Pai Celestial, aos quais esse privilégio é negado por (...) motivos inevitáveis. Mas, se eles viverem dignamente e se teriam usufruído desses privilégios se lhes fosse possível, nada perderão devido a essas circunstâncias temporariamente desfavoráveis. Mas pensem em quão maior é a responsabilidade daqueles que moram onde um homem e uma mulher podem ser unidos para a eternidade, e onde eles podem realizar o trabalho para seus mortos! As pessoas do mundo não têm essa bênção. Pergunto-me se damos o devido valor a isso. (...)

Vamos instruir nossos jovens nesses assuntos desde a tenra juventude, para que, quando se aproximarem da época de casar, não haja dúvida em sua mente quanto ao lugar e à maneira ou por quem essa sagrada ordenança deve ser realizada — e o único lugar em que ela pode ser realizada para esta vida e para a eternidade é no templo.⁸

Agradeço [ao Senhor] por todas as ordenanças da Casa do Senhor que recebi, cada uma das quais não se destinava apenas a mim, mas foi-me permitido receber parte do que se destinava a todos os Seus filhos, onde quer que estejam, caso estejam dispostos a receber o que Ele lhes oferece, sem dinheiro e sem preço.⁹

Todos os templos (...) que foram construídos ou ainda serão dedicados hão de ser uma bênção sem medida a todos aqueles que dignamente se valerem do privilégio de usá-los, tanto para si mesmos quanto para seus parentes falecidos.¹⁰ [Ver sugestão 2 da página 91.]



“Há apenas alguns lugares no mundo em que podemos casar para a eternidade, e isso acontece nos templos de Deus.”

Por meio do trabalho do templo, colocamos as bênçãos eternas ao alcance de nossos antepassados falecidos.

A sociedade genealógica passou anos coletando dados [de história da família], e outros passaram anos indo à Casa do Senhor para fazer batismos em favor de pessoas falecidas, para que marido, mulher e filhos fossem selados uns aos outros, de modo a unir a família, como nosso Pai Celestial ordenou que devemos fazer. Seria bom se cada um de nós se perguntasse: O que estou fazendo a esse respeito? Estou fazendo a minha parte? Nosso Pai Celestial disse às pessoas por intermédio de Joseph Smith que, a menos que realizemos o trabalho por nossos mortos, perderíamos nossas bênçãos e seríamos excluídos, e uma das últimas coisas que o Profeta procurou fazer foi terminar a construção de um templo no qual as pessoas pudessem realizar o trabalho para seus mortos. Vemos assim como isso é realmente importante e precisa ser feito por alguém.¹¹

Lembro-me da história de dois irmãos que moravam numa cidade do norte de Utah: o irmão mais velho, Henry, era banqueiro e comerciante, e tinha muitos bens. O outro irmão, George, era fazendeiro, e não tinha muito além de suas necessidades, mas tinha o desejo de fazer o trabalho do templo para seus parentes falecidos. Ele pesquisou sua genealogia, foi ao templo e realizou o trabalho por aqueles que já tinham falecido.

Certo dia, George disse a Henry: “Acho que você devia ir ao templo e ajudar”.

Mas Henry disse: “Não tenho tempo de fazer essas coisas. Meus negócios me tomam o tempo todo”. (...)

Aproximadamente um ano depois disso, Henry ligou para a casa de George e disse: “George, tive um sonho que me deixou preocupado. Será que você saberia dizer o que ele significa?”

George perguntou: “O que foi que você sonhou, Henry?”

Henry respondeu: “Sonhei que você e eu partimos desta vida e estávamos do outro lado do véu. Ao seguirmos nosso caminho, chegamos a uma bela cidade. Havia pessoas reunidas em grupos em muitos lugares, e a cada lugar que chegávamos eles apertavam sua mão e o abraçavam e o abençoavam, dizendo quão gratos estavam por vê-lo, mas não me davam nenhuma atenção. Eram bem frios comigo. O que isso significa?”

George perguntou: “Você achou que estávamos do outro lado do véu?”

“Sim.”

“Bem, é disso que lhe tenho falado. Tenho tentado fazer com que você faça o trabalho para as pessoas que estão lá. Tenho feito o trabalho por muitas delas, mas ainda restam muitos mais pelos quais o trabalho precisa ser feito. (...) É melhor você se mexer, porque teve um gostinho do que lhe espera quando chegar lá, se não tiver feito sua parte na realização desse trabalho para eles.” [Ver sugestão 3 da página 91.]

Pensei muitas vezes na história da vida desses dois irmãos. Muitas pessoas não compreendem a natureza séria e sagrada da vida. Não compreendem a natureza sagrada do casamento eterno. Há



“Pensem na devoção e fidelidade daqueles que, dia após dia, entram nesses templos e oficiam por aqueles que passaram para o outro lado.”

alguns de nosso povo que não têm interesse por sua genealogia. Não se importam nem um pouco com seus antepassados. Ao menos é o que dão a entender com sua conduta. Não vão ao templo para fazer o trabalho por seus parentes falecidos. (...)

(...) Depois que passarmos pela Casa do Senhor para nossas próprias bênçãos, pensemos na responsabilidade que temos para com nossos antepassados. Como vocês serão recebidos quando forem para o outro lado? Você vai ser aquele que eles vão receber e abençoar ao longo das eras da eternidade, ou vai ser como o irmão, que era egoísta e cuidava apenas de seus problemas aqui, recusando sua ajuda aos que não podiam ajudar-se a si mesmos?¹²

Vocês sabem que estamos todos unidos pelo grande trabalho que está sendo feito nos templos de nosso Pai, onde as famílias que não tinham sido unidas anteriormente são seladas pelo poder do Santo Sacerdócio. O Senhor deseja que cada um de Seus filhos

e Suas filhas tenha a oportunidade de ser abençoado, não só aqui na Terra, mas que desfrute de bênçãos eternas.

Pensem na devoção e fidelidade daqueles que, dia após dia, entram nesses templos e oficiam por aqueles que passaram para o outro lado, e saibam que aqueles que estão do outro lado estão igualmente ansiosos a nosso respeito. Eles oram por nós e por nosso sucesso. Eles rogam, a sua própria maneira, por seus descendentes, por sua posteridade que vive na Terra.¹³

O Senhor vai ajudar-nos a buscar nossos parentes falecidos.

Há alguns anos, em Chicago, durante a Exposição do Século de Progresso, visitei o estande de nossa Igreja, certo dia, e perguntei aos missionários quem era o encarregado da grande feira cultural e científica.

Eles me disseram que era um homem chamado Dawes, e perguntei: “É o irmão de Charles G. Dawes, que foi vice-presidente dos Estados Unidos e também embaixador na Inglaterra?”

E eles responderam que sim.

“Bem”, disse eu, “fico muito feliz em saber disso. Acontece que eu o conheço.”

Disse para mim mesmo: “Acho que vou procurá-lo. O nome dele é Henry Dawes”. Eu conhecia Henry Dawes, por isso fui até o telefone e liguei para o escritório dele. Sua secretária (...) disse ao Sr. Dawes que George Albert Smith, de Salt Lake City, estava ali e queria falar com ele, e ele me pediu que fosse até onde ele estava. Então, em vez de entrar numa fila de uma centena de pessoas para esperar minha vez, ela me levou para uma porta lateral, e ali estava um homem alto que eu nunca tinha visto na vida.

Ele disse: “Sou o Sr. Dawes”.

Ele foi muito cordial, mas podem imaginar como fiquei sem jeito. Ele *era* o Sr. Dawes, e era irmão do embaixador Dawes, mas era Rufus Dawes. Eu nem sabia que havia um Rufus Dawes no mundo.

“Bem”, disse eu, “vim dizer-lhe que esta é uma feira maravilhosa e quero expressar-lhe minha gratidão pelo que fez para organizá-la

e realizá-la. É maravilhoso tudo o que foi feito, e trata-se de um evento muito educativo para muitas pessoas. Sei que é um homem ocupado, e isso é tudo que eu gostaria de dizer-lhe, para parabenizá-lo e lhe agradecer.”

“É muito gentil de sua parte”, disse ele. “Entre.”

“Não, isso é tudo que eu vim dizer”, repliquei.

Ele disse: “Pode entrar”.

Eu disse: “Não, há uma centena de pessoas esperando para vê-lo”.

“Nenhuma delas dirá nada tão agradável quanto o que você disse.”

Por isso entrei, sem ideias e quase sem fôlego. Ele insistiu que eu me sentasse, e o que eu disse em seguida foi: “A propósito, Sr. Dawes, de onde vem sua família?”

“Quer dizer, aqui nos Estados Unidos?” perguntou ele.

“De qualquer lugar.”

Ele disse: “Você se interessa por genealogia?”

“Sem dúvida que sim”, respondi. “Temos uma das melhores bibliotecas genealógicas do mundo em Salt Lake City.”

Ele disse: “Com licença, volto já”, e saiu do escritório e voltou trazendo uma caixa do tamanho de uma antiga Bíblia de família. Pegou seu abridor de cartas, abriu a caixa e tirou dela um pacote embrulhado em papel de seda branco. Removeu o envoltório de papel e colocou na mesa um dos livros mais primorosamente encadernados que já vira. Era lindamente impresso e repleto de ilustrações, e a capa tinha gravações douradas em relevo.

Ao olhar para ele, comentei: “Sr. Dawes, essa é uma bela obra de arte”.

“Deve ser. Custou-me vinte e cinco mil dólares.”

“Ora”, disse eu, “e vale tudo isso.”

Ele disse: “Tem algum valor para você?”

Respondi: “Teria se eu o tivesse”.

Ele disse: “Está bem, pode ficar com ele!” — um livro de genealogia de vinte e cinco mil dólares foi colocado em minhas mãos por um homem que eu conhecera havia cinco minutos! Fiquei

admirado. Nossa primeira conversa prosseguiu por algum tempo. Eu lhe disse como tinha ficado encantado de ter o livro e que o colocaria na biblioteca genealógica de Salt Lake City.

Antes de eu sair da sala, ele disse: “Sr. Smith, essa é a genealogia da minha mãe, a genealogia da família Gates. Estamos também preparando a genealogia de meu pai — a família Dawes. Será semelhante a esse livro. Quando estiver concluído, gostaria de enviar-lhe um exemplar também”.

Cinquenta mil dólares de genealogia! — e só porque tentei ser educado com alguém. Não acho que foi por acidente. (...)

O Senhor está nos ajudando. É maravilhoso como o caminho é aberto e como outras pessoas são frequentemente movidas a preparar suas genealogias. Mas às vezes deixamos de aproveitar nossas oportunidades de preparar nossas genealogias, apesar de o Senhor ter dito de modo muito incisivo que, a menos que cuidemos de nosso trabalho do templo, seremos rejeitados com nossos mortos [ver D&C 124:32]. É uma questão muito séria. Se desperdiçarmos nossas oportunidades até a vida chegar ao fim, isso será algo que não poderemos mudar. (...) Não podemos esperar que outros façam esse trabalho por nós.

Portanto, o Senhor, de uma forma ou de outra, incentiva-nos, aconselha e admoesta a fazermos nosso trabalho. Algumas famílias que não podem fazer o trabalho por si mesmas têm alguém que trabalha o tempo todo em sua genealogia e em seus registros do templo.

Se fizermos nossa parte, nossas genealogias nos serão reveladas — de uma forma ou de outra. Por isso, quero sugerir-lhes, meus irmãos e minhas irmãs: Façamos nossa parte.¹⁴ [Ver sugestão 4 da página 91.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia os trechos da oração dedicatória do Templo de Idaho Falls Idaho nas páginas 82–83, e leia D&C 109:1–5, 10–13 (da oração dedicatória do Templo de Kirtland). Pondere os sentimentos que teve ao entrar no templo e pense nas experiências

peçoais que fortaleceram seu testemunho de que o templo é a casa do Senhor.

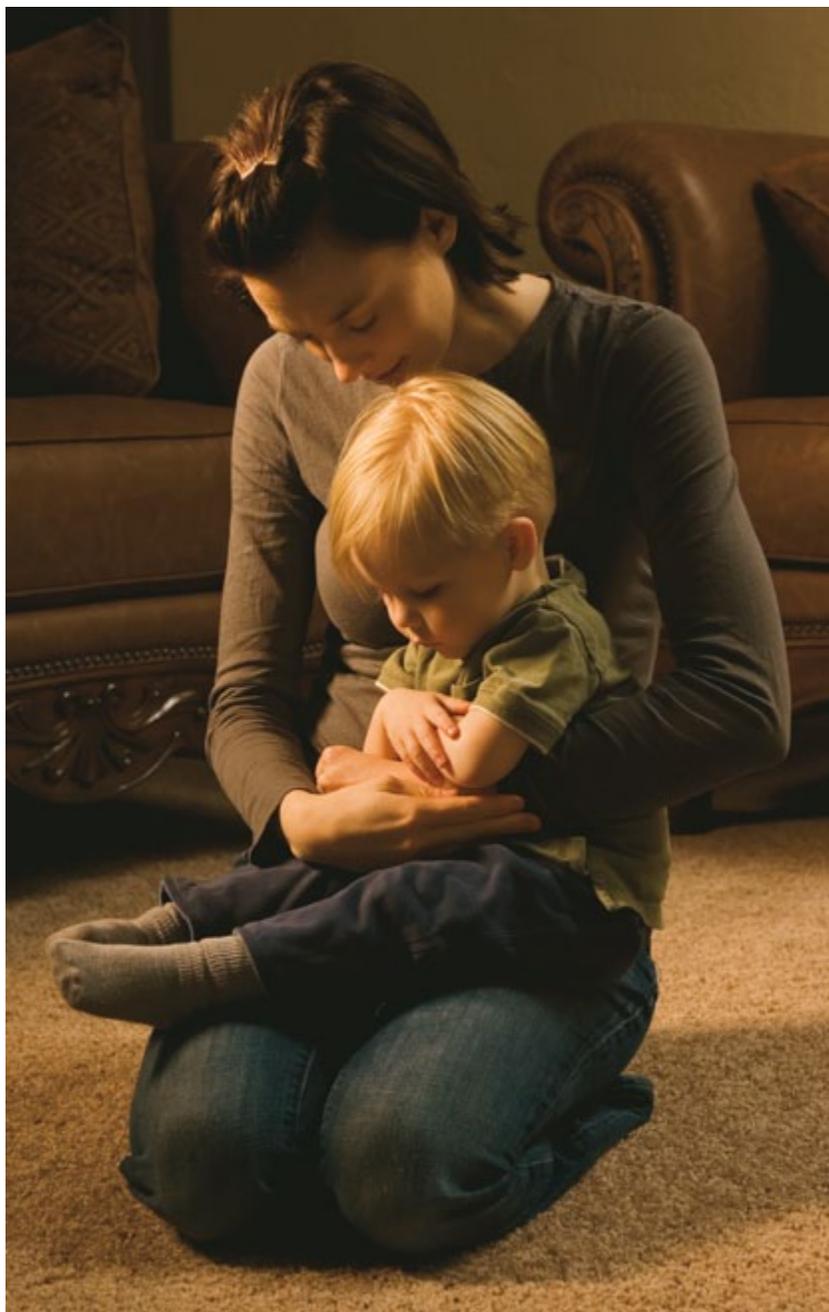
2. Que motivos o Presidente Smith dá para a construção de templos? (ver páginas 83–84). O que podemos fazer para incentivar os jovens a prepararem-se para casar no templo?
3. Leia a história da página 86. Quais são algumas maneiras simples de alguém com muitas responsabilidades participar no trabalho de história da família? O que os quórums do sacerdócio e as Sociedades de Socorro podem fazer para participar?
4. Estude a seção que começa na página 88. Como o Senhor o ajudou, quando procurava encontrar informações sobre seus antepassados? Que outras bênçãos você recebeu ao participar do trabalho de história da família?

Escrituras correlatas: Malaquias 4:5–6; Doutrina e Convênios 97:15–16; 110; 124:39–41; 128:9, 15–24.

Auxílio didático: Quando uma pessoa ler em voz alta trechos dos ensinamentos do Presidente Smith, peça aos outros alunos que “[ouçam e] identifiquem ideias e princípios específicos. Se uma passagem contiver palavras ou expressões difíceis ou incomuns, explique-as antes de lê-la. Se alguma pessoa do grupo tiver dificuldade para ler, solicite o auxílio de voluntários em vez de pedir a ela que leia” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 56).

Notas

1. Conference Report, abril de 1906, p. 57.
2. “Dedicatory Prayer ... Idaho Falls Temple”, *Improvement Era*, outubro de 1945, pp. 564–565.
3. *Deseret News*, 13 de fevereiro de 1932, seção da Igreja, p. 7.
4. Conference Report, outubro de 1950, p. 159.
5. “The Tenth Temple”, *Improvement Era*, outubro de 1945, p. 561.
6. Conference Report, outubro de 1905, p. 29.
7. “Priceless Prospects”, *Improvement Era*, junho de 1950, p. 469.
8. “The Tenth Temple”, pp. 561, 602.
9. Conference Report, outubro de 1929, p. 25.
10. “The Tenth Temple”, p. 602.
11. “The Tenth Temple”, p. 602.
12. “The Tenth Temple”, pp. 561, 602.
13. Conference Report, abril de 1937, pp. 34–35.
14. “On Searching for Family Records”, *Improvement Era*, agosto de 1946, pp. 491, 540.



“É uma bênção maravilhosa que desfrutamos nestes momentos de ansiedade e insegurança a firme certeza da orientação divina, a fê absoluta em um Deus pessoal que Se interessa por nós e Que ouve e atende a nossas orações.”



Abrir a Alma para o Senhor em Oração

Por meio da oração pessoal e familiar podemos sentir a influência do Pai Celestial em nossa vida e em nosso lar.

Da Vida de George Albert Smith

A oração era uma parte importante do lar em que George Albert Smith foi criado. “Cada membro da família fazia suas orações particulares e participava da oração em família”, disse ele: “Aprendi bem cedo na vida que o Senhor responde às orações, porque Ele respondeu às minhas e de muitas maneiras me deu provas de Sua proteção vigilante”.¹

Mesmo quando idoso, o Presidente Smith lembrava-se com carinho de como sua mãe, Sarah Farr Smith, o ensinara a orar:

“Fui educado por uma mãe que era membro fiel da Igreja. Uma das primeiras coisas de que me lembro foi quando ela me tomou pela mão e me levou para o andar de cima da casa. No quarto, havia duas camas, aquela na qual meus pais dormiam e uma pequena cama portátil do outro lado. Lembro-me como se fosse ontem. Fomos para o andar de cima, ela sentou-se em minha pequena cama. Fez-me ajoelhar diante dela. Cruzou-me os braços e me abraçou, e me ensinou minha primeira oração. Jamais me esquecerei disso. Não quero esquecer. É uma das lembranças mais adoráveis que tenho na vida: uma mãe angelical sentada em minha cama ensinando-me a orar.

Foi uma oração bem simples, mas (...) aquela oração abriu para mim as janelas do céu. Aquela oração estendeu-me a mão de meu Pai Celestial, porque ela me explicou o que tudo significava, de modo que uma criancinha pudesse entender. Desde aquele dia até hoje, após eu ter percorrido aproximadamente um milhão de milhas pelo mundo, em meio a outros filhos de nosso Pai, todo dia

e toda noite, onde quer que eu esteja, quando vou para a cama ou me levanto dela, sinto que estou perto de meu Pai Celestial. Ele não está longe de nós.”²

Durante toda a vida, o Presidente Smith confiou na oração não apenas como meio de chegar-se a Deus, mas também de pedir-Lhe ajuda nos momentos de necessidade. Certo dia, quando nadava no Oceano Pacífico, ao longo da costa da Califórnia, aconteceu-lhe o seguinte:

“Eu era considerado um nadador muito bom e gostava muito daquele esporte. Naquele dia, em particular, a maré estava bem alta e a correnteza era forte. Ao afastar-me da praia e nadar para dentro do mar, mergulhei para passar pelas ondas que quebravam sobre mim. Meu objetivo era chegar às grandes ondas, para além da arrebentação, onde eu poderia ficar boiando ao sabor delas.

Enquanto me entretinha naquele agradável esporte, uma onda imensa se ergueu e quebrou antes que eu pudesse me refazer do mergulho que eu tinha dado sob a que a precedera. A segunda onda me pegou e me jogou para o fundo do mar. Senti que era arrastado pela contracorrente. Naquele momento, muitas ondas vieram em rápida sucessão, e não consegui me recompor antes de ter que mergulhar uma após a outra. Percebi que estava rapidamente perdendo as forças e que precisaria encontrar algo para me ajudar. Ao subir à crista de uma onda enorme, vi os pilares de um píer próximo, e achei que com esforço sobre-humano conseguiria alcançar a segurança dos pilares que me salvariam a vida.

Silenciosamente pedi a meu Pai Celestial que me desse forças para atingir meu objetivo. Ao ser arrastado até à distância de um braço do píer, estendi os braços e agarrei-me a um dos pilares. Eles estavam cobertos de afiadas cracas azul-escuras, e, ao agarrar-me aos pilares seguros com os braços e as pernas, as cracas me feriram o peito, as pernas e as coxas. Mantive-me agarrado até quando pude suportar a dor, esperando a chegada de uma grande onda à qual pudesse me lançar para ser levado até outro pilar mais próximo da praia. A cada vez com uma oração no coração, eu fazia o esforço necessário para passar de um pilar a outro, com a ajuda das ondas que passavam.

Lenta mas constantemente, e com grande dificuldade, aproximei-me da costa, até onde a água fosse rasa o suficiente para

que eu andasse até a praia. Quando cheguei à segurança da areia morna, caí, exausto. Estava tão fraco, depois de quase me afogar, que só consegui caminhar de volta para casa depois de descansar um pouco. Deitado na areia, sentindo seu calor e segurança, pensei na experiência cruciante que acabara de enfrentar e senti o coração encher-se de gratidão e humildade, pelo Senhor ter (...) poupado minha vida.”³ [Ver sugestão 1 da página 100.]

Ensinamentos de George Albert Smith

A oração permite que conversemos com nosso Pai Celestial como se Ele estivesse presente.

É uma bênção maravilhosa que desfrutamos nestes momentos de ansiedade e insegurança a firme certeza da orientação divina, a fé absoluta em um Deus pessoal Que Se interessa por nós e Que ouve e atende a nossas orações.⁴

Há alguns anos (...) ouvi a história de [um] menino de nove anos, órfão, que foi levado às pressas ao hospital, onde os exames indicaram que ele precisaria ser operado sem demora. Ele morava com amigos que o acolheram. O pai e a mãe (quando vivos) o tinham ensinado a orar, portanto, quando chegou ao hospital, a coisa que ele queria era que o Senhor o ajudasse.

Os médicos decidiram discutir o caso em grupo. Quando ele foi levado para a sala de cirurgia, olhou em volta e viu as enfermeiras e os médicos que discutiam seu caso. Ele sabia que era grave e pediu a um deles, quando se preparavam para aplicar-lhe a anestesia: “Doutor, antes de começar a operar, poderia orar por mim, por favor?”

O médico, aparentemente constrangido, desculpou-se e disse: “Não posso orar por você”. Então o menino pediu aos outros médicos, e a resposta foi a mesma.

Por fim, algo extraordinário aconteceu. Aquele menino disse: “Se não podem orar por mim, poderiam esperar um pouco enquanto eu oro por mim mesmo?”

Eles removeram o lençol, e ele se ajoelhou na mesa de cirurgia, inclinou a cabeça e disse: “Pai Celestial, sou apenas um menino órfão. Estou terrivelmente doente. Poderia, por favor, fazer com

que eu sare? Abençoa estes homens que vão operar-me para que o façam direito. Se quiseres que eu me cure, vou tentar me tornar um bom homem quando crescer. Obrigado, Pai Celestial, por me curar”.

Quando terminou a oração, ele se deitou. Os médicos e as enfermeiras estavam com os olhos rasos de lágrimas. Então ele disse: “Estou pronto”.

A operação foi realizada. O menino foi levado de volta para o quarto, e em poucos dias eles o tiraram do hospital, já quase completamente recuperado.

Alguns dias depois, um homem que ficou sabendo do ocorrido foi ao consultório de um dos cirurgiões e disse: “Conte-me sobre a operação que você realizou há poucos dias — a operação realizada em um menino”.

O cirurgião replicou: “Operei vários meninos”.

O homem acrescentou: “Esse menino queria que alguém orasse por ele”.

O médico disse, muito sério: “Houve um caso assim, mas para mim foi uma coisa muito sagrada para que eu fale a respeito dela”.

O homem disse: “Doutor, se me contar, terei respeito. Gostaria de ouvir o que aconteceu”.

Então o médico contou a história, como acabei de contar, e acrescentou: “Já operei centenas de pessoas, homens e mulheres que achavam que tinham fé para serem curados; mas nunca, até estar com aquele menino, senti a presença de Deus como senti naquele momento. Aquele menino abriu as janelas do céu e conversou com seu Pai Celestial como alguém conversa com outro, face a face. Quero dizer-lhe que sou um homem melhor por ter estado com aquele menino e por tê-lo ouvido conversar com seu Pai Celestial, como se estivesse presente”.⁵ [Ver sugestão 2 da página 100.]

Vivamos de modo que todas as noites, quando nos ajoelharmos para orar e toda manhã quando nos curvamos diante do Senhor em agradecimento, haja em nós o poder de abrir os céus para que Deus ouça e responda a nossas orações de modo que saibamos que Ele aprova nossa vida.⁶



“Devemos viver tão próximos de nosso Pai Celestial de modo que, ao inclinar-nos perante Ele, saibamos que as coisas que pedimos são agradáveis aos olhos Dele.”

Se vivermos próximos ao Pai Celestial, seremos inspirados a saber pelo que orar.

Meu pai quando jovem [quase] perdeu a vida no Rio Provo. (...) O pai dele, que estava em Salt Lake City, sentiu que deveria ir para o quarto reservado para oração. Ajoelhou-se (...) e disse: “Pai Celestial, sinto que há algo muito sério e ruim que está acontecendo com minha família em Provo. Tu sabes que não posso estar com eles ali. Pai Celestial, peço que os preserves e protejas. (...)”

Naquele instante em que ele orava, pelo que foi possível dizer ao verificar o momento exato, meu pai havia caído no rio. Era época de enxurrada. Troncos e pedras eram arrastados desfiladeiro abaixo, e ele não podia ser socorrido. Os que estavam ali perto viram que ele estava em apuros, mas não conseguiam alcançá-lo. A turbulência das águas era tamanha que ninguém conseguiria sobreviver. Só

podiam observar, horrorizados. Meu pai se esforçava ao máximo para manter a cabeça fora da água, mas era jogado para cima e para baixo, chocando-se com rochas e troncos. De repente, uma onda o ergueu de corpo inteiro das águas e o lançou na margem. Foi uma resposta direta à (...) oração.⁷

Devemos fazer nossas orações particulares. Devemos viver tão próximos de nosso Pai Celestial de modo que, ao inclinar-nos perante Ele, saibamos que as coisas que pedimos são agradáveis aos olhos Dele e que, se elas não forem concedidas da maneira que as pedimos, saibamos que receberemos a bênção merecida, e que ela realmente será uma bênção.⁸ [Ver sugestão 3 das páginas 100–101.]

A oração é uma vigorosa influência em nossa vida pessoal, em nosso lar e em nossa comunidade.

O Senhor (...) nos explicou como podemos receber bênçãos por meio da oração. Há muitas pessoas no mundo que não se dão conta dos reais benefícios da oração. A oração é um poder. Ela tem uma influência que, comparativamente, poucas pessoas parecem compreender. (...)

(...) Quantos há nesta Igreja que não sabem que têm o direito, o direito absoluto, de orar a seu Pai Celestial e pedir que Ele lhes remova a angústia e os conduza para a felicidade e a alegria?⁹

É estranho que qualquer membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias deva ser instado a fazer suas orações, mas há algumas pessoas que não oram em particular nem em família. Mas, se não orarmos, perderemos a proteção que a oração oferece.¹⁰ [Ver sugestão 4 da página 101.]

Gostaria de enfatizar o seguinte: Espero que os santos dos últimos dias não deixem de fazer suas orações, em particular e em família. Os filhos que são criados em um lar onde não haja orações em família e pessoais perdem muito, e temo que, em meio à confusão, correria e agitação do mundo, muitas vezes os lares fiquem sem oração e sem as bênçãos do Senhor. Esses lares não podem continuar a ser felizes. Vivemos numa época em que precisamos do Pai Celestial mais do que jamais precisamos Dele em qualquer outra era.¹¹



*“Protejam sua família de todas as maneiras possíveis.
Unam sua família sob a influência da oração.”*

Não se privem do poder de Deus. Mantenham em seu lar a influência da oração e da gratidão e permitam que a gratidão flua até Ele, Que é o nosso criador e Aquele Que nos concede tudo que há de bom.¹²

Que nosso lar seja um lugar onde haja oração e gratidão. (...) Oremos pelos grandes homens e mulheres do mundo que precisam do Senhor, mas não compreendem o interesse que Ele tem por eles. Orem por (...) nossos governadores, nossos prefeitos, os homens que têm influência na política de nossas diversas comunidades, para que eles façam as coisas que serão melhores para todos nós e nos tornarão mais felizes, e agradecerão a nosso Pai Celestial. Esse é nosso privilégio. Digo-lhes que o poder da oração é algo imensurável.¹³

A oração em família traz união à família.

Nós [como membros da família] nem sempre vemos as coisas da mesma forma. O marido nem sempre raciocina como a mulher,

e vice-versa, mas, se vocês orarem juntos, com o real desejo de serem unidos, posso dizer-lhes que vocês concordarão em todas as questões importantes.

Vi (...) num quadro de avisos: “A família que ora unida permanece unida”. Não sei quem colocou aquilo ali, mas quero dizer que, se vocês pensarem um pouco a esse respeito, saberão que é verdade. Admoesto vocês a orarem ao Senhor, juntos, e isso não quer dizer apenas proferir a oração, não quer dizer (...) repetir algo várias e várias vezes, mas que abram a alma ao Senhor, como marido e pai em seu lar, e façam com que sua mulher e seus filhos estejam com vocês. Façam com que participem. Assim haverá no lar uma influência que será sentida quando nele entrarem.¹⁴

Como um daqueles a quem o Senhor pediu que ensinasse, rogo-lhes que coloquem sua casa em ordem. Não deixem de dar valor a muitas coisas importantes. Não sejam levados para as loucuras e manias do mundo. Protejam sua família de todas as maneiras possíveis. Unam sua família sob a influência da oração. (...) Que grande poder tem a oração de manter-nos no caminho da vida eterna e de conduzir-nos para o reino celestial!¹⁵ [Ver sugestão 5 da página 101.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Em “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 93–95), observe como as experiências pessoais do Presidente Smith com a oração o influenciaram durante toda a vida. Quais são algumas maneiras eficazes de ensinar nossos filhos sobre o poder da oração?
2. Estude a história do menino de nove anos (páginas 95–96). Por que em nossas orações às vezes não sentimos que conversamos face a face com o Pai Celestial? Pense no que você pode fazer em relação a suas orações pessoais para sentir com mais frequência a presença do Senhor.
3. Ao ponderar os ensinamentos do Presidente Smith nas páginas 97–98, pense numa ocasião em que se sentiu inspirado a pedir

algo em oração. O que você diria a alguém que sente que suas orações ficaram sem resposta?

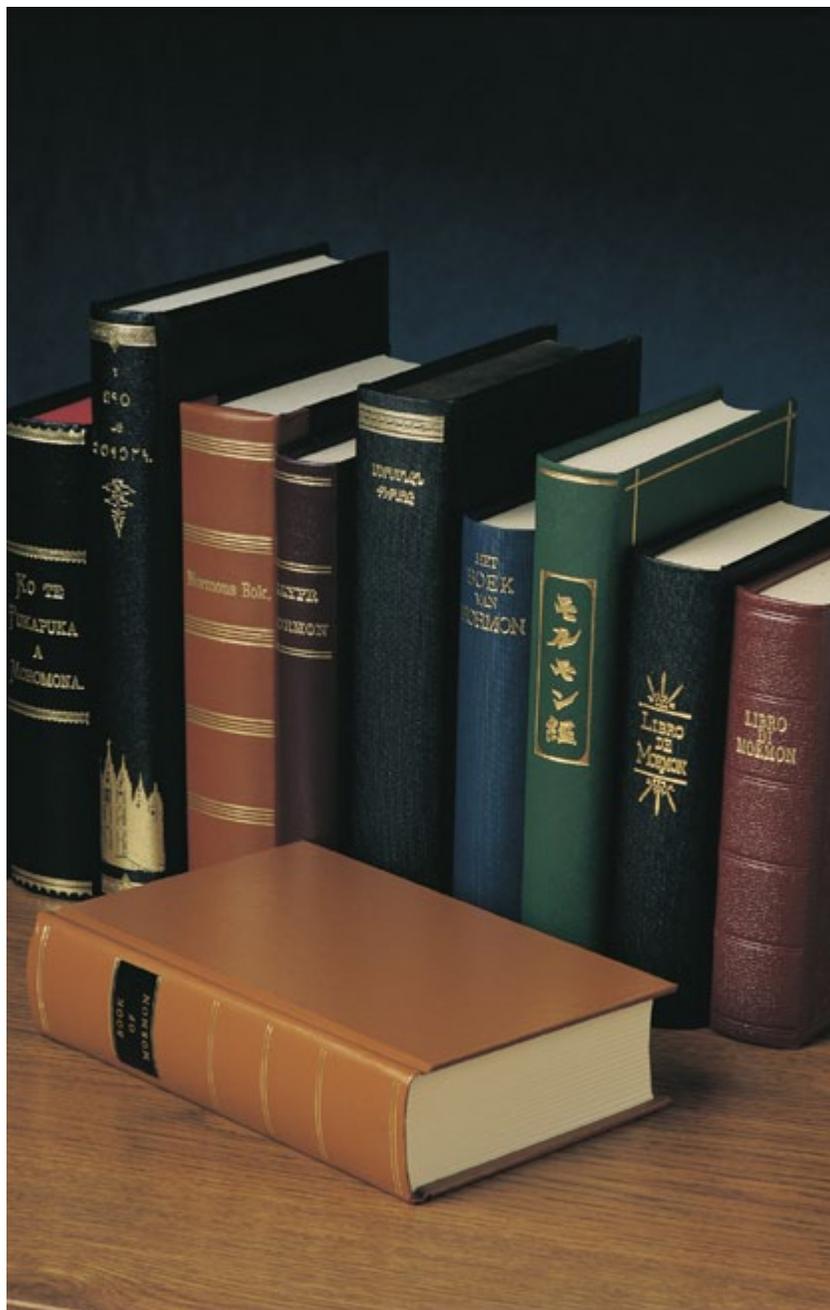
4. Pondere a declaração do Presidente Smith: “Se não orarmos, perderemos a proteção que a oração oferece” (página 98). De que maneiras você sentiu o poder e a proteção da oração? Você pode prestar seu testemunho do poder da oração às pessoas que visita como mestre familiar ou professora visitante.
5. O Presidente Smith ensinou que a oração vai “manter-nos no caminho da vida eterna” (página 100). Por que você acha que isso acontece? O que a família pode fazer para certificar-se de orarem juntos constantemente? Pense no que você pode fazer para tornar a oração pessoal uma parte mais significativa de sua vida.

Escrituras correlatas: Mateus 6:7–13; 7:7–11; 2 Néfi 4:35; Alma 34:18–27; 37:37; 3 Néfi 18:20–21; Doutrina e Convênios 88:63–64

Auxílio didático: “É [o aluno] que deve ser posto em atividade. Quando o professor passa a ser o centro de todas as atenções, torna-se a estrela do espetáculo, monopoliza todas as discussões ou assume o comando de todas as atividades, podemos dizer com quase toda a certeza que ele está prejudicando o aprendizado dos alunos” (Asahel D. Woodruff, *Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 61).

Notas

1. “Testimony of Elder George Albert Smith”, *Liahona: The Elders’ Journal*, 2 de fevereiro de 1915, p. 501.
2. Conference Report, outubro de 1946, pp. 150–151.
3. “How My Life Was Preserved”, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 121, livro de recortes 1, pp. 45–46.
4. Conference Report, abril de 1931, p. 31.
5. “A Story of Two Boys”, *Improvement Era*, junho de 1949, p. 365.
6. Conference Report, abril de 1942, p. 17.
7. “Pres. Smith’s Leadership Address”, *Deseret News*, 16 de fevereiro de 1946, seção da Igreja, p. 1.
8. Conference Report, outubro de 1934, p. 51.
9. “Saints Blessed”, *Deseret News*, 12 de novembro de 1932, seção da Igreja, p. 5.
10. Conference Report, abril de 1941, p. 25.
11. Reunião do sacerdócio, 4 de outubro de 1947, Biblioteca de História da Igreja, Salt Lake City.
12. “Pres. Smith’s Leadership Address”, p. 6.
13. Conference Report, abril de 1948, pp. 163–164.
14. Conference Report, abril de 1949, p. 190.
15. Conference Report, abril de 1933, p. 72.



“[As escrituras] contêm o que nosso Pai achou ser suficientemente importante para preservar e transmitir para os filhos dos homens e para tornar acessível em muitos idiomas do mundo.”



As Escrituras, a Biblioteca Mais Valiosa do Mundo

*Deus nos deu as santas escrituras para ajudar a nós
e a nossa família na preparação para a vida eterna.*

Da Vida de George Albert Smith

No fim da vida, o Presidente George Albert Smith lembrou algo que aconteceu em sua juventude, quando uma passagem das escrituras se tornou uma influência duradoura para ele: “Quando eu tinha uns quatorze anos de idade, li o capítulo quarenta de Alma, no Livro de Mórmon, em nossa aula da Escola Dominical. Ela deixou uma impressão gravada em minha mente que me foi útil quando meus entes queridos foram levados pela morte. (...) É um dos lugares nas escrituras que nos conta para onde vai nosso espírito quando deixa este corpo [ver versículos 11–14], e desde aquela época tenho o desejo de ir para aquele lugar chamado paraíso”.¹ [Ver sugestão 1 da página 109.]

O Presidente Smith esperava que outras pessoas tivessem sua própria experiência pessoal significativa, ao ler as escrituras. Em seus discursos públicos e em sua interação pessoal com outros, ele incentivava todos a estudar as escrituras, de modo a edificar um testemunho pessoal do evangelho. Certa vez, ao viajar de trem, começou a conversar com um homem que fora criado numa família SUD, mas não participava mais da Igreja. “Ao conversarmos”, lembrou ele posteriormente, “falei-lhe do evangelho de Jesus Cristo. (...) Enquanto discutíamos os princípios do evangelho, ele disse: ‘Essas coisas me interessam’. Conversamos por um bom tempo e, quando terminamos, aquele bom homem, porque acredito que fosse um bom homem, disse para mim: ‘Eu daria tudo o que possuo para ter a certeza que você tem. (...)’

Eu disse: ‘Meu irmão, você não precisa dar tudo o que tem para ter essa certeza. Tudo o que tem de fazer é examinar as escrituras fervorosamente. Procure um lugar onde elas possam ser explicadas a você. Busque a verdade, e a beleza da verdade se tornará interessante para você, e (...) você poderá saber, como eu sei, que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith é um profeta do Deus vivo.’²

Ensinaamentos de George Albert Smith

As verdades contidas nas escrituras são muito mais valiosas do que as filosofias dos homens.

A Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor não contêm a sabedoria dos homens apenas, mas de Deus. Embora não estejam no lar de muitas pessoas, esses livros contêm a palavra do Senhor. O que importa é que, embora compreendamos Homero e Shakespeare e Milton, e eu poderia enumerar todos os grandes escritores do mundo, se deixarmos de ler as escrituras, teremos perdido a melhor parte da literatura do mundo.

Meus irmãos e minhas irmãs, toda a verdade que é (...) necessária para nossa salvação está contida nas páginas dos livros que citei. Talvez não possamos ter uma biblioteca de dois ou três mil livros, mas podemos ter a um preço muito pequeno uma biblioteca inestimável que custou o melhor sangue que já houve no mundo.³

Não estou preocupado se vocês têm ou não os livros das grandes bibliotecas do mundo em sua casa, desde que tenham estes livros. Pensem nos milhões de livros que existem [na] Biblioteca do Congresso, em Washington, na Biblioteca Britânica, e nas bibliotecas de outros países, milhões de livros — mas tudo o que Deus revelou e publicou para os filhos dos homens que é necessário para prepará-los para um lugar no reino celestial está contido nas páginas destes livros sagrados. Quantos de nós conhecemos o que eles contêm? Com frequência vou a lares onde vejo todas as últimas revistas. Encontro os livros que são anunciados como *best-sellers* nas prateleiras das livrarias. Se vocês jogassem fora todos eles e guardassem apenas estas sagradas escrituras, não perderiam o que o Senhor fez com que fosse escrito e disponibilizado para que todos desfrutemos. Portanto, irmãos e irmãs, entre nossas outras bênçãos, não nos

esqueçamos de que o Senhor possibilitou que tenhamos, desfrutemos e compreendamos as escrituras e que tenhamos Sua palavra que nos foi transmitida ao longo das eras para a salvação de Seus filhos.⁴

Ao ler as escrituras, (...) maravilho-me com a benignidade do Senhor em abençoar aqueles que aceitam Seus ensinamentos, porque encontramos mais consolo nesses registros sagrados do que em todas as filosofias das eras, que nos foram dadas pela sabedoria dos homens.⁵

Falamos das filosofias dos homens e as mostramos como se fossem uma gravura bonita, mas, quando elas entram em conflito com os ensinamentos de nosso Pai Celestial que estão contidos nas Sagradas Escrituras, elas não têm nenhum valor. Elas nunca conduzirão ninguém à felicidade eterna, tampouco ajudarão as pessoas a encontrar um lugar no reino de nosso Pai Celestial.⁶

Às vezes, sinto que não temos gratidão pela Bíblia Sagrada, pelo que ela contém, nem por essas outras escrituras, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor, que foram chamadas de (...) cartas de nosso Pai Celestial. Elas podem ser consideradas como tal, ao menos são Seus conselhos e Suas advertências para todos os filhos dos homens, tendo-lhes sido dadas para que eles saibam como aproveitar suas oportunidades, para que sua vida não seja desperdiçada em vão.⁷ [Ver sugestão 2 da página 109.]

**O Senhor nos deu as escrituras para
ajudar-nos a sobrepujar nossas provações
e preparar-nos para a exaltação.**

Este é o dia de sermos testados, um dia de provação. Este é o dia em que o coração dos homens desfalece com temor. O dia em que multidões do mundo se perguntam qual será o fim. Uns poucos inspirados sabem como será o fim. O Senhor nos disse o que ocorreria, nas [escrituras], a maravilhosa biblioteca que tenho em minhas mãos. Ele nos deu as informações de que necessitamos para adequarmos nossa vida e nos prepararmos de modo que, seja o que for que venha a acontecer, estejamos no lado do Senhor.⁸

Deixem-me ler o que o Senhor disse acerca destes últimos dias na primeira seção de Doutrina e Convênios: (...)

“Portanto eu, o Senhor, conhecendo as calamidades que adviriam aos habitantes da Terra, chamei meu servo Joseph Smith Júnior e falei-lhe do céu e dei-lhe mandamentos. (...)

Examinai estes mandamentos, porque são verdadeiros e fiéis; e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas.

O que eu, o Senhor, disse está dito e não me desculpo; e ainda que passem os céus e a Terra, minha palavra não passará, mas será toda cumprida, seja pela minha própria voz ou pela voz de meus servos, é o mesmo.

Pois eis que o Senhor é Deus e o Espírito testifica; e o testemunho é verdadeiro e a verdade permanece para todo o sempre. Amém.” [D&C 1:17, 37–39]

Esse prefácio merece toda sua sincera consideração. É a advertência do Pai para todos nós. É o conselho amoroso de um terno Pai Que sabe do que precisamos, como disse no capítulo que acabei de ler, no qual Ele diz que, sabendo o que haveria de advir aos habitantes da Terra, Ele deu esses mandamentos.⁹

Alguns esquecem que o Senhor falou e deixamos de informarnos a respeito de Seus decretos. (...)

Dezenas de passagens das escrituras poderiam ser citadas como prova de que nosso Pai Celestial falou com misericórdia e bondade aos filhos dos homens ao longo das eras, não apenas lhes dizendo o que iria acontecer, mas rogando que se afastassem do erro de seus caminhos para que a destruição não caísse sobre eles. (...)

Nosso Pai Celestial, por meio de Seus fiéis representantes, transmitiu-nos as coisas importantes que deveriam acontecer, e podemos ler a respeito delas em Suas santas escrituras. Se quisermos realmente ser salvos e exaltados em Seu reino celestial, Ele nos disse como devemos proceder.¹⁰

[As escrituras são] a maior biblioteca encontrada no mundo inteiro. O que elas contêm? Contêm o que nosso Pai achou ser suficientemente importante para preservar e transmitir aos filhos dos homens e para tornar acessível em muitos idiomas do mundo. As escrituras são extremamente importantes e devem ser compreendidas pelos santos dos últimos dias. Não vou pedir-lhes que ergam a mão para saber quantos dos que estão aqui reunidos já leram esses

livros, mas quero chamar-lhes a atenção ao fato de que são verdadeiras preciosas, e contêm a palavra revelada do Senhor impressa e publicada ao mundo com o propósito de preparar Seus filhos para terem um lugar no reino celestial. É por isso que digo que são tão valiosas. (...) Quão gratos devemos ser por vivermos numa época e num tempo em que podemos ler esse conselho e essa advertência, e ouvir a explicação de coisas que de outra forma nos seriam obscuras e incertas.¹¹ [Ver sugestão 3 da página 109.]

**Inspiramos fé em nossa família lendo
as escrituras com eles.**

Gostaria que se perguntassem quantos de vocês leram para sua família, de tempos em tempos, alguma coisa tirada desses livros, reunindo-os para ensinar-lhes as coisas que eles deveriam saber. Receio que muitos de nós diríamos que estivemos por demais atarefados.¹²

Já ouvimos falar de muitas bênçãos que o Senhor nos concedeu nesses registros sagrados que foram preservados até nossos dias, e que eles contêm o conselho e a advertência de um Pai cheio de sabedoria. Parece-me estranho que tantos de nosso povo, tendo todas as oportunidades que lhes são oferecidas, desconheçam o conteúdo desses registros sagrados.¹³

Será que o Pai nos considerará sem culpa, quando voltarmos para nosso lar, se tivermos deixado de ensinar a nossos filhos a importância desses registros sagrados? Creio que não. (...) Acham que, depois de o Senhor ter (...) colocado a nosso alcance os excelentes ensinamentos contidos nesses registros sagrados, Ele vai considerar-nos gratos, se deixarmos de ensiná-los a nossa família e de explicá-los para as pessoas de nosso convívio?

Irmãos e irmãs, quero enfatizar novamente o ensinamento do Mestre: “examinai as escrituras”, leiam-nas com fervor e fidelidade, e as ensinem no lar. Reúnam a família a seu redor e inspirem neles a fé no Deus vivo, lendo essas coisas que foram reveladas. Elas são a mais preciosa biblioteca do mundo.¹⁴

Mantenham essa biblioteca em um lugar em que vocês possam encontrá-la, e onde seus filhos a encontrem, e depois tenham suficiente interesse pela salvação eterna daqueles meninos e daquelas



“Reúnam a família a seu redor e inspirem neles a fé no Deus vivo, lendo essas coisas que foram reveladas.”

meninas que estão em seu lar a ponto de encontrar meios para que eles se interessem pelo conteúdo desses livros, para que saibam quão preciosos eles são à vista de seu Pai Celestial.¹⁵

Que coisa adorável era para mim, como filho, ver meu pai e minha mãe sentados junto à lareira, lendo a Bíblia, enquanto os filhos se sentavam no chão. (...)

Quero dizer-lhes, meus irmãos e minhas irmãs, que o conselho de Jesus Cristo ainda é válido para nós: “[Examinai] as escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam”. [João 5:39] Não negligenciem a velha Bíblia da família. Não a deixem na prateleira e a esqueçam. Descubram, se ainda não o fizeram, o que ela diz e, se já a leram antes, leiam-na novamente com frequência para seus filhos e netos. Leiam para eles não somente a Bíblia, mas outros livros de escritura que o Senhor nos deu para nossa exaltação, nosso consolo e nossa bênção.¹⁶

Admoesto-vos, ó Israel, a examinar as escrituras, a lê-las em vosso lar; ensinai a vossa família o que o Senhor disse, e passemos menos tempo lendo a literatura supérflua de nossos dias e geralmente prejudicial, mas buscai a fonte da verdade e lede a palavra do Senhor.¹⁷ [Ver sugestão 4 abaixo.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Ao ler o primeiro parágrafo da página 103, pense em uma ocasião em que um versículo de escritura o inspirou de modo semelhante. Como você descobriu que as escrituras são verdadeiras? Que experiências pessoais você teve com elas recentemente que fortaleceram esse testemunho?
2. Leia a seção que começa na página 104 e pondere que lugar as escrituras ocupam em sua biblioteca pessoal (entre as outras coisas que você lê, vê ou ouve). O que você pode fazer para dar às escrituras um lugar mais preeminente em sua casa e em sua vida?
3. Estude a seção que começa na página 105. Como o fato de ter as escrituras o ajudou a enfrentar as calamidades dos últimos dias? Pondere como você pode usar as escrituras para ajudar um conhecido que esteja enfrentando uma provação difícil.
4. Pondere os conselhos do Presidente Smith das páginas 107–109. Que bênçãos recebe a família que estuda as escrituras juntos? Quais são alguns meios eficazes de inspirar nossos filhos (ou netos) a se interessarem pelas escrituras? Pondere fervorosamente o que você pode fazer para ser mais diligente no estudo das escrituras com sua família.

Escrituras correlatas: Deuteronômio 6:6–7; Josué 1:8; Romanos 15:4; II Timóteo 3:15–17; 2 Néfi 4:15; Helamã 3:29–30; Doutrina e Convênios 33:16

Auxílio didático: “Você pode ajudar seus alunos a sentirem-se mais confiantes em sua capacidade de participar de uma discussão. Você pode dizer, por exemplo: ‘Obrigado por sua resposta. Uma observação muito pertinente’ (...) ou ‘Esse exemplo é muito bom’ ou ‘Obrigado pelo que disseram hoje’” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 64).

Notas

1. Conference Report, abril de 1949, pp. 83–84.
2. Conference Report, outubro de 1948, pp. 165–166.
3. Conference Report, outubro de 1917, p. 43.
4. Conference Report, outubro de 1948, pp. 164–165.
5. Conference Report, outubro de 1931, p. 120.
6. Conference Report, abril de 1946, p. 125.
7. Conference Report, outubro de 1923, p. 70.
8. Conference Report, abril de 1942, p. 14.
9. Conference Report, outubro de 1917, pp. 42–43.
10. Conference Report, outubro de 1940, pp. 107–109.
11. Conference Report, outubro de 1948, p. 164.
12. Conference Report, outubro de 1950, p. 179.
13. Conference Report, abril de 1929, p. 30.
14. Conference Report, outubro de 1917, pp. 43–44.
15. Conference Report, outubro de 1948, p. 165.
16. “Pres. Smith’s Leadership Address”, *Deseret News*, 16 de fevereiro de 1946, seção da Igreja, p. 6.
17. Conference Report, outubro de 1917, p. 41.



Revelação de Deus para Seus Filhos

*Nosso Pai Celestial nos guia individualmente e
como Igreja por intermédio do Espírito Santo.*

Da Vida de George Albert Smith

Para ensinar a respeito da importância da revelação para guiar a Igreja, George Albert Smith contou o que lhe aconteceu durante uma viagem de avião, de Los Angeles, Califórnia, para Salt Lake City, Utah:

“Perto de Milford, Utah, voamos de repente para dentro de um dos piores nevoeiros que eu já tinha visto. Olhei para fora da janela do avião, mas não consegui ver nada através do nevoeiro. Não se via nada em nenhuma direção fora do avião.

Eu sabia que estávamos nos aproximando das montanhas a uma velocidade de quase cinco quilômetros por minuto e tínhamos que passar sobre elas para chegar ao Vale do Lago Salgado. Fiquei preocupado e me perguntei: ‘Como é que o piloto conseguirá encontrar o caminho se não pode ver nada?’ Ele tinha sua bússola, mas o avião poderia desviar-se do rumo. Ele tinha instrumentos que indicavam a altitude em relação ao nível do mar, mas não tinha como saber a que altitude estava do solo. Achei que ele poderia voar alto o suficiente para elevar-se bem acima das montanhas que nos separavam do Vale do Lago Salgado e tentar encontrar o campo de pouso por meio dos sinais luminosos, quando estivéssemos bem próximos, mas gelei ao pensar no perigo de nos perdermos e de não encontrarmos os sinais luminosos do aeroporto.

Em minha ansiedade, fui até a cabine onde estavam o piloto e o copiloto para ver se eles sabiam para onde estávamos indo. Eu não conseguia ver se estávamos a trinta metros, a trezentos metros ou a



George Albert Smith e sua esposa, Lucy. O Presidente Smith contou o que lhe aconteceu em um avião para ensinar a importância da revelação.

três mil metros acima do solo, e não sabia como eles podiam saber, exceto aproximadamente. Percebi que o piloto tinha um pequeno aparelho conectado à orelha, como os que são usados pelas telefonistas. Perguntei ao copiloto como eles sabiam se estávamos voando na direção certa ou se estávamos fora do curso. Ele respondeu: 'Não conseguimos ver, por isso somos guiados pelo feixe de rádio'.

'O que é isso?' perguntei. Ele explicou que o feixe poderia ser comparado a uma rodovia elétrica entre dois pontos, e em nosso caso os pontos eram Milford e Salt Lake City. Ele disse que o aparelho no ouvido do piloto funcionava de tal modo que, quando o avião estava dentro do feixe, um leve som ronronante era ouvido continuamente, mas, se o avião se desviasse para a direita ou para a esquerda, o som mudaria, e o piloto seria avisado por cliques semelhantes ao de um telégrafo. Se ele (...) voltasse para dentro do feixe ou da estrada, que era o caminho seguro, os cliques parariam, e o som ronronante voltaria. Se continuássemos dentro do feixe, chegaríamos ao destino em segurança.

Voltei para minha poltrona muito reconfortado por saber que, embora estivéssemos cercados pelo nevoeiro e pela escuridão, sem poder enxergar nem sentir onde estávamos, o piloto recebia informações constantes sobre a localização da estrada e sabia que em breve chegaríamos a nosso destino. Poucos minutos depois, senti o avião descendo. Tínhamos passado por cima do cume das montanhas e estávamos nos aproximando do aeroporto. Quando estávamos quase tocando o solo, vi as fortes luzes do campo de pouso, que indicavam onde descer, e o avião com sua preciosa carga aterrissou gentilmente, como uma gaivota desce no mar, e foi lentamente diminuindo a velocidade até parar, então descemos de nosso meio de transporte, felizes por estar de volta ao lar. (...)

Pensei muitas vezes na lição que aprendi no avião e a apliquei ao que nos acontece na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...)

Não apenas o Senhor nos deu o aparelho já registrado nas escrituras para guiar-nos mas também colocou um líder nesta Igreja, um de Seus filhos que foi escolhido, ordenado e designado como Presidente. Ele é nosso piloto e sempre será guiado por uma voz que lhe permitirá liderar-nos para onde devemos ir. Se formos sábios

não o julgaremos mal, mas ficaremos felizes em honrá-lo em seu cargo, enquanto o Senhor o apoiar.”

O Presidente Smith também usou essa experiência pessoal no avião para ensinar que todos podemos receber revelação para guiar nossa própria vida, se formos dignos:

“Se estivermos vivendo do modo que sabemos que devemos viver, mereceremos o sussurro da voz mansa e delicada que nos chama a atenção quando há perigo, mostrando-nos o caminho seguro e dizendo-nos para seguir por ele. (...) Se errarmos em nossa conduta, a voz vai sussurrar: ‘Volte, você cometeu um erro, você desprezou o conselho de nosso Pai Celestial’. Voltem do caminho errado enquanto há tempo, porque, se vocês se afastarem demais do caminho certo, não vão ouvir mais a voz e poderão ficar completamente perdidos. (...)

Meu conselho para vocês é que tenham o Espírito de Deus e O mantenham, e o único meio de mantê-Lo é viver próximo Dele, guardando Seus mandamentos. (...) Ouçam a voz mansa e delicada que sempre vai guiá-los, se forem dignos dela, para um caminho que significa felicidade eterna.”¹ [Ver sugestão 1 da página 120.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Deus Se manifesta a Seus filhos em nossos dias, assim como o fez no passado.

Que privilégio é viver em uma época do mundo em que sabemos que Deus vive, em que sabemos que Jesus Cristo é o Salvador do mundo e nosso Redentor, e em que sabemos que o Senhor continua a manifestar-Se a Seus filhos que se prepararam para receber Suas bênçãos! Olho para os rostos de uma grande congregação nesta manhã [numa sessão de conferência geral], a maioria dos quais desfruta da inspiração do Todo-Poderoso e, quando oram, oram a seu Pai Celestial, sabendo que suas orações serão respondidas com bênçãos sobre a cabeça deles. (...) Sabemos que há um Deus no céu, que Ele é nosso Pai, que Ele realmente Se interessa por nossos assuntos, que Ele fez isso desde que o mundo começou, quando Seus primeiros filhos foram colocados na Terra.²

A diferença entre esta grande Igreja e todas as outras igrejas desde o princípio é que acreditamos em revelação divina. Acreditamos que nosso Pai fala com o homem hoje em dia como o fez desde a época de Adão. Cremos e sabemos — é mais do que uma simples crença — que nosso Pai estendeu Sua mão neste mundo para a salvação dos filhos dos homens.³

Não é apenas por termos fé nestes livros [o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor] que somos considerados um povo estranho, mas também porque com confiança acreditamos que nosso Pai Celestial falou nesta época, em nossos dias. De fato, sabemos que há comunicação com os céus. Acreditamos que Jeová tem os mesmos sentimentos a nosso respeito, a mesma influência sobre nós que teve sobre Seus filhos que moraram neste mundo em tempos passados.

Para os descrentes, os membros da Igreja de Jesus Cristo de todas as eras do mundo foram considerados um povo estranho. Quando o Senhor falou por meio de Seus servos, em diferentes épocas, houve muitas pessoas da Terra que disseram: “Não acredito em revelação”. Esta época não foge à regra. Os milhares, sim, os milhões de filhos de nosso Pai que moram na Terra estão apenas repetindo a história do passado ao negarem que Deus revelou novamente Sua vontade aos filhos dos homens e dizerem que não precisam de mais nenhuma revelação.⁴

Não acreditamos que os céus estejam selados sobre nossa cabeça, mas que o mesmo Pai Que amava e valorizava os filhos de Israel nos ama e valoriza. Cremos que temos tanta necessidade da ajuda de nosso Pai Celestial para dirigir nossa vida quanto eles tiveram. Sabemos que, nestes dias e nesta época em que vivemos, o selo foi quebrado, e Deus novamente falou dos céus.⁵ [Ver sugestão 2 da página 120.]

O Senhor guia Seu povo por meio de revelação ao Presidente da Igreja.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi organizada por mandamento direto de nosso Pai Celestial. Esta Igreja foi fundada sobre a rocha da revelação e tem sido guiada por revelação.⁶

É muito especial nestes dias pertencer a uma igreja cujos membros acreditam que o Senhor fala por meio de Seus líderes. Quando somos instruídos pelo Presidente desta Igreja, acreditamos que ele nos diz o que o Senhor deseja que façamos. Para nós não se trata apenas do conselho de um homem. Cremos do fundo da alma que somos instados a renovar nossa determinação de ser o que Deus deseja que sejamos.⁷

Houve almas desgarradas na Igreja que, em sua ignorância, opuseram-se ao conselho do [Presidente da Igreja], não percebendo que estavam opondo-se ao Senhor, e caíram na escuridão e na miséria; se elas não se arrependem, não encontrarão um lugar no reino celestial.

Lembremos que o Presidente desta Igreja foi oficialmente chamado para ser o piloto da Igreja aqui na mortalidade, representando o Mestre do céu e da Terra.⁸

Quando os homens, como alguns fizeram para ter este ou aquele tipo de sucesso, chegarem a uma ou mais pessoas, dizendo: “Tive este sonho, e é isto que o Senhor deseja que façamos”, vocês podem saber que eles não estão no lado do Senhor. Os sonhos, as visões e as revelações de Deus aos filhos dos homens sempre vieram por meio de Seu servo devidamente nomeado. Vocês podem ter sonhos e manifestações para seu próprio consolo ou sua satisfação, mas não os terão para a Igreja inteira. (...) Não podemos deixar que nos enganem.⁹

Minha alma está cheia de gratidão por saber que, ao continuarmos sendo membros da Igreja, temos um piloto que conhece o caminho e, se seguirmos sua orientação (...) não encontraremos os desastres espirituais que o mundo encontra, mas seguiremos fazendo o bem, abençoando a humanidade e regozijando-nos na companhia daqueles que amamos.¹⁰ [Ver sugestão 3 da página 120.]

Temos o direito de receber inspiração pessoal do Espírito Santo, se obedecermos aos mandamentos.

Creio em vocês, meus irmãos e minhas irmãs. (...) Vocês têm direito ao mesmo conhecimento que tem aquele que preside a Igreja. Vocês têm direito à mesma inspiração que flui aos que Deus fez com que fossem ordenados Seus líderes. Vocês têm direito à



“Cada um de nós tem direito à inspiração do Senhor, proporcionalmente ao modo pelo qual levamos uma vida justa.”

inspiração do Espírito e ao conhecimento de que Ele é seu Pai, e, quando eu digo “vocês”, refiro-me a todos os que obedecem aos mandamentos de nosso Pai e partilham da agradável influência do Espírito do Senhor na Igreja de Cristo. (...) Cada um de nós tem direito à inspiração do Senhor, proporcionalmente ao modo pelo qual levamos uma vida justa.¹¹

Aonde quer que forem, não encontrarão nenhum outro grupo como este, em que cada um tem fé em Deus; se perguntássemos quantos de vocês têm um testemunho, não uma crença decorrente das afirmações de outra pessoa, mas quantos de vocês têm a certeza de que esta é a obra de Deus, de que Jesus é o Cristo, de que vivemos uma vida eterna, de que Joseph Smith foi um profeta do Deus vivo, vocês responderiam que têm esse testemunho, que os eleva e fortalece e lhes dá satisfação ao saírem pelo mundo. ...

(...) Aprendi quando menino que esta é a obra do Senhor. Aprendi que há profetas vivos na Terra. Aprendi que a inspiração

do Todo-Poderoso influencia os que vivem para desfrutá-la, portanto não dependemos de uma, duas ou meia dúzia de pessoas. Há milhares de membros desta Igreja que sabem — não é de forma alguma uma questão de imaginação — eles sabem que Deus vive e que Jesus é o Cristo e que somos filhos de Deus.¹³

Vocês não dependem apenas da história nem dos ensinamentos de qualquer homem para saber que esta é a obra do Senhor, porque isso lhes foi gravado na alma pelo dom do Espírito Santo. Não há dúvida em sua mente quanto a sua origem, nem quanto ao lugar para onde irão quando a vida terminar, se forem fiéis à confiança que lhes foi depositada.¹³

Um testemunho não nos pode ser dado por outra pessoa. A convicção vem de nosso Pai Celestial.¹⁴

Sinto-me hoje profundamente grato pelo conhecimento que recebi. Sinto-me grato por não depender de nenhuma pessoa para o testemunho que possuo. Evidentemente sou grato pelo incentivo que recebi de outros que possuíam luz e verdade, e que nos encorajam com sua vida de retidão, mas não dependo de nenhum deles para o conhecimento de que Deus vive, de que Jesus Cristo é o Redentor da humanidade e de que Joseph Smith é um profeta do Senhor. Essas coisas eu sei por mim mesmo.

(...) Regozijo-me em testificar que sei que o evangelho é verdadeiro e do fundo da alma agradeço a meu Pai Celestial que o revelou para mim.¹⁵

De todas as bênçãos que recebi na vida, a mais preciosa é o conhecimento de que Deus vive e de que esta é Sua obra, porque isso abrange todas as outras bênçãos que espero desfrutar nesta vida ou na vida futura.¹⁶ [Ver sugestão 4 da página 120.]

O Espírito Santo é um guia seguro ao longo do caminho da vida mortal.

A companhia do Espírito [de Deus] (...) é um guia seguro ao longo do caminho da vida mortal e uma preparação segura para um lar em Seu reino celestial.¹⁷

Lemos em Jó que há um espírito no homem, e que a inspiração do Todo-Poderoso o faz entendido [ver Jó 32:8]. Se guardarmos

os mandamentos de Deus, teremos direito a essa inspiração, e, se vivermos como os filhos de Deus deveriam viver, teremos essa inspiração, e ninguém poderá impedir, e o resultado será nosso próprio desenvolvimento físico, mental e moral na mortalidade e um desenvolvimento contínuo ao longo das eras da eternidade.¹⁸

A companhia do Espírito do Senhor é um antídoto para o cansaço, (...) para o temor e para todas as coisas que às vezes nos acometem na vida.¹⁹

Quando os discípulos do Salvador estavam com Ele, eles O admiravam sem saber quão grande era Ele, mas foi só quando o poder do Espírito Santo veio sobre eles, só quando receberam o batismo de fogo, que conseguiram enfrentar os problemas e suportar as perseguições que vieram a tornar sua vida quase insuportável. Quando a inspiração do Todo-Poderoso lhes deu entendimento, souberam que estavam vivendo [uma] vida eterna e souberam que, caso se provassem fiéis, quando deixassem o corpo na morte, seriam erguidos do sepulcro para a glória e a imortalidade.

Esse foi o resultado da inspiração do Espírito de Deus que lhes sobreveio, a inspiração do Todo-Poderoso que lhes deu entendimento. (...)

Oro para que esse Espírito que nos mantém no caminho da verdade e da retidão habite em nós, e oro para que esse desejo que vem da inspiração de nosso Pai Celestial possa guiar-nos no caminho da vida.²⁰

Quando a obra desta vida estiver concluída, que descubramos que ouvimos o sussurro da voz mansa e delicada que sempre nos guia pelo caminho da retidão, e que saibamos que isso significou para nós a abertura da porta do reino celestial, para nós e para nossos entes queridos, para progredir ao longo das eras, (...) eternamente felizes.²¹ [Ver sugestão 5 da página 120.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Ao ler “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 111–114), pondere como a analogia do Presidente Smith se aplica a nossa jornada pela mortalidade. O que o nevoeiro, o feixe de rádio e os cliques sonoros representavam? De que modo o Senhor o advertiu do perigo e o ajudou a manter-se no caminho da vida eterna?
2. Nas páginas 114–115, o Presidente Smith declara que a revelação é tão necessária hoje quanto era nos tempos bíblicos. Como você responderia a alguém que dissesse que as revelações das escrituras são suficientes para nossos dias? Que experiências lhe ensinaram que o Pai Celestial “realmente Se interessa por nossas questões”?
3. Estude a seção que começa na página 115. Como é que você soube que o conselho do profeta vem do Senhor e que “não se trata apenas do conselho de um homem”? (página 116). Como a revelação pessoal o ajudou a aceitar e a colocar em prática a revelação dada por meio do profeta?
4. Ao estudar a seção que começa na página 116, pense em como você adquiriu um testemunho do evangelho. Como o testemunho de outras pessoas o ajudou? O que você fez para conhecer a verdade por si mesmo?
5. Na última seção dos ensinamentos (páginas 118–19), procure palavras e frases que descrevam maneiras pelas quais o Espírito Santo pode ajudar-nos. Pense no que você pode fazer para ser digno da companhia mais frequente do Espírito Santo em sua vida.

Escrituras correlatas: João 15:26; 1 Néfi 10:17–19; 2 Néfi 32:5; Morôni 10:3–5; Doutrina e Convênios 1:38; 42:61; 76:5–10; Regras de Fé 1:9

Auxílio didático: “Não fique preocupado se seus alunos permanecerem em silêncio por alguns segundos, depois que você fizer uma pergunta. Não responda às suas próprias perguntas; dê tempo para seus alunos pensarem na resposta. Todavia, o silêncio prolongado pode ser um indicativo de que eles não entenderam a pergunta e de que você precisará reformulá-la” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 69).

Notas

1. Conference Report, outubro de 1937, pp. 50–53.
2. Conference Report, abril de 1946, p. 4.
3. Conference Report, abril de 1917, p. 37.
4. “Some Points of ‘Peculiarity’”, *Improvement Era*, março de 1949, p. 137.
5. *Procedimentos da Dedicção do Monumento Memorial de Joseph Smith*, p. 55.
6. “Message to Sunday School Teachers”, *Instructor*, novembro de 1946, p. 501.
7. Conference Report, outubro de 1930, p. 66.
8. Conference Report, outubro de 1937, pp. 52–53.
9. Conference Report, outubro de 1945, pp. 118–119.
10. Conference Report, outubro de 1937, p. 53.
11. Conference Report, outubro de 1911, p. 44.
12. Conference Report, abril de 1946, pp. 124–125.
13. Conference Report, abril de 1905, p. 62.
14. “Opportunities for Leadership”, *Improvement Era*, setembro de 1949, p. 557.
15. Conference Report, outubro de 1921, p. 42.
16. Conference Report, abril de 1927, p. 82.
17. “To the Latter-day Saints Everywhere”, *Improvement Era*, dezembro de 1947, p. 797.
18. Conference Report, abril de 1944, p. 31.
19. Conference Report, outubro de 1945, pp. 115–116.
20. Conference Report, abril de 1939, pp. 124–125.
21. Conference Report, abril de 1941, p. 28.



“É o evangelho de Jesus Cristo que temos conosco. É o desejo de salvar a alma dos filhos dos homens que arde em nosso coração.”



Um Desejo Ardente de Compartilhar o Evangelho

*Nossos irmãos e nossas irmãs do mundo inteiro
precisam da mensagem do evangelho restaurado,
e temos o privilégio de compartilhá-lo com eles.*

Da Vida de George Albert Smith

Um amigo próximo de George Albert Smith escreveu: “O Presidente George Albert Smith é um missionário nato. Desde a juventude, ele tem um ardente desejo de compartilhar os ensinamentos do evangelho com seus semelhantes, a fim de dar a conhecer aos ‘filhos e filhas de Deus’, que ele considera como seus irmãos e suas irmãs, as verdades que foram reveladas ao Profeta Joseph Smith.

Em diversas ocasiões tive o privilégio de viajar de trem com o Presidente Smith. Todas as vezes, observei que, assim que a viagem começava, ele tirava da mala alguns folhetos do evangelho, colocava-os no bolso e passeava por entre os passageiros. Com seu modo cordial e agradável, ele logo fazia amizade com um companheiro de viagem, e pouco depois eu o ouvia contar a história da fundação da Igreja pelo Profeta Joseph Smith ou o êxodo dos santos de Nauvoo e suas provações e dificuldades ao cruzarem as planícies para chegar a Utah, ou explicar alguns princípios do evangelho para seus novos amigos. Ele prosseguia conversando com um passageiro após o outro, até o fim da viagem. Durante todo o tempo em que convivi com o Presidente Smith, que foram mais de quarenta anos, descobri que onde quer que ele estivesse, antes e acima de tudo, ele era um missionário da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”.¹

Também foi escrito o seguinte sobre o Presidente Smith: “Ele falava de religião com o limpador de chaminé que trabalhava em sua casa. Raramente perdia a oportunidade de explicar as ‘verdades

eternas do evangelho restaurado’, quer para um amigo quer para um estranho. Do seu ponto de vista, essa era a bondade suprema, porque a mensagem de Cristo era a dádiva mais significativa que ele tinha para dar”.² [Ver sugestão 1 da página 133.]

Como a pregação do evangelho era um tema frequentemente abordado pelo Presidente Smith em seus ensinamentos, este é o primeiro de três capítulos sobre esse assunto, neste livro. Este capítulo enfoca os motivos pelos quais compartilhamos o evangelho; o capítulo 13 apresenta diversas maneiras pelas quais podemos participar dessa importante obra; e o capítulo 14 descreve como podemos ser mais eficazes em nosso trabalho.

Ensinamentos de George Albert Smith

O mundo precisa daquilo que temos — o evangelho de Jesus Cristo, restaurado em sua plenitude.

O mundo está atormentado e tumultuado, de um canto a outro. Os homens e as mulheres procuram aqui e ali, buscando saber aonde devem ir para fazer as coisas que lhes trarão paz. (...) O evangelho de Jesus Cristo foi restaurado. A verdade revelada do céu está aqui, e é essa verdade, esse evangelho, que será a cura para todos os males do mundo, se eles apenas o conhecerem. Essa é a única coisa que lhes trará paz enquanto estiverem na Terra.³

É preciso que as pessoas deste mundo retrocedam e voltem aos fundamentos estabelecidos pelo Mestre do céu e da Terra, o alicerce da fé, do arrependimento e do batismo por imersão para a remissão de pecados, e do recebimento do Espírito Santo sob as mãos daqueles que possuem autoridade divina. É disso que o mundo precisa. Sinto-me realmente grato por muitos estarem vendo isso. Eles andaram às cegas por um caminho que os conduziu ao sofrimento e à angústia, mas foi-lhes colocado a seu alcance o remédio para todos os males: o evangelho de Jesus Cristo. Foi traçado para todos um caminho que, embora estreito e difícil de seguir, conduz-nos de volta ao Pai de todos nós; e não há nenhum outro caminho que nos leve até lá.⁴

As igrejas do mundo estão buscando, a sua maneira, levar paz ao coração dos homens. Elas possuem muitas virtudes e muitas

verdades e realizam muitas coisas boas, mas elas não têm autoridade divina. Nem seus sacerdotes foram comissionados por Deus.⁵

Os santos dos últimos dias são os únicos que possuem a autoridade de nosso Pai Celestial para administrar as ordenanças do Evangelho. O mundo precisa de nós.⁶

Há uma fome real no mundo pelas palavras do Senhor, e muitas almas honestas estão sinceramente procurando saber o que o Pai Celestial deseja que façam. Conheci vários líderes das igrejas do mundo, e encontrei entre eles pessoas de caráter nobre que se dedicam a fazer o bem, mas raramente encontrei entre aqueles que foram chamados para o ministério, nas várias organizações eclesíásticas, homens que tivessem a compreensão do propósito de sua existência ou que soubessem por que estão aqui no mundo. Os homens não podem ensinar o que eles próprios não sabem. Aqueles bons homens, por não compreenderem o evangelho e a necessidade de suas ordenanças, restringem em grande parte seus ensinamentos a lições de moral e à leitura de salmos para suas congregações. Algumas passagens isoladas das escrituras são escolhidas como texto para discursos sobre virtude, honestidade, etc., todos eles muito úteis e inspiradores, mas poucos sermões são pregados para explicar o que é exigido de toda alma para que ela possa entrar no reino do céu. É dessa informação que o mundo mais necessita. Poucos ministros têm uma mensagem para sua congregação que os inspire a acreditar na divindade de Jesus Cristo e na necessidade de partilhar das ordenanças do evangelho por Ele prescritas.⁷ [Ver sugestão 2 da página 133.]

Há muitas pessoas que aceitariam a verdade se tivessem a oportunidade.

Os filhos de nosso Pai, no mundo inteiro, estão ansiosos para saber o que devem fazer, mas, devido às influências malignas que permeiam o mundo, eles foram enganados. Os homens honrados da Terra estão cegos à verdade. (...) O adversário está trabalhando, e o único poder que pode neutralizar sua influência é o evangelho de Jesus Cristo.⁸

As pessoas suspeitam umas das outras. Elas não acreditam no que ouvem, e não estão dispostas a fazer o que Filipe, um dos discípulos do Salvador, recomendou a Natanael, que o visitava. Filipe disse: “O Senhor veio”.

E descreveu-O a ele, e Natanael perguntou: “De onde Ele veio?”

E Filipe respondeu: “Ora, Ele veio de Nazaré”. E então o bom homem disse: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” Filipe respondeu: “Vem, e vê”. (Ver João 1:43–46.)

Natanael tinha sido ensinado que nada de bom viria de Nazaré, mas ele foi o homem a que mais tarde o Salvador Se referiu como um israelita em quem não havia dolo — um bom homem, mas que tinha sido enganado pelas histórias que ouvira.

Mas, assim que ficou sabendo, quando aceitou o convite dos discípulos, que lhe disseram: “Vem, e vê”, ele foi, e viu.

Temos sentido grande alegria sob a influência de Seu Espírito. Gostaríamos que todos desfrutassem essa bênção, então, quando alguém perguntasse: “Que tipo de pessoas são estas aqui?”, nossa resposta seria: “Vem, e vê”.⁹

Meu Pai Celestial (...) me chamou para ir a muitas partes da Terra, e já percorri mais de um milhão de milhas desde que fui chamado para o ministério. Viajei para muitas terras e muitos lugares, e onde quer que estive encontrei boas pessoas, filhos e filhas do Deus vivo, que esperam o evangelho de Jesus Cristo, e há milhares, centenas de milhares, milhões deles, que aceitariam a verdade se simplesmente soubessem o que sabemos.¹⁰

Há muitas grandes organizações eclesíásticas no mundo, muitos homens e muitas mulheres devotos que vivem de acordo com a vontade de nosso Pai Celestial, segundo o entendimento deles. (...)

Todos os homens que vivem à altura da luz do Senhor que lhes foi oferecida e O buscam em sincera oração vão sentir o coração ser tocado, vão sentir a mente influenciada e vão ter a oportunidade de saber que Deus falou novamente.¹¹ [Ver sugestão 3 da página 133.]



“Aqueles que acreditarem vão seguir o padrão dado pelo Salvador quando disse a Seus discípulos: ‘Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado’.”

Estamos entusiasmados em compartilhar o evangelho porque amamos nossos semelhantes.

Pode parecer ao observador de fora que existe entre os santos dos últimos dias um entusiasmo incomum. Como um homem declarou recentemente: “É estranho ver com que alegria seu povo leva adiante o seu trabalho. Não importa se converso com um jovem ou com um adulto, com um jardineiro ou com um policial de seu povo, eles estão felizes, satisfeitos e confiantes de que possuem o evangelho de Jesus Cristo”. (...)

(...) É de admirar que haja entusiasmo em nossa adoração, que estejamos dispostos e ansiosos para compartilhar essas gloriosas verdades com nossos vizinhos? Quando chega o tempo de nossos filhos serem chamados para o campo missionário, ou quando nos

é pedido que deixemos de lado nossas tarefas e que saíamos pelo mundo como servos do Deus vivo, investidos com poder do alto, tendo a autoridade que foi conferida nestes últimos dias, a fim de compartilhar com todas as pessoas essa maravilhosa verdade que tornou nossa vida tão rica, (...) é de admirar que atendamos ao chamado com disposição e alegria?¹²

É o evangelho de Jesus Cristo que temos conosco. É o desejo de salvar a alma dos filhos dos homens que arde em nosso coração. Não é o de que nos desenvolvamos e nos tornemos um povo financeiramente poderoso; não é o de que nosso nome seja glorificado na Terra por causa de nossas realizações; mas que os filhos e as filhas de Deus, onde quer que estejam, ouçam este evangelho, que é o poder de Deus para a salvação de todos os que acreditam e que obedecem a seus preceitos. E aqueles que acreditarem vão seguir o padrão dado pelo Salvador quando disse a Seus discípulos: “Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”. [Marcos 16:16]¹³

Pensem na responsabilidade que temos, se levarmos a vida de modo negligente ou indiferente, sem procurar compartilhar a verdade com aqueles que o Senhor ama tanto quanto nos ama, e que são preciosos a Sua vista. Sinto que precisa haver um despertar entre alguns membros desta Igreja. Acho que um esforço maior deve ser feito para compartilhar com os filhos de nosso Pai toda a verdade que foi colocada nesta Igreja.¹⁴

Quando um homem está doente, se ele for nosso vizinho, ministramos a ele com alegria; quando há um falecimento em sua família, procuramos consolá-lo. Mas, ano após ano, permitimos que ele trilhe caminhos que vão destruir sua oportunidade de ter vida eterna e passamos por ele, como se ele fosse algo de pouco valor.¹⁵

Será que nos damos conta de que todo homem foi criado à imagem de Deus e é um filho de Deus, e que toda mulher é filha Dele? Não importa onde estejam, eles são filhos Dele, e Ele os ama e deseja sua salvação. Sem dúvida os membros desta Igreja não podem manter-se ociosos. Não podemos receber o favor benéfico que nosso Pai Celestial nos concedeu, o conhecimento da vida eterna, e retê-lo de modo egoísta, achando que seremos

abençoados com isso. Não é o que recebemos que enriquece nossa vida, mas, sim, o que oferecemos.¹⁶

Tornemo-nos suficientemente interessados na salvação dos homens a ponto de exercer um zelo santo pela conversão deles; para que desfrutemos sua eterna gratidão e amor, e o apreço de nosso Pai Celestial, graças a nosso interesse abnegado por Seus filhos.¹⁷

Nossa missão para com os filhos de nosso Pai (...) é uma missão de paz e de boa vontade para com todos os homens. É um desejo intenso e ardente de compartilhar com todos os filhos de nosso Pai as coisas boas que Ele tão generosamente nos concedeu; e é com a esperança de que eles compreendam, que dobramos os nossos joelhos, dia após dia, e oramos para que o coração deles seja tocado, que o Espírito de Deus lhes entre na alma, que eles compreendam a verdade que lhes for oferecida.¹⁸

Oh, que esta grande Igreja, com o poder que lhe foi concedido por Deus, seja capaz de espalhar mais rapidamente a verdade e salvar as nações da destruição. Estamos crescendo rapidamente, como organização, mas não me regozijo tanto com o aumento numérico quanto com a crença de que a influência que irradiamos esteja tendo um efeito positivo e que os filhos de nosso Pai, de norte a sul, de leste a oeste, estejam ouvindo a mensagem de vida e salvação, sem a qual não poderão habitar na presença do Redentor da humanidade.¹⁹ [Ver sugestão 4 da página 133.]

O Senhor nos considerará responsáveis pelo empenho que tivermos em compartilhar a dádiva do evangelho.

Recebemos uma dádiva maravilhosa, mas com essa dádiva veio uma grande responsabilidade. Fomos abençoados pelo Senhor com um conhecimento maior do que o de nossos semelhantes, mas com esse conhecimento veio a obrigação de compartilhá-lo com Seus filhos, onde quer que estejam.²⁰

Não entendo que estejamos servindo a Deus com todo o nosso poder se nos esquecermos de Seus filhos, ou se passarmos tempo demais nos edificando egoisticamente, acumulando coisas desta vida, e deixando Seus filhos nas trevas, quando podemos trazê-los

para a luz. Meu entendimento é que a missão mais importante que temos nesta vida é esta: primeiro, guardar os mandamentos de Deus, como eles me foram ensinados; e depois, ensiná-los aos filhos de meu Pai que não os compreendem.²¹

Não há outro Evangelho de salvação, e nós, meus irmãos que portam o santo sacerdócio, temos a responsabilidade de levar essa mensagem, não apenas para as nações da Terra, mas de ser um exemplo dela em nossa vida e de ensiná-la aos que são nossos vizinhos e não são de nossa religião. Quero adverti-los hoje de que o Senhor nos considerará responsáveis por chamar Seus filhos ao arrependimento e por promulgar Sua verdade. Se deixarmos de aproveitar as oportunidades de ensinar aos filhos e às filhas de Deus, que não são de nossa religião, que moram em nosso meio, este evangelho de nosso Senhor, Ele vai exigir de nossas mãos, do outro lado do véu, o que deixamos de fazer.²²

No final teremos de prestar contas e, se tivermos sido fiéis, tenho certeza de que o Pai de todos nós que habitamos neste mundo vai nos agradecer e abençoar por termos proporcionado a tantos de Seus filhos e Suas filhas a compreensão do propósito da vida e de como usufruí-la sob a influência de Seu Espírito.²³

Quando temos o espírito do evangelho, nosso desejo é o de que sejamos capazes de ensinar ao maior número possível dos filhos de nosso Pai as gloriosas verdades necessárias à exaltação deles; de modo que, quando chegar o momento de estarmos na presença do Redentor da humanidade, sejamos capazes de dizer a ele: “Com a capacidade que tu me deste, com a sabedoria e o conhecimento que me concedeste, procurei com ternura e com amor não fingido, com determinação e bondade, levar o conhecimento do evangelho ao maior número de Teus filhos quanto me foi possível”²⁴ [Ver sugestão 5 da página 133.]

**Se compartilharmos o evangelho com os
filhos de Deus, nossa recompensa será grande
alegria com eles no reino celestial.**

Muitos de nós passamos a maior parte de nosso tempo buscando coisas desta vida que seremos obrigados a deixar aqui quando



“Quando temos o espírito do evangelho, nosso desejo é o de que sejamos capazes de ensinar o maior número possível dos filhos de nosso Pai.”

partirmos, mas há almas imortais a nosso redor a quem, se quisermos, podemos ensinar e inspirar a fim de que pesquisem a verdade, colocando no coração delas o conhecimento de que Deus vive. Que tesouro no mundo inteiro poderia ser tão precioso para nós, já que teríamos a gratidão deles aqui e seu eterno apreço no mundo vindouro? Essa é uma missão de extrema importância.²⁵

Pensem no que significaria, em vez de termos sido egoístas tentando salvar apenas nossa pequena família, se pudéssemos contar dezenas e até centenas de homens e mulheres que influenciamos a aceitar o evangelho de nosso Senhor. Seríamos então realmente abençoados e desfrutaríamos o amor e a gratidão dessas pessoas para sempre.²⁶

Que alegria será encontrar do outro lado do véu esses bons homens e mulheres que estão vivendo de acordo com a luz que possuem, procurando cumprir o seu dever para com Deus, e que, por motivo do nosso contato, em razão da nossa ansiedade e

vontade de partilhar com eles, receberão outras informações sobre o evangelho de nosso Senhor e aceitarão as ordenanças de Sua Casa Sagrada e serão preparados para fazer parte do Reino Celestial. Quão felizes vamos ficar se, quando chegar aquele momento em que estaremos na presença do grande Juiz para prestar conta dos poucos anos de vida que passamos na mortalidade, se esses filhos do Pai que Ele ama tanto quanto nos ama estiverem a nosso lado, dizendo: “Pai Celestial, foi este homem, foi esta mulher quem primeiro me trouxe a informação de Tua gloriosa verdade que fez surgir em mim o desejo de buscar-Te com mais fervor do que eu jamais tivera. Foi este homem ou esta mulher que fez essa coisa abençoada por mim”. E isso não é tudo.

Quando chegar o momento de seguirmos pelas eras da eternidade, que é um tempo muito longo, contaremos com o amor e a gratidão de todo homem, toda mulher e toda criança para os quais fomos um instrumento para proporcionar-lhes a felicidade eterna. Será que isso não vale a pena? Podemos despendar nossa vida aqui para adquirir algumas centenas ou milhares de dólares, podemos ter rebanhos, manadas, casas e terras, mas não poderemos levá-los conosco para o outro lado. Essas coisas não são necessárias para a vida eterna, somente são necessárias para nós aqui, mas, se tivermos conquistado a gratidão e o amor de outros filhos de Deus, isso fluirá para nós para sempre. Pensem no que isso significará! Quando chegar o momento em que este mundo será limpo e purificado pelo fogo, tornando-se o reino celestial, toda impureza e tudo o que não é desejável tiver sido varrido, quão gratificante será encontrar-nos na companhia daqueles a quem servimos na mortalidade, recebendo nossa herança com Jesus Cristo, nosso Senhor, e sendo guiados por Ele para sempre. Será que isso não vale a pena? Essa não é uma oportunidade plena de alegria?²⁷ [Ver sugestão 6 da página 133.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Estude “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 123–124). Por que você acha que o Presidente Smith tinha tanto entusiasmo pelo trabalho missionário? O que significa para você ser “antes e acima de tudo um missionário da Igreja”?
2. O que o evangelho restaurado oferece ao mundo além das “lições de moral” oferecidas na maioria das religiões? (Para alguns exemplos, ver páginas 124–125.)
3. Leia a seção que começa na página 125 (ver também D&C 123:12). Que exemplos você viu de pessoas que superaram conceitos errados sobre a Igreja ao aceitarem o convite de “vir e ver”? Quais são algumas maneiras eficazes de fazer esse convite?
4. Leia o terceiro parágrafo inteiro da página 128. Por que você acha que às vezes hesitamos em compartilhar o evangelho com nossos vizinhos? Ao estudar as páginas 127–129, pense no que podemos fazer para vencer essa hesitação.
5. Ao ler a seção que começa na página 129, pondere se está fazendo o que o Senhor espera de você para compartilhar o evangelho. Pense fervorosamente no que poderia fazer para cumprir mais plenamente esse mandamento.
6. Estude a última seção dos ensinamentos (páginas 130–132) e pense na pessoa que apresentou o evangelho restaurado de Jesus Cristo para você ou para sua família. O que você pode fazer para demonstrar ou expressar sua gratidão a essa pessoa?

Escrituras correlatas: Amós 8:11–12; Mosias 28:1–3; Alma 26:28–30; Doutrina e Convênios 4:4; 18:10–16

Auxílio didático: “É melhor falar de umas poucas ideias e ter uma boa discussão — e um bom aprendizado — do que correr para tentar ensinar cada palavra do manual. (...) Uma atmosfera calma é absolutamente essencial, se querem ter o Espírito do Senhor presente em sua classe” (Jeffrey R. Holland, “Ensinar e Aprender na Igreja”, *A Liahona*, junho de 2007, página 59).

Notas

1. Preston Nibley, "Sharing the Gospel with Others", *Improvement Era*, abril de 1950, página 270.
2. Merlo J. Pusey, *Builders of the Kingdom* (1981), p. 240.
3. Conference Report, junho de 1919, p. 43.
4. Conference Report, abril de 1922, pp. 54–55.
5. Conference Report, abril de 1922, p. 53.
6. Conference Report, abril de 1916, p. 47.
7. Conference Report, outubro de 1921, p. 38.
8. Conference Report, abril de 1922, p. 53.
9. Conference Report, outubro de 1949, p. 5.
10. Conference Report, outubro de 1945, p. 120.
11. Conference Report, abril de 1935, pp. 43–44.
12. Conference Report, outubro de 1927, pp. 46–47.
13. *Procedimentos da Dedicção do Monumento Memorial de Joseph Smith*, p. 55.
14. Conference Report, abril de 1934, p. 28.
15. Conference Report, outubro de 1916, p. 50.
16. Conference Report, abril de 1935, p. 46.
17. "Greeting", *Millennial Star*, 10 de julho de 1919, p. 441.
18. Conference Report, outubro de 1927, p. 49.
19. Conference Report, outubro de 1922, p. 98.
20. Conference Report, abril de 1922, p. 53.
21. Conference Report, outubro de 1916, p. 50.
22. Conference Report, abril de 1916, p. 48.
23. Conference Report, outubro de 1948, pp. 7–8.
24. *Deseret News*, 20 de agosto de 1921, seção da Igreja, p. 7.
25. Conference Report, outubro de 1916, p. 50.
26. Conference Report, outubro de 1941, p. 102.
27. *Sharing the Gospel with Others*, sel. Preston Nibley, 1948, pp. 214–216; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.



Fazer Nossa Parte para Compartilhar o Evangelho

*Há muitas maneiras pelas quais podemos
participar da grande obra de pregação do
evangelho restaurado de Jesus Cristo.*

Da Vida de George Albert Smith

Além de servir por quase 48 anos como Autoridade Geral, George Albert Smith serviu três missões de tempo integral para a Igreja, inclusive dois anos como presidente da Missão Europeia. Ele incentivou os membros da Igreja a prepararem-se espiritualmente para o serviço missionário de tempo integral e a aceitarem os chamados quando vierem. Mas também ensinou a eles que não precisamos receber um chamado formal para pregar o evangelho. George Albert Smith foi um missionário a vida inteira e frequentemente lembrava aos membros da Igreja suas muitas oportunidades de compartilhar o evangelho com seus vizinhos e amigos e os incentivava a darem um bom exemplo como discípulos de Cristo.

O serviço prestado pelo Presidente Smith na Missão Europeia começou pouco depois da Primeira Guerra Mundial. Devido à guerra, o número de missionários na missão ficara drasticamente reduzido, e o empenho de aumentar esse número esbarrava na concessão de visto aos missionários, que era negada. Além disso, os inimigos da Igreja espalhavam histórias falsas sobre os santos dos últimos dias, criando preconceitos difíceis de superar. A despeito desses obstáculos, o Presidente Smith estava confiante de que o trabalho progrediria graças ao exemplo dado por fiéis santos dos últimos dias. Ele observou que, à medida que a Igreja se tornava mais conhecida, “seus membros eram respeitados por suas virtudes”, e os críticos “rapidamente se desfaziam de seus preconceitos, ao



George Albert Smith serviu como presidente da Missão Europeia de 1919 a 1921.

entrarem em contato direto com os santos dos últimos dias em seu dia a dia. (...) Eles então nos julgavam por nossos frutos, pelo que observavam pessoalmente, e essas informações, quando divulgadas, podiam ter apenas um efeito, que era o de ser-nos muito favorável.”¹

Pouco depois de começar a servir como presidente da missão, ele escreveu aos membros da Igreja na Europa, lembrando-os da responsabilidade que tinham de compartilhar o evangelho e de ajudar a obra a progredir:

“Com plena confiança de que o Senhor vai influenciar o coração de todas as pessoas dignas em direção ao evangelho, quando elas o compreenderem, aproveitemos juntos a oportunidade de trabalhar enquanto há tempo. Vamos espalhar os ensinamentos do Mestre para a salvação tanto temporal quanto espiritual das boas pessoas da Inglaterra e de outros países da Missão Europeia.”²

Poucos meses depois, ele escreveu: “Todo membro da Igreja deve deleitar-se no ensino da verdade. Cada um de nós deve fazer algo todos os dias para levar a luz a nossos semelhantes. Todos são preciosos à vista de nosso Pai Celestial, e Ele vai recompensar-nos devidamente por iluminá-los. A responsabilidade que temos não pode ser tirada de nossos ombros”.³

Depois de voltar da Europa em 1921, George Albert Smith relatou na conferência geral: “Os preconceitos que existiam contra nós no passado foram em grande parte dissipados, e centenas e milhares de homens e mulheres ficaram conhecendo o trabalho que realizamos”. Ele então admoestou os santos a procurarem constantemente meios de compartilhar o evangelho com as pessoas: “Nosso problema é encontrar um meio pelo qual possamos apresentar o evangelho de nosso Senhor a todas as pessoas. É nosso problema, e com o auxílio Divino vamos encontrar um meio de solucioná-lo. Temos o encargo de procurarmos saber se existem meios pelos quais possamos fazer mais do que já estamos fazendo, se quisermos satisfazer as exigências de nosso Pai Celestial”.⁴ [Ver sugestão 1 da página 146.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Todo membro da Igreja tem a responsabilidade de compartilhar o evangelho.

Sinto-me imensamente grato por meus privilégios na Igreja de Jesus Cristo, pelo convívio com os homens e as mulheres desta Igreja e de outras igrejas. Sinto-me grato por ter uma multidão de amigos de várias igrejas no mundo, espalhados por diversos lugares. Sinto-me grato por essas amizades, mas não ficarei satisfeito até que possa compartilhar com eles algumas das coisas que eles ainda não receberam.⁵

Enviamos missionários às nações do mundo para proclamar o evangelho como foi revelado nestes últimos dias. Mas nosso dever não é só esse. Bem a nossa porta, há centenas e milhares de filhos e filhas especiais de nosso Pai Celestial. Eles moram entre nós, tornamo-nos seus amigos, mas deixamos de ensinar-lhes, o quanto deveríamos, no tocante ao evangelho que sabemos ser o poder de Deus para a salvação. A Presidência da Igreja está fazendo tudo o que está ao alcance deles, dedicando seu tempo durante o dia, e frequentemente até tarde da noite, no interesse da Igreja. Os irmãos que trabalham com eles dedicam seu tempo liberalmente, viajando e ensinando os santos dos últimos dias e levando o evangelho aos filhos de nosso Pai. Os presidentes de estaca, sumos conselheiros, bispos das alas e seus assistentes trabalham incessantemente para abençoar as pessoas, e a recompensa deles está garantida. Mas será que estamos fazendo o que deveríamos fazer, para que, quando nos colocarmos diante do tribunal de nosso Pai Celestial, possamos dizer que cumprimos plenamente nosso dever para com nossos semelhantes, Seus filhos?⁶

Uma das primeiras revelações (...) de Doutrina e Convênios diz o seguinte:

“Agora eis que uma obra maravilhosa está para iniciar-se entre os filhos dos homens; (...)

Portanto, se tendes desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho.” [D&C 4:1, 3]

Não é necessário que vocês sejam chamados para ir ao campo missionário para proclamarem a verdade. Comecem com o homem que

mora ao lado, inspirando-lhe confiança, inspirando-o a amar vocês por causa de sua retidão, e seu trabalho missionário já terá começado.

“Porque eis que o campo já está branco para a ceifa.” [D&C 4:4]⁷

A divulgação da verdade não é responsabilidade alheia, mas é nossa responsabilidade cuidar para que o evangelho de Jesus Cristo em sua pureza seja ensinado aos filhos dos homens. Acaso isso não nos faz sentir gratos?⁸

Há uma grande oportunidade para todos nós. Gostaria de enfatizar o trabalho missionário individual de cada um de nós entre nossos vizinhos. Ficaremos surpresos, se fizermos o melhor possível, com o grande número dos que ficarão interessados, e eles não apenas ficarão gratos a nós por lhes termos levado a verdade e por termos aberto seus olhos para as glórias e bênçãos que nosso Pai Celestial preparou mas também nos amarão e terão gratidão a nós pelas eras da eternidade.

Há muitas coisas que o Senhor nos concedeu e que as outras pessoas ainda não receberam. Sem dúvida não podemos ser egoístas. Deve haver em nosso coração o desejo de compartilhar com toda alma, o quanto nos for possível, as jubilosas verdades do evangelho de Jesus Cristo.⁹

Portanto, ao seguirmos adiante, cada um de nós exercendo uma influência sobre nossos vizinhos e amigos, não sejamos tímidos. Não precisamos incomodar as pessoas, mas podemos fazer com que sintam e compreendam que estamos interessados, não em torná-los membros da Igreja por causa dos números, mas em trazê-los para a Igreja para que desfrutem as mesmas bênçãos que desfrutamos.¹⁰ [Ver sugestão 2 da página 146.]

Se levarmos uma vida exemplar, nossa influência pode incentivar outros a conhecer o evangelho.

Lembrem-se: todos temos responsabilidades. Talvez não sejamos chamados para um dever específico, mas em toda vizinhança há oportunidade para cada um de nós irradiar um espírito de paz, amor e felicidade, a fim de que as pessoas possam compreender o evangelho e ser trazidas para o redil.¹¹



“Em toda vizinhança há oportunidade para cada um de nós irradiar um espírito de paz, amor e felicidade.”

Há poucos dias, uma de nossas irmãs, em visita ao Leste, conversou com um homem instruído e ouviu dele: “Não acredito como você acredita, mas gostaria de acreditar. É muito belo”. E o mesmo acontece com muitos dos filhos de nosso Pai que, ao observarem o caráter desta obra, vendo as ações dos homens e das mulheres que aceitaram a verdade, se enchem de admiração com o que foi realizado, e com a paz e a felicidade que sentem aqueles que sinceramente acreditam, e desejam fazer parte disso, e o fariam se tivessem fé.¹²

Com frequência observei, e acho que a maioria de vocês que já serviu como missionário também pode confirmar, que nenhum bom homem ou mulher que sentiu a influência dos membros fiéis da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias deixa de elogiar o que observou enquanto estava em nosso meio. Quando nos deixam, às vezes é diferente, mas, enquanto estão sob essa influência que vem do Senhor, exercida por Seus servos que O servem, eles geralmente ficam felizes em elogiar o que viram e sentiram.¹³

O adversário tem exercido seu maior empenho para impedir a divulgação das verdades do evangelho. E é nosso dever, com tato, amor fraternal e fé, eliminar o preconceito que o adversário plantou no coração dos filhos de nosso Pai, desfazer a impressão falsa que existia, em alguns casos, até na mente de bons homens e mulheres, e ensinar-lhes o evangelho de nosso Senhor, que é o poder de Deus para a salvação para os que acreditam e obedecem a Ele.¹⁴

Creio que esta grande organização a que pertencemos deveria ser capaz de dar um exemplo tal que as pessoas que moram em nossa vizinhança e não são membros da Igreja, ao verem nossas boas obras, se viriam obrigados a glorificar o nome de nosso Pai Celestial. É assim que me sinto a esse respeito. Tudo o que precisamos fazer é dar o exemplo, ser bons homens e mulheres, e eles vão observar isso. Então, talvez nos concedam a oportunidade de ensinar-lhes as coisas que eles não conhecem.¹⁵

Se nós, como membros da Igreja, estivermos guardando os mandamentos de Deus, se estivermos dando à verdade o valor que deveríamos dar, se nossa vida for condizente com as belezas de seus ensinamentos, de modo que nossos vizinhos, ao observarem nossa conduta, sejam induzidos a buscar a verdade, estaremos fazendo um esplêndido trabalho missionário.¹⁶ [Ver sugestão 3 da página 146.]

Participamos do trabalho missionário ajudando a preparar futuros missionários e sustentando-os em sua missão.

Não temos apenas a missão de ensinar o evangelho de Jesus Cristo e de vivê-lo, mas temos a missão de enviar ao mundo nossos filhos e nossas filhas, à medida que forem chamados, de tempos em tempos, para trabalhar no ministério da Igreja. Ao partir, eles devem ter sido instruídos a ponto de serem inflexíveis às tentações do adversário, pois devem ser os mais puros, virtuosos e justos que puderem ser na vida, e assim a influência de sua própria presença será sentida por aqueles com quem entrarem em contato. O Espírito de Deus não habita em tabernáculos impuros, mas Seu Espírito habitará com os que se mantiverem puros e limpos.

Portanto, criemos nossos filhos e nossas filhas sob a influência do Espírito de Deus.¹⁷

Não deixem que seus filhos cresçam sem ensinar-lhes os princípios do evangelho de Jesus Cristo. Não esperem até enviá-los para o campo missionário para que aprendam o que o evangelho significa. Lembro que, quando eu estava no Sul [como missionário], há cinquenta e cinco ou sessenta anos, um homem que havia sido criado em uma grande família disse: “Não sei o que dizer. Não sei o que dizer a essas pessoas”.

“Ora”, disse um dos irmãos, “ensine-lhes a Bíblia. Abra sua Bíblia e leia Gênesis.” Ele disse: “Não sei onde fica Gênesis na Bíblia”, embora tivesse saído de um (...) lar de santos dos últimos dias para levar a mensagem de vida e salvação para as pessoas que moravam no Sul. No entanto, não se passou muito tempo até haver uma mudança em sua mente. Ele recebeu um testemunho da verdade por meio do estudo e da oração, e sabia que o evangelho estava na Terra, e podia erguer-se por conta própria e prestar livremente o testemunho de que o evangelho de Jesus Cristo era verdadeiro.¹⁸

Fico impressionado com a importância da preparação para o trabalho. Não basta apenas que o rapaz manifeste a vontade, por causa da confiança que tem nos pais, de fazer o que eles querem que ele faça, ou seja, sair pelo mundo e pregar o evangelho; não é suficiente que ele atenda ao chamado para o serviço missionário que nosso Pai Celestial faz de tempos em tempos por meio de Seus servos, mas também é necessário que ele se qualifique para o trabalho, examine as escrituras e aprenda o que o Senhor quer que ele saiba. É importante que nossos filhos e nossas filhas se tornem firmes em sua fé e saibam, como seus pais o sabem, que esta é a obra de nosso Pai. (...)

Uma dezena de homens qualificados para o trabalho vale mais no campo missionário do que uma centena dos que ignoram a verdade e que eles próprios precisam ser ensinados antes de serem capazes de explicá-la às pessoas.

Esta é a obra de nosso Pai e não podemos tratá-la com levianidade. É da maior importância para nós. Esforcemo-nos (...) para firmar a fé em nossos filhos, para que estejam dispostos a atender a todo chamado e dizer do fundo da alma: “Estou pronto para ir aonde quer que meu Pai Celestial deseje que eu vá”.¹⁹ [Ver sugestão 4 da página 146.]

Foi-nos pedido (...) que enviássemos nossos filhos e nossas filhas para o campo missionário. (...) Foi uma alegria para mim ver homens e mulheres economizarem e planejarem a fim de que seus filhos pudessem sair em missão. Há poucas semanas, um rapaz (...) partiu para o campo missionário, e suas duas irmãs (...) estão-lhe enviando parte do pequeno salário delas para que ele desfrute a bênção de uma missão. Ele é o primeiro de uma família de muitos filhos a ir para o campo missionário a fim de pregar a verdade. (...) Conheço a alegria que advirá ao coração daquelas duas boas mulheres que tiveram fé para doar o que tinham a seu irmão, para que ele servisse ao Senhor no campo. Elas receberão as bênçãos advindas do ensino do Evangelho, tanto quanto é possível receber sem servir pessoalmente.²⁰

Penso (...) em nossos representantes no campo missionário, espalhados por diversas partes deste país e em algumas terras estrangeiras. Orem por eles, irmãos e irmãs. Eles precisam da ajuda do Senhor e necessitam de nossa fé e nossas orações. Escrevam para eles e incentivem-nos, para que, ao receberem uma carta de casa, eles saibam que são lembrados o tempo todo.²¹

Participamos do trabalho missionário preparando-nos pessoalmente para servir.

Não demorará muito para que haja demanda de homens e mulheres capazes desta Igreja para ensinar a verdade em partes da Terra onde até aqui temos sido excluídos. E, se quisermos ter alegria eterna no reino de nosso Pai com aqueles com que Ele nos abençoou aqui, não sejamos egoístas na vida: Preparemo-nos para o trabalho, e saiamos pelo mundo e proclamemos a verdade, quando a oportunidade chegar, e sejamos instrumentos nas mãos de nosso Pai para levar Seus filhos de volta a Ele, ensinando-lhes as belezas de Seu evangelho.²²

Há apenas poucos anos, muitos de meus amigos estavam bem de vida, tinham as comodidades da vida e muitos dos luxos, e, quando lhes era requerido que fossem para o campo missionário, alguns diziam: “Não posso deixar meu negócio, não conseguirei sobreviver se partir e deixar o que tenho”. Mas seus negócios se foram e os deixaram. As coisas sem as quais eles achavam que



“Há nesta Igreja milhares de homens e mulheres capazes de ensinar o evangelho e que podem tornar-se mais capazes cumprindo seu dever no campo missionário.”

não sobreviveriam desapareceram de suas mãos, e muitos daqueles mesmos homens ficariam felizes hoje se pudessem voltar dez anos no tempo, e, se fossem então chamados para partir a serviço do Senhor, pudessem dizer: “Vou dar um jeito em minhas coisas e fico feliz com a oportunidade que me é oferecida de ser um ministro de vida e salvação”.

(...) Pensem em nossas oportunidades e nossos privilégios, no que significa poder entrar na casa dos homens honrados do mundo e ensinar-lhes o evangelho de Jesus Cristo; pensem no que significa estar com homens que não possuem a autoridade divina e ensinar-lhes o plano de salvação e explicar-lhes o modo pelo qual eles também poderão desfrutar as bênçãos da autoridade divina que vocês usufruem.

Sinto que alguns de nós são egoístas. Estamos tão felizes por desfrutar nossas bênçãos, tão contentes por estar rodeados dos

confortos da vida e por conviver com os melhores homens e mulheres que podem ser encontrados no mundo, que nos esquecemos de nosso dever para com os outros. Quão felizes poderíamos estar se nos esforçássemos para ser mais capazes de fazer o bem no mundo, ministrando aos que ainda não compreenderam o evangelho de nosso Senhor.

Muitos de nós passaram da metade da vida, muitos estamos terminando nosso trabalho. A Igreja precisa de missionários no campo. Homens que compreendam o evangelho e estejam dispostos a dar a vida por ele, se necessário, e, quando digo que precisamos de missionários, quero dizer que o mundo precisa deles.²³

Nosso campo missionário está diante de nós. Os filhos e as filhas de nosso Pai precisam de nós. (...) Há nesta Igreja milhares de homens e mulheres capazes de ensinar o evangelho e que podem tornar-se mais capazes cumprindo seu dever no campo missionário. Eles serão abençoados com os meios, o suficiente para levá-los a desempenhar o trabalho que o Senhor deseja que realizemos.²⁴

Agora que o tempo está próximo, quando serão removidos os impedimentos e derrubadas as barreiras que foram levantadas para a pregação do evangelho, quando o som da voz do Senhor chegará a vocês, por meio de Seus servos, dizendo: “Preparem-se para ir ao mundo e pregar o evangelho”, não façam como Jonas fez, não tentem esconder-se ou fugir de seu dever, não deem desculpas dizendo que não têm os meios necessários para servir, não interponham coisas tolas no caminho de sua visão, coisas que os impeçam de ver a vida eterna na presença de nosso Pai Celestial, que só pode ser alcançada por meio da fé e devoção a Sua causa. Que todo homem coloque sua casa em ordem; que todo homem que possui o sacerdócio coloque sua vida em ordem e, quando chegar o chamado feito pelos servos do Senhor, dizendo que vá ao mundo para ensinar a verdade, para advertir os filhos dos homens, como nosso Pai exige que sejam advertidos, que nenhum homem se esconda atrás de alguma coisa tola, para ser engolido, não por um grande peixe, mas pelas coisas tolas do mundo. [Ver Jonas 1:1–17.]²⁵

Não é uma tarefa fácil, não é uma coisa agradável, talvez, ser chamado para o mundo, deixar nossos entes queridos, mas eu digo para vocês que isso vai garantir para os que forem fiéis, para os que

cumprirem essa obrigação que lhes for exigida, paz e felicidade além de todo o entendimento, e vai prepará-los para que, no devido tempo, quando o trabalho da vida estiver concluído, eles estejam na presença do seu Criador, aceitos por Ele por causa do que fizeram.²⁶

Oro para que Seu Espírito esteja em toda [a Igreja], que o amor dos filhos de nosso Pai esteja em nosso coração, para que possamos sentir a importância de nossa missão no mundo; ao nos apegarmos a coisas que não são nossas, que nos foram apenas emprestadas como administradores, não esqueçamos a dádiva de valor incalculável, o privilégio inestimável, que está a nosso alcance, de ensinar o evangelho e salvar a alma dos filhos dos homens.²⁷ [Ver sugestão 5 na página 147.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pondere as palavras do Presidente Smith em “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 135–137). Por que você acha que ele estava tão otimista em relação ao trabalho missionário na Europa apesar da oposição que enfrentava? Como seu exemplo pode ajudá-lo caso seus familiares ou amigos recusem o convite de aprender a respeito do evangelho?
2. Estude a primeira seção dos ensinamentos (páginas 138–139). Que métodos você descobriu serem mais eficazes em seu empenho de compartilhar o evangelho com seus vizinhos e amigos?
3. Ao ler a seção que começa na página 138, pense em uma situação que você conheça em que o exemplo de um membro da Igreja levou alguém a aprender mais sobre a Igreja. Quais são alguns outros motivos pelos quais o cumprimento dos padrões da Igreja é tão importante no trabalho missionário?
4. Nas páginas 141–143, procure coisas que os missionários em perspectiva precisam fazer para prepararem-se espiritualmente para sua missão (ver também D&C 4). O que os pais podem fazer para ajudar os filhos e as filhas a se prepararem? Como os quóruns do sacerdócio e as irmãs da Sociedade de Socorro podem ajudar?

5. Estude a última seção dos ensinamentos (páginas 143–146). Quais são algumas das “coisas tolas” que podem impedir-nos de servir missão? Quais são algumas das bênçãos que advêm do serviço prestado pelos missionários idosos? Pondere o que você precisa fazer para preparar-se pessoalmente para o serviço missionário.

Escrituras correlatas: Mateus 5:14–16; Marcos 16:15–16; I Timóteo 4:12; Alma 17:2–3; Doutrina e Convênios 31:1–8; 38:40–41

Auxílio didático: “Quando você utiliza atividades diversificadas, os alunos conseguirão compreender melhor os princípios do evangelho e fixá-los. Um método cuidadosamente escolhido pode tornar um princípio mais claro, interessante e memorável” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, página 89).

Notas

1. “New Year’s Greeting”, *Millennial Star*, 6 de janeiro de 1921, p. 2.
2. “Greeting”, *Millennial Star*, 10 de julho de 1919, p. 441.
3. “New Year’s Greeting”, *Millennial Star*, 1º de janeiro de 1920, p. 2.
4. Conference Report, outubro de 1921, pp. 37–38.
5. Conference Report, outubro de 1950, p. 159.
6. Conference Report, abril de 1916, p. 46.
7. Conference Report, outubro de 1916, pp. 50–51.
8. Conference Report, outubro de 1929, p. 23.
9. *Deseret News*, 25 de junho de 1950, seção da Igreja, p. 2.
10. Conference Report, abril de 1948, p. 162.
11. Conference Report, abril de 1950, p. 170.
12. Conference Report, outubro de 1913, p. 103.
13. Conference Report, abril de 1922, p. 49.
14. “The Importance of Preparing”, *Improvement Era*, março de 1948, p. 139.
15. Conference Report, abril de 1941, p. 26.
16. Conference Report, outubro de 1916, p. 49.
17. Conference Report, outubro de 1932, p. 25.
18. Conference Report, outubro de 1948, p. 166.
19. “The Importance of Preparing”, p. 139.
20. Conference Report, abril de 1935, p. 45.
21. Conference Report, outubro de 1941, p. 98.
22. Conference Report, outubro de 1916, p. 51.
23. Conference Report, outubro de 1933, pp. 27–28.
24. Conference Report, abril de 1946, p. 125.
25. Conference Report, junho de 1919, p. 44.
26. Conference Report, abril de 1922, p. 53.
27. Conference Report, outubro de 1916, p. 51.



“Desejamos fazer o bem a todos e ajudar todos a compreender o plano de vida e salvação que o Senhor revelou nestes últimos dias.”



Como Compartilhar o Evangelho de Modo Eficaz

Nosso empenho em compartilhar o evangelho é mais eficaz se amarmos nossos irmãos e nossas irmãs e tivermos a companhia do Espírito Santo.

Da Vida de George Albert Smith

Em seu incansável empenho em compartilhar o evangelho com as pessoas, George Albert Smith seguia esta declaração de seu credo pessoal: “Não procurarei forçar as pessoas a viver segundo meus ideais, mas as incentivarei com amor a fazer o que é certo”.¹ Ele sentia que a maneira mais eficaz de compartilhar o evangelho era procurar as boas virtudes das pessoas de outras religiões e depois, com destemor mas bondade, oferecer-se para compartilhar as verdades adicionais do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Ele conta a seguinte experiência pessoal que teve enquanto presidia a Missão Europeia:

“Eu estava viajando de trem, certo dia. Meu companheiro no compartimento era ministro presbiteriano, um cavalheiro muito agradável e educado, e, quando ele me deu a oportunidade, disse-lhe que era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele ficou surpreso e me olhou com assombro. Disse: ‘Não tem vergonha de si mesmo por pertencer a esse grupo?’

Sorri para ele e disse: ‘Meu irmão, eu ficaria envergonhado se não pertencesse a esse grupo, sabendo o que eu sei’. Então, isso me deu a oportunidade que eu tanto desejava de conversar com ele e de explicar-lhe algumas das coisas em que acreditamos. (...)

Ali estava um bom homem que não tinha a menor ideia do que procurávamos fazer. Não estávamos ali para causar-lhe sofrimento ou aflição. Estávamos tentando ajudá-lo. E, ao conversarmos sobre a situação, eu lhe disse: ‘Você tem uma ideia equivocada do propósito

da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias neste país. Estou aqui como um de seus representantes e, se apenas permitir que eu lhe conte algumas coisas, acho que terá um sentimento melhor a nosso respeito'. Eu disse: 'Primeiro de tudo, pedimos a todos vocês, as boas pessoas deste lugar, que mantenham todas as gloriosas verdades que aprenderam em suas igrejas, que absorveram das escrituras, mantenham todas elas, mantenham todas as coisas boas que aprenderam em suas instituições educacionais, todo o conhecimento e toda a verdade que adquiriram de várias fontes, mantenham (...) tudo de bom em seu caráter que receberam de seu excelente lar, mantenham todo o amor e toda a beleza que há em seu coração por terem vivido num país tão belo e maravilhoso. (...) Tudo isso faz parte do evangelho de Jesus Cristo. Depois, vamos sentar-nos e compartilhar com vocês algumas das coisas que ainda não entraram em sua vida e que enriqueceram a nossa e nos tornaram tão felizes. Oferecemos isso a vocês de graça e sem nada lhes cobrar. Tudo o que pedimos que façam é ouvir o que temos a dizer e, se isso lhes agradar, que o aceitem liberalmente. (...)

Essa é a postura da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.”² [Ver sugestão 1 da página 156.]

Ensinamentos de George Albert Smith

O trabalho missionário é mais eficaz quando o fazemos com amor e bondade, e não coerção ou críticas.

Nosso Pai Celestial (...) nos enviou, Seus representantes, ao mundo, não para forçar ou coagir, mas para convidar. “Vinde após mim”, foi o que o Salvador disse, “e eu vos darei paz.” É isso que o evangelho ensina, e esse é nosso ministério.³

Não é propósito da Igreja fazer declarações que magoem os sentimentos daqueles que não compreendem as coisas. Esta Igreja não fica fazendo críticas ou procurando falhas nas pessoas, mas, em espírito de amorosa bondade e com o desejo de serem úteis, seus representantes levam a mensagem do evangelho às nações da Terra.⁴

Em todas as (...) igrejas há bons homens e boas mulheres. É o bem que há nessas várias denominações que as mantêm unidas. Tive o privilégio de estar com pessoas de muitas partes do mundo

e de entrar na casa de muitas pessoas de várias denominações do mundo, tanto cristãos quanto judeus. Estive com os [muçulmanos], estive com aqueles que acreditam em Confúcio, e poderia mencionar muitos outros. Encontrei pessoas maravilhosas em todas essas organizações, e tenho a imensa responsabilidade, sempre que estou entre elas, de não as ofender, de não magoar seus sentimentos, de não criticá-las, porque elas não compreendem a verdade.

Como representantes da Igreja, temos a responsabilidade de ir para o meio dessas pessoas com amor, como servos do Senhor, como representantes do Mestre do céu e da Terra. Talvez elas não reconheçam isso, pode ser que se ressintam por achar que é egoísta e injusto, mas isso não vai alterar minha atitude. Não vou torná-las infelizes se isso estiver a meu alcance. Eu gostaria de torná-las felizes, especialmente quando penso nas maravilhosas oportunidades que tive por ser membro desta Igreja abençoada.⁵

Nosso ministério é de amor e tolerância, e desejamos fazer o bem a todos, e ajudar todos a compreender o plano de vida e salvação que o Senhor revelou nestes últimos dias.⁶

Não podemos conduzir esses jovens, nem nossos vizinhos e amigos, para o reino do céu repreendendo-os e apontando suas falhas, mas quero dizer-lhes que podemos influenciá-los com amor na direção de nosso Pai Celestial, e pouco a pouco, talvez, conduzi-los para lá também.

Esse é nosso privilégio. O amor é o maior poder para influenciar este mundo.⁷

Nós que sabemos, nós que temos um testemunho, saiamos todos os dias, com amor e bondade sinceros, para o meio desses homens e dessas mulheres, sejam eles da Igreja ou não, e encontremos uma maneira de tocar-lhes o coração e de guiá-los para o caminho que vai assegurar-lhes um conhecimento da verdade.⁸

Como eu oro para que os servos do Senhor tenham caridade para com a humanidade, que tenham paciência com os que cometem erros, e com bondade e amor sigam ensinando os princípios simples do evangelho de nosso Senhor para abençoar toda alma com quem entrarem em contato!⁹ [Ver sugestão 2 da página 157.]

**Não precisamos envergonhar-nos de
compartilhar o que sabemos ser verdade.**

Sinto que às vezes não sentimos suficientemente a importância do [evangelho], que não o ensinamos com a sinceridade que ele exige.¹⁰

Este evangelho de Jesus Cristo é o poder de Deus para a salvação, como declarou o Apóstolo Paulo [ver Romanos 1:16]. É a obra do Redentor. É o único meio pelo qual podemos alcançar a mais elevada exaltação que o Salvador da humanidade pretendia que aqueles que O seguissem desfrutassem. Não digo isso de modo egoísta, digo isso com caridade pelos filhos de nosso Pai que pertencem a outras igrejas. Digo isso com amor pelos filhos e pelas filhas que não compreendem, mas Ele ordenou que disséssemos essas coisas. É Sua vontade que as pessoas saibam disso.¹¹

Sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que Joseph Smith foi um profeta do Senhor. Nunca estive em nenhum lugar em que tivesse vergonha de testificar essas verdades. Não sei por que um homem se envergonharia de conhecer a verdade porque outra pessoa não a conhece, especialmente no tocante ao evangelho, que é o poder de Deus para a salvação.¹²

Não deveria ser considerado vanglória o fato de conhecermos a verdade a ponto de a expressarmos. Não deveria ser considerado egoísta, no tocante a nós, se pudermos dizer aos outros filhos de nosso Pai: “Sei essas coisas, e você também pode saber, se assim o desejar”.

Essa é a beleza do evangelho de Jesus Cristo. Não é para umas poucas pessoas conhecerem, mas para toda alma que nasceu no mundo. (...) Hoje, há aqueles que sabem que Deus vive, e há milhares de outros que poderiam saber, se quisessem. (...) Essas pessoas não dependem de nós para saber, mas dependem de que os ensinemos como podem saber.¹³

Sei que nosso Pai Celestial falou em nossos dias e nesta época do mundo, que Seu Evangelho está na Terra e, embora não queira compelir nenhuma alma a aceitá-lo, oro para que tenhamos o poder, a sabedoria e a força de estender a mão para esses nossos semelhantes que não compreendem a verdade. Cumpramos nosso dever

e os levemos para o redil do Mestre, para que eles, junto conosco, possam saber que Ele vive.¹⁴ [Ver sugestão 3 da página 157.]

**Procuramos acrescentar algo à felicidade e
bondade que os filhos de Deus já possuem.**

Quando [as pessoas] me perguntam: “O que há nessa organização a que você pertence? O que há nela que os deixa tão preocupados a ponto de enviarem missionários ao mundo inteiro?” Às vezes respondo: “Queremos que todos vocês sejam felizes. Queremos que todos se regozijem como nós nos regozijamos”.¹⁵

Milhares e milhares de missionários (...) saíram para o mundo, e com amor e bondade foram de porta em porta, dizendo aos outros filhos de nosso Pai:

“Vamos conversar. Deixem-nos explicar a vocês algo que temos certeza de que os fará felizes tal como nos tornou felizes!”

Essa é a história da obra missionária da Igreja com a qual vocês se identificam.¹⁶

Lembro-me de certa ocasião em que um homem me disse, depois de conversarmos por algum tempo: “Bem, por tudo o que ouvi falar, sua igreja é tão boa quanto qualquer outra”. Presumo que ele tenha achado que estivesse nos fazendo um grande elogio, mas eu lhe disse: “Se a Igreja que eu represento aqui não for mais importante para os filhos dos homens do que qualquer outra igreja, então estou equivocado em meu dever aqui. Não vim para tirar-lhes a verdade e a virtude que vocês têm. Não vim para apontar defeitos ou criticá-los. (...) Mantenham tudo de bom que possuem, e deixem-nos trazer-lhes mais, para que sejam mais felizes e para que estejam preparados para entrar na presença de nosso Pai Celestial”. [Ver sugestão 4 da página 157.]

(...) Na época em que o Salvador estava na Terra, no meridiano dos tempos, havia outras igrejas; havia inúmeras denominações e seitas, e eles acreditavam que estavam servindo ao Senhor. As grandes sinagogas da Judeia estavam repletas de homens que acreditavam ter a autoridade do sacerdócio. Eles achavam que estavam seguindo os ensinamentos de Abraão e Moisés. Continuavam a proclamar a vinda do Salvador do mundo. Tinham incentivado

homens e mulheres a realizar obras de retidão. Tinham construído um templo e casas de adoração. Tinham erigido monumentos aos profetas que prestaram testemunho da existência de Deus, e alguns dos quais tinham sido mortos e haviam selado seu testemunho com o próprio sangue. Foi no meio dessas pessoas que o Salvador chegou. (...) Havia muitas coisas boas nelas. Havia muitos bons homens e mulheres entre eles. Havia muita retidão entre o povo. O Salvador não chegou para tirar-lhes essas coisas boas. Quando Ele apareceu a eles não foi para condená-los, mas para chamá-los ao arrependimento, foi para convertê-los do erro e incentivá-los a reter toda a verdade que possuíam.

(...) Quando proclamamos à humanidade, como fazemos, que o homem apostatou do evangelho, não estamos proclamando algo que não aconteceu antes no mundo. Quando dizemos que bons homens e mulheres foram levados a fazer coisas que não eram corretas e a acreditar nelas, não dizemos isso para condená-los, não falamos com o desejo de magoar, mas falamos com o desejo de que os homens parem o suficiente para examinar sua própria vida, para ver aonde estão indo e qual será seu destino final.¹⁷

Oh, que consigamos transmitir à humanidade a compreensão de nossos sentimentos, para que eles entendam que não desejamos restringir suas oportunidades, mas fazê-los sentir que nosso coração se volta a eles com amor e bondade, e não com o desejo de ferir. Nossa missão no mundo é a de salvar almas, abençoá-las e de colocá-las em condições de voltar à presença de nosso Pai, coroados de glória, imortalidade e vida eterna.¹⁸

Se ensinarmos com o Espírito Santo, Ele prestará testemunho da verdade às pessoas que ensinarmos.

Os missionários foram enviados aos quatro cantos da Terra por esta Igreja e proclamaram o evangelho de Jesus Cristo. Muitos não tinham sido instruídos nas grandes universidades do mundo. Seus estudos se limitavam em grande parte às experiências práticas da vida, mas eles tinham algo mais poderoso para inspirar a humanidade: a companhia do Espírito Santo.¹⁹

Ao ir de um lado para o outro no campo missionário, vejo o desenvolvimento desses excelentes rapazes e moças que servem com abnegação e dou-me conta de que eles não apenas aprendem a língua do país em que trabalham, mas sabem que têm um dom do Senhor para divulgar a verdade que as pessoas não poderiam obter de nenhuma outra forma.²⁰

Muitos de vocês e de seus antepassados ouviram o evangelho conforme ensinado pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...) Pode ser que o tenham ouvido na rua, onde havia um humilde missionário, ensinando o que o Senhor o havia chamado a ensinar.

Houve algo que tocou o coração dos que ouviram. Tive experiências no campo missionário. Vi grupos de pessoas pararem e ouvirem um humilde missionário explicar o propósito da vida e conversar com pessoas e encorajá-las a arrependem-se de seus pecados, e às vezes ouvi as pessoas dizerem: “Nunca senti uma influência como a que senti ao ouvir aquele homem falar”.²¹

Por mais talentosos que sejamos ou por mais refinada que seja nossa linguagem, é o Espírito de nosso Pai que toca o coração e traz a convicção da divindade desta obra.²²

Esta é a obra do Senhor. Os homens não poderiam realizá-la com sucesso da forma como tem sido realizada pelos meios simples que empregamos. O homem comum não poderia ter levado às almas o conhecimento que vocês possuem. Tampouco podemos, como homens, inspirar às pessoas do mundo com a certeza de que Deus vive e que esta é Sua Igreja, mas, se fizermos nossa parte, nosso Pai Celestial vai abençoar nosso trabalho.²³

Trabalhemos dia a dia para que nosso Pai possa abençoar-nos. Se tivermos Seu Santo Espírito, as pessoas com quem entrarmos em contato vão senti-Lo, porque Ele vai permear o ambiente em que vivemos, e elas vão partilhar dele e usufruí-lo.²⁴

Há comparativamente poucos que aceitaram o evangelho conforme revelado nos últimos dias; mas há milhões dos filhos de nosso Pai que estão desejosos de conhecer Sua vontade; e, quando a verdade lhes for levada, e a influência convincente do Espírito



“Trabalhemos dia a dia para que nosso Pai possa abençoar-nos. Se tivermos Seu Santo Espírito, as pessoas com quem entrarmos em contato vão senti-lo.”

lhes prestar testemunho da verdade, eles vão regozijar-se em aceitá-Lo.²⁵ [Ver sugestão 5 da página 157.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia os dois últimos parágrafos de “Da Vida de George Albert Smith” (páginas 149–150). Pense em alguém que você conheça que não seja membro da Igreja. Que qualidades você admira nessa pessoa? Em que verdades do evangelho ela já acredita? Que verdades adicionais do evangelho lhe seriam particularmente úteis? De que modo o fato de você pensar nas pessoas dessa forma afeta o modo pelo qual compartilhamos o evangelho com elas?

2. Ao ler a primeira seção dos ensinamentos (páginas 150–151), pense numa ocasião em que você foi influenciado para o bem pelo amor que alguém lhe demonstrou. Por que é tão importante não criticar aqueles que têm crenças diferentes das nossas?
3. Leia a seção que começa na página 152. O que significa compartilhar o evangelho com “sinceridade”? Como podemos prestar nosso testemunho do evangelho restaurado sem parecer que nos vangloriamos ou somos egocêntricos?
4. O que você acha que o Presidente Smith quis dizer ao declarar: “Se a Igreja que eu represento aqui não for mais importante para os filhos dos homens do que qualquer outra igreja, então estou equivocado em meu dever aqui”? (página 153). O que a Igreja de Jesus Cristo tem a oferecer que aumenta a felicidade na vida de uma pessoa?
5. Ao ler a última seção dos ensinamentos (páginas 154–156), pense em uma experiência pessoal que teve em que compartilhou o evangelho com alguém. O que tornou essa experiência bem-sucedida? O que você pode fazer para melhorar seu empenho de compartilhar o evangelho?

Escrituras correlatas: João 13:34–35; II Timóteo 1:7–8; 2 Néfi 33:1; Alma 20:26–27; Doutrina e Convênios 50:13–22

Auxílio didático: Você pode separar os alunos em pequenos grupos de três a cinco pessoas. Escolha um líder para cada grupo. Designe a cada grupo uma seção diferente. Peça-lhes que leiam a seção em grupo e discutam as perguntas correspondentes no final do capítulo. Depois, peça aos alunos que compartilhem com toda a classe o que aprenderam em seus respectivos grupos. (Ver *Ensino, Não Há Maior Chamado*, página 161.)

Notas

1. “President George Albert Smith’s Creed”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 262.
2. *Sharing the Gospel with Others*, sel. Preston Nibley, 1948, pp. 199–201; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.
3. Conference Report, outubro de 1930, pp. 67–68.
4. Conference Report, outubro de 1931, p. 120.
5. Conference Report, outubro de 1945, p. 168.

6. Conference Report, outubro de 1927, p. 47.
7. Conference Report, abril de 1950, p. 187.
8. Conference Report, abril de 1934, p. 30.
9. Conference Report, outubro de 1928, p. 94.
10. Conference Report, abril de 1916, p. 47.
11. Conference Report, outubro de 1927, p. 48.
12. "At This Season", *Improvement Era*, dezembro de 1949, pp. 801, 831.
13. "Opportunities for Leadership", *Improvement Era*, setembro de 1949, pp. 557, 603–604.
14. Conference Report, outubro de 1930, p. 69.
15. Conference Report, outubro de 1948, p. 7.
16. Conference Report, outubro de 1949, p. 5.
17. *Deseret News*, 20 de agosto de 1921, seção da Igreja, p. 7.
18. Conference Report, outubro de 1904, p. 66.
19. Conference Report, abril de 1940, p. 85.
20. Conference Report, abril de 1935, p. 45.
21. Conference Report, outubro de 1949, p. 7.
22. Conference Report, outubro de 1904, p. 66.
23. Conference Report, outubro de 1929, p. 25.
24. Conference Report, outubro de 1906, pp. 50–51.
25. *Deseret News*, 12 de janeiro de 1907, p. 31.



Levar Adiante a Obra do Senhor

Deus dirige Sua obra e Ele conclama todo membro da Igreja a participar da tarefa de levá-la adiante.

Da Vida de George Albert Smith

Quando George Albert Smith foi chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos, em 1903, havia pouco mais de 300.000 membros da Igreja. O Presidente Smith regozijava-se nesse crescimento porque isso significava que a mensagem de salvação estava chegando a um número cada vez maior de pessoas. “Quão felizes devemos ser”, disse ele a uma congregação da conferência geral de 1950, “não porque o número de membros da organização a que pertencemos tenha crescido, mas porque mais dos filhos de nosso Pai, mais de Seus filhos e Suas filhas, foram levados a um entendimento da verdade, e entraram para Sua organização, preparada por Ele, para ensinar-nos o caminho da vida e guiar-nos pelo caminho para a felicidade eterna.”¹

De 1903 até o falecimento do Presidente Smith em 1951, a Igreja enfrentou muitos desafios em relação a seu progresso no mundo inteiro. Acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Grande Depressão (uma crise econômica abrangente) limitou drasticamente o número de missionários que podiam ser enviados para o exterior. Apesar dessas dificuldades, George Albert Smith manteve-se confiante em que a Igreja continuaria a crescer e a cumprir seu destino de “encher toda a terra” (Daniel 2:35). Em 1917, no auge da Primeira Guerra Mundial, ele disse aos santos: “Não fico desanimado por esta verdade não encontrar seu caminho mais rapidamente. Pelo contrário, vejo nos acontecimentos de hoje a influência da mão de um Pai onisciente Que prepara o caminho para a pregação do evangelho que Ele restaurou à Terra em nosso dias”.²



O Presidente Smith acreditava que os avanços tecnológicos “podem realmente tornar-se bênçãos se os utilizarmos em retidão para a divulgação da verdade e para o progresso da obra do Senhor entre os homens”.

Embora a primeira metade do século vinte tenha-se deparado com desafios significativos, nela também surgiram novas tecnologias que o Presidente Smith acreditava que seriam empregadas para levar adiante a obra do Senhor. Ele apoiou firmemente a indústria da aviação, vendo nela um meio de cumprir seus encargos de viagem, como Autoridade Geral, de modo mais eficiente. Também apoiou o uso do rádio e da televisão pela Igreja para levar a palavra do Senhor a um público maior. “Devemos considerar essas [invenções] como bênçãos do Senhor”, disse ele. “Elas aumentam imensamente nossa capacidade. Elas podem realmente tornar-se bênçãos se as utilizarmos em retidão para a divulgação da verdade e para o progresso da obra do Senhor entre os homens. O grande desafio que o mundo enfrenta hoje está no uso que fazemos de muitas dessas invenções. Podemos usá-las para destruir, como às vezes foi feito no passado, ou podemos utilizá-las para iluminar e abençoar a humanidade, como nosso Pai Celestial deseja que o façamos.”³

Em um discurso de conferência geral, em 1946, o Presidente Smith profetizou sobre o uso dessas tecnologias: “A daqui não muito tempo, deste púlpito e de outros lugares que serão providenciados, os servos do Senhor poderão transmitir mensagens a grupos isolados que estão bem distantes que não podem ser alcançados. Desse e de outros modos, o evangelho de Jesus Cristo nosso Senhor, o único poder de Deus para a salvação em preparação para o reino celestial, será ouvido em todas as partes do mundo, e muitos de vocês que estão aqui viverão para ver esse dia chegar”.⁴ [Ver sugestão 1 e 4 da página 168.]

O Presidente Smith sabia que a obra da Igreja era bem-sucedida porque era a obra do Senhor, e Ele ensinou aos santos que a oportunidade de participar dessa obra é uma bênção do Senhor oferecida a cada membro de Sua Igreja. Durante a primeira conferência geral, depois de ele ter sido designado Presidente da Igreja, ele disse: “Compreendo a grande responsabilidade que está sobre meus ombros. Sei que, sem a ajuda do Pai Celestial, a organização com a qual nos identificamos não pode ter sucesso. Nenhum homem ou grupo de homens pode torná-la bem-sucedida, mas, se os membros desta Igreja continuarem a guardar os mandamentos de Deus, a viver sua religião, a dar um exemplo para o mundo, [e]

a amar seus semelhantes como a si mesmos, seguiremos adiante, e uma felicidade maior fluirá até nós”.⁵

Ensinamentos de George Albert Smith

Há, para todo membro, amplas oportunidades de participar da obra do Senhor.

A responsabilidade de conduzir esta obra não cai somente sobre [o Presidente da Igreja], nem sobre seus conselheiros, nem sobre o Quórum dos Apóstolos, mas também sobre todo homem e toda mulher que foi batizado pelos servos de Deus e se tornou membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...) Não podemos passar essa responsabilidade a outros se assim quisermos; nosso Pai a colocou sobre nossos ombros e precisamos assumi-la e ajudar a cumpri-la de modo triunfante.⁶

Creio em vocês, meus irmãos e minhas irmãs. Tenho confiança em sua fé e em sua integridade. (...) Cada um de vocês [é] responsável perante [o Senhor] pela promoção desta obra, tal como aqueles que os presidem. Não posso dizer “Sou eu guardador do meu irmão?” Não posso passar essa responsabilidade a outro (...) , mas, sendo filho de nosso Pai, preciso fazer minha parte, preciso carregar a parte do fardo que o Senhor colocou sobre mim, e, se eu me esquivar disso, então me darei conta de que desperdicei a bênção que receberia pela obediência aos mandamentos de nosso Pai.⁷

Quão ansiosos devemos estar para fazer o bem. É servo indolente aquele que espera até ser impelido em todas as coisas. [Ver D&C 58:26–27.] Nosso Pai Celestial espera que magnifiquemos nosso chamado, não importa onde possa ser, não importa quão humilde seja nossa situação na vida.⁸

Não é necessário que um homem seja membro do Quórum dos Doze ou da Presidência da Igreja para obter as maiores bênçãos do reino de nosso Pai Celestial. Esses são ofícios obrigatórios na Igreja, e há muitos homens dignos, fiéis e dedicados para preencher esses ofícios cujo tempo e talentos são necessários na Igreja inteira. (...) Lembrem-se de que entre os membros da Igreja inteira há muitas oportunidades para todo homem e toda mulher fazer algo para abençoar seus semelhantes e para levar adiante a obra do Senhor.⁹

Há uma tendência por parte de alguns portadores do sacerdócio e de alguns que ocupam cargos na Igreja de negligenciar as reuniões sacramentais e outros deveres importantes, restringindo seus labores a algum cargo especial. Podem ser líderes e professores da Escola Dominical que, quando desempenham seu trabalho didático aos domingos, consideram isso suficiente; ou talvez sejam líderes dos [Rapazes ou das Moças], ou da Primária, ou de genealogia ou de bem-estar, ou membros que tenham alguma outra designação, e, se desempenharam suas obrigações nesse sentido, consideram seu dever inteiramente cumprido.

Por mais que amemos e abençoemos todas essas pessoas pelo grande serviço que prestam, sentimo-nos obrigados a lembrar que é exigido de todos nós viver de cada palavra que procede da boca de nosso Pai Celestial [ver D&C 84:44]. De modo geral, as designações especiais não nos eximem de nossas outras obrigações. E as reuniões especiais geralmente não tomam o lugar ou substituem as reuniões gerais da Igreja. E, muito além de nossas obrigações e atribuições especiais, espera-se que nos comportemos a cada dia como santos dos últimos dias no sentido mais amplo do termo, de modo que, caso vejamos aflição ou carência, ou a necessidade de conselho e orientação em qualquer ocasião, devemos agir imediatamente como verdadeiros servos do Senhor.

E depois há aqueles que aceitam uma filiação nominal na Igreja, mas que parecem sentir-se isentos de prestar qualquer tipo de serviço. Porém, cedo ou mais tarde eles sentem um desconforto no coração, e questionam seus pensamentos, como todos nós fazemos quando deixamos de realizar aquilo que sabemos ser nosso pleno dever. O homem que vive de acordo com o evangelho de Jesus Cristo nunca tem dúvidas em relação a seu sucesso; mas o homem que negligencia seu dever, que deixa de cumprir seus convênios, perde o Espírito do Senhor e depois começa a questionar sobre o destino de Sião. (...)

Sempre que fizerem todo o seu dever, vocês vão saber, tal como sabem que vocês vivem, que esta é a obra de nosso Pai, e que Ele vai fazê-la triunfar.¹⁰

Não conseguem ver que uma obra maravilhosa e um assombro está em andamento? Não conseguem ver que nós, individualmente, somente contribuímos com a moeda da viúva, mas a multidão se



“Entre os membros da Igreja inteira há muitas oportunidades para todo homem e toda mulher fazer algo para abençoar seus semelhantes e para levar adiante a obra do Senhor.”

uniu, e a palavra do Senhor foi pregada entre os filhos dos homens, não de modo militante, mas com bondade e amor, com o desejo de abençoar toda a humanidade?¹¹ [Ver sugestão 2 da página 168.]

A oposição não impedirá o progresso da Igreja, porque esta é a obra de Deus, e não do homem.

A Igreja começou com apenas seis membros. Cresceu dia a dia, a despeito da oposição do adversário. Mas, se não fosse o vigoroso braço da retidão, se não fosse o cuidado vigilante de nosso Pai Celestial, esta Igreja teria sido esmagada como uma concha, há muito tempo. Contudo, o Senhor disse que nos manteria a salvo, e prometeu-nos proteção se honrássemos e cumpríssemos Seus mandamentos.¹²

O crescimento desta Igreja não se deu por ela agradar às pessoas. Aconteceu a despeito da oposição dos homens sábios do mundo, apesar da oposição de mestres religiosos, e continua a reunir, aqui

e ali, espíritos escolhidos que vivem de modo a poderem compreender a verdade.¹³

Estive lendo o diário de meu avô, George A. Smith. (...) Li suas experiências pessoais, algumas extremamente dolorosas e outras milagrosas. Em sua juventude, ele foi enviado a pregar o evangelho de nosso Senhor. Teve experiências já vivenciadas por outros homens que foram chamados ao ministério. Pessoas de mente maligna fizeram falsas acusações contra ele e seus companheiros, mas ele continuou fiel, e o Senhor os justificou e os tornou grandes aos olhos das pessoas e deu-lhes um testemunho da divindade desta obra, que foi tão positivo que nenhuma tarefa lhes era demasiadamente difícil a fim de divulgarem a verdade.

Meu avô fazia parte do grupo enviado à Inglaterra, em 1839, para pregar o Evangelho. Ali, o adversário procurou desanimá-los de todas as maneiras. O diário que escreveram na época revela que foram acusados falsamente por homens malignos e atacados por maus espíritos, mas o Senhor os preservou, e eles realizaram um grande trabalho. Oito dos membros do Quórum dos Doze estavam ali naquela época. Entre os que foram chamados para a Inglaterra havia homens que não tinham recursos para pagar sua viagem, mas partiram de seu lar a pé. Devido a uma enfermidade prolongada, um daqueles homens ficou fraco demais para caminhar uns três quilômetros para pegar a diligência, mas foi ajudado por um amigo para percorrer essa distância. Eles tinham fé em Deus; sabiam que esta era Sua Igreja e por isso seguiram seu caminho, e amigos que não eram da Igreja foram movidos a dar-lhes dinheiro e a pagar sua passagem para atravessar o oceano, e eles transmitiram sua mensagem, e muitas pessoas fiéis aceitaram a verdade como fruto de seu ministério.¹⁴

Esta é a obra de Deus. Não é a obra de nenhum homem. Nenhum homem ou grupo de homens a levou adiante e a tornou bem-sucedida diante da oposição do mundo. Muitas vezes aqueles [que se opunham a obra] sentiram que o fim da Igreja havia chegado, e a cada vez, pela grandiosidade de Seu poder, o Senhor a ergueu, e ela foi adiante, de cidade em cidade, de vila em vila, de nação em nação.¹⁵

Sei que há muitos problemas e que haverá problemas ainda maiores à medida que os dias se passarem, mas o mesmo Pai Celestial Que conduziu os filhos de Israel, Que salvou da destruição

Daniel e os três jovens hebreus, o mesmo Pai Celestial Que preservou nossos antepassados que chegaram ao [Vale do Lago Salgado] e Que os estabeleceu aqui, e Que os abençoou e Que tornou possível, na pobreza do povo, que eles tivessem este grande templo [de Salt Lake] e outros grandes templos, (...) esse mesmo Pai, seu e meu, está pronto a derramar Suas bênçãos sobre nós hoje em dia.¹⁶

Não há motivo para desânimo. O evangelho de Jesus Cristo continua a se espalhar. Temos a promessa de nosso Pai Celestial de que Ele continuará a se espalhar. Nenhuma outra dispensação teve a garantia que temos. Nas dispensações do passado, o evangelho foi tirado da Terra. Quando foi restaurado em nossos dias, foi com a promessa de que ele nunca mais seria tirado de novo da Terra ou dado a outro povo. Portanto, peço a vocês que puseram a mão no arado que não olhem para trás. Sirvam a Deus e guardem Seus mandamentos.¹⁷

Não precisamos sentir-nos ansiosos em relação ao progresso de Sião, porque o bom e velho navio vai continuar navegando com ativez, e aqueles que forem fiéis e verdadeiros desembarcarão com segurança no porto seguro de Deus, coroados de glória, imortalidade e vida eterna. Não tenho nenhum temor em relação aos homens e às mulheres idosos que guardaram sua fé. Não tenho nenhum receio pelos rapazes e pelas moças que são obedientes aos mandamentos do Senhor. (...) Mas os santos dos últimos dias que conhecem a vontade de nosso Pai e não a cumprem, aqueles que ouvem os ensinamentos do Senhor de tempos em tempos e dão as costas a eles, temo que não alcançarão a meta, a menos que voltem e se arrependam do fundo do coração.¹⁸

Sua obra é progressiva, e precisamos ser ativos, se quisermos acompanhá-la. Todo ano que passa, desde a organização da Igreja, eu a vi tornar-se mais forte do que no ano anterior. Atualmente, a perspectiva de sucesso contínuo é melhor do que nunca. Mais pessoas estão aprendendo a verdade a nosso respeito e qual é a nossa atitude em relação a elas. O preconceito devido à ignorância está sendo vencido, à medida que a luz é espalhada em meio às multidões. (...)

Deve tornar-se evidente a todos, e será um dia, que a oposição a esta obra teria vencido há muito tempo, se ela [esta obra] não fosse divina. Que o mundo inteiro saiba que ela não pode ser derrubada,

pois “é o poder de Deus para a salvação de todos aqueles que acreditam”. [Ver Romanos 1:16.]¹⁹ [Ver sugestão 3 da página 168.]

Deus ajusta as condições do mundo para que Sua obra possa espalhar-se por todo o mundo.

[Deus] determinou que a mensagem que foi proclamada por Seus servos no passado, e que foi renovada e promulgada por Seus servos nos últimos dias, será ouvida, e pela força de Seu poder Ele vai amenizar as condições deste mundo e tornar humildes os filhos dos homens até que se arrependam e se disponham a ouvir. As verdades que ensinamos, ou seja, as verdades que Deus exige que ensinemos ao mundo estão encontrando seu caminho.²⁰

O Senhor revelou a um de Seus profetas que, com o surgimento do Livro de Mórmon, Ele daria início a Sua obra entre as nações para a restauração de Seu povo. [Ver 2 Néfi 30:3–8; 3 Néfi 21:1–14; 29:1–2.] Quando nos damos conta da velocidade com que o evangelho de Jesus Cristo pode ser divulgado agora, quando comparado com o ano de 1830, podemos ver que o Senhor estendeu Sua mão, e a oportunidade de conhecer é oferecida aos homens. Não se passará muito tempo até que em todas as partes do mundo este evangelho possa ser ouvido por intermédio dos servos do Senhor que o proclamam com poder. Nosso Pai Celestial ajustará as condições do mundo para que o evangelho possa ser pregado.²¹

O Salvador disse que este evangelho do reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então chegará o fim! [Ver Joseph Smith—Mateus 1:31.] O Senhor não exigiria algo impossível. Ele está removendo os obstáculos, e o evangelho “será pregado”.²²

Sião será redimida, e o mundo, que hoje compreende erroneamente o trabalho do “mormonismo”, vai viver para saber que Ele é o poder de Deus para a salvação para todo aquele que guardar os mandamentos de nosso Pai. Meu testemunho é que o trabalho progride rapidamente, e que os filhos dos homens estão recebendo o “mormonismo” em sua alma; que esta é a obra de nosso Pai. Podemos ser insignificantes e fracos por nós mesmos, mas, se formos virtuosos e puros em nossa vida, se fizermos o que sabemos ser

certo, serão levantados homens e mulheres para continuar a obra do Senhor, até que o trabalho de nosso Pai tenha sido feito da maneira que Ele deseja. Aqueles que hoje não nos entendem vão conhecer-nos melhor. Será desfeito o falso conceito daqueles que acreditam que temos motivos egoístas, e nossos irmãos e nossas irmãs do mundo, que desejam a verdade e querem saber o que o Senhor quer deles, serão tocados no coração e aceitarão o Evangelho. Sião vai se erguer e brilhar, e se tornará a glória do mundo inteiro, o Senhor Deus de Israel assim o decretou.²³ [Ver sugestão 4 abaixo.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. O Presidente Smith profetizou que “o evangelho de Jesus Cristo nosso Senhor (...) será ouvido em todas as partes do mundo” (página 161). Que tecnologias estão ajudando a tornar isso possível? De que outras maneiras as novas tecnologias ou os avanços científicos contribuem com a obra do Senhor?
2. Ao ler a primeira seção dos ensinamentos (páginas 162–164), pense em seu chamado ou sua atribuição atual na Igreja. Como o cumprimento de seu chamado permite que você participe do “progresso da obra do Senhor”? De que modo seu trabalho como mestre familiar ou professora visitante contribui com esta obra? De que maneiras todos podemos participar além de nosso chamado ou atribuição formal?
3. Nas páginas 164–166, o Presidente Smith presta testemunho de que o Senhor dirige o trabalho de Sua Igreja. Que experiências pessoais você teve que lhe mostraram que isso é verdade? De que modo o ensino e o cumprimento do evangelho em nosso lar demonstra nossa fé na obra do Senhor?
4. Nas páginas 161 e 167–168, procure coisas que o Presidente Smith disse que o Senhor fará para preparar o caminho para que Seu evangelho seja pregado. Que evidências você vê de que essas coisas aconteceram ou que estão acontecendo no mundo atual?

Escrituras correlatas: Daniel 2:44–45; Joel 2:27–28; Mosias 27:13; Doutrina e Convênios 64:33–34; 65:1–6; 107:99–100; Moisés 1:39

Auxílio didático: “Pode também haver situações em que você não saiba a resposta de determinada pergunta. Caso isso ocorra, simplesmente diga a verdade. Pode dizer que tentará descobrir a resposta ou pedir aos alunos que a busquem, dando tempo em outra aula para relatarem o que aprenderam” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 64).

Notas

1. Conference Report, abril de 1950, p. 6.
2. Conference Report, abril de 1917, p. 37.
3. *Deseret News*, 10 de maio de 1947, seção da Igreja, p. 10.
4. Conference Report, outubro de 1949, p. 6.
5. Conference Report, outubro de 1945, p. 173.
6. Conference Report, abril de 1904, p. 64.
7. Conference Report, outubro de 1911, p. 44.
8. Conference Report, abril de 1934, p. 30.
9. Conference Report, junho de 1919, p. 42–43.
10. “Our Full Duty”, *Improvement Era*, março de 1946, p. 141.
11. Conference Report, abril de 1930, p. 68.
12. Conference Report, outubro de 1945, pp. 170–171.
13. Conference Report, outubro de 1916, p. 47.
14. Conference Report, abril de 1931, pp. 32–33.
15. Conference Report, outubro de 1931, pp. 122–123.
16. Conference Report, outubro de 1945, p. 174.
17. *Deseret News*, 20 de agosto de 1921, seção da Igreja, p. 7.
18. Conference Report, outubro de 1906, p. 49.
19. “New Year’s Greeting”, *Millennial Star*, 1º de janeiro de 1920, p. 3.
20. Conference Report, abril de 1917, p. 37.
21. Conference Report, abril de 1927, pp. 82–83.
22. “New Year’s Greeting”, p. 2.
23. Conference Report, abril de 1906, p. 58.



“Honrem o Dia do Senhor e o santifiquem, santos dos últimos dias, e ele lhes trará grande alegria.”



“Oferecerás Teus Sacramentos no Meu Dia Santificado”

*Santificar o Dia do Senhor e tomar
dignamente o sacramento são coisas que nos
proporcionam maior força espiritual.*

Da Vida de George Albert Smith

Quando criança, George Albert Smith aprendeu a importância de honrar o Dia do Senhor. Frequentemente, aos domingos, um grupo de meninos da vizinhança ia até sua casa, depois da Escola Dominical, para convidá-lo para jogar bola. “Eu era como os meninos”, disse ele. “Achava que seria muito divertido jogar bola e disputar outros jogos. Mas eu tinha uma mãe maravilhosa. Ela não dizia: ‘Você não pode fazer isso’, mas dizia: ‘Filho, você vai ser mais feliz se não fizer isso (...)’. Quero dizer-lhes que sou grato por esse tipo de educação em casa.”¹ A influência dos ensinamentos de sua mãe pode ser visto no frequente lembrete que o Presidente Smith fazia aos santos de que a santificação do Dia do Senhor proporcionava grandes bênçãos.

Como Autoridade Geral, George Albert Smith teve a oportunidade de assistir às reuniões de domingo da Igreja em vários lugares. Ao observar os santos adorando juntos no Dia do Senhor, ele ficou contente com sua atitude reverente para com o sacramento. “Sinto que a compreensão da natureza sagrada do sacramento da Ceia do Senhor é muito importante para os membros da Igreja. (...) Regozijo-me quando descubro que nossos irmãos e nossas irmãs vão ao santuário e partilham esses emblemas (...) dignamente.”² [Ver sugestão 1 da página 179.]

Ensinamentos de George Albert Smith

O mandamento de Deus de que santifiquemos o Dia do Senhor não é um fardo, mas uma bênção.

[O Senhor] nos ensinou que devemos observar o Dia do Senhor para mantê-lo santo. Ele separou um dia de sete como o dia Dele, e, em consideração a todas as Suas bênçãos derramadas sobre nós nos outros dias, parece-me que deveríamos ter alegria em fazer as coisas que Ele pede que façamos em Seu dia santo, e creio que, a menos que façamos isso, não teremos felicidade. (...) Ele quer que sejamos felizes e nos disse como podemos conquistar essa felicidade.³

Devemos pensar no propósito do Dia [do Senhor] e partilhar da influência da adoração. O que aconteceria com o mundo se todos os filhos de nosso Pai Celestial — e todos somos Seus filhos — respeitassem Seu desejo de que o Dia do Senhor deveria ser um dia de adoração. Não há meio de estimar que mudança benéfica poderia ocorrer, não apenas em nossa própria nação, mas em todas as nações do mundo, se honrássemos o Dia do Senhor e o santificássemos.⁴

O Dia do Senhor se tornou um dia de diversão (...) — um dia em que milhares decidem violar o mandamento que Deus deu há muito tempo, e estou convencido de que grande parte da tristeza e angústia que aflige e que continuará a afligir a humanidade deve-se ao fato de que as pessoas ignoraram Sua advertência de santificar o Dia do Senhor.⁵ [Ver sugestão 2 da página 179.]

Um dos primeiros sermões que foram pregados neste vale [do Lago Salgado] foi proferido pelo Presidente Brigham Young, que alertou o povo a honrar o Dia do Senhor e a santificá-lo, e, por mais difíceis que fossem as circunstâncias, eles não deveriam sair para fazer trabalho braçal no Dia do Senhor. (...) A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias incentiva seu povo a lembrar-se do Dia do Senhor e a santificá-lo, porque é agradável a nosso Pai Celestial que assim o façamos.⁶

Vamos ensinar os meninos e as meninas [da Igreja], à medida que crescem, a fazer as coisas que o Senhor gostaria de que eles fizessem no Dia do Senhor, e será surpreendente a influência que

isso pode ter nas comunidades em que eles moram. A não ser que o mundo se arrependa de sua negligência e indiferença, a menos que os santos dos últimos dias, em muitos casos, se arrependam de nossa atitude de indiferença em relação ao dia santo de nosso Pai Celestial, não teremos toda a alegria e felicidade que queremos usufruir nesta vida, nem as teremos na eternidade.⁷

Algumas pessoas parecem pensar que, se participaram de reuniões religiosas ou desempenharam uma parte do serviço que lhes é exigido no domingo, então estão livres para buscar os prazeres e participar de atividades incompatíveis com o espírito do Dia do Senhor e ainda continuar a contar com o favor de nosso Pai. Digo a vocês que, se os membros da Igreja insistirem conscientemente em profanar o Dia do Senhor em busca de prazeres mundanos, eles vão perder sua fé, e o Espírito de nosso Pai Celestial vai Se retirar deles.⁸

Não é algo insignificante violar o Dia do Senhor. Quero dizer-lhes que vocês saem perdendo toda vez que violam o Dia do Senhor, vocês perdem mais do que podem ganhar, não importa o quanto imaginem que vão ganhar.⁹

É ingratidão esquecer que o [domingo] é o Dia do Senhor, como alguns parecem fazer. Ele separou um dia dentre sete, não para torná-lo um fardo, mas para trazer alegria a nossa vida e fazer com que nosso lar seja um lugar de reunião da família, para que pais e filhos se reúnam ao redor da lareira da família aumentando o amor que sentem uns pelos outros. (...)

Honrem o Dia do Senhor e o santifiquem, santos dos últimos dias, e ele lhes trará grande alegria, e nosso Pai Celestial lhes concederá as bênçãos advindas da obediência a Seus conselhos e Suas advertências.¹⁰

A frequência à Igreja é uma parte importante da santificação do Dia do Senhor.

Se fizermos o que nosso Pai Celestial deseja que façamos, iremos a Sua casa no Dia do Senhor e ali tomaremos o sacramento em lembrança do sacrifício que o Redentor da humanidade fez por nós.¹¹

Este [o domingo] é o santo Dia do Senhor; este é o dia que Ele designou para que O adoremos, e nestes últimos dias Ele deu um

mandamento adicional de que devemos ir à casa de oração e jejum nesse dia santo, e ali devemos reconhecer nossas faltas e prestar testemunho na presença uns dos outros [ver D&C 59:9–12]. (...)

Nesta era maravilhosa em que as pessoas podem sentar-se confortavelmente em casa e apreciar a música do mundo e ouvir discursos e sermões públicos, elas permanecem no próprio lar e talvez sintam que estão recebendo tudo o que poderiam receber se tivessem ido ao local designado para os serviços religiosos.

Os santos dos últimos dias não precisam ser enganados a esse respeito. Não é apenas a palavra que ouvimos que é proveitosa, mas é a influência que permeia nossas casas de adoração proveniente de nosso Pai Celestial, que é essencial. Podemos ter um receptor de rádio em nossa casa, mas não vamos beneficiar-nos espiritualmente tanto quanto se formos à casa do Senhor em Seu dia sagrado, onde podemos tomar o sacramento, e onde oramos e invocamos as bênçãos de nosso Pai Celestial e recebemos [um] testemunho da verdade que visa salvar a humanidade.¹² [Ver sugestão 3 da página 179.]

**É um privilégio sagrado tomar o
sacramento no Dia do Senhor.**

Acho que talvez a maioria de nós perceba a dádiva que nos é concedida nas ocasiões em que nos é permitido reunir-nos em paz e serenidade, a fim de partilhar dos emblemas do corpo flagelado e do sangue derramado do Mestre. Deveria ser, e presumo que seja, na mente de cada um de nós uma ocasião extremamente sagrada e solene em que reconhecemos que estamos renovando nossos convênios com Aquele Que deu a vida para que pudéssemos ser ressuscitados e exaltados. Quando partilhamos esses emblemas, tenho certeza de que todos reconhecemos que o sacramento, que foi estabelecido por Ele antes de Sua morte, deve ser para nós uma inspiração e uma bênção por toda a eternidade.¹³

O sacramento é de extrema importância. O próprio Senhor ordenou que partilhássemos esses emblemas. Há muitas pessoas que acreditam que é necessário que elas sejam batizadas e que outras ordenanças do evangelho sejam realizadas em favor delas, mas mesmo assim se mostram indiferentes e negligentes em relação ao



“O sacramento, que foi estabelecido [pelo Mestre] antes de Sua morte, deve ser para nós uma inspiração e uma bênção por toda a eternidade.”

sacramento da Ceia do Senhor. Ele era considerado tão importante por nosso Pai Celestial que, por intermédio de Seu Filho amado, e pelos apóstolos e profetas, conforme está registrado nas escrituras, os santos foram admoestados a partilhar dele regularmente. Três dos evangelistas [autores dos Evangelhos] referem-se a ele [ver Mateus 26:26–28; Marcos 14:22–24; Lucas 22:19–20], e vemos que as escrituras, em muitos lugares, ensinam a importância dele, como foi ensinado pelo próprio Senhor quando habitou na carne. Nosso Pai Celestial não nos dá mandamentos ou conselhos que não sejam importantes. Ele nos ensina para elevar-nos, para que crescamos e nos desenvolvamos, e, se seguirmos Seu conselho, isso vai preparar-nos para voltarmos a Sua presença. (...) A cada domingo, espera-se que nos reunamos e partilhemos dos emblemas do corpo e do sangue de nosso Redentor ressuscitado. (...)

Também encontramos uma referência a isso no capítulo dezoito de 3 Néfi, em que o Salvador instrui o povo deste continente

[americano], assim como havia ensinado Seus discípulos no Velho Mundo, a observar o sacramento. Nele lemos o seguinte:

“E depois que a multidão comeu e fartou-se, disse ele aos discípulos: Eis que um dentre vós será ordenado e a ele eu darei poder para partir o pão e abençoá-lo e distribuí-lo ao povo de minha igreja, a todos os que crerem e forem batizados em meu nome.

E sempre procurareis fazer isto tal como eu fiz, da mesma forma que eu parti o pão, abençoei-o e dei-o a vós.

(...) No versículo seguinte, lemos:

“E isto fareis em lembrança de meu corpo, o qual vos mostrei. E será um testemunho ao Pai de que vos lembrais sempre de mim. E se lembrardes sempre de mim, tereis meu Espírito convosco.” [3 Néfi 18:5–7]

(...) Além disso, vemos que em nossos próprios dias o Senhor nos deu uma revelação a esse respeito. Na seção vinte de Doutrina e Convênios, o Senhor nos dá instruções a respeito desse assunto. Nessa revelação, começando no versículo 75, Ele diz:

“É conveniente que a igreja se reúna amiúde para partilhar do pão e do vinho, em lembrança do Senhor Jesus;

E o élder ou o sacerdote administrá-los-á; e desta maneira deverá administrá-los: Ajoelhar-se-á com a igreja e invocará o Pai em solene oração, dizendo:

Observem a bela oração que se segue (...):

“Ó Deus, Pai Eterno, nós te rogamos em nome de teu Filho, Jesus Cristo, que abençoes e santifiques este pão para as almas de todos os que partilharem dele, para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho e testifiquem a ti, ó Deus, Pai Eterno, que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho e recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o seu Espírito. Amém.” [D&C 20:75–77]

A oração e bênção da água é de certa forma semelhante [ver D&C 20:78–79].

Quão sagrados, quão profundamente sagrados, são os pensamentos expressos na oração sacramental. Admoesto vocês, meus irmãos, que, ao officiar na ministração do sacramento, repitamos (...)

as palavras exatas que nos foram dadas por revelação, e o façamos com o Espírito do Senhor. Quando repetimos essas orações, devemos ter os sentimentos expressos nas palavras que proferimos.¹⁴

Temo que, às vezes, quando o sacramento é ministrado em algumas de nossas reuniões, não haja o ambiente solene que deveria haver. Esse é um privilégio extremamente sagrado. (...) Aqueles que [tomam] o sacramento deveriam ter em mente a obrigação expressa na oração.¹⁵ [Ver sugestão 4 da página 179.]

**Renovamos nossa força espiritual quando
tomamos o sacramento dignamente.**

Partilhamos o alimento físico — ou seja, partilhamos o pão e a água etc., para nutrir o corpo físico. É igualmente necessário que partilhemos os emblemas do corpo e do sangue de nosso Senhor ressuscitado para aumentar nossa força espiritual. Observa-se que homens e mulheres que passam ano após ano sem participar da Ceia do Senhor perdem gradualmente o Espírito de nosso Pai Celestial. Eles perdem o direito a Sua companhia quando têm a oportunidade de participar dessa bênção, mas deixam de aproveitá-la. (...)

Abri uma passagem das escrituras no capítulo onze de I Coríntios, começando no versículo 23, onde lemos o seguinte:

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;

E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fizeti isto em memória de mim.

Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazeti isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.

Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.

Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.

Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor.

Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem.” [I Coríntios 11:23–30]

(...) Desejo chamar sua atenção ao fato de que há perigo se o fizermos [tomar o sacramento] indignamente. Antes de tomar o sacramento, nosso coração deve ser puro, nossas mãos devem estar limpas, devemos estar despojados de toda a inimizade para com as pessoas de nosso convívio, devemos estar em paz com nossos semelhantes, e devemos ter em nosso coração o desejo de fazer a vontade de nosso Pai, e de guardar todos os Seus mandamentos. Se fizermos isso, o sacramento será uma bênção para nós e renovará nossa força espiritual. (...)

(...) Devemos ponderar seriamente os convênios que fazemos com nosso Pai. Prestemos atenção rigorosa a esses convênios, e cuidemos para que comamos e bebamos dignamente, para bênção de nossa alma e para desenvolvimento de nossa força espiritual. Essas bênçãos são para vocês, meus irmãos e minhas irmãs, que são da família da fé. Vamos apreciá-las e vivamos de modo a ser dignos delas, que nossa vida exemplifique a nossa crença. Que nenhum de nós esteja sob condenação por tomar o sacramento indignamente, sendo assim privado da companhia do Espírito de nosso Pai.¹⁶

Devemos participar dele [o sacramento] com humildade, com preparação de mãos limpas e de coração puro, e com o desejo de ser aceitáveis a nosso Pai, então vamos recebê-lo dignamente, e regozijar-nos com a bênção que temos.¹⁷

Que o Senhor nos abençoe, que Seu Espírito continue a ser derramado sobre nós. Que nos amemos uns aos outros, como nosso Pai ordenou que o fizéssemos. Se pudermos tomar o sacramento dignamente, poderemos amar-nos uns aos outros, tal como o Pai ordenou, lembrando que Ele nos disse: “Se não sois um, não sois meus”. [D&C 38:27]¹⁸ [Ver sugestão 5 da página 179.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia o último parágrafo da página 171. Se o Presidente da Igreja fosse assistir a sua reunião sacramental, que impressão você acha que ele teria? O que você pessoalmente pode fazer para mostrar mais reverência pelo Senhor e pelo sacramento?
2. Pondere as palavras do Presidente Smith no segundo e terceiro parágrafos da página 172. De que modo a sociedade em geral se beneficiaria se mais pessoas honrassem o Dia do Senhor? Quais são algumas maneiras adequadas de ajudar nossa família e outras pessoas a considerar o cumprimento do Dia do Senhor uma bênção em vez de um fardo?
3. Quais são alguns dos benefícios de adorarmos juntos, no domingo, que não recebemos simplesmente por estudar o evangelho em nosso lar? (Ver página 174 para alguns exemplos; ver também D&C 59:9–12.)
4. Ao ler a seção que começa na página 174, pondere o que pode fazer para tornar a ordenança do sacramento uma parte mais significativa de sua vida. Quais são alguns meios eficazes de ajudar as crianças a prepararem-se para o sacramento e a terem reverência para com ele?
5. Ao ler os quatro últimos parágrafos dos ensinamentos (página 178), procure o que o Presidente Smith disse que nos qualifica para tomar dignamente o sacramento. Por que você acha que nossa força espiritual é aumentada quando tomamos dignamente o sacramento?

Escrituras correlatas: Êxodo 20:8–11; Isaías 58:13–14; Mateus 18:20; 3 Néfi 18:1–12; 20:8–9; Morôni 6:5–6

Auxílio didático: “O bom professor não pensa: ‘O que farei na aula hoje?’, mas pergunta: ‘O que meus alunos farão na aula hoje?’ Não: ‘O que vou ensinar hoje?’, e sim: ‘Como vou ajudar meus alunos a descobrirem o que precisam saber?’” (Virginia H. Pearce, *Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 61).

Notas

1. Conference Report, outubro de 1948, p. 188.
2. Conference Report, abril de 1908, pp. 34–35.
3. Conference Report, outubro de 1937, p. 50.
4. “A Faith Founded upon Truth”, *Deseret News*, 17 de junho de 1944, seção da Igreja, p. 4.
5. Conference Report, outubro de 1935, p. 120.
6. Conference Report, abril de 1948, pp. 13–14.
7. “Tribute to Richard Ballantyne”, *Instructor*, novembro de 1946, p. 505.
8. “Faith—and Life”, *Improvement Era*, abril de 1949, p. 252.
9. Conference Report, outubro de 1948, p. 188.
10. Conference Report, outubro de 1932, p. 23.
11. Conference Report, outubro de 1932, p. 23.
12. *Deseret News*, 31 de janeiro de 1925, seção 3, p. 4.
13. “The Sacredness of the Sacrament”, *Improvement Era*, abril de 1946, p. 206.
14. Conference Report, abril de 1908, pp. 35–37.
15. “The Sacredness of the Sacrament”, p. 206.
16. Conference Report, abril de 1908, pp. 34–35, 37.
17. Conference Report, abril de 1908, p. 36.
18. Conference Report, abril de 1908, p. 37.



O Poder Fortalecedor da Fé

A fé é um dom do Senhor por meio do qual os justos adquirem a capacidade de fazer coisas extraordinárias.

Da Vida de George Albert Smith

Em 1919, George Albert Smith, que na época era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi chamado presidente da Missão Europeia. Em uma mensagem para os santos locais proferida pouco depois de sua chegada, o Presidente Smith referiu-se às difíceis condições encontradas na Europa, que ainda se recuperava das devastações causadas pela Primeira Guerra Mundial: “Sei que estamos vivendo num período importante da história do mundo. Devido às novas e tensas condições que as nações enfrentam e o espírito de inquietação que grassa em quase toda parte entre os filhos dos homens, sinto, portanto, a grande responsabilidade que assumi de conhecê-los e desejo com extrema sinceridade contar com a orientação divina no desempenho de meus deveres”. O Presidente Smith tinha fé no fato de que, a despeito dos momentos difíceis que enfrentavam, o empenho dos membros e dos missionários seria recompensado com sucesso: “Auxiliado por bons e capazes companheiros de trabalho na sede [da missão] e por homens e mulheres fiéis no campo, é com agradável expectativa que espero uma colheita frutífera de almas sinceras”.¹

Um dos deveres mais prementes do Presidente Smith como presidente de missão era o de aumentar o número de missionários na Europa. A Igreja tinha enviado bem poucos missionários à Europa durante a guerra, e a então escassez de alimentos e outros problemas econômicos faziam com que as autoridades governamentais não se dispusessem a emitir vistos para estrangeiros. A difícil tarefa do Presidente Smith era a de persuadir as autoridades a permitir que os missionários entrassem naqueles países. Em uma carta a sua



“As escrituras estão repletas de evidências do poder da fé. (...) Pela fé, o Profeta Elias invocou fogo do céu para consumir sua oferta.”

filha Emily, o Presidente Smith contou sobre uma viagem que fez a Londres para esse propósito.

“Nosso embaixador americano foi muito gentil e conseguiu-nos uma entrevista com Sir Robert Horne, o ministro do trabalho da Inglaterra. Quando fomos a seu escritório, entregamos a carta do nosso embaixador ao secretário de Sir Robert, que perguntou se iríamos demorar, porque seu chefe estava de partida dali a alguns minutos para a Escócia, onde ficaria por três semanas. Assegurei-lhe que ficaria muito grato se dispusesse de cinco minutos do tempo dele, porque não morávamos em Londres e nosso assunto era urgente. O secretário entrou para falar com Sir Robert e voltou logo em seguida com a informação de que ele adiara sua viagem e que nos receberia às quatro horas daquele dia. Eu tinha orado com o maior fervor durante a manhã para que as portas se abrissem, e, quando fomos convidados a voltar, senti-me extremamente grato a nosso Pai Celestial.”

Na hora marcada, o Presidente Smith e seus companheiros foram convidados a entrar no escritório particular de Sir Robert Horne. “Procuramos dizer-lhe quais eram nossas necessidades e garantimos a ele que a Inglaterra precisava do que estávamos solicitando. Por quase uma hora e meia ele ouviu com o maior interesse nosso relato de parte da história da Igreja e de nossas crenças, etc.

Quando terminei, ele perguntou novamente o que queríamos dele, e, quando lhe dissemos que desejávamos o privilégio de recrutar mais missionários até completar o total de duzentos e cinquenta, o mesmo número de antes da guerra, ele disse que teria prazer em instruir seu ministério a permitir que esse número de missionários entrasse no país o mais breve possível. Evidentemente ficamos muito felizes e saímos dali com a certeza de que ele havia aliviado um fardo muito pesado de nossa mente.

Senti com toda a segurança que havíamos feito amizade com um dos homens mais influentes da Inglaterra e que eu não hesitaria em procurá-lo quando a ocasião exigisse.”²

James Gunn McKay, um dos missionários do Presidente Smith, que estava presente no encontro com Sir Robert Horne, disse posteriormente: “Vejam a coisa maravilhosa que ele realizou. Havia apenas uns poucos élderes ali [na missão]. O caminho parecia estar

bloqueado, mas ele ainda veio imbuído da inspiração do Senhor, e foi capaz de procurar as autoridades governamentais, a fim de conquistar sua confiança e, por fim, obtivemos os privilégios que desejavamos, para que os élderes pudessem assumir seu trabalho e cumprir sua missão de promover a causa de Deus e realizar Sua obra, e dessa forma ele nos garantiu um testemunho de que Deus dirige este trabalho”.³ O Élder McKay atribuiu o sucesso do Presidente Smith a sua “fé, devoção e caridade para com todos com quem trabalhava”. “Trabalhei com ele”, disse ele. “Eu o aconselhei, orei com ele, e sei que sua fé e lealdade são tão profundas quanto a própria vida.”⁴ [Ver sugestão 1 da página 190.]

Ensinamentos de George Albert Smith

O poder da fé é evidente nas escrituras.

Somos informados de que sem fé não podemos agradar a Deus [ver Hebreus 11:6]. Ela é a força geradora de toda ação, e as escrituras estão repletas de evidências do poder da fé. Foi a fé que Noé tinha que lhe permitiu construir uma arca, e, como resultado da obediência aos mandamentos de Deus, ele e sua família foram salvos, ao passo que aqueles que careciam de fé foram sepultados no grande dilúvio [ver Gênesis 6:13–22; 7:1–24].

Foi por meio da fé que Ló e os membros de sua família foram preservados quando o fogo do céu consumiu as cidades de Sodoma e Gomorra e destruiu os habitantes que não tiveram fé [ver Gênesis 19:12–25].⁵

Por meio da fé Moisés conduziu os filhos de Israel do cativeiro, passando pelo Mar Vermelho como que por terra seca, e, quando as hostes dos egípcios tentaram fazer o mesmo, afogaram-se. A multidão foi alimentada com pão do céu. Quando Moisés feriu a rocha em Horebe, dela jorrou água para saciar-lhes [satisfazer] a sede e, atravessando o deserto, eles foram conduzidos à terra prometida. [Ver Êxodo 14:21–31; 16:14–15; 17:5–6.]⁶

Quando Daniel continuou a orar publicamente ao Deus de Israel, contrariando o decreto preparado por seus inimigos com o propósito de destruí-lo, ele foi lançado à cova dos leões e ali deixado durante toda a noite. Ele sabia que seu Pai Celestial poderia



“Por meio da fé Moisés conduziu os filhos de Israel do cativeiro, passando pelo mar Vermelho como que por terra seca.”

preservá-lo, e sua confiança era inabalável. Na manhã seguinte, o rei foi bem cedo à cova e encontrou Daniel vivo. Sua fé fez com que as feras selvagens se tornassem inofensivas e conquistou a devoção do rei. [Ver Daniel 6:4–28.]

Três hebreus, Sadraque, Mesaque e Abednego, que se recusaram a adorar uma imagem de ouro erguida por Nabucodonosor, foram lançados numa fornalha ardente aquecida sete vezes mais do que o comum. Eles confiaram no Deus vivo, e sua fé foi recompensada com a preservação da vida deles. [Ver Daniel 3:8–28.]

Por meio da fé, o Profeta Elias invocou fogo do céu para consumir sua oferta, e o rei e o povo ficaram convencidos de que o Deus de Israel era Deus, e que Baal não era [ver I Reis 18:36–40].

Foi por fé que o irmão de Jared e seus seguidores mantiveram o idioma de seus pais durante a confusão das línguas na Torre de Babel, e foram trazidos a este continente ocidental [ver Éter 1:33–43]. (...) Foi uma fé semelhante que permitiu que Leí trouxesse sua

família por mar e pisasse nesta terra, escolhida acima de todas as outras.

Foi a fé que permitiu que os discípulos de Jesus suportassem a perseguição a que foram submetidos, e, apesar da oposição dos judeus, estabelecessem o evangelho que receberam do Salvador.⁷

Foi por fé que todos os milagres foram realizados pelo Redentor do mundo, e por aqueles que se associavam a Ele. Desde o princípio dos tempos até hoje, foi o homem de fé que teve o poder de Deus.⁸ [Ver sugestão 2 da página 190.]

O poder da fé é evidente na vida dos santos justos desta dispensação.

Nesta última dispensação, foi por causa de sua fé implícita em Deus que o menino profeta [Joseph Smith] foi ao bosque e se ajoelhou em oração e recebeu a primeira grande manifestação celeste que lhe foi concedida, por meio da qual a natureza pessoal da Trindade foi novamente dada a conhecer à humanidade. Foi por fé que ele pôde ir ao monte Cumora e receber das mãos do anjo os registros sagrados que ele traduziu mais tarde pelo dom e poder de Deus. Foi por fé que ele conduziu seu povo de Kirtland até a terra de Missouri e de volta a Illinois, e, embora tenham sido atacados e expulsos repetidas vezes de seus lares, a fé que havia sido plantada no coração deles permaneceu com eles, e sabiam que Deus estava ciente deles. Foi por fé que a grande cidade de Nauvoo foi fundada, sob a direção do Profeta Joseph Smith, e por fé as gloriosas verdades contidas em Doutrina e Convênios foram recebidas por ele.

Foi por fé que Brigham Young conduziu o povo a estas terras a oeste [o Vale do Lago Salgado], e, quando chegaram ao topo das montanhas e olharam para o vale, Deus lhe concedeu um testemunho de que este era o lugar em que Israel deveria ser plantada. (...) Foi por fé que o povo lançou a pedra angular deste grande Templo [o Templo de Salt Lake], em sua fraqueza e pobreza, acreditando que Deus prepararia o caminho e proveria os meios para que o edifício fosse concluído. Foi por fé que a misericórdia de nosso Pai Celestial foi estendida ao povo, quando, em aflição, viram suas colheitas serem consumidas pelos gafanhotos, sem que tivessem meios de impedir isso, e, pela providência de Deus, suas orações



“Foi por fé que Brigham Young conduziu o povo a estas terras a oeste [o Vale do Lago Salgado].”

foram respondidas, e receberam um testemunho disso na chegada das gaiotas para preservar-lhes a colheita, impedindo que morressem de fome. (...)

(...) Foi por fé que os homens que estiveram à frente desta obra foram inspirados, de tempos em tempos, a dar as instruções de que necessitávamos. É por fé que somos edificados (...) por aqueles que ministram em nome do Senhor, e o Consolador vivifica sua compreensão, trazendo-lhes à lembrança coisas do passado e mostrando-lhes coisas que hão de vir, evidenciando assim o espírito de revelação.⁹

Foi por fé que os élderes de Israel partiram, deixando lar e entes queridos, e suportaram a reprovação do mundo, para prestar testemunho de que Deus vive e de que Jesus é o Cristo, e de que Joseph Smith foi um profeta do Senhor. Por fé seus enfermos foram curados, seus mortos foram levantados para a vida. Se houvessem registros disponíveis dos milagres realizados entre este povo (...), isso seria um testemunho do poder de Deus, por meio da fé, inigualável em qualquer era do mundo.

É esse princípio, meus irmãos e minhas irmãs, que aponta para o céu e nos dá esperança na batalha da vida. Quando ficamos confusos e nos deparamos com obstáculos que, aparentemente, não podemos superar, exercendo fé no Redentor do mundo, podemos buscá-Lo, e sei que Ele responderá a nossas orações para nosso bem.¹⁰ [Ver sugestão 3 da página 191.]

Já se perguntaram muitas vezes: Seria possível que os meninos e as meninas, jovens, homens e mulheres que foram criados nesta geração da Igreja se dispusessem a sofrer as dificuldades, privações e provações que seus pais e suas mães suportaram por amor ao evangelho? Será que deixariam o conforto do lar para povoar um novo país no interesse de sua fé?

Eu digo a vocês que, se tiver sido plantado em seu coração o conhecimento da divindade desta obra como a conhecemos, se a fé lhes tiver sido concedida por causa da nossa obediência aos mandamentos do Senhor, se eles foram ensinados a saber que Jesus é o Cristo e que Joseph Smith foi um profeta do Senhor, eu lhes digo: Sim! Eles fariam o que seus pais e suas mães fizeram, e assumiriam o seu lugar nas fileiras da Israel dos últimos dias.

Se isso significasse privação, se isso significasse doença e sofrimento, ou até mesmo a expulsão de casa, há centenas e milhares de nossos filhos e nossas filhas que, sabendo que este é o evangelho de Cristo, se necessário fosse, selariam seu testemunho com a própria vida.¹¹ [Ver sugestão 2 da página 190.]

O Senhor abrirá o caminho para fazermos o que Ele pede, se exercermos fé.

Lembro-me de um dia em que fui inspirado a dizer a um missionário que ia para certa cidade onde não nos permitiam realizar reuniões na rua:

“Lembre-se de dar ao Senhor uma chance. Você vai pedir um favor. Dê ao Senhor uma chance. Peça-lhe que abra o caminho.”

O rapaz foi àquela cidade, dirigiu-se ao escritório do prefeito e pediu para vê-lo. Ele ia perguntar se poderiam mudar a norma.

Quando chegou ali, descobriu que o prefeito estava fora da cidade. O rapaz saiu do escritório, olhou para o fim do corredor e viu ali uma porta com os dizeres: “Escritório do Chefe de Polícia”. Hesitou por um instante, então algo lhe disse: “Dê ao Senhor uma chance”. Foi até o escritório do chefe de polícia e disse-lhe o motivo de sua visita. Quando terminou de falar, o homem disse:

“Ora, que esquina você quer?”

Ele disse: “Não conheço esta cidade tão bem quanto o senhor. Não pediria uma esquina que fosse inconveniente ou que bloqueasse o trânsito. Poderia ir comigo escolher uma esquina?”

Imaginem só um missionário pedindo ao chefe de polícia que ele escolhesse uma esquina para ele pregar o evangelho!

O chefe de polícia disse:

“Certamente, irei com você.”

Em quinze minutos, eles tinham uma das melhores esquinas da cidade, com permissão de pregar o evangelho de Jesus Cristo onde ele não havia sido pregado nas ruas desde antes da guerra [a Primeira Guerra Mundial]. (...)

O Senhor tem um meio de realizar as coisas que não podemos fazer, e nunca nos pede que façamos qualquer coisa para a qual Ele não torne o caminho possível. Foi isso que Ele nos disse por intermédio de Néfi. Ele não vai exigir coisa alguma sem preparar o caminho.

“E aconteceu que eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas.” [1 Néfi 3:7]

Se houver algo que o Senhor lhe peça ou espere que faça e você não souber exatamente como proceder, faça o melhor que puder. Siga na direção em que deve ir, confie no Senhor, dê-lhe uma chance, e Ele nunca vai desapontá-lo.¹²

Que coisa maravilhosa é saber que podemos, se quisermos, segurar na mão de nosso Pai Celestial e ser guiados por Ele. Nenhum outro povo no mundo tem a garantia e certeza que este grupo de pessoas tem.¹³ [Ver sugestão 4 da página 191.]

Deus concede a fé como um dom ao justo.

Nossa fé depende de levarmos uma vida justa. Não podemos viver de modo impróprio e ter fé como deveríamos, mas, se guardarmos os mandamentos do Senhor, poderemos ter fé, e ela vai crescer e aumentar, à medida que nossa retidão aumentar.¹⁴

Se houver alguém entre nós que careça de fé nesta obra é porque não guardamos os mandamentos de Deus. Se houver alguém que não saiba que esta é a obra de nosso Pai, é porque não cumpriu seu dever. Sei, como sei que vivo, que esta é a obra do Senhor, e esse conhecimento é fruto do cumprimento de Seus mandamentos.¹⁵

Sabemos que a fé é um dom de Deus, é fruto de uma vida justa. Ela não vem a nós a nosso comando, mas como resultado de fazermos a vontade de nosso Pai Celestial. Se nos falta fé, examine-mo-nos para ver se estamos guardando Seus mandamentos, e arrependamo-nos sem demora, se não a tivermos. (...) Que o Senhor aumente nossa fé, e que vivamos de modo a sermos dignos dela.¹⁶

Espero que aqueles que receberam esse maravilhoso dom da fé estejam vivendo de modo a mantê-lo.¹⁷ [Ver sugestão 5 da página 191.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Procure evidências da fé exercida por George Albert Smith na história das páginas 181–184. Um dos missionários do Presidente Smith disse que suas realizações “nos [garantiram] um testemunho de que Deus dirige este trabalho” (página 183). De que modo você foi influenciado pela fé exercida por outros, como um membro da família ou um bom amigo?
2. Estude os exemplos de fé encontrados nas páginas 184–186. Que outros exemplos de fé são particularmente significativos para você? Como você poderia usar esses exemplos para ajudar alguém que esteja exercendo fé, mas ainda não recebeu as bênçãos que deseja?

3. De que modo sua fé lhe deu “esperança na batalha da vida”? De que modo a fé nos ajuda a vencer o temor ou outros “obstáculos que, aparentemente, não podemos superar”? (página 188).
4. Leia a história que começa na página 188 e compare-a com a história de “Da Vida de George Albert Smith”. Que experiências pessoais você teve que foram semelhantes a essas? O que você acha que significa “dar ao Senhor uma chance”?
5. O Presidente Smith ensinou que “fé é um dom de Deus” que “não vem a nós a nosso comando” (página 190). Como esse princípio influencia o modo pelo qual você procura aumentar sua fé e inspirar outros a terem fé? Quais são algumas coisas específicas que podemos fazer para “manter” o dom da fé? (ver Alma 32:35–43).

Escrituras correlatas: Hebreus 11:1–11, 17–34; Tiago 2:17–24; Alma 32:26–43; Éter 12:6–22; Morôni 7:27–39; Doutrina e Convênios 136:42

Auxílio didático: “A fim de ajudar seus alunos a prepararem-se para responder a perguntas, informe-lhes, antes de iniciarem a leitura ou apresentação de algo, que vai pedir a participação deles ao final (...). Você pode dizer, por exemplo: ‘Enquanto leio esta passagem, ouçam com atenção para poderem relatar o que mais lhes chamar a atenção’ ou ‘durante a leitura desta passagem, procurem compreender o que o Senhor está ensinando-nos sobre a fé’” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 69).

Notas

1. “Greeting”, *Millennial Star*, 10 de julho de 1919, pp. 440–441.
2. Glenn R. Stubbs, “A Biography of George Albert Smith, 1870 to 1951” (dissertação de doutorado, Universidade Brigham Young, 1974), pp. 142–143.
3. James Gunn McKay, Conference Report, outubro de 1921, p. 156.
4. James Gunn McKay, “A Biography of George Albert Smith”, p. 160.
5. Conference Report, abril de 1923, pp. 75–76.
6. Conference Report, outubro de 1913, p. 102.
7. Conference Report, abril de 1923, pp. 75–76.
8. Conference Report, outubro de 1913, p. 102.
9. Conference Report, outubro de 1913, pp. 102–103.
10. Conference Report, outubro de 1913, pp. 102–103.
11. “As to This Generation”, *Improvement Era*, fevereiro de 1949, p. 73.
12. “Give the Lord a Chance”, *Improvement Era*, julho de 1946, p. 427.
13. Conference Report, abril de 1947, p. 164.
14. Conference Report, outubro de 1950, p. 6.
15. Conference Report, outubro de 1915, pp. 27–28.
16. Conference Report, outubro de 1913, p. 103.
17. Conference Report, abril de 1923, p. 77.



“Se seguirmos o conselho e a advertência que o Senhor nos deu, nosso caminho será de felicidade.”



Manter-nos no Lado do Senhor

O Senhor deu-nos mandamentos para que possamos resistir ao mal e encontrar felicidade.

Da Vida de George Albert Smith

O avô de George Albert Smith, George A. Smith, serviu por muitos anos no Quórum dos Doze Apóstolos e na Primeira Presidência como conselheiro de Brigham Young. George Albert Smith com frequência repetia o conselho que seu avô costumava dar à família: “Há uma linha demarcatória bem definida entre o território do Senhor e o território do diabo. Se você vai ficar na linha no lado do Senhor estará sob Sua influência e não terá nenhum desejo de fazer coisas erradas, mas, se você cruzar para o lado do diabo, um centímetro que seja, estará em poder do tentador, e, se ele for bem-sucedido, você não será capaz de pensar nem raciocinar corretamente porque terá perdido o Espírito do Senhor”.

George Albert Smith disse que usou esse conselho por toda a vida para orientar suas escolhas: “Quando às vezes era tentado a fazer certa coisa, perguntava-me: ‘De que lado da linha estou?’ Se eu concluía estar no lado seguro, o lado do Senhor, sempre fazia a coisa certa. Portanto, quando a tentação chegar, pense fervorosamente em seu problema, e a influência do Senhor vai ajudá-lo a decidir com sabedoria. Somente estamos seguros quando estamos no território do Senhor”.¹ [Ver sugestão 1 da página 201.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Para permanecer no lado do Senhor precisamos obedecer estritamente aos mandamentos.

Toda segurança, toda retidão, toda felicidade estão no lado do Senhor. Se guardarmos os mandamentos de Deus santificando o Dia

do Senhor, estaremos no lado do Senhor. Se fizermos nossas orações particulares e em família, estaremos no lado do Senhor. Se formos gratos pelo alimento e expressarmos essa gratidão a Deus, estaremos no lado do Senhor. Se amarmos nosso semelhante como a nós mesmos, estaremos no lado do Senhor. Se formos honestos ao lidar com nosso semelhante, estaremos no lado do Senhor. Se cumprirmos a Palavra de Sabedoria, estaremos no lado do Senhor. E assim eu poderia citar os Dez Mandamentos e os outros mandamentos que Deus nos deu para nossa orientação, e, digo novamente, tudo o que enriquece nossa vida e nos torna felizes e nos prepara para a alegria eterna está, na linha demarcatória, no lado do Senhor. Não estamos no lado do Senhor quando apontamos defeitos nas coisas que Deus nos deu para nossa orientação.² [Ver sugestão 2 da página 201.]

[O Senhor disse]: “Não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância”, nem o mínimo grau de tolerância [D&C 1:31]. Por quê? Porque Ele sabe que, se cometermos pecado, perderemos uma bênção que desfrutaríamos, se não tivéssemos abandonado o caminho que conduz àquela bênção.³

De quando em quando ouço alguém dizer: “Oh, eu não seria tão rigoroso. O Senhor não vai ser tão severo conosco se formos apenas até uma parte do caminho”. A pessoa que está falando desse modo já está, na linha demarcatória, no lado do diabo, e não devemos dar-lhe ouvidos, porque, se fizermos isso, poderemos ser enganados. Ninguém que tenha o Espírito do Senhor fala dessa maneira. O próprio Senhor disse que precisamos cumprir Seus mandamentos: “Há uma lei, irrevogavelmente decretada no céu antes da fundação deste mundo, na qual todas as bênçãos se baseiam”. (D&C 130:20.) O evangelho de Jesus Cristo existe para ensinar-nos como conquistar essa bênção.⁴

Nosso amoroso Pai Celestial dá-nos mandamentos para ajudar-nos a ter felicidade.

O Senhor, em Sua bondade, vendo a atitude de Seus filhos e sabendo que eles precisariam de orientação, deu-nos os Dez Mandamentos e outros mandamentos que nos foram concedidos de tempos em tempos, para ajudar-nos a encontrar felicidade. Vocês observam as pessoas correndo de um lado para o outro no mundo,



“As revelações do Senhor para nós, nestes dias e nesta época do mundo, são nada mais que a doce música da voz de nosso Pai Celestial em Sua misericórdia para conosco.”

buscando a felicidade, mas nunca a encontrando. Se apenas fizessem uma pausa suficientemente longa para aceitar o conselho do Senhor, encontrariam a felicidade, mas não vão encontrá-la de nenhuma outra maneira.⁵

Quando eu era menino, reconheci, ou ao menos achei que tivesse reconhecido, que os mandamentos do Senhor eram Suas leis e Seus regulamentos para minha orientação. Achei que reconheci na desobediência a essas leis o castigo que se seguia, e, quando menino, presumo que tenha sentido que o Senhor arranjou e ordenou as coisas desta vida de modo que me fosse obrigatório obedecer a certas leis, caso contrário rapidamente viria a retribuição. Mas, à medida que fui crescendo, aprendi a lição de outro ponto de vista, e hoje para mim as assim chamadas leis do Senhor, os conselhos contidos nas Santas Escrituras, as revelações do Senhor para nós nestes dias e nesta época do mundo, são nada mais que

a doce música da voz de nosso Pai Celestial em Sua misericórdia para conosco. São apenas o conselho e a advertência de um pai amoroso, Que está mais preocupado com nosso bem-estar do que os pais terrenos poderiam estar, e conseqüentemente aquilo que em certa época me pareceu levar o duro nome de lei é para mim agora o conselho amoroso e carinhoso de um Pai Celestial pleno de sabedoria. E digo, portanto, que não me é difícil acreditar que o melhor para mim é guardar os mandamentos de Deus.⁶

Toda a felicidade que tive na vida tem sido o resultado de meu empenho em guardar os mandamentos de Deus e de viver de modo a ser digno das bênçãos que Ele prometeu aos que O temem e guardam os Seus mandamentos.⁷

Se seguirmos o conselho e a advertência que o Senhor nos deu, nosso caminho será de felicidade. Será um caminho talvez nem sempre fácil e confortável, mas no final terminará na presença de nosso Pai Celestial, e glória, imortalidade e vidas eternas serão nossa porção.⁸ [Ver sugestão 3 da página 201.]

O adversário procura desviar-nos do caminho com seus engodos e suas sutilezas.

Há duas influências no mundo hoje em dia, que existem desde o princípio. Uma delas é construtiva, que irradia felicidade e edifica o caráter. A outra influência destrói, transforma os homens em demônios, derruba e desanima. Somos suscetíveis às duas. Uma delas vem de nosso Pai Celestial, e a outra, da fonte do mal que existe no mundo desde o princípio, procurando destruir a família humana.⁹

Todos seremos tentados, nenhum homem está livre da tentação. O adversário usará todos os meios possíveis para enganar-nos. Ele tentou fazê-lo com o Salvador do mundo, sem sucesso. Tentou fazê-lo com muitos outros homens que possuíam autoridade divina, e às vezes ele encontra um ponto fraco e a pessoa perde o que poderia ter sido uma grande bênção, se tivesse sido fiel.¹⁰

Um homem me disse certa vez — ou comentou num lugar em que eu estava — “Ora, essas pessoas aqui parecem achar que estou dominado pelo diabo, mas não estou”. Eu disse a ele: “Meu irmão,

você já conheceu alguém que estivesse dominado pelo diabo e soubesse disso?” Esse é um dos truques do diabo: tomar posse de você e impedir que você o saiba. E essa é uma de nossas dificuldades.¹¹

O profeta Néfi, há centenas de anos, viu que isso aconteceria, que o povo iria contender uns com os outros e negar o poder do Espírito Santo e do Santo de Israel, e ensinar como doutrina os mandamentos dos homens. Há uma influência no mundo atual tentando fazer as pessoas acreditarem que elas podem alcançar a vida eterna por sua própria inteligência e por sua própria capacidade. Vamos (...) ler o que Néfi escreveu:

“E muitos também dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temei a Deus—ele justificará a prática de pequenos pecados.”

Quero que observem que: “Ele justificará a prática de pequenos pecados”. Aquele adversário ardiloso sabe que, se conseguir que um homem ou uma mulher faça apenas uma pequena coisa errada, o tanto quanto entrarem em seu território, nesse tanto estarão em seu poder.

“Não obstante, temei a Deus—ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos de alguém por causa de suas palavras, abri uma cova para o vosso vizinho; não há mal nisso. E fazei todas estas coisas, porque amanhã morreremos; e se acontecer de sermos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus.” [2 Néfi 28:8]

Não é exatamente isso que o diabo diz hoje aos filhos dos homens, tão claramente quanto está escrito aqui? Oh, cometam um pequeno pecado, não fará mal algum, mintam um pouco, não terá consequências, o Senhor vai perdoar isso, e receberemos apenas alguns açoites e, no final, seremos salvos no reino de Deus. É isso que ele diz ao homem ou à mulher a quem foi ensinada a Palavra de Sabedoria, quando diz: Oh, beba um pouco de chá, não lhe fará mal. Fume um pouco, não vai fazer diferença. Um pouco de bebida alcoólica não vai prejudicá-lo. São pequenas coisas. Ele sempre faz um pouco a cada vez, não tudo de uma vez. É disso que gostaria de que vocês se lembrassem. (...) São esses sussurros insignificantes e insidiosos que atraíam a humanidade e nos colocam sob o poder do diabo. (...)

E Néfi diz ainda:

“E a outros pacificará e acalentrará com segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem—e assim o diabo engana suas almas.”

Quero que observem que: “E assim o diabo engana suas almas e os conduz cuidadosamente ao inferno”. [2 Néfi 28:21] E é assim que ele faz, é exatamente assim que ele faz. Ele não vem e o agarra e o arrasta para seu território, mas sussurra, dizendo: “Faça este pequeno mal”, e, quando tem sucesso nisso, outro pequeno mal, e mais outro, e usando a expressão citada: “Ele engana suas almas”. É isso que ele faz. Ele quer que vocês acreditem que estão ganhando algo, quando na verdade estão perdendo. Então, toda vez que deixamos de cumprir uma lei de Deus ou de guardar um mandamento, estamos sendo enganados, porque nada ganhamos neste mundo ou no vindouro que não seja pela obediência à lei de nosso Pai Celestial.

(...) Aquela sugestão específica: “E os conduz *cuidadosamente* ao inferno” é significativa. Esse é o método dele. Há homens e mulheres no mundo de hoje que estão sujeitos a essa influência, e que estão sendo levados de um lado para o outro, e esse sussurro prossegue, e eles não entendem o que o Senhor deseja que façam, mas continuam no território do maligno, sujeitos ao seu poder nos lugares em que o Espírito do Senhor não habita.

Ele diz ainda: (...)

“E eis que a outros ele lisonjeia, dizendo-lhes que não há inferno; e diz: Eu não sou o diabo, porque ele não existe—e assim lhes sussurra aos ouvidos até agarrá-los com suas terríveis correntes, das quais não há libertação.” [2 Néfi 28:22]

Ora, meus irmãos e minhas irmãs, essas são as condições do mundo atual. Néfi não poderia ter declarado de modo mais claro se estivesse bem aqui no mundo de hoje. E o adversário está agindo, mas, como nosso Pai Celestial desejava preservar Seus filhos dos males causados por esse ensinamento e por essa crença, Ele enviou o menino profeta Joseph Smith para o mundo, comissionou-o com autoridade divina, organizou Sua Igreja e começou novamente a ensinar a verdade aos filhos dos homens, para que possam ser convertidos do erro de seus caminhos.¹²

Precisamos aprender a vencer nossas paixões, nossas tendências malignas. Precisamos aprender a resistir às tentações. É por isso que estamos aqui, e, para que possamos fazê-lo mais perfeitamente, o evangelho foi restaurado na Terra, e tornamo-nos participantes dele, e temos a força que nos advém do poder do Espírito Santo. Não só temos a resistência de um indivíduo normal, com as limitações de alguém que não tem o conhecimento da verdade, mas temos resistência igual à dele, e além disso, a resistência que advém de conhecermos a verdade e de sabermos o propósito de nossa existência.¹³ [Ver sugestão 4 da página 201.]

**Podemos resistir ao mal decidindo
submeter-nos à influência do Senhor.**

Lembro-me de que há alguns anos, conheci um bom homem que na época era presidente da junta de controle da Igreja Universalista da América. Ele veio visitar [Salt Lake City] e assisti a duas de nossas escolas dominicais. Em uma das aulas [das crianças], ele ficou muito interessado. Por fim, quando a [aula] estava prestes a terminar, o superintendente disse: “Gostaria de dizer algumas palavras para [os alunos]”. (...) Ele disse: “Gostaria de dizer algumas palavras”. Declarou: “Se eu pudesse viver num ambiente como o que encontrei naquela pequena (...) sala de aula desta escola dominical, nesta manhã, não poderia deixar de me tornar um bom homem”. [Ver sugestão 5 das páginas 201–202.]

Pensei muitas vezes nisso. Escolhemos cuidadosamente o ar que respiramos, para vivermos com saúde. Mas às vezes, por descuido, submetemo-nos a influências imorais que destroem nossa resistência ao mal, e somos levados a fazer coisas que não devíamos e que não faríamos se estivéssemos sob a influência do Senhor. Se apenas formos humildes, se apenas formos fervorosos, se apenas vivermos de tal forma que a cada hora de nossa vida possamos verdadeiramente dizer: “Pai Celestial, estou pronto e ansioso para fazer o que desejas que eu faça”, nossa vida diária seria enriquecida ao passarmos por esta experiência terrena.¹⁴

Escolhemos onde estaremos. Deus nos deu nosso arbítrio. Ele não o tirará de nós, e, se eu fizer algo errado e entrar no território do diabo, é porque tenho o desejo e o poder de fazê-lo. Não posso



“Quão cuidadosos nós, santos dos últimos dias, devemos ser em viver cada dia de nossa vida de modo a podermos ser influenciados pelo poder do Senhor.”

culpar ninguém mais, e, se eu decidir guardar os mandamentos de Deus e viver como deveria viver e permanecer no lado do Senhor da linha demarcatória porque devo fazer isso, receberei minha bênção por isso. Isso não resultará do que outra pessoa venha a fazer.¹⁵

Quão cuidadosos nós, santos dos últimos dias, devemos ser em viver cada dia de nossa vida de modo a podermos ser influenciados pelo poder do Senhor, e de modo que sejamos capazes de desviar-nos das coisas que tendem a diminuir nossa capacidade de conquistar o reino celestial.¹⁶

Cuidem para que seus pés estejam firmemente plantados na rocha. Cuidem para que aprendam o desejo do Mestre a seu respeito, e, conhecendo esses desejos, cuidem para que cumpram Suas leis e ordens. Cuidem para que a pureza de sua vida os torne dignos da companhia do Santo Espírito, porque, se forem puros, virtuosos e justos, o maligno não terá poder de destruí-los.¹⁷

Oro para que nos examinemos e descubramos de que lado da linha demarcatória estamos. E, se estivermos no lado do Senhor, que permaneçamos ali, porque isso significa felicidade eterna na companhia dos melhores homens e mulheres que viveram na Terra.

Se tivermos escorregado de qualquer forma, se tivermos sido descuidados, se tivermos dado ouvidos ao tentador e cruzado a linha demarcatória, de modo a participar das coisas que o mundo pensa ser tão desejáveis e que o Senhor disse não serem boas para nós, voltemos o mais rapidamente possível para o outro lado, pedindo ao Senhor que perdoe nossas tolices, e depois com a ajuda Dele continuemos a levar a vida que significa felicidade eterna.¹⁸

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia “Da Vida de George Albert Smith” (página 193) e Morôni 7:10–19. Como você sabe quando está “no lado do Senhor da linha demarcatória”? O que podemos fazer para ajudar-nos uns aos outros a permanecer no lado do Senhor?
2. No primeiro parágrafo dos ensinamentos, das páginas 193–194, o Presidente Smith cita vários mandamentos aos quais devemos obedecer para permanecer no lado do Senhor. Que outros padrões o Senhor nos deu para ajudar-nos a permanecer no Seu lado da linha demarcatória?
3. Ao ler a seção que começa na página 194, pondere como poderia usar os ensinamentos do Presidente Smith para ajudar alguém que sente que os mandamentos são muito restritivos.
4. Ao estudar as páginas 196–199, procure as táticas usadas por Satanás descritas pelo Presidente Smith e pense em ocasiões em que você viu evidências dessas táticas. Como podemos ajudar os jovens a reconhecê-las e vencê-las? De que modo o “conhecimento do propósito de nossa existência” (página 199) nos ajuda a resistir à tentação?
5. Pense em como a história da página 199 pode aplicar-se a você. Quais são alguns lugares ou algumas situações em que

você não sente nenhum desejo de fazer o mal? O que podemos fazer para criar esse ambiente em nosso lar? Em nosso local de trabalho? Em nossas comunidades? Em nossa vida pessoal?

Escrituras correlatas: Mateus 4:1–11 (inclusive os trechos da Tradução de Joseph Smith nas notas de rodapé); Tiago 4:7; I João 5:3–4; Alma 13:27–28; Helamã 5:12; Doutrina e Convênios 82:8–10

Auxílio didático: “Perguntas escritas no quadro-negro antes do início da aula ajudarão os alunos a pensar nos assuntos da aula mesmo antes do início dela” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 93).

Notas

1. “A Faith Founded upon Truth”, *Deseret News*, 17 de junho de 1944, seção da Igreja, p. 9.
2. Conference Report, outubro de 1945, p. 118.
3. *Sharing the Gospel with Others*, sel. Preston Nibley, 1948, p. 198; discurso proferido em 4 de novembro de 1945, em Washington, D.C.
4. “Seek Ye First the Kingdom of God”, *Improvement Era*, outubro de 1947, p. 690.
5. Conference Report, abril de 1941, p. 25.
6. Conference Report, outubro de 1911, pp. 43–44.
7. Conference Report, abril de 1949, p. 87.
8. Conference Report, abril de 1937, p. 36.
9. “A Faith Founded upon Truth”, p. 9.
10. Conference Report, outubro de 1945, p. 117.
11. Conference Report, abril de 1948, p. 179.
12. Conference Report, abril de 1918, pp. 39–41.
13. Conference Report, outubro de 1926, p. 102.
14. Conference Report, outubro de 1929, p. 23.
15. Conference Report, outubro de 1932, p. 27.
16. Conference Report, outubro de 1926, p. 103.
17. Conference Report, outubro de 1906, p. 48.
18. “Seek Ye First the Kingdom of God”, p. 691.



Bênçãos Físicas e Espirituais da Palavra de Sabedoria

Nosso Pai Celestial deu-nos a Palavra de Sabedoria para abençoar-nos com saúde física e preparar-nos para a vida eterna.

Da Vida de George Albert Smith

Quando George Albert Smith era criança, foi acometido de febre tifoide. O médico que diagnosticou a doença disse à mãe que ele deveria ficar de cama por três semanas, não ingerir nenhum alimento sólido e tomar um pouco de café. O Presidente Smith lembrou mais tarde:

“Quando ele saiu, eu disse à minha mãe que não queria tomar café. Fora-me ensinada a Palavra de Sabedoria, dada pelo Senhor a Joseph Smith, aconselhando-nos a não tomar café.

Minha mãe trouxe três filhos ao mundo, e dois haviam morrido. Ela estava extremamente ansiosa a meu respeito.”

Em vez disso, o jovem George Albert Smith pediu uma bênção do sacerdócio, que recebeu de seu mestre familiar.

“Quando o médico voltou na manhã seguinte, eu estava brincando com as outras crianças fora de casa. Ele ficou surpreso. Examinou-me e descobriu que minha febre havia passado e que tudo parecia bem.

Fiquei grato ao Senhor por minha recuperação. Tenho certeza de que foi Ele que me curou.”¹

O Presidente Smith queria que os santos compreendessem que a obediência à Palavra de Sabedoria traz não apenas saúde física mas bênçãos espirituais também. Em uma sessão do sacerdócio da conferência geral, ele contou a história do profeta Daniel, do Velho Testamento, que foi levado cativo para a Babilônia e de



O Presidente Smith ensinou que, como Daniel observou a lei de saúde do Senhor em seus dias, ele foi digno da “inspiração do Todo-Poderoso”.

quem era esperado que comesse os alimentos e bebesse o vinho oferecidos pelo rei:

“Daniel foi um profeta de Deus, e ele foi profeta porque guardava os mandamentos de Deus. Gostaria que vocês (...) levassem consigo esta mensagem. Daniel seguiu os ensinamentos de Deus com seus companheiros, no tocante ao tipo de alimento e bebida que ingeririam, e recusaram-se a aceitar o alimento que era servido na mesa do rei. [Ver Daniel 1:3–16.]”

O Presidente Smith prosseguiu explicando que, devido à obediência de Daniel à lei de saúde do Senhor, em sua época, não apenas sua vida fora preservada, mas Daniel também recebera uma grande bênção espiritual: “a inspiração do Todo-Poderoso”.² [Ver sugestão 1 da página 211.]

Ensinamentos de George Albert Smith

A Palavra de Sabedoria é o conselho amoroso de nosso Pai, Que conhece todas as coisas.

Vou ler um trecho do que o Senhor disse à Igreja em 27 de fevereiro de 1833.

“Uma Palavra de Sabedoria, para o benefício do conselho de sumos sacerdotes, reunido em Kirtland, e da Igreja e também dos santos de Sião—

Para ser enviada como saudação; não como mandamento ou coerção, mas como revelação e palavra de sabedoria, manifestando a ordem e a vontade de Deus quanto à salvação física de todos os santos nos últimos dias.”

Pensem um instante— “[na] salvação física de todos os santos nos últimos dias”.

“Dada como princípio com promessa, adaptada à capacidade dos fracos e do mais fraco de todos os santos, que são ou podem ser chamados santos.” [Ver D&C 89:1–3.]

Em seguida, o Senhor continua a nos dizer as coisas que são boas para nós, explica o tipo de comida que é desejável que usemos, e depois nos adverte contra algumas das coisas que eram mais nocivas e prejudiciais [ver D&C 89:5–17].

Parece-me que, como povo, fomos maravilhosamente abençoados. (...) O Senhor foi misericordioso conosco a ponto de advertir-nos, acautelar-nos e avisar-nos com respeito a muitas coisas.³

Considero a Palavra de Sabedoria como um tipo de conselho de nosso Pai Celestial, Que deseja fazer com que Seus filhos se tornem mais semelhantes a Ele. (...) Considero-a como um conselho paterno de alguém que, sabendo do que eu preciso, me disse: “Meu filho, essas coisas não são boas para você, e, se você se abster de delas, eu lhe darei a companhia de meu Santo Espírito e alegria enquanto viver no mundo e, no final, a vida eterna”. Quão tolo eu seria então se partilhasse as coisas proibidas, tendo a certeza de que o conselho do Senhor é que eu me abstenha delas. Eu me sentiria sob condenação se as usasse, sendo que Ele sabe melhor do que ninguém que elas são prejudiciais, e me avisou a respeito delas. (...)

(...) Ele considerou suficientemente importante dá-la a nós, e advertir-nos, e, se Ele que sabe todas as coisas achou necessário advertir-nos e aconselhar-nos sobre esses assuntos temporais, quão cuidadosamente nós, que não sabemos o que o futuro nos reserva, devemos seguir esse conselho divino. Sinto que os santos dos últimos dias têm na Palavra de Sabedoria uma lei que vai exaltá-los e elevá-los acima daqueles que deixam de cumpri-la.⁴

O evangelho de Jesus Cristo existe para preservar nossa alma, da qual o corpo é o tabernáculo, para a felicidade eterna. Quão tolos seríamos se cedêssemos aos hábitos e costumes do mundo! (...) Nosso Pai Celestial em Sua bondade e Seu amor [advertiu]: “Devido a maldades e desígnios que existem e virão a existir no coração de homens conspiradores nos últimos dias, eu vos adverti e previno-vos, dando-vos esta palavra de sabedoria por revelação”. (D&C 89:4.) (...) O propósito do evangelho de Jesus Cristo é preparar-nos para compreender a beleza da vida, conforme o Senhor indicou que deveria ser vivida, dizendo-nos como podemos evitar as coisas que estão destruindo o mundo.⁵

Vocês acreditam que o Senhor nos deu a Palavra de Sabedoria? Vocês realmente acham que Ele sabe o que é bom para nós? Vocês acham que Ele ficaria feliz se obedecêssemos a essa lei? Ele diz que sim. Vocês acham que Ele realmente quis dizer isso?⁶

Irmãos e irmãs, não podemos negligenciar impunemente a Palavra de Sabedoria. Ela foi dada como conselho e advertência, não por mandamento ou imposição, mas como palavra de sabedoria de nosso Pai, para a salvação física de nosso corpo e a preparação de nossa alma para a vida eterna.⁷ [Ver sugestão 2 da página 212.]

**O Senhor promete saúde física e mental aos
que obedecem à Palavra de Sabedoria.**

Sinto-me grato por essa maravilhosa Palavra de Sabedoria, simples como ela é, e, conforme o Senhor disse, “adaptada à capacidade dos fracos e do mais fraco de todos os santos, que são ou podem ser chamados santos”. Faço uma pausa para perguntar (...), será que somos dignos de ser chamados santos? Todos que esperam ser chamados santos sem dúvida são cumpridores da Palavra de Sabedoria. E o que ela significa para nós? Ela nos dá a doçura da vida, tira de nós os vapores venenosos que muitas pessoas aspiraram como resultado de fumar tabaco. Ela nos livra da condição nauseante que resulta de mascar tabaco. Ela nos preserva, se a cumprirmos, das enfermidades decorrentes de colocar em nosso organismo as [drogas] contidas no chá e no café, e dos desastrosos efeitos das bebidas alcoólicas. (...)

Nosso Pai Celestial não nos diz do que devemos nos abster, mas diz-nos o que podemos usar com proveito. Ele nos disse que todos os grãos, todas as ervas salutares, o fruto da videira, etc., são bons para o homem. A carne dos animais e das aves do ar, e diz que podemos usar essas coisas com prudência e ação de graças, e quero enfatizar, com ação de graças.⁸

Observamos que o cumprimento das leis de saúde produzem força mental e física, e descobrimos que, por meio da desobediência a elas, segue-se a deterioração mental e física. Foi nosso Criador, o Pai de nosso espírito, Que nos deu a oportunidade de habitar nesta Terra, Que disse que certas coisas mencionadas naquela revelação não são boas para nós. Ele fez promessas valiosas, se obedecermos a essa lei — promessas de sabedoria, de saúde e força, e de que o anjo destruidor nos passaria e não nos feriria, como fez com os filhos de Israel [ver D&C 89:18–21].⁹ [Ver sugestão 3 da página 212.]



“Nosso Pai Celestial não nos diz do que devemos nos abster, mas diz-nos o que podemos usar com proveito.”

A obediência à Palavra de Sabedoria fortalece nossa fé e espiritualidade.

Estou plenamente convencido de que o Senhor, em Sua misericórdia, quando nos deu a Palavra de Sabedoria, Ele o fez não só para que tenhamos saúde enquanto vivemos no mundo, mas para que nossa fé possa ser fortalecida, para que o nosso testemunho da divindade da missão de nosso Senhor e Mestre possa ser aumentada, para que assim possamos estar mais bem preparados para retornar a Sua presença, quando nosso trabalho aqui estiver concluído. Temo que, como filhos e filhas de Sião, por vezes, não consigamos perceber a importância dessa grande mensagem para o mundo.¹⁰

Digo-lhes que, em minha opinião, o uso do tabaco, uma coisa aparentemente pequena para alguns homens, tem sido o meio de destruir-lhes a vida espiritual, de afastá-los da companhia do Espírito de nosso Pai, de aliená-los da sociedade de homens e mulheres

de bem, e de trazer-lhes o desrespeito e desprezo dos filhos que lhes nasceram, mas o diabo dirá a um homem, oh, é apenas uma coisa insignificante!¹¹

Estamos vivendo num dia em que o Senhor falou novamente a Seu povo. Nós, que somos membros da Igreja, que cumprimos com as exigências de nosso Pai Celestial, compreendemos perfeitamente que Deus vive e que Ele recompensa aqueles que diligentemente O servem. Entendemos que Ele nos deu certas regras e certos regulamentos que nos regem nesta vida, e a obediência a Suas exigências assegura-nos Sua aprovação, e bênçãos prometidas advirão de nossa obediência, mas, se deixarmos de obedecer a Seus ensinamentos, se ignorarmos Seus sábios conselhos, então não teremos nenhuma promessa Dele, e estaremos perdendo oportunidades que não voltaremos a ter. Sinto que é importante que os santos dos últimos dias cumpram essa lei específica [a Palavra de Sabedoria]. Creio que, por meio da obediência a essa lei, os santos dos últimos dias desfrutarão de muito mais fé. Lemos nos ensinamentos de Mórmon que, se não houve milagres realizados entre aquele povo, foi porque não tiveram fé, e ele diz ainda que sem fé “terrível é o estado do homem”. [Ver Morôni 7:37–38.] Se violarmos a vontade conhecida do Senhor, é natural que nossa fé defina, porque o Espírito não lutará para sempre conosco. (...)

(...) Creio firmemente que, em razão da negligência a essa simples exigência, houve diminuição de fé no coração de alguns de nosso povo — que, por meio de uma observância mais generalizada da Palavra de Sabedoria, a fé vai aumentar entre os santos dos últimos dias, e maior conhecimento vai fluir até nós como resultado disso; pela obediência a lei, haverá a disposição de obedecer a outras leis de nosso Pai, e o cumprimento de cada uma delas nos garante uma bênção¹² [Ver sugestões 3 e 4 da página 212.]

**Por meio da obediência à Palavra de Sabedoria,
preparamo-nos para a vida eterna.**

Às vezes me pergunto se os santos dos últimos dias se dão conta de que [a Palavra de Sabedoria] nos foi dada para nossa exaltação. Não apenas para nossa bênção física, mas para preparar-nos para a vida espiritual. (...)

Foi-nos dito que a glória de Deus é inteligência [ver D&C 93:36], e todos admiramos homens e mulheres inteligentes, portanto devemos ter o desejo de estabelecer o alicerce para maior capacidade mental e nada fazer para enfraquecê-la. É evidente na vida de alguns que eles se privam da capacidade cerebral que poderiam usufruir, pelo uso contínuo de coisas que nosso Pai Celestial disse não serem boas. Eles se tornam menos inteligentes como resultado disso e deixam de fazer a preparação para a vida eterna que deveria ser sua ambição.¹³

Se acreditamos, como declaramos, que Jesus é o Cristo e que somos filhos de nosso Pai Celestial, então quão cuidadosos deveríamos ser em comportar-nos de modo a sermos dignos do templo que ocupamos, que foi criado à imagem de Deus. Quantos de nós se dão conta de que, ao colocar em nosso organismo coisas que nosso Pai proibiu, estamos profanando o templo do espírito? Quantos de nós param para pensar que, quando cedemos às fraquezas da carne, privamo-nos de oportunidades que nos aguardam no futuro e impedimo-nos de receber as bênçãos que o Senhor reservou para os fiéis?¹⁴

Se essa lei, que é adaptada à capacidade do mais fraco de nós, for obedecida, ela será o alicerce sobre o qual serão acrescentadas muitas bênçãos grandiosas que nosso Pai terá o prazer de nos conceder, e que de outra forma não mereceremos nem poderemos receber. Como pode qualquer um de nós se sentir justificado em ignorar uma lei simples de Deus que Ele, por Sua própria voz, disse que qualquer um de nós pode cumprir? Como podemos esperar ser capazes de guardar uma lei mais elevada e ser capazes de atingir grande exaltação, se deixamos de guardar essa simples exigência?¹⁵ [Ver sugestão 3 da página 212.]

A melhor maneira de ensinar nossa família a obedecer à Palavra de Sabedoria é nós mesmos obedecermos a ela.

Pais e mães, se cumprirem a Palavra de Sabedoria, poderão transmitir a seus filhos as virtudes e a força que, de outra forma, não poderiam lhes dar. Creio que a companhia do Espírito de nosso Pai estará no coração e no lar daqueles que guardarem essa lei, e que seu desejo de ser obediente será transmitido a seus filhos. (...) É fato bem conhecido que o efeito do tabaco sobre o cérebro

da criança é extremamente prejudicial, destruindo a memória e embotando os sentidos mais refinados; também que o efeito das bebidas alcoólicas no cérebro infantil é muito nocivo: elas destroem o desejo de ser honrado e justo e conduzem ao vício e ao crime. (...) O Senhor nos deu essa lei com bondade e amor, prometendo certas bênçãos se obedecermos a Seu conselho. Sinto que devo exortá-los, meus irmãos e minhas irmãs, a ensinar isso em seu lar. Chamem a atenção de seus filhos em crescimento para isso e para a recompensa prometida por seu cumprimento.

Gostaria de dizer-lhes que a melhor prova de sua fé nessa lei, que acreditamos que veio de Deus, é o cumprimento constante dela em nossa vida. Podemos pregá-la o dia todo, mas, se a transgredimos na prática, nosso exemplo será desastroso para aqueles que amamos mais do que a vida, porque eles sentirão que podem seguir com segurança para onde os conduzimos.¹⁶

Rogo-lhes que examinem fervorosamente a Palavra de Sabedoria. Não apenas a leiam, examinem-na fervorosamente. Descubram por que nosso Pai Celestial a deu. Ele nos deu essa lei com a promessa de uma vida mais longa e felicidade, não se deixarmos de cumpri-la, mas se a guardarmos. Leiam a Palavra de Sabedoria na presença de sua família e deem o exemplo. Se fizermos isso, Sião continuará a crescer. Se fizermos isso, a Igreja do Cordeiro de Deus continuará a se tornar um poder para o bem no mundo.¹⁷ [Ver sugestão 5 da página 212.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Na página 205, o Presidente Smith cita a história de quando Daniel se recusou a aceitar a comida e o vinho do rei. Leia o capítulo 1 de Daniel e pense em uma experiência pessoal que possa ter tido em que se esperava que você ingerisse algo proibido pela Palavra de Sabedoria. Quais são algumas maneiras adequadas de obedecer à Palavra de Sabedoria nessas circunstâncias, sendo respeitoso para com as pessoas?

2. Estude a primeira seção dos ensinamentos (páginas 205–207). Como você pode usar esses ensinamentos para ajudar alguém que esteja tendo dificuldade em obedecer à Palavra de Sabedoria?
3. Examine brevemente as páginas 207–210, nas quais o Presidente Smith discute algumas das bênçãos prometidas aos que obedecem à Palavra de Sabedoria (ver também D&C 89:18–21). Como essas promessas foram cumpridas em sua vida? Que outras bênçãos você recebeu por ter vivido essa lei?
4. Na página 209, o Presidente Smith promete que a obediência à Palavra de Sabedoria nos traz a “disposição de obedecer”. O que essa frase significa para você?
5. Em sua opinião, como nossa obediência à Palavra de Sabedoria ajuda a Igreja a “tornar-se um poder para o bem no mundo”? (página 211). Estude fervorosamente a seção 89 de Doutrina e Convênios, como sugere o Presidente Smith, e pondere o que pode fazer para obedecer mais plenamente à Palavra de Sabedoria.

Escrituras correlatas: I Coríntios 6:19–20; Alma 34:36; Doutrina e Convênios 29:34; 130:20–21

Auxílio didático: “Você pode expressar seu amor por seus alunos ouvindo-os com atenção e interessando-se sinceramente pela vida deles. O amor cristão tem o poder de abrandar o coração das pessoas e ajudá-las a serem receptivas aos sussurros do Espírito” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 46).

Notas

1. “Boyhood Experiences”, *Instructor*, fevereiro de 1943, p. 73.
2. Conference Report, outubro de 1943, p. 44.
3. “Saints Blessed”, *Deseret News*, 12 de novembro de 1932, seção da Igreja, p. 5.
4. Conference Report, abril de 1907, pp. 19–21.
5. “Seek Ye First the Kingdom of God”, *Improvement Era*, outubro de 1947, p. 688.
6. Conference Report, outubro de 1935, p. 121.
7. Conference Report, abril de 1907, p. 21.
8. Conference Report, outubro de 1923, pp. 72–73.
9. Conference Report, abril de 1907, p. 19.
10. Conference Report, abril de 1907, p. 19.
11. Conference Report, abril de 1918, p. 40.
12. Conference Report, outubro de 1908, pp. 83–84.
13. Conference Report, abril de 1907, p. 19.
14. Conference Report, abril de 1905, p. 62.
15. Conference Report, outubro de 1908, p. 84.
16. Conference Report, abril de 1907, p. 21.
17. Conference Report, abril de 1949, p. 191.



A Salvação Física para Nós Mesmos e para Outros

Se seguirmos o conselho do Senhor, estaremos mais bem preparados para atender às nossas próprias necessidades materiais e para ajudar os necessitados a nosso redor.

Da Vida de George Albert Smith

George Albert Smith tornou-se Presidente da Igreja quando a Segunda Guerra Mundial estava terminando. A guerra havia deixado muitas nações devastadas, e milhares de pessoas estavam sem comida e passando outras necessidades. Em um discurso de conferência geral, o Presidente Smith descreveu as provações que elas passavam e instou os santos a ajudar a aliviar esse sofrimento: “São todos filhos [de Deus]. Eles precisam de nós. Precisam não apenas de nosso apoio moral e de nosso ensino religioso, mas precisam de comida, roupas, cobertores e todo tipo de ajuda porque, em muitos casos, nada lhes restou. Se puderem ler algumas das cartas enviadas a nosso escritório por algumas das pessoas muito pobres que ali vivem, sentiriam o coração oprimido. Há pessoas que foram retiradas de suas casas com a ideia de que estavam indo para ser autorizadas a instalar-se em outros lugares quando, de repente, foram abandonadas, e então, quando voltaram para suas casas, encontraram-nas saqueadas, e tudo o que tinham lhes fora roubado — tudo mesmo — ficando desamparadas, sem lugar para onde ir”.¹

Como a Igreja já há muitos anos vinha armazenando alimentos, ela estava preparada para ajudar naquelas circunstâncias. Os esforços de prover essa ajuda começaram perto do fim de 1945, quando o Presidente Smith foi a Washington D.C. para firmar acordos com o presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, no sentido de enviar



George Albert Smith visitando um armazém do bispo com outros líderes da Igreja. Como a Igreja já vinha armazenando alimentos, ela estava preparada para ajudar os necessitados após a Segunda Guerra Mundial.

roupas e alimentos para a Europa. Durante o encontro, o Presidente Truman disse: “É com prazer que os ajudaremos de qualquer maneira que pudermos. (...) Quanto tempo levará para preparar tudo?”

O Presidente Smith o surpreendeu ao responder: “Já está pronto. (...) [Temos] construído silos e os enchido de grãos e aumentado nossos rebanhos e nosso gado. Agora do que precisamos são veículos e navios para enviar uma quantidade considerável de alimentos, cobertores e roupas para as pessoas aflitas da Europa. Temos uma organização na Igreja [a Sociedade de Socorro] que tem mais de duas mil colchas caseiras prontas”.

O Presidente Smith relatou aos santos que como resultado daquelas remessas “muitas pessoas receberam agasalhos, cobertores e alimentos sem demora. Assim que conseguíamos veículos e navios, tínhamos o que era necessário para enviar à Europa”.²

Quase quinze anos antes, o Élder Smith, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, discursou para a Sociedade de Socorro durante outra época de terrível escassez: a Grande Depressão. Ele ensinou que a ajuda aos necessitados ia além do fornecimento de auxílio material. Ela também exigia verdadeira bondade e caridade:

“Nunca houve, em minha opinião, uma época em que a bondade fosse tão necessária quanto agora. Estes são dias em que a alma das pessoas está sendo colocada à prova e seu coração está oprimido. São dias em que muitos enfrentam fome e angústia, mesmo entre os santos dos últimos dias. (...)”

(...) Creio que nosso Pai Celestial está dando-nos uma oportunidade de desenvolvimento. (...) Descobriremos agora se temos no coração o amor que o Salvador disse que deveria estar em nosso coração.”³ [Ver sugestão 1 da página 223.]

Ensinaamentos de George Albert Smith

Se formos sábios com nossos recursos, estaremos preparados para os momentos difíceis.

Os antigos pioneiros, sob a liderança do Presidente [Brigham] Young, foram aconselhados a armazenar alimento suficiente para um ano, de modo que, se alguém perdesse suas colheitas, poderia sustentar-se até a estação seguinte. (...)

Pode ser que tenhamos momentos difíceis, irmãos e irmãs, mas podemos estar preparados para eles, se lembrarmos os sete anos de fartura e os sete anos de fome da época de Faraó e planejarmos como eles fizeram [ver Gênesis 41]. Essas condições podem voltar a surgir. Não sabemos quando, mas sabemos que, nos primeiros dias da Igreja, a Presidência e a liderança da Igreja aconselharam as pessoas a armazenar alimento suficiente para atender a uma emergência. Como resultado, desde quando as pessoas se estabeleceram definitivamente aqui e as fazendas começaram a produzir e o gado e as manadas começaram a crescer, nunca houve real necessidade de alguém sofrer com a falta de alimentos.⁴

Vivemos em tempos perigosos. As escrituras estão sendo cumpridas, e parece-me que esta é a época específica em que, se possível fosse, os próprios eleitos seriam enganados. É incrível a facilidade com que aqueles que desejam promover seus interesses financeiros no mundo encontram motivo para deixar de lado os ensinamentos simples e claros do Senhor referentes a nossa vida. Acho estranho ver como tantas pessoas sucumbem ao hábito de ouvir aqueles que dizem coisas contrárias à vontade revelada de nosso Pai Celestial. (...)

(...) Este povo foi advertido a preservar suas energias e seus recursos. Fomos ensinados por aqueles que o Senhor levantou para instruir-nos que devemos viver dentro dos limites de nossa renda, e que não devemos seguir os modismos do mundo nem gastar tão rápida ou até mais rapidamente do que conseguimos ganhar nosso sustento para cuidar de nós mesmos e de nossa família.

Temo que os santos dos últimos dias, em muitos casos, estejam cegos por sua própria vaidade, pelo desejo de ser o que o mundo é; e foi-nos dito em linguagem simples e clara por nosso Pai Celestial que não podemos viver como o mundo vive e desfrutar Seu Espírito.⁵

Algumas pessoas (...) estão-se desfazendo de seus bens e gastando dinheiro em coisas desnecessárias, e, se os tempos ficarem difíceis, pode ser que não consigam cumprir suas obrigações.

Podemos aprender uma lição com a formiga. Ela coleta suprimentos quando estes estão disponíveis e os armazena para o dia em que não será possível obtê-los. O resultado é que sua despensa é geralmente bem abastecida. O gafanhoto, um inseto bem maior,



“Pode ser que tenhamos momentos difíceis, irmãos e irmãs, mas podemos estar preparados para eles.”

não age assim. Ele não guarda nada para os tempos difíceis, mas depende da providência para seu sustento quando necessita, e o resultado é que a maioria dos gafanhotos morre de fome.

Temo que alguns seres humanos sejam como o gafanhoto e não estejam aproveitando as oportunidades que têm, de modo racional. Se aprendessem com a formiga, guardariam o alimento de que necessitam e sempre teriam algo disponível.⁶ [Ver sugestão 2 da página 223.]

O Senhor ordenou que trabalhássemos para ganhar nosso sustento.

O próprio fato de que muito mais dinheiro foi disponibilizado para tantas pessoas faz com que os jovens, em alguns casos, sintam que, como o dinheiro chega de modo relativamente fácil, o trabalho honesto não é necessário nem desejável. Mas estou convencido de

que ninguém que viveu nesta Terra sem ganhar seu sustento com integridade e industriiosidade tenha escapado da decadência.

Se nossos filhos crescerem na ociosidade, sabemos que isso não agrada o Senhor.⁷

Quão melhor nos saímos quando estamos ocupados com algum trabalho razoável.⁸

Nosso Pai Celestial (...) disse há muito, muito tempo que havia ociosos em Sião, (...) e disse: “O ocioso não comerá o pão nem usará as vestes do trabalhador”. [D&C 42:42] Presumo que Ele não Se referia àqueles que não conseguem encontrar emprego e que estão legitimamente procurando cuidar de si mesmos. Presumo que Ele tenha-Se referido ao hábito que algumas pessoas têm de esperar que seus semelhantes cuidem delas. (...) Acho que nunca houve justificativa para que nenhum homem neste mundo sinta que pode depender de outro para prover-lhe o sustento. Quando criança, eu não achava que alguém seria compelido a prover-me um meio de vida. O Senhor deu-me inteligência. Ele ordenou que eu deveria trabalhar, e comecei a fazê-lo quando tinha doze anos de idade, e senti muita alegria no trabalho, e ganhei meu sustento e ajudei outros durante mais de cinquenta anos.

Agradeço a Deus pelo trabalho, pela alegria que advém de fazer coisas no mundo. Não estou referindo-me a nenhum tipo particular de emprego, contanto que seja honroso. Mas o Senhor disse que devemos ser trabalhadores. Nos tempos antigos, Ele disse que devemos ganhar nosso sustento com o suor de nosso rosto [ver Gênesis 3:19].⁹ [Ver sugestão 3 das páginas 223–224.]

**Nem o rico nem o pobre deve colocar
o coração nas riquezas.**

“Ai de vós, homens ricos, que não compartilhais vossos bens com os pobres, pois vossas riquezas irão corromper-vos a alma; e esta será vossa lamentação no dia da visitação e do julgamento e da indignação: Passada é a colheita, findo é o verão; e a minha alma não está salva!” (D&C 56:16.)

É isso que o Senhor diz a respeito das pessoas ricas que se recusam a partilhar seus recursos com os pobres. Mas Ele diz algo igualmente grave ao pobre que não faz o melhor que pode. Ele diz:

“Ai de vós, homens pobres, cujo coração não está quebrantado, cujo espírito não é contrito e cujo ventre não está satisfeito e cujas mãos não cessam de se apoderar de bens alheios, cujos olhos estão cheios de cobiça e que não trabalhais com as próprias mãos!” (D&C 56:17.) (...)

(...) Depois Ele diz ainda: “Mas bem-aventurados os pobres que são puros de coração”. Há uma grande diferença nisso: “(...) Mas bem-aventurados os pobres que são puros de coração, cujo coração está quebrantado e cujo espírito é contrito, pois eles verão o reino de Deus vindo em poder e grande glória para sua libertação; pois deles será a gordura da terra”. (D&C 56:18.)

Eles são aqueles que não têm as riquezas do mundo, mas ainda têm vida e inteligência e estão ansiosos para fazer aquilo que o Senhor deseja que façam. (...)

Meus irmãos e minhas irmãs, temos tanto ricos quanto pobres em nossas organizações. Se formos pobres, podemos ser dignos, tal como o Senhor explica aqui. Podemos ser puros de coração e fazer o melhor que pudermos, e Ele não permitirá que aqueles que fazem o melhor possível sofram por causa das necessidades da vida em meio a pessoas que estão na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. (...)

Espero que não fiquemos amargurados porque alguns homens e mulheres estão bem de vida. Se formos bem de vida, espero que não sejamos egocêntricos e alheios às necessidades dos outros filhos de nosso Pai. Se estivermos em situação melhor que a deles, devemos ser verdadeiros irmãos e irmãs, e não apenas fazer de conta que somos. Nosso desejo deve ser o de desenvolver neste mundo uma organização tal que as pessoas, vendo nossas boas obras, sejam constrangidas a glorificar o nome de nosso Pai Celestial. (...)

Não podemos adotar os maus hábitos das pessoas. Não podemos assumir a atitude de que pegaremos o que pertence a outro homem. Consultem os dez mandamentos e encontrarão um breve parágrafo, que diz: “Não cobiçarás”. [Êxodo 20:17] (...)

Não podemos adotar essa atitude. Os outros podem fazê-lo, mas, se tivermos o espírito do evangelho de Jesus Cristo em nosso coração, não seremos enganados a esse respeito.

Foi-nos dito que não podemos servir a Deus e a outro mestre qualquer [ver Mateus 6:24]. Temos que fazer nossa escolha e, se quisermos ser servos de Deus e filhos de nosso Pai Celestial e merecer Suas bênçãos, precisamos fazê-lo honrando-O e guardando Seus mandamentos. Nossos sentimentos, e nosso amor, se posso usar essa expressão, devem estender-se a todos do mundo que desejem aceitá-los.¹⁰ [Ver sugestão 4 da página 223.]

Por meio do dízimo e de outras ofertas, ajudamos no trabalho da Igreja e abençoamos os necessitados.

O Senhor deu-nos o privilégio de contribuir com um décimo de nossas rendas para Sua Igreja, para o desenvolvimento de Sua obra no mundo. Aqueles que pagam o dízimo recebem suas bênçãos. (...) Não podemos esperar merecer bênçãos sem esforço sincero. Será exigido que façamos o que para alguns parecerá ser um sacrifício. Suponho que há pessoas que pensam que, quando pagam o dízimo, estão fazendo um sacrifício, mas não estão. Elas estão fazendo um investimento real que vai render dividendos eternos. Nosso Pai Celestial deu-nos tudo o que temos. Ele colocou tudo em nossas mãos, autorizando-nos a reter nove décimos para nosso próprio uso, e depois Ele pede que apliquemos Seus dez por cento onde Ele ordenar, onde Ele sabe que será de maior benefício no desenvolvimento de Sua Igreja.

Quando ouvimos os relatórios desta grande Igreja esta manhã [durante uma sessão da conferência geral], o relatório financeiro me impressionou muito — é impressionante saber que uma grande organização como esta, com suas multidões de pessoas, funcionando de tantas maneiras, em meio ao tumulto e à angústia do mundo, esteja em condições tais que um dos membros da Presidência da Igreja possa erguer-se aqui e dizer-nos sinceramente que esta Igreja está livre de dívidas. As nações e a maioria das pessoas estão endividadas, mas a Igreja foi administrada de tal modo que está livre de dívidas. Pensem nisso. Vamos apoiar a Igreja. Vamos seguir a liderança ativa da Igreja. Vamos viver de modo que o Senhor possa abençoar-nos como Ele abençoa a Igreja.¹¹



“O Senhor deu-nos o privilégio de contribuir com um décimo de nossas rendas para Sua Igreja, para o desenvolvimento de Sua obra no mundo.”

Se pagarmos um dízimo honesto, podemos dizer sem hesitar que os outros nove décimos foram uma bênção maior para os que pagaram do que os cem por cento foram para os que não pagaram. Esta é a obra do Senhor. (...) Os homens não poderiam ter feito isso. Com toda a sua generosidade e tudo o que têm doado, todo seu trabalho missionário, com sua assistência aos pobres (...) com tudo o que vocês têm doado como pessoas comuns, testifico que o que fica com vocês lhes traz mais felicidade, mais paz, mais consolo e mais certeza da vida eterna do que é desfrutado por qualquer outro povo no mundo atual.¹²

Tenho certeza de que o Senhor ama as almas humildes e fiéis que estão dispostas a estender a mão e ajudar os necessitados, seja com comida ou roupas ou alimentos ou bondade, porque isso faz parte do evangelho de Jesus Cristo.¹³ [Ver sugestão 5 da página 224.]

**Se formos generosos com nossos recursos,
ninguém precisa passar necessidade.**

Não é preciso que nenhum homem, nenhuma mulher ou nenhuma criança na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias passe necessidade, porque a Igreja é organizada para ajudar aqueles que carecem das coisas necessárias da vida. Há o bastante para todos, até de sobra. (...) Deus permitiu que os homens acumulem riquezas, e, se foram obtidas adequadamente, elas lhes pertencem, e Ele os abençoará no uso delas se as utilizarem devidamente.¹⁴

Estamos tão envolvidos com o mundo que nos esquecemos das pessoas que sofrem e que poderíamos ajudar, em muitos casos.¹⁵

Pensem nos homens que perderam o emprego e nas mulheres também. (...) Pensem no grande número de filhos de nosso Pai que Ele ama tanto quanto nos ama que estão aflitos. Pensem no sofrimento que será se nós, que somos mais afortunados, não formos generosos com os recursos que Deus colocou em nossas mãos — não apenas os recursos, mas se retivermos de Seus filhos a palavra de incentivo e de auxílio e deixarmos de visitar os lares de tantos que estão necessitados e de doar o que é possível a cada um de nós doar. Irmãos e irmãs, todas essas oportunidades nos são dadas para enriquecer-nos e para desenvolver nosso caráter e para que acumulemos tesouros no céu onde a traça e a ferrugem não corroem, e onde os ladrões não minam nem roubam [ver Mateus 6:20]. Essas oportunidades nos são oferecidas por um Pai onisciente Que, conhecendo o fim desde o princípio, disse: “Este é o caminho, sigam por ele”.

Vamos (...) olhar a nosso redor, em nossa vizinhança — não deixemos para o bispo e para a Sociedade de Socorro, mas sejamos cada um de nós ministros de bondade amorosa aos que tanto necessitam de nós. E, seja o que for que fizermos, não façamos as pessoas que necessitam de ajuda sentirem-se como mendigos. Vamos doar o que doarmos como se isso lhes pertencesse. Deus nos emprestou essas coisas. Às vezes, nós que acumulamos recursos, [agimos] como se eles nos pertencessem. Tudo que temos, nosso alimento, nossas roupas, nosso teto, nosso lar e nossas oportunidades, tudo isso nos foi dado como mordomos na Igreja e no

reino de nosso Pai Celestial, e, se (...) partilharmos nossos recursos, mesmo que seja a moeda da viúva, receberemos Dele Que vive nas alturas as bênçãos de que necessitamos em nossos dias aqui na Terra, e, quando chegar o tempo de partirmos daqui, estará a nossa espera a bênção de um Pai amoroso Que apreciou os esforços que fizemos.¹⁶

Se desejarmos ser identificados com o reino de nosso Senhor, o reino celestial, esta é nossa oportunidade de preparar-nos — com amor não fingido, com industriiosidade, com frugalidade, com perseverança, com o desejo de fazer tudo que estiver em nosso poder para abençoar as pessoas, para doar-lhes — não tendo sempre o sentimento de que devemos receber, mas com o desejo de doar, porque digo a vocês: “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”. [Atos 20:35] O evangelho de Jesus Cristo é um evangelho de doação, não apenas de nossos recursos, mas de nós mesmos, e agradeço a meu Pai Celestial por pertencer a uma organização que foi instruída assim.¹⁷ [Ver sugestão 6 da página 224.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. George Albert Smith disse aos santos durante a Grande Depressão: “Creio que nosso Pai Celestial está dando-nos uma oportunidade de desenvolvimento” (página 215). O que isso significa para você? De que modos nos “desenvolvemos” quando servimos aos necessitados?
2. Ao ler a primeira seção dos ensinamentos (páginas 215–217), pense em coisas que você pode fazer para começar ou melhorar seu armazenamento de alimentos e recursos. Quais são alguns exemplos de emergências ou situações para as quais você deve-se preparar? O que os quóruns do sacerdócio e as Sociedades de Socorro podem fazer para ajudar os membros a prepararem-se para as emergências?
3. Estude a seção que começa na página 217 e leia Doutrina e Convênios 68:31. Por que você acha que o Senhor exige que

trabalhemos para ganhar nosso sustento? Quais são algumas maneiras eficazes de ensinar a nossos filhos a importância do trabalho?

4. Leia as advertências do Presidente Smith aos ricos e aos pobres nas páginas 218–220. Quais são as consequências de se colocar o coração nas riquezas? O que podemos fazer para evitar isso?
5. Leia a seção que começa na página 220, em que o Presidente Smith discute as bênçãos de se pagar o dízimo e outras ofertas. Quais são alguns meios eficazes de ensinar aos jovens ou aos membros novos a respeito dessas bênçãos?
6. Ao estudar a última seção dos ensinamentos (páginas 222–223), pense em algo específico que você pode fazer para ajudar o bispo e outros líderes da ala a atender às necessidades das pessoas de sua ala ou comunidade. O que significa para você doar “não apenas de nossos recursos mas de nós mesmos”?

Escrituras correlatas: Efésios 4:28; Tiago 1:27; 2 Néfi 5:17; Jacó 2:17–19; Mosias 4:22–25; Doutrina e Convênios 104:13–18

Auxílio didático: “Mesmo ao dar aula a muitas pessoas ao mesmo tempo, você pode tocá-las individualmente. Pode, por exemplo, tocar os alunos cumprimentando cada um deles no início da aula. (...) Você também pode tocar os alunos ao tornar a participação convidativa e segura (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 35).

Notas

- | | |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Conference Report, abril de 1948, p. 181. 2. Conference Report, outubro de 1947, p. 6. 3. “To the Relief Society”, <i>Relief Society Magazine</i>, dezembro de 1932, p. 706. 4. Conference Report, abril de 1947, pp. 162, 165. 5. Conference Report, abril de 1929, p. 30. 6. <i>Improvement Era</i>, agosto de 1946, p. 521. 7. “Some Warning Signs”, <i>Improvement Era</i>, julho de 1948, p. 425. 8. Conference Report, outubro de 1949, p. 171. | <ol style="list-style-type: none"> 9. Conference Report, outubro de 1934, pp. 49–50. 10. Conference Report, outubro de 1949, pp. 170–172. 11. Conference Report, abril de 1941, pp. 25, 28. 12. Conference Report, abril de 1948, pp. 16–17. 13. Conference Report, abril de 1947, p. 162. 14. Conference Report, outubro de 1949, pp. 169, 171. 15. Conference Report, abril de 1948, p. 181. 16. “Saints Blessed”, <i>Deseret News</i>, 12 de novembro de 1932, seção da Igreja, p. 8. 17. Conference Report, outubro de 1934, p. 52. |
|---|--|



O Poder da Bondade

Por meio da bondade e paciência, podemos abrandar corações e incentivar as pessoas a viver em retidão.

Da Vida de George Albert Smith

George Albert Smith acreditava firmemente no poder da bondade para abrandar corações. Ele ensinou que devemos “enfrentar nossos problemas com o espírito de amor e bondade para com todos”.¹ Sua neta contou como a bondade e consideração dele para com as pessoas apaziguou uma situação tensa:

“Certa vez, num dia quente de verão, havia um problema no subsolo de uma rua que ficava próxima da casa de meu pai, em Salt Lake City, e alguns trabalhadores da prefeitura tinham ido consertá-lo. Estava muito quente, o sol ardia, e o trabalho era do tipo braçal com pás e picaretas e fazia os homens suarem no rosto e nas costas, enquanto abriam um buraco na rua. Os trabalhadores não tinham cuidado com a linguagem, ou talvez a mãe deles não lhes houvessem ensinado a se comportarem melhor, mas estavam xingando e falando palavrões horríveis. As palavras logo se tornaram ofensivas para muitos dos vizinhos que estavam de janelas abertas para deixar entrar qualquer brisa que pudesse refrescá-los.

Alguém saiu de casa e pediu aos homens que parassem de usar linguagem imprópria e salientou o fato de que o irmão Smith morava bem ali — ‘Será que podiam mostrar um pouco de respeito e ficar quietos, por favor?’ Com isso os homens soltaram mais uma porção de palavrões. Serenamente, meu avô preparou um pouco de limonada e colocou alguns copos numa travessa e levou para os homens irados, dizendo: ‘Meus amigos, parece que vocês estão com muito calor e cansaço. Por que não vêm sentar-se sob minhas árvores aqui para tomar algo gelado?’ A raiva se foi, e os homens reagiram à bondade com mansidão e gratidão. Depois da



“Serenamente, meu avô preparou um pouco de limonada e colocou alguns copos numa travessa e levou para os homens irados.”

pausa agradável, voltaram para o trabalho e terminaram o serviço de modo cuidadoso e sereno.”² [Ver sugestão 1 da página 233.]

Um dos motivos pelos quais o Presidente Smith tratava as pessoas de modo tão gentil era sua convicção na bondade inata de todas as pessoas. Poucas semanas antes de o Presidente Smith falecer, o Élder Matthew Cowley, um membro do Quórum dos Doze Apóstolos, foi visitá-lo no hospital. “Fui até o leito dele”, disse o Élder Cowley, “e ele estendeu o braço e tomou-me pela mão e a apertou com firmeza, dizendo: ‘Jovem, lembre-se todos os dias de sua vida de que pode encontrar o bem em todas as pessoas, se simplesmente o procurar.’”

Depois, o Élder Cowley disse o seguinte sobre o Presidente Smith:

“Ele amava todos porque conseguia ver o que havia de bom nas pessoas. Ele não encarava o pecado com o mínimo grau de tolerância, mas amava o pecador porque sabia que Deus era amor [ver I João 4:16], e que é o amor de Deus que regenera a alma humana e que pode, por meio desse processo, transformar o pecador em santo.

Pode ser que houvesse pecadores que confundissem seu amor com respeito. Ele não respeitava o pecador, mas o amava. Estou certo de que o amor encontrava resposta no coração e na vida daqueles que ele amava.”³

Ensinamentos de George Albert Smith

O Espírito do Senhor é um espírito de bondade, e não de aspereza e crítica.

Às vezes, sinto-me triste quando ouço alguém dizer coisas rudes, não apenas de pessoas da nossa Igreja, mas das pessoas do mundo. Geralmente não se dizem coisas rudes sob a inspiração do Senhor. O Espírito do Senhor é um espírito de bondade, é um espírito de paciência, é um espírito de caridade e amor e tolerância e longanimidade, e não há ninguém que não precise de todas essas virtudes, que são fruto da companhia do Espírito de nosso Pai Celestial.⁴

Toda influência pacífica deve ser exercida. Lúcifer está utilizando todos os meios para destruir a alma da família humana. Ele está mais ativo do que nunca e trabalha de modo insidioso. Não vou despender tempo enumerando as muitas maneiras que

ele emprega, mas há um meio pelo qual ele atua, e pelo qual tem atuado desde o início do mundo, que é o de tentar uma pessoa a destruir a reputação de outra dizendo coisas rudes a respeito dela.⁵

É muito fácil criticar os outros, é extremamente fácil apontar defeitos, e às vezes falamos mal de nossos vizinhos e amigos. Foi isto que o Pai Celestial nos disse (...):

“Não julgueis, para que não sejais julgados.

Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.

E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?

Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu?” [Mateus 7:1–4]

Como povo, somos admoestados a não ser críticos, a não ser rudes, e a não falar mal daqueles com quem convivemos. Devemos ser o maior exemplo do mundo no tocante a isso. Analisem as críticas que existem hoje. Peguem os jornais e vejam as coisas rudes que estão sendo ditas por certas pessoas sobre outras, e muitas vezes a pessoa que critica tem uma trave no olho e de modo algum enxerga as coisas com clareza, mas ele acha que seu irmão tem um argueiro no olho.⁶ [Ver sugestão 2 da página 233.]

Não temos a tendência de ver as limitações e as fraquezas de nossos semelhantes? Mas isso é contrário aos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. Há uma classe de pessoas que procuram defeitos e criticam sempre de modo destrutivo. Há uma diferença nas críticas. Se pudermos criticar construtivamente sob a influência do Espírito do Senhor, podemos mudar de modo benéfico e adequado certas coisas que estão sendo feitas. Mas, se tivermos o espírito de procurar defeitos, de apontar as fraquezas e as falhas dos outros de modo destrutivo, isso nunca será fruto da companhia do Espírito de nosso Pai Celestial e sempre será prejudicial.⁷

**Devemos procurar as virtudes nas
pessoas e elogiar sinceramente.**

Estou aqui hoje para falar de um homem que faleceu há vários anos. (...) Refiro-me a Francis M. Lyman [do Quórum dos Doze

Apóstolos] e quero dizer a vocês que aquele grande homem era tão afável quanto um bebê, quanto uma criancinha, e seu desejo de ajudar e encorajar era algo muito belo de se ver. Muitas vezes eu o ouvi cumprimentar seus irmãos quando faziam algo digno de louvor — um deles havia feito um bom discurso, outro tinha prestado um testemunho convincente e outro tinha feito outra coisa digna de louvor. Eu o vi colocar o braço nos ombros deles e dizer: “Estou orgulhoso de você e da coisa excelente que fez”. Não é um modo digno de se viver? Esse é o modo de sermos felizes. Se em vez de ter inveja pudermos ver, apreciar e elogiar as virtudes e habilidades de nossos semelhantes, se enxergarmos a capacidade que [as pessoas têm] de fazer o bem, quão melhor isso será.

Muitos de nós vivemos em um ambiente no qual ficamos quase mudos quando temos que elogiar outra pessoa. Parecemos incapazes de dizer coisas que poderíamos dizer (...) para abençoar as pessoas. Vamos procurar as virtudes das pessoas com quem nos associamos e vejamos como ficam felizes quando as elogiamos.⁸

Rogo-lhes, meus irmãos e minhas irmãs, que sejamos generosos uns com os outros. Sejamos pacientes uns com os outros como gostaríamos de que fossem conosco. Vejamos as virtudes de nossos vizinhos e amigos e falemos de suas virtudes, sem procurar defeitos e criticar. Se fizermos isso, irradiaremos a luz do sol, e aqueles que nos conhecem bem vão nos amar.⁹ [Ver sugestão 3 da página 233.]

A bondade tem o poder de fazer as pessoas abandonarem seus erros.

Há quem cometa erros. Há aqueles entre nós hoje que se perderam, mas eles são filhos de nosso Senhor, e Ele os ama. Ele deu-nos o direito de ir até eles com bondade, amor e paciência e com o desejo de abençoar, procurando convertê-los dos erros que estão cometendo. Não é meu privilégio julgar aqueles que cometeram erros ou que ainda os cometem, a menos que eu seja chamado em virtude da autoridade que me foi conferida. Mas é meu privilégio, se eu os vir fazendo coisas erradas, de alguma forma, se possível, fazê-los voltar para o caminho que conduz à vida eterna no reino celestial.¹⁰

Não reclamemos de nossos amigos e nossos vizinhos por eles não fazerem o que queremos que façam. Em vez disso, vamos

convertê-los com amor para que façam as coisas que nosso Pai Celestial deseja que façam. Podemos fazer isso, e não podemos conquistar a confiança deles ou seu amor de qualquer outra forma.¹¹

Que alegria, que consolo, que satisfação pode ser proporcionada à vida de nossos vizinhos e amigos por meio da bondade. Como eu gostaria de escrever essa palavra em letras maiúsculas e emoldurá-las no céu. A bondade é o poder que Deus nos deu para abrir o coração endurecido e subjugar a alma teimosa e levá-los ao entendimento de Seus propósitos.¹² [Ver sugestão 4 da página 233.]

O amor e a bondade no lar pode levar nossos filhos a ouvir nossos conselhos.

É nosso dever — eu diria nosso privilégio bem como nosso dever despendendo tempo suficiente para envolver nossos filhos com proteção e com tanto amor e conquistar o amor deles de modo que fiquem felizes em ouvir nossos conselhos e nossas admoestações.¹³

Vivam com amor e bondade de modo que a paz e a oração e a gratidão estejam juntas em seu lar. Não permitam que seu lar seja apenas um lugar para pendurar o chapéu e fazer suas refeições para depois correr a outro lugar, mas que seu lar seja a habitação do Espírito do Senhor.¹⁴

Oro para que estejamos cheios daquele espírito que provém do [Senhor] e que é um espírito de amor, de bondade, de serviço, de paciência e de tolerância. Então, se mantivermos esse espírito conosco em casa, nossos filhos e nossas filhas vão crescer para se tornar o que gostaríamos de que fossem.¹⁵

Lembro-me de que há alguns anos eu estava indo de trem para o Norte. Vi uma mulher, que eu conhecia, sentada no vagão de passageiros. (...) Ela me reconheceu quando passei pelo corredor do vagão. Ela falou comigo, e perguntei: “Para onde está indo?” Ela respondeu: “Vou para Portland, [Oregon]”. Eu sabia que a família não era rica. Sabia que aquela mulher era mãe de uma grande família e tinha muitos filhos, por isso disse: “O que a leva a Portland?” Ela respondeu: “Tenho um filho ali que está no hospital”.

Eu não sabia de nenhum de seus filhos que tivesse se mudado, por isso perguntei um pouco mais, e ela se abriu comigo, dizendo:



“Vivam com amor e bondade de modo que a paz e a oração e a gratidão estejam juntas em seu lar.”

“Meu filho caçula, há poucas semanas, saiu de casa e não nos disse para onde ia. Não recebemos notícias dele, mas ele achou que deveria sair pelo mundo para ver as coisas por si mesmo, e a primeira informação que tivemos de seu paradeiro foi quando chegou um telegrama do hospital Mercy, de Portland, dizendo que nosso filho estava enfermo naquele hospital”. Ela disse: “É claro que ficamos muito chocados com a mensagem. Havia só uma coisa a fazer, que era conseguir meios de ir ver aquele filho imediatamente”.

(...) Estava disposta a sentar-se ali, dia e noite, por toda aquela longa viagem, sem ressentir-se da rudeza e do descaso do filho, pensando apenas que ele era seu, que ele lhe pertencia, que o recebera de Deus, e que nosso Pai Celestial esperava que ela usasse todos os meios possíveis para enriquecer-lhe a vida e prepará-lo para as oportunidades que lhe estavam reservadas. E assim, durante as longas horas da noite, enquanto o trem avançava ruidosamente pelos trilhos, aquela boa mulher sentou-se ali, ansiando em ver

o filho, a cada quilômetro percorrido um pouco mais perto do objeto de afeto de seu coração. Por fim, quando chegou, dirigiu-se o mais rápido que pôde para o hospital. O lugar em que eu iria ficar era próximo do hospital, por isso fui até lá para ver o que havia acontecido.

Vi aquela terna mãe sentada junto ao leito do filho, que estava acometido de pneumonia, e encontrava-se acamado com muitas dores. Ela não o repreendia por não ter-se importado com ela. Não se ressentia do descaso e da desconsideração dele. Estava simplesmente grata por estar com o filho que Deus lhe dera. Estava tentando acalentar de volta ao caminho correto o filho que trouxera a este mundo em parceria com o Pai Celestial. Ele, por sinal, estava com seus dezesseis anos, mas ainda era seu bebê. Estava tentando encorajá-lo, dizendo-lhe coisas que o deixassem feliz e contente, mostrando-lhe as oportunidades que teria quando melhorasse. Em lugar da aflição e angústia que enchia o quarto antes de ela ali chegar, havia um halo perfeito de luz, paz e felicidade que se espalhou pelo semblante daquele rapaz, quando viu o rosto da mãe que oferecera a vida para que ele nascesse, e que naquela ocasião viajara desde longe para sentar-se a seu lado e acalotá-lo de volta à vida.

Pergunto-me às vezes se essas mães se dão conta de quão maravilhosas são aos olhos de seus filhos numa ocasião como essa. Poucos minutos depois da chegada da mãe, aquele rapaz tomou a decisão de jamais voltar a ser desleal para com ela, de jamais negligenciar o que ela lhe dera, decidindo que o nome que lhe fora dado com honra seria por ele honrado enquanto a vida durasse.¹⁶ [Ver sugestão 5 da página 233.]

Oro para que o amor ao evangelho de nosso Senhor arda em nossa alma e enriqueça nossa vida, que ele torne os maridos mais bondosos com a esposa, e as mulheres mais bondosas com o marido, os pais com os filhos, e os filhos com os pais, por causa do evangelho de Jesus Cristo que é um evangelho de amor e bondade.¹⁷

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia a história de quando George Albert Smith fez uma limonada para trabalhadores cansados (página 225). Quando foi que você viu um ato de bondade abrandar o coração de alguém? Quais são alguns problemas que você acha que poderiam ser resolvidos com “o espírito de amor e bondade para com todos”?
2. O Presidente Smith ensinou que “devemos ser o maior exemplo do mundo” em abster-nos das críticas (página 228). Quais são algumas situações em que podemos dar esse exemplo? Em sua opinião, por que as críticas ásperas e a busca de defeitos são tão prejudiciais?
3. Nas páginas 228–229, o Presidente Smith conta a respeito de como o Élder Francis M. Lyman cumprimentava seus irmãos. Você já foi influenciado pelo elogio sincero que alguém lhe fez? Use alguns minutos para pensar em alguém a quem você deveria cumprimentar.
4. O Presidente Smith ensinou que “a bondade é o poder que Deus nos deu para abrir corações endurecidos” (página 230). Que histórias das escrituras você se lembra que ilustram esse princípio? (Para alguns exemplos, ver Mateus 9:10–13; Alma 20:1–27.)
5. Releia a história da mãe que visitou o filho no hospital (páginas 230–232). Quando um filho se desvia do caminho, por que às vezes é difícil reagir do modo como a mãe da história fez? Pondere fervorosamente sobre como um espírito de bondade e paciência pode melhorar seu relacionamento com os membros de sua família.

Escrituras correlatas: Provérbios 15:1; Mateus 18:15; João 8:2–11; Efésios 4:29–32; 3 Néfi 12:22–24; Doutrina e Convênios 121:41–46

Auxílio didático: O debate em pequenos grupos proporciona “a um grupo maior de alunos a oportunidade de participar de determinada aula. As pessoas que costumam relutar em participar poderão expressar, em grupos menores, ideias que talvez não tivessem coragem de externar em frente de toda a classe” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 161).

Notas

1. Conference Report, abril de 1941, p. 28.
2. Martha Stewart Hatch, Susan Arrington Madsen, *The Lord Needed a Prophet*, 1990, pp. 130–131.
3. Matthew Cowley, Conference Report, abril de 1951, pp. 166–167.
4. Conference Report, abril de 1937, p. 34.
5. “To the Relief Society”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, p. 704.
6. Conference Report, outubro de 1949, pp. 168–169.
7. Conference Report, outubro de 1934, p. 50.
8. “To the Relief Society”, p. 707.
9. Conference Report, outubro de 1934, p. 50.
10. Conference Report, abril de 1937, p. 34.
11. Conference Report, outubro de 1945, p. 174.
12. “To the Relief Society”, p. 709.
13. Conference Report, abril de 1929, p. 33.
14. Conference Report, abril de 1948, p. 183.
15. Conference Report, outubro de 1950, p. 9.
16. *Deseret News*, 15 de maio de 1926, seção 4, p. 6.
17. Conference Report, outubro de 1948, p. 167.



Criar os Filhos em Luz e Verdade

O Senhor deu aos pais a responsabilidade de ensinar o evangelho aos filhos por palavra e pelo exemplo.

Da Vida de George Albert Smith

Perto do fim da vida, o Presidente George Albert Smith refletiu sobre sua criação e sobre os ensinamentos que recebeu dos pais:

“Nasci numa casa humilde. (...) Meus pais moravam em situação muito humilde, mas louvo meu Criador e agradeço a Ele do fundo do coração por ter-me enviado para aquela casa.

Passei a infância em Salt Lake City. Quando tinha oito anos, fui batizado no Rio City Creek. Fui confirmado membro da Igreja na reunião de jejum da Ala XVII, e aprendi quando menino que esta era a obra do Senhor. Aprendi que há profetas vivos na Terra. Aprendi que a inspiração do Altíssimo influenciaria aqueles que vivessem de modo a ser dignos de desfrutá-la. (...)

“Não conheço nenhum homem no mundo inteiro que tenha mais motivos para ser grato do que eu. Sinto-me grato por meu legado, pelos pais que tive, que me ensinaram o evangelho de Jesus Cristo e deram o exemplo no lar. Se eu fiz algo que não devia na vida, não foi algo que aprendi na casa de minha mãe. Com uma grande família de muitos filhos, minha mãe teve que ter muita paciência, mas era sempre paciente conosco. Sempre havia ali ternura, bondade e amor.”¹

Em seu próprio lar, George Albert Smith tentou seguir o exemplo dos pais, ensinando com paciência e amor. Sua filha Edith relembra uma experiência pessoal de sua juventude:

“Ele constantemente nos aconselhava a respeito de nosso comportamento, salientando a honestidade e a justiça. Lembro-me de



*A esposa de George Albert Smith, Lucy, e as filhas,
Edith (à esquerda) e Emily (à direita).*

certo dia em que voltando da aula de piano, o condutor do bonde deixou de cobrar-me a passagem. (...) Por algum motivo ele se esquecera de mim, e cheguei a meu destino ainda com o dinheiro na mão, e francamente muito animada por ter viajado de graça.

(...) Corri alegremente para contar a meu pai sobre a boa sorte que tivera. Ele ouviu meu relato pacientemente. Estava começando a pensar que eu tinha feito uma grande coisa. (...) Tinha certeza de que o condutor não percebera que eu não havia pago, portanto tudo estava bem.

Quando terminei de contar, meu pai disse: ‘Mas, querida, mesmo que o condutor não saiba disso, você sabe, eu sei e o Pai Celestial sabe. Portanto, ainda há três de nós que precisam ficar satisfeitos de ver você pagar integralmente pelo que recebeu.’”

Edith voltou à esquina e pagou sua passagem quando o bonde voltou. Mais tarde, ela expressou gratidão pelo modo com que o pai lidou com a situação: “Sinto-me realmente grata por um pai que foi sábio o bastante para bondosamente me apontar o erro, porque, se ele o tivesse deixado passar, eu poderia achar que ele o aprovava, e talvez eu tivesse tentado fazer algo semelhante em outra ocasião”.² [Ver sugestão 1 da página 246.]

Ensinaamentos de George Albert Smith

Os pais têm a responsabilidade primordial de ensinar o evangelho aos filhos.

Uma das maiores e mais ricas de todas as bênçãos será a que receberemos se ensinarmos como deveríamos, e educarmos como deveríamos os espíritos especiais que nosso Pai Celestial está enviando ao mundo nestes últimos dias. (...) Não deixem a educação de seus filhos a cargo das escolas públicas. Não deixem a educação deles a cargo da Primária, da Escola Dominical, das [organizações de jovens da Igreja]. Elas vão ajudá-los a fazer uma grande contribuição, mas lembrem-se de que o próprio Senhor disse que os pais que não ensinarem a seus filhos a fé em Deus, o arrependimento e o batismo e a imposição de mãos, quando tiverem oito anos de idade, o pecado seja sobre a cabeça dos pais [ver D&C 68:25–28]. Essa não é uma ameaça, meus irmãos e minhas irmãs,

esse é o conselho bondoso e amoroso de nosso Pai Celestial Que conhece todas as coisas e sabe o que acontece quando se permite que os filhos cresçam sem essa instrução.³

Estou extremamente ansioso para que o que vou dizer fique gravado na mente de todos os pais de Sião. Embora o Senhor tenha providenciado todas essas excelentes instituições de ensino, embora a ciência tenha contribuído extraordinariamente para nosso conforto e nossa bênção, embora a Igreja tenha preparado lugares para os quais podemos enviar nossos filhos para que lhes seja ensinado o evangelho de Cristo, isso não nos isenta da responsabilidade e obrigação que nos foram dadas por nosso Pai Celestial de ensinar nossos próprios filhos. (...) Não é suficiente que meus filhos aprendam sobre fé, arrependimento e batismo, e a imposição de mãos para o dom do Espírito Santo nas organizações auxiliares. Meu Pai Celestial ordenou que eu mesmo devo fazer isso.⁴

Ninguém mais pode desempenhar o papel que Deus nos designou como pais. Assumimos uma obrigação quando nos tornamos instrumentos para trazer filhos ao mundo. Não podemos passar essa responsabilidade para nenhuma organização. Ela é nossa. (...) Acima de tudo e de todos, a obrigação é nossa não apenas de admoestar e aconselhar, mas de educar, dando o exemplo, passando tempo suficiente com nossos entes queridos, esses meninos e essas meninas, para que não sejam levados para (...) caminhos proibidos.⁵

Reúnam sua família a seu redor, e, se no passado deixaram de dar-lhes um entendimento dos propósitos da vida e um conhecimento do evangelho de nosso Senhor, façam-no agora, porque eu lhes digo, como servo do Senhor, que eles precisam disso agora e precisarão disso daqui por diante.⁶ [Ver sugestão 2 da página 246.]

Não podemos deixar que outros interesses nos façam perder a visão de nosso dever de ensinar nossos filhos.

Foi-nos dito em Lucas que haveria uma época em que os homens ficariam sufocados pelos cuidados, pelas riquezas e pelos prazeres da vida [ver Lucas 8:14]. Tenho em mente (...) agora mesmo, homens e mulheres que amo, cuja própria espiritualidade está sufocada por essas coisas, e o adversário os está conduzindo pelo

caminho fácil do prazer, e eles estão negligenciando seu dever como pais e como membros da Igreja de Jesus Cristo.

(...) Agora em meio à confusão, à animação e a todos os prazeres da vida, (...) não percamos a visão do dever que temos para com esses meninos e essas meninas que foram criados à imagem de Deus. Ele é o Pai do espírito deles, e Ele vai considerar-nos responsáveis pela educação que receberem. Espero que os ensinemos e oro para que o façamos de modo que, quando o fim chegar, possamos receber Dele esta bênção: “Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor”, e que tenhamos nossos entes queridos conosco na eternidade.⁷

Quero contar-lhes uma história. Há alguns anos, havia em Indiana dois rapazes, que trabalhavam em fazendas, que ficava entre oito a dez quilômetros uma da outra. Trabalhavam arduamente a cada dia, cumprindo suas tarefas, ordenhando vacas, etc. O primeiro rapaz foi até o pai, certo dia, quando tinha seus treze ou catorze anos, e disse: “Pai, gostaria de ir para a cidade. Gostaria de ver as luzes brilhantes. Será que eu poderia ir até lá algum dia ao entardecer, se eu trabalhar arduamente e terminar minhas tarefas?” O Pai disse: “Você não pode fazer isso porque não vai conseguir terminar seu trabalho”. “Se eu acordar bem cedo e trabalhar o dia inteiro, posso ir andando até a cidade? Não é muito longe, posso chegar lá em uma ou duas horas, e depois voltar cedo para casa.” O pai disse: “Bem, é claro, se fizer todas as suas tarefas, então pode ir”. Pais, entendam isso. O resultado foi que ele foi. Chegou à cidade quando estava quase escuro. As lojas e os bancos estavam fechados. Havia muitos salões de sinuca e casas de jogos abertos. Todas as pessoas boas não estavam nas ruas, a maioria estava em casa. Toda a agitação estava nas ruas ou naqueles lugares. Eles viram aquele menino chegando e logo o envolveram. Não demorou muito para lhe mostrarem algumas coisas que nenhum menino deve ver. Foi essa a experiência que ele teve. Deu-lhe o gostinho de algo que não era bom para ele.

O segundo rapaz foi falar com o pai, dizendo a mesma coisa. Ele pediu: “Pai, eu gostaria de ir um dia à cidade. Você permitiria que eu fosse e visse algumas coisas que nunca vi? Tenho que ir antes que fique muito escuro e não dê para ver nada”. “Meu filho”, respondeu o pai, “acho que você merece ir à cidade, e acho que merece que seu pai o acompanhe. Escolha o dia e vou ajudá-lo com

suas tarefas, para que possamos ir cedo o suficiente para que você conheça alguns dos meus amigos.”

Aconteceu no mesmo estado que mencionei. As duas fazendas não ficavam muito distantes uma da outra. Passada uma semana, ele escolheu um dia. Cumpriram as tarefas e foram à cidade. Chegaram pouco antes das quatro horas da tarde. Chegaram antes que os bancos estivessem fechados. O menino estava usando suas melhores roupas. O pai o levou ao banco e o apresentou ao banqueiro, que apertou-lhe a mão e disse: “Quando estiver na cidade, venha nos ver e vamos recebê-lo com satisfação”.

O pai o levou a casas de comércio com as quais tinha negócios, e as pessoas o cumprimentaram calorosamente. Quando voltaram para casa juntos, depois de terem assistido a uma apresentação teatral, o menino tinha conhecido alguns dos melhores homens da comunidade. O resultado foi que, quando cresceu e foi para a cidade, as pessoas de seu convívio eram excelentes.⁸ [Ver sugestão 3 da página 246.]

Quero sugerir a vocês (...) que não há tempo que possam desperdiciar, não há modo que possam utilizar seu tempo que seja de maior vantagem do que educando seus filhos e suas filhas para que sejam dignos das bênçãos de nosso Pai Celestial.⁹

O exemplo dos pais pode conduzir um filho à segurança, retidão e felicidade.

Sejamos um exemplo de retidão para nossos filhos, façamos nossas orações em família e peçamos a bênção a nosso alimento. Que nossos filhos vejam que temos afeto um pelo outro, como marido e mulher. Enquanto ainda há tempo, aproveitem a oportunidade, como marido e mulher, para abençoar um ao outro com seu amor, com sua bondade e com sua atenção, de todas as maneiras. Aproveitem a oportunidade, enquanto há tempo, para ensinar seus filhos a viverem de modo a serem felizes. (...) Que nosso lar seja um santuário de paz, esperança e amor.¹⁰

Há apenas poucos dias, vi uma carta de um homem que, provavelmente, tinha chegado à metade de sua vida. Ao escrever para o pai, ele disse: “Sua consideração para com os entes queridos, a educação que me deu, o exemplo que me deixou foram para mim



“Não há tempo que possam despendar, não há modo que possam utilizar seu tempo que seja de maior vantagem do que educando seus filhos e suas filhas para que sejam dignos das bênçãos de nosso Pai Celestial.”

uma inspiração para fazer o que o Senhor esperava que eu fizesse. Senti que, se seguisse seus passos, eu estaria seguro”. Esse foi um pai sábio, esse foi um pai abençoado, que conseguiu plantar na mente do filho essa confiança. (...) Devido à conduta do pai — pelo menos ele deu crédito ao pai na carta — devido ao exemplo dado no lar, ele é hoje um dos líderes importantes desta Igreja. Ele pode viver no mundo e guardar os mandamentos do Senhor. Sua ansiedade em fazer o bem foi inspirada pelo lar em que morou. Ele não descobriu egoísmo no lar, mas abnegação. Os pais não estavam ansiosos para conseguir tudo o que pudessem ter e guardar essas coisas de modo egoísta para si mesmos, mas procuraram os que delas necessitavam e os incentivaram e abençoaram. Toda a conversa do mundo não teria colocado no coração daquele homem o que hoje lá está, mas foi o exemplo dado pelos pais, por aqueles que moravam no lar em que ele morava.

Não tenho dúvida de que há centenas de homens e mulheres, milhares até, talvez, nas comunidades em que moramos e no mundo, que diriam o mesmo dos ensinamentos que receberam do pai e da mãe. Mas temo que haja alguns de nós que foram influenciados pelos costumes do mundo e estão obcecados com a ideia de que temos que seguir a multidão, sejam quais forem as crenças e os atos deles. Nesse caso, nosso exemplo não será um bênção, mas vai destruir a felicidade de nossos filhos.¹¹

Vamos prestar testemunho em nossas ações diárias, bem como em nossas conversas, de que cremos que esta é a obra do Pai e da alegria inexprimível que temos, e os filhos que forem criados em nosso lar terão mais fé e humildade. Eles crescerão e receberão a capacidade de desviar os dardos do adversário dirigidos contra eles, e em vez da aflição que atormenta os filhos dos homens, devido ao pecado, haverá consolo, paz e felicidade, e (...) haverá homens e mulheres na Terra que terão força de caráter para deixar de lado os males da vida.¹² [Ver sugestão 4 da página 246.]

Se amamos e ensinamos nossos jovens, poderemos ajudá-los a protegerem-se do mal.

Santos dos últimos dias, ensinem seus filhos a observarem a lei moral. Cerquem-nos com os braços de amor, para que não tenham nenhum desejo de partilhar das tentações do mal que os cercam por todos os lados. (...)

Que privilégio é para os pais poderem sentar-se em seu próprio lar, cercados por uma família de filhos puros que lhes foram dados por nosso Pai Celestial, cujo espírito foi criado por nosso Pai Celestial! Que alegria é tê-los reunidos para partilhar das bênçãos de nosso Pai Celestial e regozijar-se na companhia de Seu Espírito, fazendo com que sejam educados na juventude, enquanto se desenvolvem para a maturidade mantendo a pureza de sua vida!

Meus irmãos e minhas irmãs, rogo-lhes que, com mais dedicação, atenção e paciência do que nunca, protejam a nova geração contra as armadilhas que o adversário armou aos pés deles. Muitos de nossos [filmes], nossos programas de rádio, nossas revistas, nossos livros, etc. não são adequados (...) , e, a menos que neutralizemos

a influência dessas coisas com ensinamentos e um ambiente sadios, proporcionando aos jovens o benefício de conhecer a vida de bons homens e mulheres, ensinando-lhes as virtudes dos profetas e o significado do evangelho de Jesus Cristo, alguns daqueles que amamos podem vir a afastar-se de nós. (...)

Ensinemos nossos filhos a levarem uma vida pura, a viverem em retidão. Ensinem seus filhos a proteger a virtude de suas irmãs e das moças com quem se associam. Ensinem suas filhas a proteger a virtude dos rapazes com quem se associam. (...) Vamos nos especializar, se pudermos usar esse termo, na criação de nossos filhos e nossas filhas sob a influência do Espírito de Deus, para que o adversário não tenha o poder de desviá-los do caminho.¹³ [Ver sugestões 5 e 6 das páginas 246–247.]

**O estudo do evangelho em família vai ajudar-nos
a manter nossos filhos próximos de nós.**

Em nosso lar, irmãos e irmãs, temos o privilégio, o dever, de reunir a família para desfrutar a companhia uns dos outros, para fortalecer-nos e apoiar-nos mutuamente, para aprender as verdades das Escrituras Sagradas. Em todo lar, os filhos devem ser incentivados a ler a palavra de Deus conforme nos foi revelada em todas as dispensações. Devemos ler a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Devemos não apenas ler em nosso lar, mas também explicar a nossos filhos para que compreendam (...) o modo de Deus agir em relação aos povos da Terra.

Vejamos se não podemos fazer a esse respeito no futuro mais do que fizemos no passado. Vamos comprometer-nos com o princípio e a prática de reunir a família a nosso redor em nosso próprio lar. Vamos perguntar-nos: “Fiz o meu dever em meu lar no tocante à leitura e ao ensino do evangelho, conforme foi revelado por intermédio dos profetas do Senhor? Mantive meus filhos próximos de mim e tornei meu lar um lugar agradável e um lugar de reverência, amor, compreensão e devoção?”

Se não fizemos isso, vamos arrepende-nos de nossa negligência e reunir a família a nosso redor para ensinar-lhes a verdade. (...)

“Coloquei minha casa em ordem?” Essa é a pergunta que deveria estar em todo coração. Não devemos perguntar: Será que meu vizinho fez isso? Mas, sim, será que *eu* fiz o que o Senhor exigiu de mim?¹⁴

Nossos filhos são a dádiva mais preciosa que nosso Pai nos concedeu. Se pudermos guiar seus passos pelo caminho da salvação, haverá alegria eterna para nós e para eles. (...)

Um meio pelo qual podemos mantê-los próximos de nós é reunir-nos com mais frequência em nosso lar. A Igreja pediu que reservemos pelo menos uma noite em cada semana para que toda a família se reúna e desfrute da companhia uns dos outros, para usufruir os prazeres simples da lareira da família, e para conversar uns com os outros sobre as coisas que são de grande e duradouro valor.

(...) Em 1915, a Primeira Presidência escreveu a esse respeito para os “presidentes de estaca, bispos e pais de Sião”, e vou citar o que eles disseram:

“Advertimos e instamos que seja iniciada em toda a Igreja a prática de uma ‘Reunião Familiar’, uma ocasião em que o pai e a mãe podem reunir seus filhos e suas filhas no lar e ensinar-lhes a palavra do Senhor. (...) Essa ‘Reunião Familiar’ deve ser dedicada à oração, ao cântico de hinos, às canções, à música instrumental, à leitura das escrituras, aos assuntos da família e a aulas específicas sobre princípios do evangelho e sobre os problemas éticos da vida, bem como os deveres e as obrigações dos filhos para com os pais, o lar, a Igreja, a sociedade e a nação.”

E esta foi a bênção prometida aos que fizessem o que foi pedido:

“Se os santos obedecerem a esse conselho, prometemos que grandes bênçãos resultarão disso. O amor no lar e a obediência aos pais vão aumentar. A fé se desenvolverá no coração da juventude de Israel, e eles vão adquirir poder para combater as influências malignas e as tentações que os cercam.”

Esses princípios e essas promessas ainda são válidos para nós.¹⁵

Se a reunião familiar se tornasse um fato entre os santos dos últimos dias, se durante uma noite por semana ficássemos com os nossos familiares, sob a influência do Espírito do Senhor, em nossos próprios serões, rodeados por aqueles que o Senhor nos deu, declarando,



“Se a reunião familiar se tornasse um fato entre os santos dos últimos dias, (...) quantos lares felizes haveria.”

especificamente, que deveríamos instruí-los, quantos lares felizes haveria onde hoje existe tristeza, discórdia e sofrimento. (...)

(...) Se deixarmos de fora o mundo e as coisas externas, e sob o poder da oração e gratidão dermos a nossos filhos e nossas filhas as ricas verdades que o Senhor nos confiou para nosso bem-estar e para o deles, haverá um verdadeiro desenvolvimento da fé. Espero que possamos voltar a fazê-lo, se tivermos deixado de seguir esse conselho. Reunamos nossos filhos a nosso redor e façamos de nosso lar a habitação do Espírito do Senhor. Se fizermos nossa parte, podemos saber com certeza que nosso Pai Celestial fará a Dele.¹⁶ [Ver sugestão 7 da página 247.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pense na história das páginas 235–237. Por que você acha que George Albert Smith pôde ensinar sua filha Edith tão bem? Pense numa ocasião de sua juventude em que seu pai ou sua mãe lhe ensinou algo que influenciou sua vida. Por que a lição foi tão eficaz?
2. Estude a primeira seção dos ensinamentos (páginas 237–238) e Doutrina e Convênios 93:37–40. Por que você acha que o Senhor deu aos pais, em vez de a outras organizações a responsabilidade de ensinar o evangelho aos filhos? Como as organizações da Igreja podem ajudar os pais com essa responsabilidade? Como os parentes próximos podem ajudar? Se você não tiver seus próprios filhos, pense em maneiras pelas quais você pode ser uma influência justa para a juventude da Igreja de modo a apoiar os pais.
3. Estude a história das páginas 239–240. Como os filhos se beneficiam quando os pais passam um tempo com eles? Quais são alguns dos “cuidados e (...) prazeres da vida” (página 238) que podem fazer-nos negligenciar nossas responsabilidades em relação a nossa família? O que podemos fazer para vencer essas distrações?
4. Leia a seção que começa na página 240. Pense em sua atitude em relação aos “costumes do mundo” e como essas atitudes podem afetar seus filhos. Quais são algumas “ações diárias” que prestam um testemunho particularmente forte de nossas crenças para nossos filhos?
5. Quais são algumas das tentações que as crianças e os jovens enfrentam em sua comunidade? Estude a seção que começa na página 242, procurando coisas que os pais, os avós e outros podem fazer para ajudar os jovens a resistir à tentação.
6. O Presidente Smith aconselhou que devemos “especializar-nos” na criação de filhos sob a influência do Espírito (ver página 243).

O que isso significa para você? Que tipo de coisas os pais podem fazer para especializar-se na criação dos filhos em retidão?

7. Nas páginas 244–245, o Presidente Smith analisa algumas das promessas feitas às famílias que realizam reuniões familiares regulares. Como essas promessas foram cumpridas em sua família? Que conselho você daria a uma família que nunca realizou uma reunião familiar antes, mas quer começar?

Escrituras correlatas: Provérbios 22:6; Isaías 54:13; Enos 1:1–3; Mosias 4:14–15; Alma 56:45–48; Doutrina e Convênios 68:25–31; ver também “A Família: Proclamação ao Mundo”, *A Liahona*, outubro de 2004, p. 49.

Auxílio didático: “Tenha o cuidado de não terminar boas discussões precocemente na tentativa de ensinar tudo o que preparou. Embora seja importante transmitir o conteúdo da lição, o essencial é ajudar os alunos a sentir a influência do Espírito, esclarecer suas dúvidas, aumentar sua compreensão do evangelho e seu compromisso de guardar os mandamentos” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 64).

Notas

1. “After Eighty Years”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 263.
2. Edith Smith Elliott, “No Wonder We Love Him”, *Relief Society Magazine*, junho de 1953, p. 367.
3. “To the Relief Society”, *Relief Society Magazine*, dezembro de 1932, p. 708–709.
4. Conference Report, abril de 1926, p. 145.
5. Conference Report, abril de 1933, p. 72.
6. Conference Report, abril de 1937, p. 36.
7. Conference Report, abril de 1926, pp. 146–147.
8. “President Smith Gives Scouting Address”, *Deseret News*, 22 de fevereiro de 1947, seção da Igreja, p. 8.
9. Conference Report, outubro de 1948, p. 181.
10. Conference Report, outubro de 1941, p. 101.
11. Conference Report, abril de 1937, p. 35.
12. Conference Report, abril de 1913, p. 29.
13. Conference Report, outubro de 1932, pp. 24–25.
14. “The Family Hour”, *Improvement Era*, abril de 1948, p. 248.
15. “The Family Hour”, p. 201.
16. Conference Report, abril de 1926, pp. 145–146.



“Lembrem-se do exemplo do Mestre Divino que, quando erguido na cruz impiedosa, disse: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’.”



“De Vós É Exigido Que Perdoeis”

*Ao perdoarmos aos outros, livramo-nos do fardo
do ódio e preparamo-nos para a vida eterna.*

Da Vida de George Albert Smith

Em 1897, quando ainda era jovem, George Albert Smith alistou-se na Guarda Nacional de Utah. Por incentivo de alguns de seus companheiros, ele concorreu para um cargo eleito na Guarda, mas nas semanas que antecederam a eleição, um rival começou a espalhar falsos rumores, acusando George Albert Smith de práticas antiéticas. Como resultado, o sargento Smith perdeu a eleição que ele deveria ter vencido. O que tornou a situação ainda mais difícil foi que o homem que espalhou os falsos rumores tinha sido seu amigo.

Embora tentasse esquecer, a ofensa encheu o coração de George Albert Smith de ressentimento. Ele foi à Igreja no domingo seguinte, mas não se sentiu bem em tomar o sacramento. Orou pedindo ajuda e percebeu que tinha que se arrepender do ressentimento que guardava. Decidiu procurar o amigo e reconciliar-se com ele.

George Albert Smith foi direto para o escritório do homem e disse com brandura: “Meu irmão, quero que me perdoe por eu tê-lo odiado do modo como odiei nas últimas semanas”.

Imediatamente o coração do amigo se abrandou. “Irmão Smith, você não precisa de perdão”, disse ele. “Sou eu que preciso do seu perdão.” Apertaram as mãos, e depois disso continuaram sendo bons amigos.¹ [Ver sugestão 1 da página 255.]

Poucos anos depois, George Albert Smith fez do perdão ao próximo uma de suas metas para toda a vida, quando escreveu em seu credo pessoal: “Não ferirei deliberadamente os sentimentos de

qualquer pessoa, nem daquele que me fez mal, mas procurarei fazer-lhe o bem e torná-lo meu amigo”.²

Alguém que conheceu bem o Presidente Smith observou que a capacidade de perdoar era, sem dúvida, um dos atributos característicos: “Ele realmente perdoava a todos os homens. Estava sempre ciente, por toda a vida, do mandamento de Deus: Deus perdoará a quem Ele quiser perdoar. Quanto a nós, precisamos perdoar a todos os homens. Ele conseguia fazer isso, e deixava o assunto nas mãos de Deus. Ao perdoar, sem dúvida ele esquecia. Quando alguém que perdoa consegue esquecer, então esse homem é verdadeiramente incomum, realmente um homem de Deus!”³

Ensinamentos de George Albert Smith

Se compreendemos o evangelho de Jesus Cristo, temos mais disposição de perdoar aos outros.

Há uma coisa que bem fariamos em esforçar-nos para desenvolver, e isso é a disposição de perdoar-nos uns aos outros as nossas transgressões. O espírito de perdão é uma virtude sem a qual jamais compreenderemos plenamente as bênçãos que esperamos receber.⁴

As pessoas do mundo não compreendem (...) como o Salvador Se sentiu quando, na agonia de Sua alma, Ele clamou a Seu Pai Celestial para que não condenasse nem destruísse aqueles que tiravam Sua vida mortal, mas disse:

“(...) Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34).

Essa deve ser a atitude de todos os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Essa deve ser a atitude de todos os filhos e as filhas de Deus, e seria, em minha opinião, se compreenderem plenamente o plano de salvação. (...) O ódio e a raiva em nosso coração não nos trará paz e felicidade.⁵

O Senhor tem nos dado muita informação, revelou Sua mente e vontade a nós, ensinou-nos coisas que o mundo desconhece e, de acordo com as informações que recebemos, Ele nos considera responsáveis e espera que vivamos uma vida mais elevada, uma vida mais ideal do que aqueles que não compreendem tão plenamente

o evangelho quanto nós. O espírito do perdão é algo que os santos dos últimos dias poderiam demonstrar mais plenamente entre si, para benefício próprio. (...) Precisamos aprender a perdoar a nossos irmãos.⁶ [Ver sugestão 2 da página 255.]

Quando perdoamos aos outros, demonstramos apreço pelo perdão que o Pai Celestial nos concede.

A esse respeito [do perdão ao próximo], vou ler alguns versículos do capítulo dezoito de São Mateus, começando pelo versículo 21. Parece que os apóstolos estavam com o Mestre nessa ocasião, e Pedro foi falar com Ele e disse:

“Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?”

Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete”. [Mateus 18:21–22]

Então, o Salvador contou uma parábola (...) sobre dois homens. Um deles devia uma grande quantia de dinheiro a seu senhor, e foi falar com ele e disse que não podia pagar o que devia, e pediu para ser perdoado da dívida. O senhor daquele servo se compadeceu e perdoou a dívida. Logo em seguida, aquele homem que havia sido perdoado encontrou um conservo que lhe devia uma pequena quantia de dinheiro e exigiu que ele pagasse. O pobre homem não podia cumprir sua obrigação e, por sua vez, pediu para ser perdoado da dívida. Mas ele não foi perdoado. Pelo contrário, foi preso e lançado na prisão por aquele que já havia sido perdoado por seu senhor. Quando os outros conservos viram o que ele tinha feito, foram até o senhor daquele homem e lhe contaram, e ele ficou irado e entregou o homem a quem ele havia perdoado aos atormentadores, até que pagasse o que devia. Sua alma não foi grande o suficiente para apreciar a misericórdia que lhe fora demonstrada, e por causa de sua falta de caridade, ele perdeu tudo. [Ver Mateus 18:23–35.]

Às vezes, pequenas dificuldades surgem entre nós, e esquecemos a paciência que nosso Pai Celestial tem para conosco, e aumentamos em nosso coração alguma coisa trivial que nosso irmão ou nossa irmã possa ter feito ou dito a nosso respeito. Nem sempre seguimos a lei que o Senhor deseja que observemos em relação a esse assunto.

Esquecemos o mandamento que Ele deu aos apóstolos, nas palavras da oração, na qual eles foram orientados a orar para que lhes fossem perdoadas as dívidas, assim como perdoavam aos seus devedores [ver Mateus 6:12]. Sinto que temos muito a aprender no tocante a isso. Não cumprimos tão completamente quanto deveríamos as exigências de nosso Pai Celestial.⁷ [Ver sugestão 3 da página 255.]

Quando decidimos não nos ofender, podemos limpar de nosso coração todo sentimento de aspereza.

Fomos ensinados a amar nossos inimigos, e a orar por aqueles que nos desprezam e falam mal de nós [ver Mateus 5:44]. (...) Quando forem ofendidos, não devolvam a ofensa. Quando outros falarem mal de vocês, tenham pena deles e orem por eles. Lembrem-se do exemplo do Mestre Divino que, quando erguido na cruz impiedosa, disse: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.⁸

Às vezes um irmão que tem autoridade ofende, de alguma forma, um membro da Igreja, provavelmente sem se dar conta disso, e aquele filho de nosso Pai continua silenciosamente a sentir-se magoado, em vez de fazer o que o Senhor ordenou, procurando o ofensor e expressando-lhe, com bondade, os sentimentos de seu coração, dando oportunidade ao irmão de dizer: “Desculpe por tê-lo ofendido. Desejo que me perdoe”. O resultado é que, em alguns casos, guardamos um ressentimento que foi instigado por Satanás.⁹ [Ver sugestão 4 que começa na página 255.]

Não temos ressentimentos para com nenhum de nossos semelhantes, não temos motivo para isso. Se eles nos compreenderem mal, se distorcerem o que dissemos, se nos perseguirem, devemos lembrar que eles estão nas mãos do Senhor. (...) Portanto, quando tomarmos o sacramento da Ceia do Senhor, (...) limpemos de nosso coração todo sentimento de raiva contra outra pessoa e contra nossos irmãos e nossas irmãs que não são de nossa religião.¹⁰

Ao perdoar aos outros, preparamo-nos para o reino celestial.

Vamos levar a vida de modo que o adversário não tenha poder sobre nós. Se tiverem algum desentendimento com outra pessoa,



“Se houver qualquer discórdia entre vocês e seus semelhantes, resolvam essas coisas assim que possível, sob a influência do Espírito do Senhor.”

se houver qualquer discórdia entre vocês e seus semelhantes, resolvam essas coisas assim que possível, sob a influência do Espírito do Senhor, para que, quando o tempo chegar, tanto vocês quanto seus descendentes estejam preparados para receber uma herança no reino celestial.¹¹

No livro de Doutrina e Convênios encontramos uma referência feita a esse assunto do perdão, em que o Senhor nos dá um mandamento. Está na seção 64 e refere-se a nós em nossos dias. Nela lemos o seguinte:

“(…) Em verdade vos digo: Eu, o Senhor, perdôo os pecados daqueles que confessam seus pecados perante mim e pedem perdão, se não pecaram para morte.

Meus discípulos, nos dias antigos, procuraram pretextos uns contra os outros e em seu coração não se perdoaram; e por esse mal foram afligidos e severamente repreendidos.

Portanto digo-vos que vos deveis perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão suas ofensas está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior.”

Quero enfatizar o último versículo.

“Eu, o Senhor, perdorei a quem desejo perdoar, mas de vós é exigido que perdoeis a todos os homens.

E devíeis dizer em vosso coração: Que julgue Deus entre mim e ti e te recompense de acordo com teus feitos.” [D&C 64:7–11]

Se nossa vida fosse tal que, quando discordássemos de nosso vizinho, se em vez de nos colocar como juizes um contra o outro, pudéssemos honesta e conscienciosamente invocar nosso Pai Celestial e dizer: “Senhor, julga entre mim e meu irmão. Tu conheces o meu coração, Tu sabes que eu não tenho nenhum sentimento de raiva contra ele. Ajuda-nos a ver de modo semelhante e dá-nos sabedoria para que possamos lidar de forma justa um com o outro”, quão poucas desavenças haveria, e que alegria e bênçãos teríamos! Mas pequenas dificuldades surgem de tempos em tempos e perturbam o equilíbrio de nossa vida cotidiana, e continuamos infelizes porque valorizamos uma influência imprópria e não temos caridade. (...)

(...) “Agora vos falo com respeito a vossas famílias: Se os homens vos ferirem ou a vossas famílias uma vez e suportardes isso pacientemente e não os injuriardes nem procurardes vingança, sereis recompensados.

Mas se não suportardes isso pacientemente, será considerado uma medida justa contra vós.” [D&C 98:23–24]

Essa também é a palavra do Mestre para nós. Se vivermos de acordo com essa lei, cresceremos em graça e força dia a dia, e sere-mos cada vez mais favorecidos pelo Pai Celestial. A fé aumentará no coração de nossos filhos. Eles nos amarão pela retidão e integridade de nossa vida, e se regozijarão de ter nascido de pais assim. Digo a vocês que esse mandamento não foi dado de modo negligente, porque o Senhor declarou que Ele não dá nenhuma lei com indiferença, mas toda lei é dada para que seja cumprida e seguida por nós.

Estaremos neste mundo por apenas um pequeno período de tempo. Os mais jovens e fortes dentre nós estão simplesmente se

preparando para a outra vida, e, antes que entremos na glória de nosso Pai e desfrutemos as bênçãos que esperamos receber por meio da fidelidade, teremos que viver as leis da paciência e exercer o perdão para com aqueles que transgrediram contra nós, e remover do coração o sentimento de ódio contra eles.

“E também, se vosso inimigo vos ferir a segunda vez e não injuriardes vosso inimigo e suportardes isso pacientemente, vossa recompensa será centuplicada.

E também, se ele vos ferir a terceira vez e suportardes isso pacientemente, vossa recompensa será quatro vezes duplicada.” [D&C 98:25–26] (...)

Que tenhamos o Espírito do Mestre habitando conosco, para que possamos perdoar a todos os homens, conforme Ele ordenou, e perdoar não apenas com nossos lábios, mas do fundo do coração todas as transgressões que foram cometidas contra nós. Se fizermos isso por toda a vida, as bênçãos do Senhor habitarão em nosso coração e em nosso lar.¹² [Ver sugestão 5 na página 256.]

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Pondere a história da página 249 e leia 3 Néfi 12:22–24. Por que você acha que o Senhor exige que nos reconciliemos com nossos irmãos e nossas irmãs antes de nos achegarmos a Ele?
2. Nas páginas 250–251 o Presidente Smith explica que nosso conhecimento do plano de salvação deve ajudar-nos a ter a disposição de perdoar. Por que você acha que isso acontece? Como é que “aprendemos” (página 251) a perdoar às pessoas?
3. Ao estudar a seção que começa na página 251, pense em uma ocasião em que o Pai Celestial perdoou a você. Por que acha que o fato de não perdoarmos aos outros nos tornaria indignos do perdão que buscamos?
4. Leia o segundo parágrafo inteiro da página 252. O que nos impede de reconciliarmos com um líder da Igreja ou outra

pessoa que consciente ou inconscientemente nos ofendeu? O que podemos fazer para vencer essas dificuldades?

5. Estude a última seção dos ensinamentos (páginas 252–255). Como nossa disposição de perdoar nos prepara para o reino celestial? De que modo nossa família é abençoada quando perdoamos às pessoas?

Escrituras correlatas: Mateus 5:23–24, 38–48; 6:12, 14–15; 7:1–5; 18:15; 1 Néfi 7:16–21; Doutrina e Convênios 42:88

Auxílio didático: “Quando alguém fizer uma pergunta, pense na possibilidade de pedir que outro aluno responda, em vez de fazê-lo você mesmo. Você pode, por exemplo, dizer: ‘Essa pergunta é interessante. O que o restante da turma acha?’ ou ‘Alguém poderia ajudar a responder?’” (*Ensino, Não Há Maior Chamado*, p. 64).

Notas

1. Ver Merlo J. Pusey, “The Inner Strength of a Leader”, *Instructor*, junho de 1965, p. 232.
2. “President George Albert Smith’s Creed”, *Improvement Era*, abril de 1950, p. 262.
3. Matthew Cowley, Conference Report, abril de 1951, p. 167.
4. “The Spirit of Forgiveness”, *Improvement Era*, agosto de 1945, p. 443.
5. Conference Report, outubro de 1945, p. 169.
6. Conference Report, outubro de 1905, p. 27.
7. Conference Report, outubro de 1905, p. 27.
8. Conference Report, outubro de 1904, pp. 65–66.
9. Conference Report, outubro de 1905, p. 27.
10. Conference Report, outubro de 1906, p. 50.
11. Discurso feito em conferência da missão mexicana, 26 de maio de 1946, George Albert Smith Family Papers, Universidade de Utah, caixa 121, p. 288.
12. Conference Report, outubro de 1905, pp. 27–28, 30.



Viver em Retidão em Tempos Perigosos

Por meio de nossa fidelidade ao evangelho, podemos ter segurança em relação aos perigos de nossos dias e ser uma influência positiva no mundo.

Da Vida de George Albert Smith

O serviço prestado por George Albert Smith como Autoridade Geral cobriu a maior parte da primeira metade do século XX. Durante esse período, houve muitos acontecimentos devastadores e tumultuados no mundo, inclusive a Grande Depressão e duas guerras mundiais. Essas calamidades, juntamente com o que ele considerava uma degradação moral generalizada da sociedade, fizeram com que o Presidente Smith dissesse em mais de uma ocasião: “Este mundo está em situação crítica”.¹ Ele via nos acontecimentos do mundo o cumprimento das profecias sobre os últimos dias e estava convencido de que a única esperança de paz no mundo estava na obediência às leis de Deus. No auge da Primeira Guerra Mundial, ele advertiu: “A guerra não vai parar e os conflitos deste mundo não terão fim até que os filhos dos homens se arrependam de seus pecados e se voltem a Deus e O sirvam e guardem Seus mandamentos”.²

Em meio a essas dificuldades, o Presidente Smith descobriu que muitas pessoas ficaram desanimadas. Ele contou: “Tive o privilégio de estar em diversas partes dos [Estados Unidos] e é raro encontrar alguém que não esteja excessivamente pessimista, por causa de condições sobre as quais não temos nenhum controle”.³ Embora reconhecesse que a guerra, as catástrofes naturais e o perigo espiritual fazem parte da vida nos últimos dias, o Presidente Smith ensinou aos santos dos últimos dias que eles podem escapar de boa parte da aflição desses tempos perigosos vivendo o evangelho e resistindo à tentação.



“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize” (João 14:27).

Também se sentiu otimista por sua crença de que os santos dos últimos dias fiéis teriam uma influência vigorosa no mundo a seu redor. Ensinou que os santos não deviam meramente aceitar as condições do mundo, mas deveriam permanecer ativos em suas comunidades e esforçar-se para fazer essa influência ser sentida, a despeito de qualquer oposição que enfrentassem. “Temos a obrigação de tornar este mundo um lugar mais feliz por termos vivido nele”, disse ele.⁴

A irmã Belle S. Spafford, presidente geral da Sociedade de Socorro, compartilhou uma experiência pessoal na qual o Presidente Smith ensinou esse princípio. Pouco depois de ter sido chamada para seu cargo, a irmã Spafford foi informada de uma reunião que seria realizada na Cidade de Nova York, organizada pelo Conselho Nacional de Mulheres. A Sociedade de Socorro era membro daquele conselho, havia muitos anos, mas vários outros membros do conselho tinham recentemente passado a antagonizar a Igreja e humilhado os representantes dos santos dos últimos dias naquelas reuniões. Por causa disso, a irmã Spafford e suas conselheiras sentiram que a Sociedade de Socorro devia deixar de ser membro do conselho, e elaboraram uma recomendação que expressava seu ponto de vista. A irmã Spafford contou mais tarde:

“No horário marcado, certa manhã, fui sozinha ver o Presidente George Albert Smith, levando a recomendação comigo, juntamente com uma lista de motivos pelos quais a recomendação estava sendo feita. O Presidente leu cuidadosamente o material impresso. Depois, perguntou: ‘Não foi a essa organização que as irmãs se filiaram antes da virada do século?’

Eu disse: ‘Sim, senhor’.

Ele perguntou: ‘Devo entender que agora querem deixar de ser membros?’

Eu disse: ‘Sim, senhor’. Depois acrescentei: ‘Sabe, Presidente Smith, aquele conselho não nos acrescenta nada’.

O Presidente olhou para mim, surpreso. Ele disse: ‘Irmã Spafford, você sempre pensa em termos do que recebe? Não pensa às vezes em termos do que tem a oferecer?’ ‘Acredito’, prosseguiu ele, ‘que as mulheres mórmons têm algo a oferecer às mulheres do mundo, e que também podem aprender com elas. Em vez de deixarem de

ser membros, sugiro que leve várias das suas melhores irmãs da junta e voltem àquela reunião’.

Depois, disse enfaticamente: ‘Façam com que sua influência seja sentida’,⁵

A irmã Spafford obedeceu a esse conselho e foi mais tarde nomeada para cargos de liderança no Conselho Nacional das Mulheres, sendo por fim eleita presidente. [Ver sugestão 1 da página 266.]

Ensinamentos de George Albert Smith

Foram preditas dificuldades muito sérias nos últimos dias.

Foi-nos dito que nos últimos dias haveria sérias dificuldades. (...) Não apenas fomos advertidos nas escrituras que foram dadas nos dias do Salvador e antes de Seu tempo, e nas que foram dadas depois Dele, mas o Senhor falou em nossos próprios dias e nossa época, e as revelações de nosso Pai Celestial encontram-se em Doutrina e Convênios. Se lermos essas revelações, aprenderemos que as experiências por que passamos foram preditas. (...)

(...) A imprensa diária nos traz relatos de catástrofes por toda parte — o mar ficará tempestuoso, e vidas serão perdidas nele, terremotos, grandes tornados, tais como nunca se viram ocorrerão nos últimos dias — e isso me parece, irmãos e irmãs, que, se os homens pensarem seriamente, se estiverem lendo as escrituras, devem saber que as coisas que o Senhor disse que ocorreriam nos últimos dias estão acontecendo. A figueira está dando folhas [ver Joseph Smith—Mateus 1:38–39], e aqueles que forem sensatos devem saber que o verão está próximo, e as coisas que o Senhor previu que precederiam Sua Segunda Vinda estão começando a acontecer.⁶

Não estamos fora de risco. Este mundo passará por uma faxina, a menos que os filhos e as filhas de nosso Pai Celestial se arrependam de seus pecados e se voltem a Ele. E isso significa que os santos dos últimos dias, ou os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, juntamente com todos os demais, mas nós, antes de todos, devemos dar o exemplo.⁷ [Ver sugestão 2 da página 266.]

O único caminho para a paz é o evangelho de Jesus Cristo.

Há um único remédio para a aflição universal, um bálsamo para a enfermidade do mundo. É o evangelho de Jesus Cristo, a perfeita lei de vida e verdade, que foi novamente restaurado em cumprimento das escrituras.⁸

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize.” (João 14:27)

Essas são as palavras tranquilizadoras do Príncipe da Paz a Seus fiéis seguidores. Sem dúvida, nada há de que os homens precisem mais do que as bênçãos de paz e felicidade, e de um coração livre de temor. E isso é oferecido [a] todos nós, se apenas partilharmos dessas coisas.

Quando o evangelho foi restaurado na Terra nesta dispensação, o Senhor repetiu o que tinha dito muitas vezes no Velho e no Novo Testamentos, que o preço da paz e da felicidade é a retidão. A despeito desse conhecimento, há muitos que parecem achar que podemos obter felicidade de algum outro modo, mas todos devemos saber, a essa altura, que não há outro modo. Mas com seus astutos estratagemas, Satanás persuadiu a maioria da humanidade a não trilhar o caminho que vai garantir a felicidade, e continua atarefado. O adversário da retidão nunca dorme.

Mas, se seguirmos os ensinamentos do Senhor, se nos voltarmos a Ele e nos arrependermos do pecado, se fizermos o bem, podemos ter paz, felicidade e prosperidade. Se os seres humanos se amarem uns aos outros, o ódio e a crueldade que tanto tem havido no mundo vão desaparecer.⁹

Nestes dias de incerteza, em que os homens correm de um lado para o outro procurando novos planos pelos quais a paz pode ser levada ao mundo, saibam disto: Saibam que o meio de haver paz no mundo é o caminho do evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor. Não há outro. (...) O conhecimento da verdade vale todas as riquezas do mundo, o fato de saber que estamos na estrada segura quando trilhamos o caminho do dever, conforme determinado por nosso Pai Celestial, e que podemos continuar nele se quisermos, a

despeito das influências e tentações oferecidas por aqueles que não foram nomeados como nossos líderes, é uma bênção inestimável.¹⁰

Vivemos numa época em que está sendo cumprida, em meio às nações, a escritura em que o Senhor disse por intermédio de um de Seus profetas, de que nos últimos dias “(...) a sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se esconderá”. (Isaías 29:14) Com toda a sabedoria do mundo, nenhum grupo até hoje foi capaz de apontar o caminho para a paz com a certeza de que era o caminho certo. Nós (...) temos o privilégio de saber que há um caminho para a paz que é o único que vai produzir resultados, e esse caminho é o cumprimento dos mandamentos de Deus, conforme revelados aos filhos dos homens no passado e em nossos dias. Se esse caminho for seguido, todos os problemas extremamente graves do mundo poderão ser solucionados, e a paz reinará nesta Terra infeliz.¹¹

Embora o mundo esteja cheio de aflição, e os céus escureçam, e haja relâmpagos cintilantes, e a Terra trema do centro para fora, se soubermos que Deus vive, e nossa vida for justa, seremos felizes, haverá paz indescritível, porque saberemos que nosso Pai aprova nossa vida.¹² [Ver sugestão 3 da página 266.]

**Não precisamos temer se fizermos o que
o Senhor pediu que fizéssemos.**

Não precisamos temer se fizermos o que o Senhor pediu que fizéssemos. Essa é Sua palavra. Todos os homens e todas as mulheres estão sujeitos a Ele. Todos os poderes do mal serão controlados pelo bem de Seu povo, se eles O honrarem e guardarem Seus mandamentos.¹³

Se tivermos a confiança de nosso Pai Celestial, se tivermos Seu amor, se formos dignos de Suas bênçãos, todos os exércitos do mundo não poderão destruir, não poderão derrubar nossa fé e não poderão vencer a Igreja que recebeu o nome do Filho de Deus.

Leiam no capítulo 19 de II Reis como Senaqueribe, rei da Assíria, procurou derrubar Jerusalém. Ezequias, o rei que representava Israel, rogou ao Senhor que os libertasse, enquanto Senaqueribe zombava dele, dizendo: “Não pense que suas orações a seu Deus podem ajudá-lo. Em todo lugar em que estive e que conquistei,

as pessoas oravam. Vocês estão perdidos”, e na manhã seguinte, grande parte do exército assírio estava morta caída no chão, e Jerusalém tinha sido preservada pelo Senhor. [Ver II Reis 19:10–20, 35.] Ele é a nossa força, (...) nosso Pai, o Pai de todos. Se simplesmente formos dignos, Ele nos preservará como fez aos filhos de Helamã [ver Alma 57:24–27], e como preservou Daniel dos leões [ver Daniel 6], e os três jovens hebreus da fornalha ardente [ver Daniel 3], e seiscentos mil descendentes de Abraão quando os tirou do Egito sob a liderança de Moisés e afogou o exército de Faraó no Mar Vermelho [ver Êxodo 14:21–30]. Ele é o Deus deste universo. É o Pai de todos nós. É Todo-Poderoso e promete-nos proteção, se vivermos de modo a ser dignos disso.¹⁴

Por mais que as nuvens se acumulem, por mais que rufem os tambores de guerra, não importa quais as condições que possam surgir no mundo, aqui na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, onde quer que os mandamentos de Deus sejam honrados e cumpridos, haverá proteção contra os poderes do mal, e homens e mulheres terão permissão para viver na Terra até que sua vida termine em honra e glória, se guardarem os mandamentos de nosso Pai Celestial.¹⁵ [Ver sugestão 4 da página 266.]

**Nossos lares podem ser um lugar cheio de paz
e santidade, mesmo em meio a calamidades.**

Acho que, havendo aflições em toda parte, e tendo em vista a previsão que o Senhor fez na primeira seção de Doutrina e Convênios de que “a paz será tirada da Terra” [D&C 1:35], somos obrigados a concluir que esse tempo chegou. Sem dúvida precisamos avaliá-los, e em nosso lar deve haver oração, gratidão e ação de graças. O marido deve ser bondoso com a mulher, e ela deve ter consideração para com o marido. Os pais devem manter o amor dos filhos por meio de uma vida em retidão. Nosso lar será assim, não apenas uma casa de oração e gratidão, mas um lugar em que o Pai pode derramar Suas bênçãos mais especiais, devido a nossa dignidade.¹⁶

Oro para que nossos lares sejam santificados pela retidão de nossa vida, que o adversário não tenha poder para nele entrar e destruir os filhos de nosso lar ou dos que habitam sob nosso teto. Se honrarmos a Deus e guardarmos Seus mandamentos, nosso



“Tornem seu lar a habitação do Espírito do Senhor. Que ele seja um lugar santo.”

lar será sagrado, o adversário não terá influência, e teremos felicidade e paz na vida até o final da mortalidade e receberemos nossa recompensa na imortalidade.¹⁷

Tornem sua vida condizente com os ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo, e, quando as calamidades os ameaçarem, vocês sentirão o apoio de Seu braço poderoso. Tornem seu lar a habitação do Espírito do Senhor. Que Ele seja um lugar santo, no qual o adversário não possa entrar. Ouçam a voz mansa e suave que os inspira a obras de retidão. É minha oração por todos que não sejamos desviados do caminho que conduz ao conhecimento e poder de Deus, a herança dos fiéis, sim, a vida eterna.¹⁸

Oro para que em nosso coração e em nosso lar possa habitar esse espírito de amor, de paciência, de bondade, de caridade, de serviço que enriquece nossa vida e torna o mundo mais iluminado e melhor por causa dele.¹⁹ [Ver sugestão 5 da página 266.]

Podemos ser uma influência positiva no mundo.

Quero rogar-lhes (...) que sejam uma âncora na comunidade em que moram, para que as pessoas sejam atraídas para vocês e se sintam seguras. Deixem sua luz brilhar de tal maneira que as pessoas, vendo suas boas obras, tenham o desejo no coração de serem como vocês são.²⁰

É nosso dever dar o exemplo. É nosso dever erguer o estandarte da verdade. É nosso dever incentivar os outros filhos de nosso Pai a dar ouvidos a Seu conselho e Sua advertência, e assim ajustar as coisas, para que, onde quer que estejamos, tenhamos o Espírito de Deus ardendo na alma, e nossa influência será para o bem.²¹

O Senhor não exigiu algo impossível. Pelo contrário, Ele nos deu mandamentos, conselhos e advertências que todos podemos seguir nestes dias e nesta época em que vivemos. (...)

(...) Irmãos e irmãs, precisamos ser fiéis. A terra em que vivemos deve ser santificada por nossa vida em retidão. (...) Tudo o que precisamos fazer é arrependê-nos de nossos pecados, desviar-nos do erro de nossos caminhos, limpar nossa vida de impurezas e depois seguir fazendo o bem. Não é preciso que sejamos designados a esse propósito. Todo homem, toda mulher e toda criança da Igreja de Jesus Cristo pode fazer o bem e receber as bênçãos resultantes disso. [Ver sugestão 6 da página 266.]

(...) Estendamos a mão para o trabalho que Ele nos confiou, abençoemos os filhos de nosso Pai onde quer que estejam, e nossa vida será enriquecida, e este mundo se tornará mais feliz. Essa é a missão que foi colocada sobre nossos ombros. Nosso Pai Celestial vai considerar-nos responsáveis pelo modo com que a cumprirmos. Deus concede que na humildade de nossa alma saíamos com o desejo no coração de fazer o bem a todas as pessoas, onde quer que estejam, e lhes proporcionemos a alegria que somente pode advir do cumprimento de Suas leis e da obediência a Seus mandamentos. É minha humilde oração que a paz habite em nosso coração e em nosso lar, que irradiemos a luz do sol e alegria onde quer que estejamos, que provemos ao mundo que sabemos que Deus vive, por meio da vida que levamos, e recebamos Suas bênçãos por isso.²²

Sugestões para Estudo e Ensino

Leve em consideração estas sugestões ao estudar o capítulo ou ao preparar-se para ensinar. Para auxílios adicionais, ver páginas V–VII.

1. Leia a história a respeito de quando Belle S. Spafford recebeu um conselho do Presidente Smith (páginas 259–260). De que maneiras você pode “fazer sua influência ser sentida”?
2. Na primeira seção dos ensinamentos (página 260), o Presidente Smith fala das dificuldades preditas que precederiam a Segunda Vinda (ver também II Timóteo 3:1–7; D&C 45:26–35). Por que você acha que é importante saber que essas dificuldades foram preditas nas escrituras?
3. Estude a seção que começa na página 261. Quais são alguns dos problemas do mundo que poderiam ser resolvidos pela obediência ao evangelho restaurado de Jesus Cristo? Como o evangelho proporcionou paz a sua vida pessoal? A sua família? A seu relacionamento com as pessoas?
4. Nas páginas 262–263 o Presidente Smith dá exemplos das escrituras de ocasiões em que o Senhor protegeu Seu povo. De que maneiras Ele protegeu você e sua família? Como a obediência nos ajuda a vencer o medo?
5. Quais são alguns dos perigos que ameaçam a segurança espiritual de nosso lar hoje em dia? O que podemos fazer para tornar nosso lar “um lugar santo, no qual o adversário não possa entrar”? (Para algumas ideias, estude a seção que começa na página 263.)
6. Leia o primeiro e o quarto parágrafos da página 265. De que modo os santos dos últimos dias fiéis são como “âncoras” em sua comunidade? Por que “[limpar] nossa vida de impurezas” nos torna mais capazes de “fazer o bem”? Pondere fervorosamente o que você deve fazer para limpar sua própria vida de impurezas.

Escrituras correlatas: Isaías 54:13–17; Mateus 5:13–16; João 16:33; 2 Néfi 14:5–6; Doutrina e Convênios 87:6–8; 97:24–25; Joseph Smith—Mateus 1:22–23, 29–30

Auxílio didático: Você pode pedir aos alunos que leiam os cabeçalhos dos “Ensinamentos de George Albert Smith” e escolham uma seção que seja significativa para eles e a família. Peça que estudem os ensinamentos do Presidente Smith da seção escolhida, inclusive todas as perguntas correspondentes no final do capítulo. Depois, peça aos alunos que compartilhem o que aprenderam.

Notas

1. Conference Report, abril de 1948, p. 162.
2. Conference Report, abril de 1918, p. 41.
3. Conference Report, abril de 1932, p. 41.
4. “Some Thoughts on War, and Sorrow, and Peace”, *Improvement Era*, setembro de 1945, p. 501.
5. Belle S. Spafford, *A Woman’s Reach* (1974), pp. 96–97.
6. Conference Report, abril de 1932, pp. 42–44.
7. Conference Report, outubro de 1949, p. 153.
8. “New Year’s Greeting”, *Millennial Star*, 1º de janeiro de 1920, p. 2.
9. “At This Season”, *Improvement Era*, dezembro de 1949, p. 801.
10. Conference Report, outubro de 1937, p. 53.
11. Conference Report, abril de 1946, p. 4.
12. Conference Report, outubro de 1915, p. 28.
13. Conference Report, abril de 1942, p. 15.
14. Conference Report, abril de 1943, p. 92.
15. Conference Report, abril de 1942, p. 15.
16. Conference Report, abril de 1941, p. 27.
17. Conference Report, outubro de 1949, p. 8.
18. “New Year’s Greeting”, *Millennial Star*, 6 de janeiro de 1921, p. 3.
19. Conference Report, outubro de 1949, p. 7.
20. Conference Report, outubro de 1945, pp. 117–118.
21. Conference Report, outubro de 1947, p. 166.
22. Conference Report, abril de 1932, pp. 43–45.



Lista de Auxílios Visuais

- Capa: *George Albert Smith*, de Lee Greene Richards, © IRI.
- Página 4: *O Sermão da Montanha*, de Carl Heinrich Bloch, usado com permissão do Museu Histórico Nacional de Frederiksborg em Hillerød, Dinamarca.
- Página 12: *Cristo Cura o Homem Cego*, de Del Parson, © 1983 IRI.
- Página 20: *Imagem de Cristo*, de Heinrich Hofmann, cortesia de C. Harrison Conroy Co., Inc.
- Página 25: *Vede as Minhas Mãos e os Meus Pés*, by Harry Anderson, © IRI.
- Página 27: *Olhai para Vossas Crianças*, de Robert T. Barrett, © 1996 IRI.
- Página 37: *A Primeira Visão de Joseph Smith*, © 1988 Greg K. Olsen, reprodução proibida.
- Página 40: *Joseph Smith*, cortesia de Community of Christ Archives, Independence, Missouri.
- Página 49: *Restauração do Sacerdócio de Melquisedeque*, de Walter Rane, © 2010 IRI.
- Página 56: Fotografia cortesia de Arquivos e Biblioteca de História da Família.
- Página 62: *Um Perante Deus*, de Joseph Brickey, © 2010 IRI.
- Página 65: Fotografia © 2000 Steve Bunderson.
- Página 68: Fotografia © 2006 Robert Casey.
- Página 75: *Disse-lhe Jesus: Maria!*, de William Whitaker, © 1999 IRI.
- Página 127: *Portanto, Ide, Fazei Discípulos de Todas as Nações*, de Harry Anderson, © IRI.
- Página 156: Fotografia © 2000 Steve Bunderson.
- Página 182: *Elias Contende com os Sacerdotes de Baal*, de Jerry Harston, © 1978 IRI.
- Página 185: *Moisés Abre o Mar Vermelho*, de Robert Barrett, © 1983 IRI.
- Página 187: *Chegada de Brigham Young*, © 1986 VaLoy Eaton, cortesia de Zions Bank, reprodução proibida.
- Página 192: *Cristo e o Jovem Rico*, de Heinrich Hofmann, cortesia de C. Harrison Conroy Co., Inc.
- Página 204: *Daniel Recusa os Alimentos e o Vinho do Rei*, de Del Parson, © 1983 IRI.
- Página 226: *Limonada num Dia de Calor*, de Michael Malm, © 2010 IRI.
- Página 248: *A Crucificação*, de Harry Anderson, © IRI.
- Página 258: *A Minha Paz Vos Dou*, © 2004 Walter Rane, cortesia do Museu de História da Igreja.



Índice

A

- Adversário
podemos resistir, 199–201
procura enganar-nos, 196–199
- Amor
ao compartilhar o evangelho,
150–151
exercer, estendendo a mão às
pessoas, 16–17
mandamento de, 14–15
oportunidades de expressar, 16
pode inspirar as pessoas a fazer o
certo, 17, 152, 229–230
proporciona a verdadeira felicidade,
17–18
Ver também Bondade

Apoiar líderes da Igreja, 57–65

- Apostasia
a autoridade do sacerdócio foi
perdida durante, 48
no meridiano dos tempos, 47
O Pai Celestial restaurou o evangelho
devido à, 39

- Armazenamento de alimentos
permite que estejamos preparados
para momentos difíceis, 215–217
permitiu que a Igreja ajudasse
pessoas necessitadas, 213–215

B

- Batismo
de Jesus Cristo, 24
- Bíblia
testemunho de Jesus Cristo, 24–25
Ver também Escrituras

Bondade

- devemos ser exemplo de, 228
no lar, 230–232
pode abrandar o coração,
225–227, 229–230
vem do Espírito do Senhor,
227–228
Ver também Amor

C

Caridade. *Ver* Amor

- Chamados
responsabilidade dos membros
de cumprir, 162–164

Cobiça
advertência contra, 219

- Compartilhar o evangelho
aumenta a felicidade e as virtudes
das pessoas, 149–150, 153–154
com amor e bondade, 150–151
entusiasmo e sinceridade ao,
127–129, 152–153
importância do Espírito Santo ao,
154–155
importância do exemplo ao,
139–141
meios de participar, 141–143
necessidade de, 124–126
nossa responsabilidade, 29, 128,
129–130, 138–139
recompensa por, 130–132

- Críticas
de líderes da Igreja, 63–64
não condizem com o evangelho
de Jesus Cristo, 227
procurar virtudes nas pessoas em
vez de criticar, 228–229

D

-
- Daniel
 fé exercida por, 184–185
 obedeceu à lei de saúde do
 Senhor em sua época, 203–205
- Deus, o Pai
 dá mandamentos porque nos
 ama, 194–196
 fala ao homem, 114–115
 podemos tornar-nos como, 71
 tem um corpo, 38–39
 todos os homens e todas as
 mulheres são filhos de, 13–14
- Diabo. *Ver* Adversário
- Dia do Senhor
 frequentar a Igreja no, 173–174
 honrar o, proporciona felicidade,
 171–173
- Dízimo
 por meio do, podemos auxiliar
 no trabalho da Igreja, 220–221

E

-
- Elias, o profeta
 fé exercida por, 185
 restaurou as chaves do trabalho
 pelos mortos, 81, 82
- Escrituras
 ajudam-nos a preparar-nos para
 o reino celestial, 106–107
 ajudam-nos a vencer provas, 105–106
 ler, em família, 107–109
 mais valiosas do que as filosofias
 dos homens, 104–105
- Espírito Santo
 fonte de testemunho, 28, 116–118,
 154–156
 guia-nos para a segurança e para
 a exaltação, 118–119
 necessário ao compartilhar o
 evangelho, 154–156

- Evangelho de Jesus Cristo
 deve tornar-nos pessoas melhores,
 7–8
 necessário no mundo, 124–125
 nos ensina a amar uns aos outros,
 14–15
 proporciona felicidade, 29, 39–40,
 75–77
 único caminho para a paz, 261–262

Exemplo

- ao compartilhar o evangelho,
 139–141
 de pais, 210–211, 240–242
 por meio de nosso, podemos ser
 uma influência positiva, 265

- Expição. *Ver* Jesus Cristo;
 Ressurreição

F**Família**

- a oração traz união à, 100
 bondade na, 230–232
 estudo das escrituras, 107–109, 243
 mais valiosa do que posses
 mundanas, 73
Ver também Pais

- Farr, Lorin (avô), XII

Fé

- dos primeiros santos, 186–188
 exemplos de, nas escrituras,
 184–186
 resultou na Primeira Visão de
 Joseph Smith, 36, 37, 186
 um dom de Deus dado aos
 justos, 190

H**História da família**

- ajuda do Senhor na pesquisa,
 88–90
Ver também Templos e trabalho
 do templo

I

-
- Igreja de Jesus Cristo
 dirigida por Jesus Cristo, 59,
 115–116
 possui autoridade divina, 50–51
 progresso da, 42, 159–162,
 164–167

J

-
- Jesus Cristo
 aparição de, a Joseph Smith, 26–27
 aparição de, aos nefitas, 25–26
 batismo de, 24
 conferiu o sacerdócio a Seus
 apóstolos, 47–48
 Filho de Deus, 22–24
 nosso testemunho de, 21–30
 perdoou a Seus crucificadores, 250
 Ressurreição de, 24–25
 testemunho de, na Bíblia, 24–25
 testemunho de, no Livro de
 Mórmon, 25–26
 vive hoje, 23

L

-
- Lar
 pode ser um lugar de segurança,
 263–264
Ver também Família
- Líderes da Igreja
 não devemos criticar, 63–64
 o Senhor guia Seu povo por meio
 de, 59–60, 115–116
 são escolhidos pelo Senhor, 58–59
 segurança ao seguir, 60
Ver também Presidente da Igreja
- Livro de Mórmon
 George Albert Smith compartilha,
 com outros, XXII, XXXIV
 testemunho de Jesus Cristo, 25–26
Ver também Escrituras

M

-
- Mães
 bondade e compaixão das, 230
Ver também Pais
- Mandamentos
 Deus dá, porque nos ama,
 194–196
 mantêm-nos no lado do Senhor,
 193–194
 segurança na obediência, 262–263
- Mestres familiares
 lembrança de George Albert
 Smith dos, 45–47
- Moisés
 braços de, sustentados por Aarão
 e Hur, 61
 fé exercida por, 184
- Monte Cumora, XXX
- Monumento Este É o Lugar,
 XXXVI–XXXVII
- Morte
 o evangelho nos ajuda a com-
 preender, 67–70, 75–77

N

-
- Noé
 fé exercida por, 184
 poucos atenderam à advertência
 de, 60

O

-
- Obediência. *Ver* Mandamentos
- Oposição
 não impedirá o progresso da
 Igreja, 164–167
- Oração
 menino pede aos médicos que
 orem por ele, 95–96
 oração familiar, 98–100
 orar pelos líderes do governo, 99

- podemos ser inspirados a saber pelo que orar, 97–98
 poder da, 98–99
- Ordenanças
 necessárias para a salvação, 51
 para os mortos, 83–88
- P**
-
- Pai Celestial. *Ver* Deus, o Pai
- Pais
 devem preparar os filhos para receber o sacerdócio, 45
 devem ser amorosos e bondosos com os filhos, 230–232, 242–243
 exemplo dos, 210–211, 240–242
 responsabilidade dos, de ensinar o evangelho aos filhos, 237–240
Ver também Família
- Palavra de Sabedoria
 bênçãos decorrentes da obediência, 207–209
 ensinar a família sobre, 210–211
 é um conselho amoroso do Pai Celestial, 205–207
- Parábola do banquete, 5–6
- Paz
 por meio do evangelho de Jesus Cristo, 261–262
- Pensamentos
 somos fruto de nossos, XV
- Perdoar às pessoas
 ajuda-nos a preparar-nos para o reino celestial, 252–255
 deve ser a atitude dos membros da Igreja, 250
 mostra nossa gratidão pelo perdão de Deus, 251–252
- Pioneiros, XXX–XXXII, XXXVI–XXXVII
- Preparação
 para a vida eterna, 5–7, 70–71, 106–107, 252–253
 para emergências, 215–217
 para o trabalho missionário, 141–, 142
- Presidente da Igreja
 fortalecido por membros que o apoiam, 64–65
 o Senhor guia Seu povo por meio de, 115–116
 recebe força e sabedoria de Deus, 61
Ver também Líderes da Igreja
- Primeira Visão
 demonstrou a fé exercida por Joseph Smith, 35, 36, 186
 estabeleceu um alicerce para a fé, 36
 mostrou que os céus não estão selados, 34–36
 outra testemunha de que Jesus é o Cristo, 26–27
- R**
-
- Ressurreição, 24–25, 74
- Restauração
 do evangelho, 39
 do sacerdócio, 47–50
- Reunião familiar, 244–245
- Revelação
 ao profeta, 113, 114–116
 necessária hoje em dia, 114–115
 pessoal, 114, 116–119
- S**
-
- Sacerdócio
 não agir levemente em relação ao, 52
 oportunidade de servir, 45–47
 ordenanças do, necessárias para entrar no reino celestial, 51–52
 os rapazes devem estar preparados para receber, 45

- portadores do, precisam ser dignos, 52–53
 precisa ser conferido à maneira do Senhor, 50
 restauração do, 47–50
 somente existe na verdadeira Igreja de Jesus Cristo, 50–51
- Sacerdócio Aarônico. *Ver* Sacerdócio
- Sacerdócio de Melquisedeque. *Ver* Sacerdócio
- Sacramento
 instituído pelo Salvador, 174–177
 tirar todo rancor do coração antes de tomar o, 252
 tomar dignamente o, renova nossa força espiritual, 177–178
- Satanás. *Ver* Adversário
- Serviço
 felicidade por meio do, 17–18
 na Igreja, 162–164
 para os aflitos após a Segunda Guerra Mundial, 213
 pode aliviar o sofrimento, 222–223
- Smith, George A. (avô)
 aconselha a família a permanecer no lado do Senhor, 193
 histórico, XII–XIII
 inspirado a orar pela segurança da família, 97–98
 trabalho missionário de, 165
 visto por George Albert Smith em sonho, XXVI–XXVII
- Smith, George Albert
 aconselha Belle S. Spafford a manter-se filiada a uma organização nacional, 259–260
 apoiado Presidente da Igreja, 57
 aprende como os pilotos de avião navegam na neblina, 111–113
 aprendeu a orar com a mãe, XIII–XIV, 93–94
 atacado por uma multidão enfurecida, XVIII
- atos de bondade de, XI, XXXIX, XL–XLI, 2, 11–13, 225–227
 casamento de, XVI
 chamado ao apostolado, XX–XXII
 como Apóstolo, XXIX–XXXII
 como pai, XIX–XX, 235–237
 como Presidente da Igreja, XXXII–XXXVII
 como presidente da Missão Europeia, XXIX–XXX, 135–136, 181–184
 compartilha o evangelho, XXII–XXIII, XXXV, 123–124, 149–150
 convence os filhos a doar seus brinquedos de Natal, XX
 credo pessoal de, 1–2, 149, 249–250
 dá o Livro de Mórmon como presente de Natal, XXIII
 dá seu casaco a um trabalhador de rua, 13
 ensina honestidade à filha, 235–237
 envia auxílio para a Europa devastada pela guerra, XXXIV, 213–215
 esposa de, falece, XXVIII
 falecimento de, XXXIX, 22
 ferimento no olho de, XVI, XXIV
 filhos de, XIX–XX
 incentiva um homem a ler as escrituras, 103–104
 infância de, XI–XV, 235
 interesse de, pelos locais históricos da Igreja, XXX–XXXII, XXXVI–XXXVII
 missão de, no sul de Utah, XV
 missão de, no sul dos Estados Unidos, XVI–XVIII
 ordenado diácono, 45
 problemas de saúde de, XXVI–XXVIII
 reconcilia-se com um amigo que o ofendeu, 249

recusa-se a tomar café, 203
 salvo de afogamento pela oração,
 94–95
 serviço cívico de, XXIV
 trabalha em uma fábrica de rou-
 pas aos treze anos de idade,
 XV–XVI
 vê o avô em sonho, XXVI–XXVII
 visita o local de nascimento de
 Joseph Smith, 33
 visita o presidente do México,
 XXXV
 visita o Templo de Kirtland, 81
 Smith, John (bisavô), XIII
 Smith, John Henry (pai), XII–XIII,
 97–98
 Smith, Joseph
 chamado por Deus a despeito de
 sua juventude e inexperiência,
 36–38
 deu a vida por seu testemunho,
 41–42
 fé exercida por, 36, 37, 186
 Primeira Visão de, 27, 33–37
 restaurou verdades eternas, 38–40
 testemunho de Jesus Cristo, 26–27
 Smith, Lucy Emily Woodruff (esposa)
 falecimento de, XXVIII
 namoro e casamento de, XVI–XVII
 recebe uma bênção de Wilford
 Woodruff, XIX
 Smith, Sarah Farr (mãe), XII, 93–94

T

Tecnologia
 pode ser usada para levar adiante
 a obra do Senhor, 161
 Templos e trabalho do templo
 dedicação do Templo de Idaho
 Falls Idaho, 82–83
 propósito dos, disponibilizar as
 ordenanças, 83–88
 sacrifícios dos santos na constru-
 ção do Templo de Kirtland, 81
 Testemunho
 todos podem receber seu próprio,
 28, 116–118
 Trabalho, 217–218
 Trabalho missionário. *Ver* Compartilhar o evangelho

Ú

Últimos dias
 graves dificuldades foram predi-
 tas para os, 260

V

Vida
 é eterna, 69–70
 propósito da, 70–73
 Vida eterna
 o propósito da mortalidade é
 preparar-nos para, 70–71
 Vida pré-mortal, 69, 70–71

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

